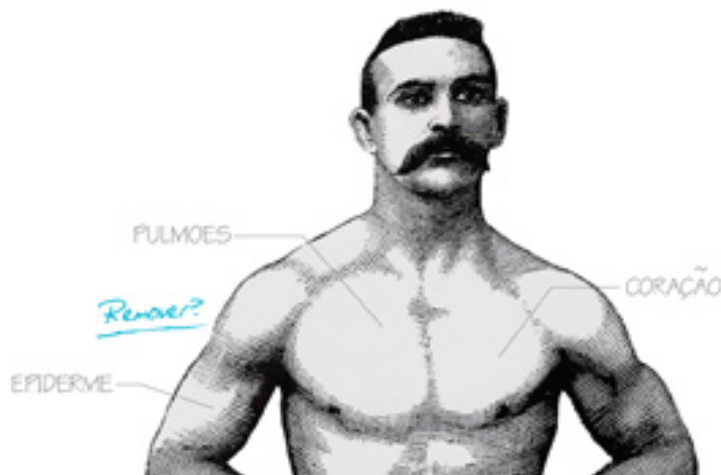


"Inspirado, memorável, instigante, irônico e extremamente nerd. *Homem-máquina* é o romance cyborg que faltava."

io9.com



HOMEM- -MÁQUINA



MAX BARRY



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Max Barry

HOMEM-MÁQUINA

Tradução de
Fábio Fernandes



Copyright © 2011 Max Barry

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, sejam quais forem os meios empregados.

TÍTULO ORIGINAL
MACHINE MAN

CAPA
Matt Roeser

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Julio Moreira

PREPARAÇÃO
Sheila Louzada

REVISÃO
Guilherme Bernardo

REVISÃO DE EPUB
Juliana Pitanga

GERAÇÃO DE EPUB
Intrínseca

E-ISBN
978-85-8057-236-0

Edição digital: 2012

Todos os direitos reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



Ok, é para Minter.

QUANDO CRIANÇA, EU QUERIA ser um trem. Não percebia que isso era incomum — as outras crianças brincavam *com* trens, não de ser um. Gostavam de construir trilhos e impedir que os trens saíssem deles. De vê-los passar por túneis. Eu não entendia isso. O que eu gostava era de fingir que meu corpo era composto por 200 toneladas de aço, impossível de ser parado. De imaginar que eu era feito de pistões, válvulas e compressores hidráulicos.

“Você quer dizer robôs”, corrigiu meu melhor amigo, Jeremy. “Você quer brincar de ser robô.” Eu nunca havia enxergado por esse ângulo. Robôs tinham olhos quadrados, braços e pernas que se moviam abruptamente, e em geral queriam destruir a Terra. Em vez de fazer apenas uma coisa direito, eles faziam tudo errado. Eram construídos com múltiplas finalidades. Eu não era fã de robôs. Eles eram máquinas ruins.

* * *

AO ACORDAR, FUI PEGAR meu celular e ele não estava lá. Comecei a tatear pela mesinha de cabeceira, meus dedos se enfiando entre romances que eu não lia mais porque, quando se vira adepto dos e-books, não há mais volta. Mas nada do celular. Ergui o corpo e acendi o abajur. Rastejei para baixo da cama a fim de ver se o celular tinha caído durante a noite e ido parar ali de algum modo. Minha visão ainda estava meio embaçada por causa do sono, então passei os braços pelo carpete na esperança de encontrar algo. Acabei levantando poeira e tossindo. Mas continuei a varredura com os braços. Pensei: *Será que fui roubado?* Eu achava que teria acordado se alguém tivesse tentado surrupiar meu celular. Uma parte de mim teria percebido.

Entrei na cozinha. Minicozinha. Não era um apartamento grande. Mas era limpo, porque eu não cozinhava. Eu teria visto meu celular ali. Mas não vi. Dei uma olhada na sala de estar. Às vezes eu me sentava no sofá e via TV enquanto

brincava com o telefone. Era bem possível que ele tivesse caído entre as almofadas. Poderia estar ali agora, apenas escondido. Tremi. Eu estava nu. As cortinas da sala estavam abertas, e a janela dava para a rua. A rua dava para a janela. Às vezes passavam pessoas com seus cães e crianças indo para a escola. Tremi de novo. Eu devia vestir alguma roupa. Meu quarto estava a menos de 2 metros de distância. Mas meu celular poderia estar mais perto. Poderia estar bem ali. Cobri os genitais com as mãos, disparei pela sala e comecei a tirar as almofadas do sofá. Vi algo de plástico preto e meu coração deu um pulso, mas era só o controle remoto. Fiquei de quatro para tatear embaixo do sofá. Minha bunda começou a formigar ao primeiro toque do sol da manhã. Torci para que não houvesse ninguém em frente à janela.

Não tinha nada em cima da mesinha de centro, mas embaixo havia um monte de obras de referência em que eu não tocava desde o surgimento do Google. Uma lista telefônica, por algum motivo. Uma lista telefônica. Três milhões de folhas feitas de árvores mortas empilhadas como um monumento à ineficiência do papel como plataforma de distribuição de informação. Mas nada de celular. Sentei. Um cão latiu. Pela primeira vez na vida desejei ter uma linha fixa, para poder ligar para meu celular. Dei uma olhada em cima da TV e não havia nada, mas talvez eu tivesse deixado o celular ali e ele tivesse sido deslocado por alguma atividade sísmica imperceptível. Quando atravessei a sala, meu olhar cruzou com o de uma garota fazendo cooper. O rosto dela estava contorcido. Talvez por causa do esforço. Atrás da TV havia uma civilização inteira de fios, mas nada de celular. Tampouco estava no balcão da cozinha. E muito menos na mesinha de cabeceira, ou no carpete, ou em todos os lugares onde eu já tinha procurado. Eu estava batendo os dentes. Não sabia se ia fazer calor. Poderia chover, poderia ficar úmido, eu não fazia ideia. Eu tinha um computador, mas ele levava uma eternidade para inicializar, mais de um minuto. Eu teria que escolher minhas roupas sem saber a previsão do tempo. Isso era insano.

Tomei um banho. Às vezes, para resolver um problema, é preciso parar de buscar soluções. É preciso recuar. Fiquei ali embaixo d'água repassando mentalmente a noite anterior. Eu havia trabalhado até tarde. Cheguei em casa por volta das 2 da manhã. Acho que não comi nada. Fui me deitar e adormeci sem usar o celular nem uma vez. Deduzi: *Está no carro*. Fazia total sentido. Desliguei o chuveiro. Eu não havia me ensaboado nem lavado o cabelo, mas apenas com a

água eu devia estar oitenta por cento limpo. Dava para o gasto. Enrolei uma toalha na cintura, peguei as chaves na cozinha e saí de mansinho do apartamento. A escada estava um gelo. Quase perdi a toalha tentando abrir a porta da garagem. Meu carro estava na sexta vaga, e já dava para ver o suporte vazio. Abri o carro assim mesmo — bip-bip — e entrei para procurar entre os bancos. Não conseguia acreditar que eu tinha dirigido até em casa sem colocar o celular no suporte. Ou talvez conseguisse sim. Às vezes eu o deixava no bolso e só percebia quando parava o carro e ia pegá-lo. Isso já havia acontecido. E na noite anterior eu estava cansado. Não era inconcebível. O celular poderia estar em qualquer lugar. Em qualquer lugar.

Olhei para uma parede de concreto pelo para-brisa e tive certeza de que meu celular estava no trabalho. Eu o havia tirado do bolso porque não é permitido entrar com equipamento eletromagnético no Lab 4. Estava na minha mesa. Qualquer um poderia pegá-lo. Não. Havia câmeras. Ninguém iria roubar meu telefone. Ainda mais se eu chegasse cedo. Fui pegar o celular para ver a hora e soltei um grunhido. Aquilo era como estar cego. Coloquei a chave na ignição e lembrei-me de que estava de toalha. Hesitei. Tirei as chaves, mas me senti péssimo. Saí do carro, ajeitei a toalha e subi a escada de dois em dois degraus.

* * *

EU AGARRAVA O VOLANTE com força enquanto dirigia. O sol atravessava fulminante o para-brisa, zombando do meu suéter. Eu estava usando roupas demais. Cheguei a um ponto em que precisava decidir entre a avenida ou atravessar o parque, e eu não sabia qual caminho tinha menos trânsito. Eu não lia uma manchete havia horas. Podia estar acontecendo uma guerra. Podia ter havido terremotos. Liguei o rádio pela primeira vez em anos, e ele começou a matraquear sobre tapetes com desconto e como o rádio era uma excelente mídia para veiculação de propagandas, e será que eu gostaria de ganhar mil dólares?; olhei incrédulo para o aparelho e o desliguei. Queria meu celular. Eu nem queria fazer nada específico. Só queria a possibilidade de fazer coisas. E o celular podia fazer várias.

A avenida estava completamente engarrafada, é claro. Fiquei ali sentado preenchendo minha ignorância com o tempo. Finalmente consegui entrar no

distrito científico e passar batido por laboratórios de pesquisa e fabricantes de máquinas. Lá no fim, à beira do rio, estava a Futuro Melhor: um complexo de meia dúzia de prédios interligados, com oito andares cada, um amplo gramado na frente e cerca de arame ao redor de toda a área. Havia mais no subsolo, mas não dava para ver. No portão de entrada, deixei cair meu crachá e tive que descer do carro para apanhá-lo no chão. Um segurança saiu de sua cabine, e tentei dispensá-lo com um gesto, porque a última coisa que eu queria no momento era conversar. Mas ele continuou vindo.

— Bom dia, doutor.

— Já peguei. — Passei o cartão. A cancela subiu.

— Está tudo bem?

— Sim. Só deixei cair o cartão.

Um vento quente soprou. Tentei tirar o suéter, e nisso meu crachá prendeu na manga e escorregou dos meus dedos novamente. Quando me ajeitei, o segurança entregou-o para mim.

— Dia quente.

Olhei para ele. Aquilo me pareceu uma crítica à minha escolha de roupa, prejudicada pela falta de informação. Mas eu não tinha certeza. Abri a boca para solicitar uma explicação, mas depois percebi que não importava e peguei o cartão. Entrei no carro e mergulhei nas entranhas da Futuro Melhor.

* * *

PASSEI O CARTÃO PARA entrar no elevador, e depois o passei de novo para obter acesso ao Prédio A. Passar cartões era nossa especialidade. Não se podia nem ir ao banheiro na Futuro Melhor sem passar o cartão. Uma vez o crachá de uma mulher parou de funcionar, e ela ficou presa em um corredor por três horas. Era um corredor bem movimentado, mas ninguém tinha permissão de deixá-la sair. Deixar alguém passar por uma porta de segurança usando o crachá de outra pessoa era praticamente a pior coisa que se poderia fazer na Futuro Melhor. Era motivo de demissão. As pessoas só podiam levar lanches e bebidas para ela até que a segurança terminasse de verificar seus dados biométricos.

Passei pelo pátio, que já começava a encher de jovens usando jalecos brancos e gerentes mais velhos de ternos e saias. No conjunto central de elevadores havia

uma moça de cabelos escuros. Marketing, ou talvez recrutamento. O botão do elevador estava iluminado, mas, mesmo assim, avancei para pressioná-lo de novo, mas parei, porque isso era completamente ilógico, e então prossegui e apertei porque, sério, que mal faria? Eu não estava fazendo nada mesmo. Quando recuei, vi que a garota me observava e desviei o olhar; então percebi que ela sorria para mim e voltei a olhar, mas aí ela já estava prestando atenção em outra coisa e era tarde demais. Ficamos ali parados um tempo. Meti a mão no bolso para pegar meu celular. Bufei. Ela comentou:

— Demora uma eternidade, não é?

— Não, é que eu perdi meu celular. — Ela pareceu confusa. — Por isso eu estava... — Parei de falar. Silêncio.

— Estão todos no 3 — disse ela. De acordo com o painel, três elevadores estavam no Subnível 3 e o quarto vinha logo atrás. — Com tantos engenheiros, era de se esperar que a gente conseguisse descobrir uma maneira de desafogar o movimento nos elevadores. — Ela sorriu. — Meu nome é Rebecca.

— Humm — falei.

Eu estava familiarizado com o algoritmo do elevador. Mais de uma cabine era enviada na mesma direção, contanto que todas tivessem um destino, depois elas podiam ter seu sentido invertido. Um sistema supostamente eficiente. Mas havia uma alternativa que permitia que as pessoas apertassem o andar que queriam *antes* de entrar, de forma que o sistema de programação tomasse decisões mais inteligentes. O problema era que o sistema podia ser tapeado: as pessoas descobriram que os elevadores chegariam mais rápido se ficassem pressionando os botões sem parar. Fiquei imaginando se as cabines deveriam se afastar umas das outras quando estivessem inativas. Poderia até mesmo valer a pena atrasar uma cabine para criar um intervalo. Assim a jornada de um seria desacelerada, mas seria possível beneficiar todos os que viessem atrás. Eu deveria fazer uns cálculos. Abri a boca para dizer isso, mas então percebi que um elevador havia chegado, e a mulher já entrava nele. Fui atrás. Ela puxou sua bolsa para mais perto do corpo. Parecia tensa. Tentei pensar em algo para dizer, mas só o que me vinha era *Demora uma eternidade, não é?*, que ela mesma já tinha dito. Ela saiu no Departamento de Comunicação Organizacional sem olhar para mim.

NÃO SOU UMA PESSOA sociável. Sempre que sou avaliado, minha pontuação é muito baixa em métricas sociais. Minha ex-chefe disse que nunca tinha visto alguém tirar zero em Empatia Interpessoal antes. E ela trabalhava com engenheiros. Se alguém dá uma festa, eu não sou convidado. Em reuniões e durante os intervalos as pessoas entre as quais eu sento conversam com a que está do outro lado. Existe algo de repelente em mim. Não é nojento nem nada. Mas repele como um ímã. Quanto mais perto as pessoas chegam, mais intensa é a necessidade que sentem de se afastar.

Sou um sujeito inteligente. Reciclo meu lixo. Um dia encontrei um gatinho perdido e o levei para um abrigo. Às vezes faço piadas. Se há algo de errado com seu carro, posso dizer o que é só de escutá-lo. Gosto de crianças, menos das que são mal-educadas com adultos e cujos pais simplesmente ficam ali parados, sorrindo. Tenho um emprego. Possuo um apartamento próprio. Raramente minto. Pelo que sei, são qualidades que as pessoas procuram em alguém. Só posso pensar que deve ser outra coisa, algo que ninguém menciona, porque não tenho amigos, vivo longe da minha família e não namorei ninguém na última década. Um cara no Controle dos Laboratórios atropelou e matou uma mulher, e ele é convidado para as festas. Não entendo isso.

* * *

SAÍ DO ELEVADOR E passei o cartão para entrar na Sala de Vidro. O lugar recebeu esse nome porque lá de dentro dá para ver vários laboratórios adjacentes, mas na verdade as paredes são de plástico policarbonato verde. Parece que costumavam ser de vidro até um incidente envolvendo um vazamento de béquer com um patógeno usado como arma nuclear, e alguns técnicos em pânico em suas cadeiras de escritório. Ouvi duas versões dessa história: em uma delas, o patógeno era inofensivo e o incidente serviu como um alerta a todos os envolvidos. Na outra, duas pessoas morreram antes que o complexo pudesse ser isolado, e depois mais seis, quando encheram os laboratórios de gás. O incidente aconteceu antes da minha entrada na empresa, então não sei qual das versões é a verdadeira. Só sei que as paredes são de plástico.

No instante em que a porta se abriu vi que o celular não estava em cima da minha mesa. Comecei a procurar no meio da papelada, por via das dúvidas.

Verifiquei as gavetas. Fiquei de joelhos no chão de plástico. Andei pela sala inteira, checando as outras mesas, e depois olhei de novo, com mais calma, incluindo na busca todas as superfícies horizontais. Então me sentei na minha cadeira e fechei os olhos. Eu tinha colocado na cabeça que o celular estava no trabalho sem considerar devidamente as probabilidades. Que mal faria ter dado mais uma olhada em casa? Meu celular devia estar na mesinha de cabeceira, no meio dos livros. Eu havia procurado ali com muito cuidado, mas talvez não o suficiente. Abri os olhos e fui girando na cadeira para inspecionar cada lugar na sala. Nada. Nada. Então tive uma ideia: peguei o telefone do escritório para ligar para o meu celular, mas minha mão ficou parada em cima do teclado, porque eu não sabia o número. Estava no meu celular. Tudo estava lá. Fiquei sentado ali, sem saber o que fazer.

* * *

MEUS ASSISTENTES DE LABORATÓRIO chegaram. Eram três: Jason, Elaine e Katherine. Katherine era a única que não era chinesa. Eu deveria ensinar aos três alguma coisa enquanto eles trabalhavam, mas nunca soube muito bem o quê. Eu sabia que os decepcionava. Eles haviam conseguido emprego em um dos mais interessantes laboratórios de pesquisa do mundo, e o mentor deles era eu.

Estavam usando os jalecos brancos e ficaram ali esperando. Elaine olhou para Katherine, que revirou os olhos, e Elaine fez um movimento com as sobrancelhas, do tipo: *eu sei*. Bem na minha frente. Eu devia ter chamado a atenção das duas, mas parecia ridículo dizer: *Parem de fazer isso com as sobrancelhas*. Elas deviam saber disso. Já com Jason eu não tinha esses problemas, pois ele dizia o que pensava, desde que lhe perguntassem diretamente.

Elaine perguntou:

— Vamos começar ainda hoje?

— Começar o quê?

Mais uma troca de olhares com Katherine. Ela apontou para o vidro. O plástico. O laboratório do lado de fora.

— Os testes de durabilidade, é claro.

Deveríamos estar bombardeando um polímero de carbono leve com radiação. A ideia era verificar se ele não derreteria. Nas três tentativas anteriores havia

derretido. Era interessante observar, mas frustrante em termos profissionais. Provavelmente iria derreter mais uma vez. Não era isso o que eu queria estar fazendo, com meu telefone desaparecido: observar um polímero derreter. Mas me levantei e fui buscar meu jaleco; afinal de contas, era o meu trabalho.

* * *

JASON PEGOU O POLÍMERO enquanto eu passava o cartão para entrar no Lab 4 e acionava o Grampo. O Grampo era um par de placas de aço hidráulicas, ótimo para segurar coisas sem derreter. Na sala havia também um espectrógrafo, um acelerador compacto e vários equipamentos de suporte, todos conectados por cabos frouxos da grossura de um braço humano. Enquanto eu manuseava a alavanca para manobrar o Grampo, colocando-o no lugar certo, vi Elaine e Katherine, borradas e esverdeadas, andando pela Sala de Vidro. Será que elas tinham visto meu celular? Eu devia ter perguntado. Mas eu precisava me concentrar no que estava fazendo, porque o Grampo vinha se aproximando e aquela coisa era tão pesada que, à velocidade de 10 centímetros por segundo, podia machucar alguém. Uma vez tive uma escoriação no quadril que levou três semanas para sarar. Mas a culpa tinha sido minha. O equipamento possuía dispositivos de segurança, mas a principal peça de proteção era o nosso próprio cérebro. Pressupunha-se que qualquer pessoa que entrasse naquela sala seria inteligente o bastante para ficar longe de coisas quentes, afiadas e pesadas em movimento. Não éramos operários de fábrica.

Coloquei o Grampo no lugar e apertei um botão de borracha para aproximar as placas uma da outra. Um alarme soou. Uma luz laranja de alerta começou a girar. Isso sempre acontecia. Eu já nem prestava mais atenção. Enquanto aguardava, pensei na jovem que eu tinha encontrado mais cedo. Eu devia ter falado com ela sobre algoritmos de elevador. Talvez ela se interessasse. Talvez dissesse *Eu não fazia ideia*, e, quando chegássemos ao seu andar, ela seguraria a porta para impedir que se fechasse.

Vi meu celular. Tinha passado tanto tempo pensando nele que por um segundo fiquei na dúvida se ele estava realmente ali. Mas estava. Em cima do espectrógrafo. Tão óbvio. Eu havia trabalhado até tarde, e, quando revirei os bolsos à procura de uma caneta, percebi que ainda estava com o celular, o que não

era permitido, mas nada disso importava mais porque ali estava ele. Fui pegá-lo. Meus dedos estavam quase se fechando ao redor do aparelho quando minhas coxas roçaram no metal. Olhei para baixo. Eu havia entrado no Grampo. As placas estavam encostando em mim. Estavam, aliás, mais próximas do que eu havia pretendido. Eu devia ter apertado PARE alguns segundos antes. Ouvi o alarme e reparei na luz laranja rodopiante como se a visse pela primeira vez. Comecei a recuar. Eu não corria perigo de verdade. As placas se moviam muito devagar. Embora isso fosse ilusório. O intervalo diminuía linearmente, mas em termos relativos estava acelerando. Minhas coxas estavam sendo comprimidas. Eu me virei de lado e tentei sair. Meu sapato esquerdo ficou preso. Consegui soltá-lo, mas aí o direito prendeu. Eu não havia levado em conta um loop de feedback autorreforçado: as placas obstruíam cada vez mais o movimento. Eu deixara uma margem insuficiente de erro. Dei um impulso buscando a liberdade e caí de cara no chão. Soltei uma perna, mas o sapato direito ficou preso. Agarrei minha coxa e puxei. Por cima do grampo, através do vidro verde, Elaine e Katherine me olhavam boquiabertas. Entre mim e elas estava meu celular, intocado.

Senti uma pressão insuportável. Meus intestinos tentavam sair pelas orelhas. Não ouvi o barulho. O alarme cobriu isso. Mas vi aquela coisa jorrando. Na luz alaranjada, parecia preto.

Durante a operação do Grampo, o laboratório se trancava automaticamente, por segurança. Tive que rasgar minha camisa em tiras para estancar o sangramento. Tive que me arrastar aos trancos pelo chão até conseguir alcançar os controles. Vou ser honesto. Houve muita gritaria. Consegui alcançar o botão de PARE. O alarme cessou. A luz laranja se apagou. Fechei os olhos. Ia vomitar, ou desmaiar, ou as duas coisas. A porta se abriu e Jason disse: “Putá que pariu, putá que pariu.” Eu me senti muito triste, porque isso pareceu confirmar o que havia acontecido.

UM QUARTO SE FORMOU ao meu redor. Não aconteceu de uma vez só. Foi se construindo do nada, aos poucos. Mas não exatamente. Foi apenas o que me pareceu, já que eu estava sob o efeito de medicamentos. Levou um tempo até eu ter certeza de que aquele cenário não explodiria novamente — os lençóis alvejados, as paredes bege, os móveis sobre rodinhas —, revelando que eu ainda estava no Lab 4, sangrando até a morte.

Uma cirurgiã veio me ver, uma mulher alta com cabelos escuros desgrenhados e olhos impacientes. Normalmente aprecio impaciência em alguém. Indica que a pessoa valoriza a eficiência. Mas minha cabeça estava cheia, e ela falava rápido demais para eu acompanhar.

— O desbridamento ocorreu muito bem. É comum, no caso de ferimentos traumáticos, haver uma grande quantidade de fragmentos de ossos e tecido destruído, mas o seu foi notavelmente limpo. Você tem sorte. Precisei retirar cerca de 15 centímetros de seu fêmur, mas isso não é quase nada. Foi preciso bem pouco alisamento do osso. Fiz uma amputação fechada, suturando a pele durante a cirurgia, e isso é muito raro em um caso de trauma. Normalmente teríamos que deixar as bordas da pele abertas, para facilitar a limpeza de qualquer tecido infectado. Mas, como eu disse, foi notavelmente limpo.

— O que foi limpo?

Minha voz estava grossa. Eu não sabia direito o que estava perguntando. Só precisava que ela falasse mais devagar.

Minha cirurgiã levantou uma prancheta e deu uma olhada no que estava escrito. O crachá dela a identificava como DRA. ANGELICA AUSTIN. Isso me pareceu familiar. Talvez ela já tivesse me visitado mais cedo quando eu estava menos consciente. A Dra. Angelica Austin virou uma página.

— Podemos pensar em reduzir gradativamente os analgésicos.

Isso me pareceu uma ideia terrível. Tentei me sentar. Avistei minha perna. Eu tinha uma coxa. Uma coxa com uma meia. Três ou quatro tubos saíam de áreas

cobertas com curativos, dando voltas até saquinhos plásticos pendurados. Entre os tubos vislumbrei alguma coisa cor-de-rosa e preta e brilhante que não parecia pele, mas era. Eu estava curto. Essa era a parte chocante. Não era tanto o coto. O coto era ruim. Mas o mais terrível era o ar. O espaço. Eu tinha meia coxa. Meu joelho havia desaparecido. Minha panturrilha. Eu não tinha pé. Faltava um pé inteiro. Eu chutava coisas com aquele pé e agora eu não o tinha. Isso estava errado.

— Você... — disse a Dra. Angelica Austin. — Falamos sobre a amputação ontem. Eu lhe mostrei.

— Não me lembro.

A Dra. Angelica Austin anotou alguma coisa na prancheta. Ela iria reduzir minha dosagem. Antes que eu pudesse fazer alguma objeção, ela colocou a mão no meu ombro. Foi meio estranho, para nós dois.

— Vou voltar quando você estiver mais descansado. Este é o momento mais difícil, Sr. Neumann. Daqui para a frente tudo vai melhorar.

* * *

MEU QUARTO TINHA JANELAS. Eu podia ver os jardins lá fora. No crepúsculo, os arranha-céus tinham um brilho alaranjado. O hospital era muito silencioso. Parecia que eu era a única pessoa ali.

* * *

EU TINHA QUATRO ENFERMEIRAS: Katie, Chelsea, Veronica e Mike. Mike era quem me dava banho. Isso era injusto. Depois de tudo que passei, era um homem quem me ensaboava. Mas não tinha problema. Era apenas mais uma decepção. O enfermeiro Mike era gente boa. Não tenho nada contra o enfermeiro Mike. Ele me ensinou a desenrolar os curativos sem arrancar um tubo de drenagem, coisa que fiz uma vez e nunca mais quis repetir. Ele me ensinou a prendê-los de forma que não se soltassem durante a noite. Meus curativos precisavam ser trocados de quatro em quatro horas. Isso mostra o quanto eu estava vazando, sem contar o que saía pelos tubos. Era assustador pensar nisso. Imagino que, sem o soro, eu esvaziaria até restar apenas uma casca. Eu era um problema de física do ensino fundamental. *Se Charles Neumann é um ser humano com 80 litros de volume,*

vazando fluido corporal à razão de 0,5 litros por minuto, com que frequência deveremos trocar a bolsa de soro, considerando que cada uma contém 400 mililitros da solução? Eu tinha a sensação de que devia ser mais sofisticado que isso.

Os enfermeiros estavam bem familiarizados com o meu coto. Eles aproveitavam qualquer oportunidade para puxar os lençóis e avaliar minha pele. “Está com um aspecto fantástico”, diziam. Em especial, a enfermeira Veronica. Ela simplesmente amava meu coto. Sorria, abria as cortinas do quarto, trocava a bolsa de soro e dizia que em breve eu estaria calçando meus sapatos de dança. Eu sabia o que eles estavam fazendo. Estavam me ensinando a não ter vergonha. Era um bom hospital. Mas eu ainda tinha vergonha.

* * *

ENTÃO APARECEU O FISIOTERAPEUTA. No segundo em que ele entrou, percebi que eu estava de volta às aulas de educação física. Ele era sarado e bronzeado e usava uma camisa polo do hospital tão justa que seus bíceps pareciam prestes a arrebentar as costuras. Ele trazia uma prancheta embaixo de um dos bíceps. Só faltava um apito.

— Charles Neumann! — Ele parou ao lado do meu leito e cruzou os braços. Eu estava vendo TV e me senti culpado. — É Charles? Charlie? Chuck?

— Charles.

— Eu sou Dave. — Ele empurrou para o lado um suporte para as bolsas de fluido. — Estou aqui para tirar você dessa cama.

Olhei para minha cama. Tinha lençóis quentinhos. Algumas revistas aos meus pés. Pé. Meu celular estava perto. Eu não via qual era o problema com a cama.

Os olhos de Dave brilhavam. Ele bebia muito suco de fruta, dava para ver. E fazia eu me sentir cansado.

— Vamos trabalhar muito, Charles. Tenho que lhe avisar. Talvez você não goste de mim em alguns momentos.

Ele puxou uma cadeira. Ficou ali parado de pé e sorriu. Olhei para a cadeira. Olhei para ele.

— O quê?

— Sente-se aqui.

A cadeira parecia muito distante. Era um metro mais baixa que a cama. E se eu caísse? Dave aguardava. Seu sorriso era permanente. Coloquei meu telefone sobre a mesinha de cabeceira e dobrei as revistas. Puxei o lençol para o lado. Inclinei-me para a frente a fim de verificar o curativo e os tubos.

— Não se preocupe com nada disso. Basta colocar o traseiro nesta cadeira.

Coloque você o seu traseiro nesta cadeira, pensei. Mas prossegui. Meu coto roçou os lençóis. Não era horrível. Mas também não era bom. Dava coceira. Eu estava com sede. Olhei em volta, procurando um copo d'água.

— Vamos lá, Charles.

Agarrei a beira da cama e coloquei a perna boa para fora. Depois o coto. Aquele movimento minúsculo me deu vontade de chorar. Era tão patético. Antes, membros inteiros moviam-se ao meu comando. Agora aquilo.

— Quase lá.

Deslizei para fora da cama e caí na cadeira. O choque do impacto subiu pelo coto e abalou os nervos do local. Minha cirurgiã, a Dra. Angelica Austin, os havia dobrado para dentro do meu corpo. Fiquei sabendo disso por uma enfermeira. Eles estavam em um lugar inusitado, ficavam se perguntando o que estava acontecendo. Alguma coisa pingou nos meus olhos.

— Isso! Maravilha! Maravilha! — Dave se agachou e deu um tapinha no meu braço. — Você conseguiu!

Ele ria como se fôssemos amigos. Mas não éramos. Não éramos.

* * *

NO DIA SEGUINTE, DAVE apareceu em uma cadeira de rodas de aço. Muito sofisticada. Quer dizer, para o que era. As rodas reluziam. O assento, as costas e os descansos para os braços eram de couro verde. Dave estacionou ao lado da minha cama e saiu da cadeira.

— Aiô, Silver!

— O quê?

— Está na hora de montar no seu corcel, milorde. — Ele deu um tapinha na cadeira. — Vai ser ótimo.

Não seria nada ótimo. Nós dois sabíamos disso. Eu iria me debater e tremer e cair em cima da cadeira como um peixe recém-pescado. E depois? Talvez Dave me

empurrasse pelo hospital. Talvez ele me fizesse conduzir a cadeira. Qualquer opção seria difícil e humilhante. Mordi a bochecha por dentro, porque não sou bom em ficar bravo com as pessoas.

— Vamos lá — disse Dave.

— Preciso terminar de ler isto aqui. — Mostrei meu celular a ele.

Ele arrancou o celular da minha mão e o colocou em cima da mesinha de cabeceira. Não o impedi porque não conseguia acreditar no que ele estava fazendo. Dave não compreendia minha intimidade com o celular. Não tinha como compreender.

— Monte aqui.

Ele tentava me provocar a fim de que eu me esforçasse para provar que ele estava errado. Ele viu que eu respondia bem a um desafio. Aquele sujeito me irritaria sem dó nem piedade, e então, no dia em que eu recebesse alta, me diria que sempre soubera que eu conseguiria.

— Vamos lá, garotão. — Ele batucou com as mãos na cadeira. — Vamos botar pra quebrar.

Era assim que eles justificavam tudo. Professores de ginástica. Personal trainers. Corredores. Olhando para você com ar superior, desdenhando de você, e tudo certo, porque era para o seu próprio bem.

— Não me faça ir até aí — disse Dave. — Ha, ha.

* * *

SONHEI QUE ESTAVA DE volta à Futuro Melhor e não conseguia encontrar minha perna. Eu pulava pelo laboratório, à sua procura. Dei uma espiada em cima do espectrógrafo e a achei. Fiquei aliviado porque agora eu poderia recolocá-la, então acordei e percebi que não.

* * *

— INSPIRE — DISSE DAVE. — Beeem fundo. Sinta o peito se expandir. Segure. Segure. Agora solte.

Exalei o ar. O Sol saiu de trás de uma nuvem. Eu apertava os olhos e me ajeitava na cadeira de rodas. Estávamos do lado de fora. Eu não estava feliz com

isso.

— Mais três. Quero que você relaxe, Charles. Deixe o ar entrar.

— Estou com calor.

— Não está, não. — Funcionários do hospital passavam por nós e entravam pelas portas do saguão. Dave inspirou. — Mais três.

— Isso não está ajudando.

— Não está ajudando porque você não está deixando ajudar.

— É porque me falta uma perna. Respirar não ajuda nisso. Não ajuda em nada.

Os olhos de Dave não tinham piedade.

— Sentindo pena de si mesmo?

Dave estava de short. Eu tentava não me incomodar com isso, mas ele estava de short, com duas pernas saradas e bronzeadas despontando e descendo até meias e tênis, e isso era um pouco injusto para um sujeito em uma cadeira de rodas com um coto inchado e mutante que não parava de coçar, não? Eu não queria ser aquele cara. O cara aleijado e enraivecido. Mas eu era aleijado, e as pernas de Dave estavam me dando raiva.

— Só mais um capítulo, amigo — disse Dave. — Um novo capítulo da sua vida esperando para ser escrito.

— Não é um capítulo. É uma perda. É uma regressão.

— Tudo depende do seu ponto de vista.

— Não. Isso é objetivamente verificável. Eu sou *menos*.

Dave se agachou. Pôs a mão na roda esquerda.

— Deixe eu lhe contar uma história sobre um cara que chegou aqui há uns cinco anos. Ele sofreu um acidente igual ao seu. Perdeu as duas pernas. Até a altura do quadril. Antes ele praticava esqui aquático. Profissionalmente. Mas no primeiro dia, quando saiu da cirurgia, ele decidiu: *Aquela era minha vida antiga*. Ele disse: *Hoje inicio minha vida nova*. Eu disse a ele para escrever o próximo capítulo, cara, e ele fez isso. Sabe o que ele está fazendo hoje?

Empurrei a mão de Dave para longe da minha roda, coloquei as mãos nos apoios e saí de perto dele. As pessoas se afastavam para me deixar passar enquanto eu girava furiosamente as rodas.

— Ele está ganhando medalhas! — gritou Dave. — Nas Paraolimpíadas!

* * *

ACORDEI DE UM COCHILO à tarde e encontrei uma mulher sentada em uma cadeira ao lado da minha cama. A cadeira não estava lá antes. Ela a havia trazido. Segurava uma pasta preta grande, tipo um portfólio. Estava vestida formalmente. Seus ossos faciais eram proeminentes e simétricos. Ela era loura.

— Olá. — Seus lábios se curvaram em uma expressão de compaixão. — Como vai?

— O quê?

— Meu nome é Cassandra Cautery. Da empresa. — Ela inclinou a cabeça. — Estamos sentindo sua falta, Charlie. Espero que estejam cuidando bem de você. Estão? Seu conforto é minha prioridade.

— Hum — fiz.

— Ótimo. — Ela sorriu.

Ela era muito atraente para estar fazendo tanto contato visual comigo. Eu me senti estranho, como se estivessem me confundindo com outra pessoa. Ela me entregou um cartão de visita. Estava escrito *CASSANDRA CAUTERY. Gerente de Crise.*

Eu disse:

— A culpa foi minha. O acidente.

— Você se importaria de assinar uma declaração afirmando isso? — Ela abriu o portfólio e me entregou um papel. Era uma carta, escrita por mim. — Desculpe. Isso pode parecer abrupto. É só que... bem, como você disse, a culpa foi sua. — Ela pegou uma caneta e a ofereceu a mim.

Será que eu devia arranjar um advogado? A situação parecia exigir. Mas a carta era verdadeira. Levantei o joelho que ainda tinha, apoiei o papel nele e assinei.

— Obrigada. — Ela fez a carta desaparecer dentro de seu portfólio. — Fico grata. Agora vamos falar de você. Em que pé estão as coisas? — Seu sorriso murchou. — Sinto muito.

— Tudo bem.

— Foi um lapso.

— É... — Dei de ombros.

— Rampas. Licença. Vamos providenciar tudo. Somos esse tipo de empresa.

— Tudo bem.

— Tem certeza de que tudo aqui está perfeito? Você não precisa de nada mesmo?

— Não — respondi. — Quer dizer. Não gosto do meu fisioterapeuta.

* * *

NUNCA MAIS VI DAVE. Naquela tarde recebi a visita da enfermeira Veronica, que arrumou as flores ao lado da minha cama.

— Você... O que gostaria de fazer hoje à tarde, Charlie?

— Ficar aqui — respondi.

— Na cama?

— Sim.

— Tudo bem — falou ela.

* * *

PASSEI DOIS DIAS SEM me levantar. a não ser pelas idas ao banheiro. Para isso eu precisava levantar da cama. Tinha que me deslocar aos pulinhos até a cadeira de rodas, percorrer o piso de ladrilhos e me arrastar até a privada. E então não havia nada a fazer a não ser olhar para o meu coto. Eu estava sem a meia, e os tubos de drenagem haviam sido removidos. Eu não vazava mais. Estava resumido a pele rosada e pontos pretos. Não gostava das idas ao banheiro porque não gostava do coto.

Mas na cama tudo ficava bem. Eu tinha meu celular. Tinha internet wi-fi. Eu entrava na minha conta do trabalho e fazia observações. Via filmes por streaming. Fiquei viciado em um jogo. Não vou dizer que estava feliz. De vez em quando eu ia coçar a perna direita e então percebia que ela não estava lá. Ou deslocava o peso para um lado e então notava que era inesperadamente fácil. Mas começava a entender que aquilo talvez não fosse o fim de tudo.

* * *

A DRA. ANGELINA AUSTIN voltou. Já tinha se passado uma semana. Eu me recostei e fechei os olhos enquanto ela examinava a área do trauma.

— Muito bom. — Ela virou de volta a folha da prancheta. — Melhor impossível.

Não comentei nada. Não queria desrespeitar a Dra. Angelica Austin. Mas era difícil acreditar que ela pudesse se orgulhar daquilo. Talvez eu estivesse sendo injusto, porque ela trabalhava com tecido vivo, e eu com metais fabricados por máquinas. Mas, se algum dia eu produzisse algo assim tão feio, teria vergonha.

— Você tem sentido algo no membro que falta?

— O quê?

— Após uma amputação, muitos pacientes relatam sensações de membro fantasma.

— Hã — falei. — Não.

Eu já tinha ouvido falar de dor fantasma. Só nunca pensei que ouviria isso de um médico. Achei que isso se encaixava na categoria de fantasmas e auras.

— Não precisa ter vergonha.

— Eu não tenho sentido nada.

A Dra. Angelica me olhou bem nos olhos.

— Eu sinto o que *há* ali. E o que há ali é coceira.

— Dói?

— Sim. Dói. — Esperei que a Dra. Angelica pegasse a prancheta, aquela em que ela anotava as doses de analgésicos. Mas ela não fez isso. — Muito.

— Isso é porque você não está movimentando a coxa. Soube que você interrompeu a fisioterapia.

— Sim.

— A fisioterapia é essencial para a sua recuperação. Por que parou?

— Eu não gostava do Dave.

— Você não precisava gostar dele. Era só fazer o que ele mandava.

A Dra. Angelica franziu a testa. Ela usava brincos brilhantes. Uma pequena extravagância em uma roupa que, fora isso, era bem austera. Ela teria que tirar aqueles brincos para uma cirurgia. Não podia correr o risco de deixar joias minúsculas caírem dentro da cavidade peitoral de alguém. Eles não eram funcionais, o que implicava que a Dra. Angelica se importava mais com a

aparência física do que com seu trabalho. Talvez eu estivesse sendo injusto de novo. Talvez não houvesse nenhuma cirurgia marcada para aquele dia.

— Está na hora de você ver a especialista em próteses.

Por um segundo pensei que ela houvesse dito especialista em *próstata...*

— Prótese?

— Sim. — A Dra. Angelica me olhou atentamente, como se eu devesse me considerar um homem de sorte por ser atendido por uma especialista em próteses. Tive a sensação de que ela não achava que eu havia realmente merecido a cirurgia feita por ela. — Ela é muito boa.

— Não preciso de prótese. — Eu estava pensando no que isso significaria: mais aulas de ginástica. Segurar corrimões de madeira, me esforçar para tentar coordenar partes do meu corpo. — Posso usar a cadeira. Fico sentado o dia todo no trabalho. Fico sentado em casa. Não pratico esportes.

— Você dirige? Sua casa tem escadas? Você usa escadas rolantes? Quantas vezes por dia você se levanta?

Eu não disse nada.

— Você não está inutilizado — disse a Dra. Angelica. — Não está perdido. Você tem uma pequena deficiência e pode aprender a superá-la.

* * *

FUI UMA CRIANÇA DOENTE. Acho que isso não é nenhuma surpresa. Eu era aquele garoto que passava as férias de verão inteiras em casa, as cortinas fechadas para não ouvir os gritos e as risadas das crianças na rua lá fora. Mononucleose infecciosa. Depois, complicações nos pulmões. Quando voltei à escola, entreguei ao professor de educação física o bilhete de dispensa que me permitia ficar na biblioteca. Ele me fazia mostrar aquele bilhete a cada maldita aula, muito embora estivesse escrito ali que era *válido por todo o ano letivo*. Ele esperava que um dia eu decidisse que estava pronto para a aula de educação física e esquecesse o que o bilhete dizia. Esse dia nunca chegou. Na biblioteca, eu lia sobre trens e DNA e sobre como a Represa Hoover foi construída. Na volta para casa, eu via uma cancela descendo em um cruzamento da ferrovia e sabia que isso acontecia porque as rodas do trem que se aproximava haviam diminuído a indutância dos trilhos para abaixo do nível pré-programado.

Como resultado disso, eu lançava uma bola de beisebol como um menino de 4 anos. E, quando outros lançavam, eu não conseguia pegar a bola. Quando eu corria, meus braços e pernas se agitavam como se eu estivesse me afogando. Se eu tivesse que jogar beisebol, eu batia nas bolas com esperança, mas sem fé, e não me surpreendia. No futebol, as pessoas me driblavam como se eu não estivesse lá.

Quando fiquei mais velho, as coisas começaram a mudar. Não que eu tenha melhorado. A excelência esportiva deixou de ser tão importante. No último ano do ensino médio, a maioria dos garotos que corria, saltava e jogava bolas como mísseis havia saído da escola. Ser inteligente se mostrou valioso. Nenhuma garota apareceu com livros para perguntar se eu podia ajudá-la com o dever de casa, mas eu sabia que isso poderia acontecer. A probabilidade de uma ocorrência dessas estava em ascensão. Fui para o MIT, e em engenharia mecânica ninguém dava a mínima para esportes. Havia uma garota na aula de propagação de ondas, Jenny, e uma vez, quando eu estava apresentando um artigo sobre hidrodinâmica, ela não parava de assentir com a cabeça e sorrir. Passei uma semana pensando em como convidá-la para sair. Então fui à aula e havia um sujeito chutando um saco no ar, fazendo truques, e Jenny olhava para ele de um modo completamente diferente, e percebi que as coisas não eram assim tão diferentes afinal de contas.

* * *

A ESPECIALISTA EM PRÓTESES entrou com um monte de pernas artificiais debaixo dos braços, como uma deusa hindu. Ela jogou as pernas em cima da minha cama e ficou me encarando através dos óculos. Seus cabelos eram castanhos e lisos, puxados implacavelmente para trás em um rabo de cavalo. Sua camisa era branca e enorme.

— Oi! Ouvi dizer que você fez uma transfemoral. — Antes que eu pudesse responder, ela levantou meu lençol. — Ah. Não era exagero deles. Que coto limpo. — Ela levantou ainda mais o lençol, até minha cintura, e apoiou os cotovelos na cama, para poder vê-lo bem de perto. — Foi algum tipo de acidente com máquina, certo?

— Um grampo.

— Puxa, você tirou a sorte grande. Isso aqui está fantástico.

Eu a encarei. Ela não era a primeira pessoa a agir como se minha amputação fosse simplesmente sensacional. Mas era a primeira em quem eu acreditava.

— Se estiver planejando fazer a outra perna, você definitivamente devia usar o mesmo método. É sério.

— O quê?

— Brincadeira. — Ela se sentou, mas uma das mãos ainda permaneceu bem ao lado do meu coto. — É Charlie, não é? Vou ser honesta, Charlie. Adoro uma transfemoral. Vejo muitas transtibiais, que são abaixo do joelho, e, sem querer ofender essas pessoas, mas é como calçar um sapato. Não há nenhuma arte naquilo. Já isso aqui... — Ela deu um tapinha no meu coto. Dei um pulo. — Isso aqui é uma tela em branco. O que nos dá opções. Quer ver algumas pernas? — Ela se virou para inspecionar aqueles membros. Uma parte de seu cabelo deslizou por seu rosto, e ela o enfiou atrás da orelha como se quisesse lhe dar uma lição. — Certo. Vamos ver o que temos aqui. — Ela levantou uma coisa. Um poste. O dedo era de borracha. Como a metade inferior de uma muleta. A parte de cima era um balde de plástico cor de pele com faixas de tecido. — Isto aqui é para iniciantes. Só estou mostrando esse aqui para que você saiba o que existe por aí. Ei. Ei. — Meus olhos voaram para o rosto dela. — Não vou colocar você nisto. Ele é horrível. É a opção pública. Embora, para sua informação, se seu empregador não estivesse lhe dando basicamente a melhor assistência médica do mundo, você teria que usar esse mesmo. — Ela pôs a perna de poste no chão, onde eu não podia vê-la. — Vamos esquecer isso. Espere. Eu me apresentei? Meu nome é Lola Shanks.

Eu sabia disso pelo crachá pendurado em sua camisa larga. Ela havia feito uma careta para a câmera. Se minha foto de identificação saísse assim, eu pediria a eles para tirar outra.

— Permita que eu lhe mostre mais uma coisa. — Do tornozelo para baixo lembrava uma perna de verdade. Uma perna de verdade que havia morrido alguns dias antes. Os dedos eram achatados e quadrados. A panturrilha era de alumínio. O joelho era uma faixa de metal com articulação. No topo ficava outro balde. — Com esse aqui você pode calçar um sapato. E estou vendo pela sua expressão que você não achou uma maravilha, mas imagine isso debaixo de uma calça comprida. Está vendo como é cheinha? Dá um aspecto mais natural. Assim que você adquirir prática, ninguém vai notar a diferença. A não ser que você tire as calças.

— Ela sorriu. Era muito jovem. Será que era necessário estudar muito para se tornar um especialista em próteses? Pelo visto não. — O que acha?

— Como funciona?

— Você está olhando para o soquete. Noventa por cento da sua satisfação com a prótese vai depender de como você se ajusta ao soquete. — Reparei na escolha de palavras; ela não disse *como o soquete se ajusta a você*. — Vamos envolver seu membro em uma meia, colocá-lo no soquete por este buraquinho no fundo aqui, e amarrá-lo com essas tiras. Mas isso não é o ideal. O que vamos fazer assim que o inchaço diminuir é tirar um molde da sua perna e construir um soquete sob medida.

— Como isso anda?

— Bem, você balança a prótese. Precisa de alguma prática.

— Balança a prótese?

— Isso. Ela tem articulações. Seu pé vai voar à sua frente durante algum tempo. Rampas muito inclinadas serão um desafio. Tudo será um desafio. Vai ser difícil, Charlie, não importa o que você use.

Olhei para a pilha de pernas.

— O que mais tem aí? — Eu podia ver alguma coisa preta e prata despontando atrás dela. Parecia interessante.

Ela sorriu.

— Você está apressando as coisas. Eu estava tentando criar um suspense antes de chegarmos ao topo de linha. Mas, antes disso, devo lhe avisar: estas não lhe dão um aspecto natural. Agora estamos trocando a estética pela funcionalidade.

— Eu não ligo para aspecto natural.

Lola prendeu a respiração.

— É *mesmo*? Ora, isso é bom. Eu concordo. A verdadeira beleza vem com a funcionalidade. É por isso que achamos as coisas atraentes: porque elas funcionam. Como os dentes. Não é à toa que gostamos deles alinhados e brancos. É porque são bons para morder. Esta perna é boa para andar.

Ela esticou a mão para pegá-la atrás de si. O que ela pegou não tinha o aspecto de uma perna. Parecia mais uma máquina. O pé era composto de duas forquilhas em arco, quase como esquis. De um tornozelo hidráulico despontavam dois pilares pretos gêmeos, que desapareciam dentro de um joelho de alumínio. A julgar pelo compartimento da bateria, havia ali um microprocessador.

— É uma Exegesis Archion com um joelho adaptável controlado por computador. Rotação multieixo, torção policêntrica. O calcanhar é de polímero de carbono. Foi banida das Olimpíadas porque dava uma vantagem desleal em relação às pernas comuns. Gera muita energia. O joelho é programável. Ensinamos a ela o seu modo exato de andar. O que ela faz é eliminar o ato racional do caminhar. Você para de se preocupar com a maneira como vai balançar o pé e simplesmente anda.

Peguei a perna e a virei. Era leve. Design interessante. Nada inovador. Em cima havia um balde, mais um daqueles soquetes de plástico translúcidos. Olhei dentro dele, para o caso de haver algo inovador ali, mas não havia.

— Você não parece muito animado — disse Lola.

— Essa é a melhor?

— É... bem... sinceramente, Charlie, é excelente.

— É de última geração?

— Tecnologia de ponta — disse Lola, e sorriu. Percebi que era uma piada. O pessoal da medicina tem um senso de humor negro. Para eles, nenhuma piada está completa sem um corpo profanado ou um borrifo de sangue. — Não. Sério. É a melhor.

Devolvi a perna para ela.

— Ok.

— Não é uma perna de verdade. Isso eu não posso lhe dar. Mas assim que você se familiarizar com ela, vai ser quase tão boa quanto a verdadeira.

— Ok.

Ela recolheu suas pernas. Eu me ajeitei na cama. Não era nada contra Lola Shanks. Ela só não tinha nada que eu quisesse.

* * *

NAQUELA NOITE ACORDEI E descobri que eu estava puxando os pontos, enterrando as unhas na sutura. Rapidamente me sentei na cama e acendi a luz, esperando o pior. Mas parecia intacto. Um fluido claro vazava um pouco. Enxuguei-o com uma toalhinha úmida que peguei da gaveta, apaguei a luz e voltei a deitar. Mas levei um bom tempo para pegar no sono de novo, porque aquilo era realmente perturbador.

* * *

HAVIA UMA SALA COM dois corrimões de madeira, que serviam como apoio. Tinham 3 metros de comprimento e 1 de distância entre si, e ficavam na altura da cintura. Tirando umas poucas cadeiras, uma mesa e um vaso de planta, eram os únicos objetos na sala. Não era um lugar para coisas. Era um lugar para movimento.

Lola Shanks me estacionou ao lado de uma cadeira de plástico, colocou no chão as próteses Exegesis e dobrou a calça do meu pijama para cima. Eu não estava feliz com aquilo, com aqueles corrimões.

— Reparei que você não é de falar muito. — Ela prendeu as pernas da calça, de forma que ficou parecendo um short. Eu não usava um short havia 11 anos. Mais um exemplo de como eu estava sendo transformado em alguém que não queria ser. — Isso é um problema.

— Por quê?

— Porque você precisa ser sociável. — Ela calçou uma meia no meu coto. — Algumas pessoas vão ficar relutantes em falar com você. Com medo de dizer algo errado. Você precisa quebrar o gelo. — Ela segurou o pé da prótese embaixo do braço e passou a ponta da meia por um furo no soquete. E puxou. Senti uma pressão terrível, como se meus pontos fossem se abrir. Meu coto fora sugado para dentro do soquete. — Que tal?

— Apertado. Apertado.

— Apertado é bom. — Ela contornou a minha cintura para prender as faixas. — Você não está se dando conta do problema, não é?

— O quê?

— A questão social. Você não tem medo do isolamento.

— Não.

Ela se sentou sobre os calcanhares.

— Você não pode fazer disso uma desculpa para desaparecer. Já vi como essa história termina. Superar isso depende de você, Charlie. De como você reage ao desafio.

— Tudo bem.

Eu não queria dizer isso. Não é que eu desejasse me isolar do mundo. Eu apenas sabia que isso ia acontecer.

Ela recuou.

— Levante-se.

Agarrei a lateral da cadeira de rodas e me impulsionei para cima. A perna estava pendurada no meu coto. Parecia ainda menos impressionante daquele ângulo. As forquilhas tipo esqui tremiam. Pareciam frágeis. Davam a impressão de que iam cair.

— Coloque seu peso sobre ela.

Inclinei-me para a frente. O soquete me apertou de um jeito que não parecia o certo.

— Confie na perna, Charlie.

— Os pontos...

— Nunca abri os pontos de ninguém.

Esfreguei a manga da camisa na testa. Pus mais peso na perna e as forquilhas dos dedos se curvaram. Eu sabia, pela lógica, que elas deviam ser projetadas para suportar o peso de um homem adulto correndo, mas era difícil de acreditar. Fiquei me perguntando com que minúcia aquilo havia sido testado.

Lola Shanks estendeu os braços. Respirei fundo e deixei a perna absorver meu peso. A pressão era ruim, mas não insuportável. Eu me arrastei e depois avancei mais uma vez. Quando cheguei até Lola, eu suava em bicas. Eu tinha dado quatro passos.

— Ótimo!

Ela sorriu, como se isso fosse genuinamente empolgante para ela, e eu estava trêmulo e cansado, mas também orgulhoso, e sorri também.

* * *

SENTEI-ME NA CAMA E inspecionei a Exegesis. Eu realmente precisava de ferramentas. Para desmontá-la. Mas dava para deduzir algumas coisas a partir da observação. Não era assim tão complicada. Era essencialmente um balde em cima de uma vareta. Eu ainda achava surpreendente que aquilo fosse o melhor que existia. Suspeitei que não houvesse muitos amputados trabalhando em engenharia mecânica. Eles pareciam partir da premissa de que você devia agradecer por simplesmente estar andando.

Mas Lola Shanks tinha razão: eu passara a gostar da prótese. Não porque ela me permitia andar. Aquilo não tinha jeito. Mas eu gostava de ir cambaleando na direção de Lola, os olhos dela ficando maiores a cada passo, e gostava de como ela apertava minhas mãos quando eu a alcançava.

* * *

DE VEZ EM QUANDO eu ainda me chocava ao ver que eu havia perdido uma perna. Eu tinha momentos de medo paralisante enquanto minha mente gritava: *Cadê?* Às vezes eu sonhava que faltava alguma coisa, mas não conseguia descobrir o que era. Isso estava me irritando. Eu sabia que meu cérebro tinha 35 anos de condicionamento para superar, mas, sério, quando ele ia perceber que aquilo era real?

* * *

ÀS 10h45 DA MANHÃ, eu ficava impaciente e inquieto. Não conseguia me concentrar no celular. Sentia sede. Era por causa de Lola Shanks. Ela vinha me ver às 11h. Deslizei para a beira da cama e amarrei a perna na prótese. Quando ela chegou, eu estava de pé e pulando. Ela parou na porta, com uma cara de espanto, mas no bom sentido.

— *Charlie* — disse ela. E me ofereceu o braço. — Vamos dar uma volta.

* * *

O HOSPITAL ERA CERCADO por um largo caminho de concreto que ia da entrada da emergência até o jardim dos fundos. Ali os pacientes ficavam fumando, conectados às suas soluções intravenosas. Eu estava pegando o jeito da Exegesis. Mas, se andasse com confiança demais, Lola Shanks baixava o braço, então predominava a tentação de fingir incompetência.

— Fale do seu trabalho — pediu Lola. — O que você faz?

— Eu testo coisas. — Meus dedos-esqui se arrastavam: *scrrrich*.

— Que tipo de coisas?

— Coisas. Materiais.

— É interessante?

Parei para pensar. Às vezes era interessante. Por exemplo, quando você achava que a valência do cobre seria quebrada sob um bombardeio de partículas, mas acabava não sendo. De qualquer forma, não era isso o que as pessoas chamavam de “interessante”.

— Não.

— Ah — fez Lola.

— Às vezes eu faço coisas. Se eu tiver uma ideia, posso propor um projeto, e, se for aprovado, posso construir o que imaginei.

— O que você constrói?

Descemos uma rampa. Os dedos de esqui deslizaram, e eu deixei. Lola apertou seu braço ao redor do meu.

— Ano passado construí um oscilador. Ele movia uma varinha de cobre de 5 gramas para a frente e para trás por uma distância de 20 milímetros, 600 mil vezes por segundo.

Lola ficou em silêncio.

— E qual é a utilidade disso?

— Não sei bem. Eu só propus, e eles aceitaram. Devem ter usado em algum outro projeto.

— Ah.

— Seiscentas mil oscilações por segundo é muita coisa.

— Parece mesmo.

— Precisei colocá-lo no vácuo. Para não incendiar mais o ar.

— Ele incendiava o ar?

— Só aconteceu uma vez. Em um ambiente controlado.

— Para quem você trabalha mesmo?

— Para a Futuro Melhor. — Ela não pareceu reconhecer o nome. — Desenvolvemos munição à base de urânio enriquecido nos anos 1970. Nos anos 1980, construímos tanques anfíbios. Eles não chegaram de fato a funcionar. Acho que nem fazemos mais isso. Cerca de dez anos atrás, entramos na área médica. Temos um monte de produtos farmacológicos. Recentemente começamos a trabalhar com bioengenharia, armamento não letal e produção de metais patenteados. Também patrocinamos o time local de softbol.

Um homem mais velho de camisola hospitalar bloqueava nosso caminho, olhando para os jardins, com um cigarro na boca. Parecia irritado com alguma coisa. Talvez com tudo. Ele aparentava ser esse tipo de sujeito.

— Com licença? — disse Lola. O olhar dele dirigiu-se à Exegesis, e ele franziu os lábios. — Ei. O que foi isso? — Ele fingiu não ouvir. — Ei. Fumante. Qual é o seu problema? Acha que é um ser humano melhor porque tem duas pernas? — Ele foi empurrando seu suporte de solução intravenosa de volta para o prédio. — Ah, é, parabéns por elas. Bom trabalho. Tenho certeza de que você se esforçou muito para consegui-las. — Lola se virou para mim. — Dá para acreditar nisso? — Ela balançou a cabeça. — É um absurdo.

Nós prosseguimos.

— Pessoas com pernas não têm personalidade, Charlie. Juro por Deus. Elas nunca tiveram que aprender a ir de um quarto para outro. E, se algum dia percebem isso, se sentem *inteligentes*. — Ela passou o braço pelo meu. — Você vai se esforçar bastante. Vai ser difícil. E isso vai fazer de você uma pessoa melhor.

Caminhamos em silêncio. Uma brisa acariciou minha pele. Eu nunca, nunca tinha sido tão feliz.

* * *

NO DIA SEGUINTE, LOLA me levou à cafeteria. Estava cheia de médicos, pessoas conversando e famílias tentando ser otimistas. Alguns pacientes não tinham cabelo, outros eram magros como palitos e me faziam lembrar que as coisas podiam ser piores. Lola e eu pegamos uma mesa perto da janela que dava para os jardins. Eu havia decidido convidá-la para sair. Não sabia ao certo o que isso significaria. Eu não poderia levá-la a lugar nenhum. Mas é o que deve ser feito quando se gosta de uma garota. E, se ela disser sim, você arranjou uma namorada. Isso era tudo o que eu sabia. Eu estava muito nervoso porque não pensava em convidar uma garota para sair desde Jenny, da aula de propagação de ondas.

— Quantas pessoas você acha que poderia envenenar antes que alguém notasse? — Ela observava uma mulher servindo salada de repolho. — Acho que um monte.

— Podemos sair?

Ela deu uma mordida no hambúrguer.

— Hoje não. Tenho planos para você que envolvem uma bola de futebol.
Eu não havia sido claro. Desloquei meu peso de uma nádega para a outra.
Meus dedos-esqui bateram na perna da mesa.

— Tóim — disse Lola.

— Eu gosto do seu cabelo.

Lola arregalou os olhos. Ela detectou alguns fios caindo sobre seu rosto. Ela fez um barulhinho tipo *fffbrr*, agarrou-os e os colocou atrás da orelha.

— Cale a boca.

Eu não disse nada. Não sabia se devia explicar que eu não estava brincando ou se devia deixá-la pensar isso.

— Quando você vai fazer essas sobrancelhas?

Dei uma mordida no meu sanduíche de ovo. Aquilo estava fora da minha realidade. Será que eu devia fazer as sobrancelhas? Não sabia que homens faziam isso.

A cintura de Lola bipou. Ela pegou o pager.

— Ah. Isso pode esperar.

Lola tinha outros pacientes. É claro que tinha. Outros homens. Ela os ajudava a andar e apertava as mãos deles quando andavam. Aposto que todos se apaixonavam por ela. Talvez não todos. Ela era meio estranha. Mas boa parte deles. Lembrei-me de um artigo sobre como cobaias que passavam por eventos de alto nível de estresse eram atraídas de modo desproporcional à primeira pessoa que conheciam logo em seguida. O corpo confundia excitação sexual com atração. Eu devo ser o mais recente em uma longa fila de homens recém-desmembrados a cair nos encantos de Lola Shanks. Ela devia estar de saco cheio disso. Se eu dissesse a ela que a amava, ela faria uma cara de dor e explicaria que gostava muito de mim e que eu era sensacional, mas que a nossa relação era profissional. Então nossas sessões seriam constrangedoras. Eu devia ter pensado nisso antes.

— O que foi? — perguntou Lola.

Eu olhava fixo para ela.

— Nada. — Peguei meu sanduíche.

— Não consigo acreditar que você come ovos — disse ela. — São praticamente fetos.

A ENFERMEIRA KATIE ENTROU correndo no meu quarto. Parecia muito feliz.

— Boas notícias. Você está indo para casa.

Deixei meu celular de lado.

— O quê?

— Você acabou de ter alta.

— O quê?

— Ai, ai — disse Katie. — Quer que eu o ajude a se vestir? Ou prefere fazer isso sozinho?

— Eu não... Por que estou recebendo alta?

— Acho que é porque você está pronto para isso.

A enfermeira Katie estava feliz. Tinha bochechas iguais a maçãs.

— Não acho que eu esteja pronto.

— Bem — disse Katie, curvando-se para pegar uma camisa de pijama —, essa não é a opinião médica.

Eu não entendia como isso havia acontecido. Ninguém tinha me avisado. Eu não fora consultado. Parecia uma expulsão.

— Sua empresa providenciou um carro. Está lá na entrada. Então vamos! Quer ajuda com as suas roupas?

Olhei o quarto ao redor. Eu não queria ir embora. Tudo de que eu precisava estava ali.

— Será que eu não devia conversar com meus médicos antes?

— Ah, acho que você não precisa mais de médicos. — A enfermeira Katie jogou uma sacola do hospital em cima da cama. — Você precisa sair para o mundo e começar a curtir a vida de novo.

— Mas...

— Já está tudo pronto — disse ela. — Vamos logo.

* * *

A ENFERMEIRA KATIE ME LEVOU de cadeira de rodas até a calçada. Isso era meio ridículo porque eu estava com a prótese, mas eram as regras. Uma van branca com a logomarca da Futuro Melhor me aguardava. Eu não sabia por que eles haviam escolhido uma van até Katie me ajudar a sentar no banco do carona e guardar a cadeira de rodas nos assentos traseiros. A cadeira iria comigo.

— Boa sorte! — gritou Katie. Ela acenou pela janela.

— Para onde? — perguntou o motorista.

De volta ao hospital, pensei. Mas essa não era uma opção.

— Para casa, eu acho — falei.

DECIDI BATER UMA PUNHETA. Eu não estava com tesão. Só não tinha mais nada para fazer. Eu já estava em casa havia uma semana e não aguentava mais o Netflix. Sentei-me à minha escrivaninha e comecei a ver pornografia na internet. Fiquei olhando uma garota ruiva de lábios vermelhos e imaginando como seria conversar com ela. Botei meu pênis para fora da calça do pijama. Parecia um macarrão que passou do ponto. Pensei: *Parece até um coto*, e esse foi um pensamento terrível, horroroso. Comecei a murchar.

Fiquei me perguntando se deveria procurar pornografia de amputados, quer dizer, pornografia para amputados, então percebi que não era isso que eu encontraria. Procurei assim mesmo. Encontrei uma linda mulher com um braço só e outra cujas pernas terminavam no joelho e achei as duas muito gostosas e até meio inspiradoras, mas não quis me masturbar com elas. Lembrei-me de um estudo sobre chimpanzés machos segundo o qual chimpanzés de extratos sociais mais baixos exibiam um desejo sexual gravemente reduzido. Desliguei o computador. Eu me sentia só.

* * *

ACORDEI COM UMA CÂIMBRA terrível no pé. Não no que eu tinha. No outro. Fiquei tateando no escuro, fazendo caretas de dor e agarrando lençóis vazios. Sentei-me ereto, liguei a lâmpada da mesinha de cabeceira e afastei os lençóis. “Viu? Não tem nada aí.” Eu falava com meu cérebro. “Nada que possa doer.” Curvei-me para a frente e fingi massagear o lugar onde os dedos do meu pé estariam. Como cientista, não me orgulho disso. Mas parecia ajudar. Engoli uns remédios e continuei massageando. Eu tomava mais do que os médicos haviam recomendado. Mas era um problema temporário. Logo o meu cérebro iria descobrir que não devia estar sentindo dor no membro fantasma, porque eu era um cara muito esperto.

* * *

EU ESTAVA NO SOFÁ mexendo no celular quando ele tocou. Não sabia que diabos era aquilo. Estava lendo um artigo quando de repente a tela inteira mudou e ele fez um ruído que eu nunca tinha ouvido antes. Pensei: *Pop-up de propaganda?* Vi: IGNORAR, RECUSAR, ATENDER. Movi o polegar para o botão de ATENDER. Eu me senti estranho, como se estivesse tentando usar a TV como micro-ondas.

— Alô?

— Dr. Neumann. — Uma mulher. Não era Lola. Havia muito fervor no *Dr. Neumann*, como se ela tivesse prazer em dizer meu nome. Aquele mês estava repleto de experiências novas. — Aqui é Cassandra Cautery. Da empresa. Como vai?

— Alô — repeti. Eu não me saía muito bem ao telefone, obviamente.

— Eu só queria entrar em contato para saber como estão as coisas.

Houve uma pausa, durante a qual percebi que aquilo era uma pergunta.

— Tudo bem.

— Ótimo! — Cassandra Cautery era bem gostosa, eu me lembrei. Eu estava conversando com uma mulher gostosa naquele exato momento. — Imaginei. Li os relatórios do hospital, e eram incríveis. Fiquei extremamente satisfeita. Você sabe quanto nos preocupamos com você.

— Ok.

— Queria discutir uma ideia com você. A ideia de voltar ao trabalho. — Ela fez uma pausa. — Isso pode acontecer totalmente dentro do seu cronograma pessoal. Queremos fazer de um jeito que funcione para você. Mas... não sei se você sabe: existem evidências de que retornar ao trabalho é extremamente benéfico. Para você, quero dizer. Você volta a se engajar, a se ocupar, não fica só sentado em casa. Não que esse seja seu caso! — Ela riu.

Minha mesa de centro tinha quatro caixas de cereal pela metade e meia dúzia de embalagens de biscoitos. Na estante estava uma caixa de leite azedo que eu vinha querendo jogar fora havia dois dias, mas só me lembrava de fazer isso depois de sentar. Eu recebera um e-mail do meu provedor de internet informando que, embora eu tivesse um plano de download ilimitado, existiam parâmetros de uso razoáveis e que seria ótimo se eu tentasse permanecer dentro deles.

Cassandra prosseguiu:

— Sei como os engenheiros são. Nunca estão felizes a menos que estejam construindo alguma coisa. Então... tem alguma ideia de quando gostaria de voltar ao trabalho?

— Hum — falei. — Amanhã.

— Amanhã? Quero dizer... claro. Amanhã, então. — Eu podia ouvir Cassandra mexendo em papéis. — Maravilha. Vou mandar um carro. Uma van.

— Um carro é suficiente. Eu tenho uma perna.

— Há... é claro que tem. É ótimo que você esteja sendo tão proativo com isso. De verdade. Seria ótimo se pudéssemos mostrar que você consegue voltar às suas atividades integrais com relativa rapidez. Isso reduz qualquer possível confusão quanto à questão jurídica. Entende?

— Não.

Ela riu. Mas eu não estava brincando.

— Então quer dizer que você quer voltar correndo... digo, voltar amanhã mesmo. Que tal às 8h?

— Está bem.

Tirei o telefone da orelha e apertei ENCERRAR. A tela se apagou e voltou à página inicial. Eu tinha um compromisso. Inseri isso na agenda do celular, depois fui ver o registro de chamadas. Lá estava. Uma ligação recebida. Havia durado 3 minutos e 42 segundos. Fiquei olhando um tempo para aquilo, porque era algo bastante notável.

* * *

TOMEI UM BANHO, MAS não demorei muito porque eu não tinha uma cadeira igual à do hospital, onde eu podia sentar e sentir a água escorrer pela minha bunda. Eu precisava comprar uma daquelas. Agarrei a porta do chuveiro e fui pulando até minha toalha. Eu podia ter tomado banho com a Exegesis — era à prova d'água —, mas aí eu não poderia lavar o coto. Se havia um lugar que eu precisava lavar, era o coto.

Sequei-me sentado na tampa da privada, calcei a meia e encaixei a perna. Eu não havia usado muito a prótese desde que voltara para casa. Lola Shanks teria ficado decepcionada. Quando me levantei, o soquete de plástico me apertou e eu pensei: “É isso, é por isso que eu não gosto dela.” Mas fui andando desajeitado até

o quarto e abri o armário. Quando terminei de me vestir, voltei ao banheiro e me olhei no espelho. Eu estava me apoiando na minha perna biológica. Endireitei a postura. A Exegesis não parecia tão boa despontando na parte de baixo da calça social. Parecia uma língua bifurcada. Como se eu tivesse pisado em alguma coisa e ela estivesse grudada em mim. Fiquei nervoso. No hospital, muita gente tinha problemas.

Fui para a sala e me sentei no sofá. Meu telefone tocou. O motorista. Fiquei sentado ali e não atendi. Parou de tocar. Depois tocou de novo. Desta vez apertei ATENDER.

— Alô — falei. — Estou pronto.

* * *

ERA UM SEDÃ PRETO. O motorista era gordo, usava um quepe e tinha uma barbinha. Ele abriu a porta de trás e me disse que era uma linda manhã. Quando estávamos a caminho, ele falou:

— É um pé bem legal esse que você tem aí.

Levantei os olhos do celular. Ele estava me olhando pelo espelho.

— É uma Exegesis.

— É mesmo? E o que isso faz?

— Converte energia cinética em movimento. — Eu estava descrevendo o ato de andar.

O motorista deu um assovio.

— Legal — disse ele. — Legal.

* * *

PARAMOS NO CAMINHO EM arco em frente às portas do saguão principal. O motorista saiu rapidamente para abrir a porta do carro para mim. Antes que eu enfiasse o telefone no bolso da calça, ele me ofereceu a mão. Aceitei; ele me ajudou a levantar. O dia estava muito claro, e estreitei os olhos. Duas pessoas vieram na minha direção: Cassandra Cautery e um homem alto e sorridente que não reconheci.

— Lá está ele — disse o homem. — É ótimo tê-lo de volta.

O crachá dele dizia: D. Peters. Acho que era meu chefe de departamento. Não o reconheci porque ele era gerente sênior, e gerentes seniores não iam aos laboratórios. D. Peters estendeu a mão, e eu a apertei. Foi estranho, como se eu o conhecesse naquele momento.

— Estamos muito satisfeitos — acrescentou Cassandra Cautery. Ela também estava sorridente.

— Está tudo ajustado para você. — Começamos a andar na direção das portas de vidro. Eu me sentia um pouco estranho, e meus dedos-esqui arrastavam. — É incrível — disse D. Peters. — Como é que, hã, se chama isso?

— É uma Exegesis Archion.

— E qual é a ideia? Do design?

— Ele não desperdiça muita energia cinética.

Ele fez que sim com a cabeça.

— Humm. Inteligente.

As portas de vidro se abriram. Entramos no friozinho regulado da Futuro Melhor. O saguão tinha o teto muito alto, até mesmo para nós, e estava ligado ao pátio interno por uma parede de vidro. Havia pássaros lá. Eles passavam a vida inteira dentro da empresa. Duas pessoas de jaleco branco que transitavam por ali olharam de relance para meu pé com interesse profissional. Era difícil caminhar por causa do constrangimento.

— Vou deixar você voltar ao trabalho — disse D. Peters. — Mas, se eu puder fazer alguma coisa por você, qualquer coisa mesmo, é só me ligar.

— Tudo bem.

— Grande rapaz.

Por um segundo pensei que ele fosse me dar um soquinho no braço. Mas não. Ele se afastou apressado para fazer o que quer que os gerentes fizessem. Reuniões, acho. Telefonemas. Era difícil para nós, da parte técnica, compreender por que a empresa precisava de tantos gerentes. Engenheiros construía coisas. Vendedores vendiam coisas. Até o pessoal de Recursos Humanos eu podia entender, mais ou menos. Mas gerentes proliferavam, apesar de desempenharem pouquíssimas funções identificáveis.

Cassandra Cautery passou o cartão para entrar no Prédio A. Fui atrás dela.

— Você consegue mesmo se locomover com isso aí — disse ela.

Fiz que sim. Ficamos em silêncio por um tempo. Quando chegamos aos elevadores, algumas pessoas se juntaram a nós, mas ninguém falou nada. Eu não sabia dizer se elas estavam pouco à vontade com minha perna ou se não ligavam. Cassandra Cautery inspecionou alguma coisa na manga. O elevador chegou, e entramos. Um homem fez menção de entrar também, mas Cassandra Cautery disse:

— Você se importaria muito de pegar o próximo? Obrigada.

As portas se fecharam. O elevador zumbiu. Cassandra Cautery falou:

— Eu tenho diastema. — Seu rosto estava levemente ruborizado. — É uma falha entre os dentes. — Ela enfiou o dedo na boca e puxou os lábios para expor a arcada dentária. Entre os caninos e os molares havia um espaço, de quase 1 centímetro. Ela soltou os lábios. — Fui a cinco especialistas diferentes, mas todos disseram a mesma coisa. É inoperável. Tem um feixe de nervos no local, e, por causa da posição em que estão, se os dentes forem movidos, há o risco de dano permanente. Paralisia facial. — Ela piscou três vezes. — Foi difícil lidar com isso. Crescer assim. Eu fazia dieta. Nadava, corria e praticava pilates. As garotas do meu grupo social no ensino médio, bem, você provavelmente não vai entender, mas elas eram cruéis. Em relação à aparência. Eu disse aos meus pais que queria operar assim mesmo. Não me importaria se eu ficasse com paralisia facial. Eles disseram que não. Brigamos durante meses.

As portas do elevador se abriram. Cassandra Cautery olhou para fora. O corredor estava vazio. Eu não me sentia à vontade.

— Mas sabe de uma coisa? Estou feliz por ter isso. Eu me sinto orgulhosa. Orgulhosa não. Grata. Pela lição. Não dá para ser perfeito, por mais que se tente. Essa é a questão. Estamos sempre tentando nos aprimorar. Continuamos nos superando nas áreas que podemos controlar. Mas, quando temos que enfrentar algo como um diastema, só nos resta aceitar. Só nos resta respirar fundo e dizer: “Isto é quem eu sou.”

Silêncio.

— Ok — falei.

— Nunca contei a ninguém sobre isso. Gostaria que você guardasse segredo.

— Tudo bem.

Ela sorriu.

— Só quero que você saiba que não está sozinho.

* * *

CASSANDRA CAUTERY ME ESCOLTOU até a Sala de Vidro. Lá dentro, meus assistentes de laboratório, Jason e Elaine, estavam a suas mesas. Eu podia ver Katherine no Lab 2, fazendo alguma coisa com ratos. Katherine vivia mexendo com eles. Ela construía casinhas e rampas para eles, com fibra laminada vegetal. Havia também uma espécie de balanço. Fazia algum tempo que eu queria chamá-la em particular para lhe dizer que ela iria lamentar esse tipo de coisa quando chegasse a hora dos ensaios destrutivos.

Os olhos de Jason e Elaine me acompanharam pelo chão. Parei na minha cadeira. Elaine disse:

— Bem-vindo de volta, Dr. Neumann.

— Obrigado.

Elaine olhou para Jason. Jason não disse nada. Elaine continuou:

— Ficamos felizes em ver que o senhor está bem.

Liguei meu computador. Aquele negócio levava uma eternidade para inicializar. Enfiei a mão no bolso da calça, procurando meu celular.

— Fizemos aconselhamento psicológico.

Olhei para ela.

— Por quê?

— Para lidar com isso. O acidente. Foi bem horrível. Um terror. Tenho pesadelos. — Ela hesitou. A testa de Elaine era um desfile de acne. Ela possuía uma pele difícil. Tinha uma franja longa, mas ainda dava para ver. — Foi bom. O aconselhamento. Eles nos incentivaram a falar sobre o assunto. Disseram que deveríamos compartilhar nossos sentimentos com o senhor se o senhor concordasse.

Olhei para Jason. Ele estava muito rígido, o rosto bem sério. Sua cabeça se moveu para a esquerda, para direita, para esquerda, bem levemente. Gostei da atitude de Jason. Se todos fossem como ele, poderíamos simplesmente seguir em frente e fingir que nada aconteceu.

Elaine falou:

— Então eu não sei se... se o senhor fica à vontade. Em falar sobre isso. Se não...

— Eu não quero falar sobre isso.

— Ah. Tudo bem. Sem problema.

Elaine se virou de costas. Curvou os ombros. Acho que eu havia lhe dado pesadelos. Mas eu não era responsável pelo seu cérebro. Eu não controlava o que ela pensava. Ela era um ser humano. Deveria controlar o que se passava em sua cabeça.

— Bem-vindo de volta, Dr. Neumann — disse Jason.

Ele havia relaxado visivelmente. Virou-se de volta para sua mesa e começamos a trabalhar.

* * *

SAÍ DA SALA DE Vidro para almoçar. Os corredores estavam cheios, e meu pé-esqui chamava muita atenção. As pessoas o encaravam sem vergonha alguma. Aquilo ali era uma empresa de engenheiros: eles estavam interessados em saber como as coisas funcionavam. Continuei andando, mas, quando cheguei ao refeitório do Prédio A, havia uma fila. O homem à minha frente se virou e viu minha prótese.

— Ei. Você é aquele cara?

— Que... — falei. — Sim.

— Você decepcionou sua perna? — Ele se abaixou e olhou para a prótese. — No laboratório?

— Esmaguei.

— Se importa se eu tocar?

— Hã... — Mais duas pessoas na fila se viraram. Um sujeito barbudo se levantou de sua mesa e veio na minha direção, trazendo assistentes de laboratório.

— Tudo bem.

— Formato interessante — disse uma mulher atrás de mim.

— Permita-me subir a perna da calça aqui. — O homem olhou para cima. — Pode ser? Não estou conseguindo ver.

— Eu faço isso.

Puxei a perna da calça. Ouvi murmúrios de apreciação. Fiquei ruborizado.

— Olhem o joelho — disse o barbudo.

— Está se movendo com o pistão aqui — disse o homem, agora de quatro, observando. — Isso faz o quê? Caminhar fica mais confortável?

— E a perna dele encaixa naquela parte plástica.

— O soquete.

— E o que a segura no lugar?

— Pano — falei. — Apenas tiras de pano.

Silêncio. O sujeito de camisa azul ficou observando por alguns momentos, mas não viu mais nada que chamasse sua atenção.

— É, isso é mesmo incrível.

— Maravilhoso — disse o barbudo. — É simplesmente fantástico o que eles estão fazendo.

— Muito inteligente — disse a mulher.

Os crachás daquelas pessoas diziam DESENVOLVIMENTO AERONÁUTICO, REENGENHARIA MOLECULAR e BIOMATERIAIS. Para o cientista mediano, *burrice* era não levar em conta as mudanças comportamentais exibidas pela magneto-hidrodinâmica quando acelerada a velocidades supersônicas. Era não se sentir à vontade com número de Gödel. Alguns meses antes eu havia assistido a uma apresentação sobre géis vivos, e, quando um homem na plateia disse que algo era *inteligente*, ele se referia a um processo para enganar células vivas e levá-las a se fundir com moléculas de carbono pela primeira vez na história. E ele disse isso de má vontade. Não usamos a palavra *inteligente* de modo leviano. Não a usamos para nos referir a uma articulação.

— Muito bacana. — Alguém me deu uma palmadinha de leve no ombro. — Muito bacana.

Desci a perna da calça, envergonhado.

* * *

LEVEI MEU ALMOÇO PARA o banheiro e me tranquei em uma cabine. Enquanto desembrulhava meu sanduíche da embalagem de plástico, lembrei-me do que Lola Shanks dissera: que as coisas seriam difíceis e que isso faria de mim uma pessoa melhor. Ela dissera que a questão era *como se reage ao desafio*. Que bom que ela não estava ali para ver aquilo.

* * *

RECEBI UM E-MAIL DE Cassandra Cautery me informando que eu teria um carro à minha disposição que me levaria para casa sempre que quisesse. Bastava ligar para um número. Gravei-o no celular e continuei trabalhando. Depois que todos foram embora, peguei o elevador até o Centro Audiovisual, onde havia máquinas com barrinhas de cereal, frutas e refrigerantes do lado de fora de salas de apresentação às escuras. Era tudo de graça, para que os engenheiros não ficassem vagando por ali tentando encontrar as mais eficazes fontes de calorias por dólar. Escolhi algumas barrinhas e maçãs e retornei à Sala de Vidro. Eu não tinha nada para fazer. A maior parte do meu trabalho havia sido redistribuída enquanto eu estava fora, e o que sobrara não tinha prazo. Comi meu lanche e brinquei com alguns programas, mas não estava inspirado. Li um artigo sensacionalista sobre o futuro dos sistemas operacionais embutidos. Por volta das 22h, peguei meu telefone. O motorista disse que estaria lá em dez minutos. Esperei cinco, vesti o paletó e deixei a Sala de Vidro. Quando cheguei ao térreo, as luzes do corredor brilhavam em um tom amarelo fraco e o saguão estava vazio. Meus passos ecoavam, um raspar suave do meu sapato acompanhado por um arranhar de polímero de carbono, como uma espécie de máquina em funcionamento.

* * *

DESCOBRI QUE O PRÉDIO A possuía dormitórios. Eram quartos pequenos e sem graça, nos quais mal cabia uma cama, mas qualquer um podia usá-los. Se alguém precisasse aguardar duas horas para o término de um processo de catálise, podia descansar um pouco. Também havia chuveiros e uma cozinha aberta 24 horas. Eu meio que esperava encontrá-la povoada por uma comunidade de cientistas brincalhões e barulhentos, como sobreviventes de um naufrágio refugiados em uma ilha, mas estava vazia. Liguei para o motorista e perguntei se ele poderia buscar algumas coisas na minha casa. Naquela noite preparei uma refeição com camarão no micro-ondas e dormi em um dos beliches. Quando acordei, tomei um banho e peguei o elevador de volta, e durante todo esse tempo não vi mais ninguém. Queria ter pensado nisso antes.

* * *

SENTAR TORNOU-SE ALGO IRRITANTE. Digo o ato de me sentar, não de ficar sentado. A Exegesis era boa para movimentos, mas não me ajudava em nada na hora de me abaixar para me sentar. Tudo por conta da minha perna biológica, que era fina e fraca e reclamava do esforço. No hospital, quando eu estava fazendo fisioterapia, ela havia encorpado um pouco, mas desde então encolhera e voltara ao tamanho normal. Então agora eu acelerava na hora de sentar nas cadeiras, fazendo um *uuuf* no momento do impacto. Não era um grande problema. Mas não era o ideal.

Quando os assistentes foram embora, removi a perna mecânica, afixei-a em uma bancada e dei um jeito de iluminá-la bem. Estudei o joelho. Então o desmontei. Por volta da meia-noite eu havia construído um regulador de velocidade. Parecia uma lata de pêssego em calda afixada sob o joelho. Quando eu acionava uma pequena chave de metal na lateral, ele limitava a velocidade de flexão do joelho. Coloquei a perna de volta e tentei me sentar. Funcionou. Eu podia me abaixar e me sentar em uma cadeira a uma velocidade normal sem esforço. Mas eu não estava satisfeito. Agora que eu havia parado para pensar, era uma coisa muito primitiva ter que acionar uma chave. O joelho devia saber quando funcionar.

Às 3 da manhã desisti da ideia do regulador de velocidade e conectei o microprocessador do joelho a um computador, de forma que eu pudesse decifrar seu código. Minha intenção era modificar aquilo e inserir novas instruções. Esse processo levou oito horas. Nesse meio-tempo, Jason e Katherine chegaram e perguntaram pelo alto-falante se eu precisava de ajuda. Mandei que fossem buscar biscoitos para mim. Finalmente, fiz um upload do novo código para o chip e o acionei. O condensador soltou um estalo e morreu.

Fiquei olhando para ele. Eu precisava dormir. Com a cabeça mais descansada, poderia pensar em uma solução melhor. Puxei a perna, sentindo cheiro de suor seco, e saí mancando. Sem um microprocessador funcional, a perna oscilava como um portão de jardim. O pé-esqui voava na minha frente. Fui até os elevadores apoiando uma das mãos na parede. Quando cheguei ao dormitório, removi as tiras de pano e joguei aquele troço no chão.

* * *

EU QUERIA PEDIR A Elaine que fosse buscar para mim uma bateria de cádmio, mas ela havia desaparecido.

— Viu Elaine? — perguntei a Jason.

Ele virou para me encarar. Seus óculos refletiram a luz halógena da minha bancada.

— Eu pensei... — Ele olhou para a mesa de Elaine. Estava bem limpa. — O senhor não recebeu um e-mail?

Virei-me para meu teclado. Eu tinha um monte de e-mails. Lia poucos. Olhava para os *previews* de quarenta caracteres, e quando eles começavam com “Boas Festas de todos aqui na...” ou “Estão abertas as inscrições para os seminários sobre...”, ficava óbvio que eram apenas ruído. E-mails que eu precisava ler começavam com “Não viu isso? Você precisa...” ou “Seu departamento mais uma vez deixou de...” ou algo do gênero. Vi o resto da minha caixa de entrada. Precisei peneirar um monte de informações inúteis sobre permissões para estacionar e sobre por que os aparelhos de ar-condicionado seriam desligados das 16h às 17h, mas então encontrei. Era do RH; Elaine havia sido transferida. O e-mail não dizia por quê. Só dizia que *acharam melhor*.

— Ah — falei.

* * *

NAQUELA NOITE, A BATERIA de cádmio fritou o microprocessador. Eu sabia que havia a possibilidade de isso acontecer, mas ainda assim era decepcionante. Fiquei sentado à minha bancada olhando o fio fino de fumaça que saía do joelho de plástico. Dava para consertar. Eu podia substituir o chip. Mas aí eu ficaria limitado pelos transistores. Toda vez que eu atualizava alguma coisa, algo novo se tornava um obstáculo.

Afastei-me da bancada. Era tarde. Meu problema era que eu estava comendo pelas beiradas. Tentando aprimorá-la além da capacidade de seu projeto fundamental. Eu estava pensando como todo mundo: que o objetivo de uma prótese era imitar a biologia.

Fechei os olhos. Eu me sentia quente. Abri os olhos, encontrei um bloco e uma caneta e comecei a escrever. Fiz uns esboços. Enchi quatro páginas, e então tirei a perna da mesa e coloquei-a no chão para me dar mais espaço. Eu estava

indo em uma direção totalmente errada. Biologia não era o ideal. Se pararmos para pensar, pernas biológicas não podem fazer nada a não ser transmitir uma pequena massa de A a B, contanto que A e B não estejam muito distantes e a pessoa não esteja com pressa. Isso não era sensacional. A única razão pela qual isso sequer era digno de nota era que as pernas faziam isso usando materiais brutos que elas próprias criavam. Se você estivesse projetando alguma coisa dentro dessa limitação, então tudo bem, bom trabalho. Mas, se não, eu tinha a impressão de que era possível agregar muitos outros recursos.

* * *

TRÊS SEMANAS DEPOIS, LIGUEI para o hospital. Estava muito empolgado. Eu adiará esse momento, esperei até ficar mais calmo, mas não aconteceu, então finalmente liguei. Fechei a porta do meu quarto no dormitório e fiquei de frente para a parede, para que nada pudesse me distrair.

— Lola Shanks, especialista em próteses.

— Oi, aqui é Charles Neumann. Estive aí há algumas...

— Charlie! Por onde você andou?

Eu devia ir ao hospital para sessões de acompanhamento. Eram obrigatórias, mas não havia penalidades em caso de falta.

— Andei ocupado. Podemos nos encontrar?

— Sim! Seria ótimo! Espero que você esteja em dia com a sua fisioterapia. Se não estiver, vai ouvir muito. Quando você pode vir?

— Você pode vir aqui? — Eu batia no chão com meus dedos-esqui: *tic tic tic*. Obriguei-me a parar. — Tenho uma coisa para lhe mostrar. Quero sua opinião profissional.

— Hum. Tudo bem. Por que não? Onde você está?

* * *

PARA ENCONTRAR LOLA SHANKS, eu precisava ir até o saguão. Eu não ia à superfície desde que descobrira os dormitórios. Mas ela precisava de autorização para entrar. Então peguei o elevador e percorri os corredores. Isso foi mais difícil do que parece, porque eu usava a Exegesis e não cheguei a consertar o joelho. Ele

tendia a se afastar de mim. Fiquei perto das paredes. Mas passei mancando por engenheiros experientes sem ouvir uma única pergunta. Isso me intrigou até eu perceber que havia me tornado patético.

Cheguei ao saguão e caí em um sofá preto. Peguei o celular e a toda hora levantava a cabeça para ver se ela estava chegando. Eu tinha me adiantado. Inclinei-me para a frente e dei uma espiada em um modelo em escala de uma plataforma móvel de armas dentro de uma caixa de vidro sobre a mesinha de centro. Na plaquinha lia-se PACIFICADORA CIVIL VO. 5-III. Era basicamente uma caravana com armas. Eu fora a uma apresentação sobre ela: a ideia era rebocá-la até algum lugar tipo uma cidade recém-capturada e deixá-la por lá, pacificando.

— Ei!

Dei um pulo. Lola Shanks vinha na minha direção, vestindo uma camisa polo branca, calças brancas e tênis brancos. Seus cabelos estavam puxados para trás, e uma tiara branca e fina mantinha o penteado. O primeiro pensamento que me ocorreu foi de que Lola tinha ido até ali direto da ginástica ou talvez de alguma espécie de evento religioso, mas acho que se tratava de um estilo de moda extremamente uniforme. Ela estendeu os braços. Levantei-me do sofá, o que exigia certo embalo. Meu pé-esqui desregulado voou para a frente. Lola segurou minhas mãos.

— Epa! O que houve com a prótese? Isso não deveria acontecer. — Antes que eu pudesse explicar, ela subiu a perna da minha calça. — O que é isso? — Ela batucou na latinha.

— Eu a modifiquei.

— Você o quê? — A essa altura ela havia chegado ao joelho. O que havia restado dele. Era um receptáculo vazio semiderretido. — Cadê o joelho?

— Quebrei. — Eu me senti desconfortável. Havia gente olhando. Lola se levantou, seus olhos castanhos fitando os meus, alternadamente. — Não cheguei a me despedir de você no hospital.

— Não era para haver uma despedida. Você deveria voltar para as sessões.

— Ah.

— Por que quebrou o joelho?

— Eu estava tentando aprimorá-lo. Mas aí tive a ideia de construir algo novo.

— Um joelho novo?

— Uma perna nova.

— Você... O quê?

— Eu construí uma prótese. Bem. Ainda estou fazendo uns ajustes. Pode ficar melhor.

— Você construiu uma perna?

— Vou lhe mostrar.

— Sim — disse ela. — Por favor.

* * *

LOLA FOI ESCOLTADA POR um segurança até uma sala de entrevista, e eu voltei ao sofá. Enquanto ela respondia a perguntas sobre todas as pessoas que já conhecera na vida, todos os lugares onde havia estado e seu perfil no Facebook, folheei as páginas lustrosas do livreto de propaganda da empresa, *De olho no futuro*. Aparentemente estávamos vacinando crianças na Nigéria. Lola demorou tanto que fui procurar por ela, e me informaram que ela estava no multiscanner. Era uma espécie de detector de metal, só que adaptado para uma definição avançada de metal. Fiquei surpreso porque essa deveria ter sido a parte mais rápida do processo. Era só ficar de pé ali.

Finalmente Lola surgiu, abotoando o botão de cima da camisa.

— Fizeram um teste de DNA em mim — disse ela. — Passaram um cotonete na minha boca.

O segurança entregou a Lola um crachá.

— Por favor, use isto o tempo todo. Se perder, não poderá sair.

Ela olhou para mim, achando graça, e balancei a cabeça para dizer que não, que era sério. Ela prendeu o crachá na camisa polo.

— Houve algum problema?

— Ah. Não. É só que não me dou bem com detectores de metal. — Ela ajustou os óculos. — Esqueça. Mostre sua perna.

* * *

— UM DOS PROBLEMAS COM pernas biológicas — dizia eu no elevador — é que elas não podem sobreviver sozinhas. Não são modulares. Isso cria pontos isolados

de falha e questões de dependência. Tudo isso desaparece se você tornar a perna autossuficiente.

Lola levantou a cabeça do seu crachá de acesso, no qual ela mexia distraidamente.

— Autossuficiente?

— Tipo, trabalha sozinha. Não precisa de um corpo quente como combustível.

— A Exegesis não precisa de combustível.

— Precisa, sim. Veja, estou dando energia cinética a ela neste exato instante.

— Ah. Entendi.

— Sem mim, ela fica simplesmente *parada* ali. — Olhei para ela. — Quer dizer, é melhor do que nada.

— Essa perna é muito boa, Charlie.

— Para o que é...

— Vá a um hospital público. Veja o que fazem as crianças usarem por lá. — Seus olhos estavam marejados.

— Hum — falei.

— Varetas — disse Lola. — Baldes presos a varetas.

— A Exegesis também é um balde preso a uma vareta. É aí que eu quero chegar. É um design péssimo. Por que ninguém construiu uma prótese que possa andar sozinha? É isso o que eu quero saber.

— Uma o quê?

— É óbvio. — Fiz um gesto com a mão livre. — É só colocar um motor na perna.

Lola parou de andar.

— Você *colocou* um motor em uma perna?

— Sim. Não. *Um* motor não. Vários. São necessários múltiplos motores para fazer uma articulação redundante dos dedos. — Eu estava nervoso. Não havia mostrado a perna a ninguém. Não completa. Eu havia escondido até mesmo dos meus assistentes de laboratório. — É experimental. Ainda preciso fazer muita coisa. Mas quero sua opinião. Como profissional.

Lola me analisou. Então olhou ao redor.

— Onde está?

Levei-a ao Lab 4. Era improvável que déssemos de cara com meus assistentes; naqueles dias, Katherine passava a maior parte do tempo com os ratos, e Jason vivia grudado ao seu terminal na Sala de Vidro. Se pudesse, ele provavelmente ficaria ali para sempre. Tínhamos muito em comum.

— A que profundidade estamos? — Lola olhava para os contrafortes de aço nas paredes.

— Uns 18 metros. — Passei meu cartão no leitor da porta. Ela se abriu com um clique. — Você precisa passar o seu cartão aqui também.

— Por que estamos a 18 metros de profundidade?

— Para o caso de algo dar errado.

Ela me acompanhou até o Lab 4. A perna estava coberta por um lençol branco, em cima de um tapete isolante. Estava cercada por bancadas e lâmpadas. O lençol era porque eu não queria que ninguém a visse da Sala de Vidro e ficasse dando sugestões.

Lola olhou para mim. Assenti com a cabeça, e ela se aproximou. Olhei para cima: nem sinal de Jason. Ótimo. Lola tocou o lençol.

— Posso...?

Puxei o lençol. Lola respirou fundo. Olhei para o rosto dela para ver se era um respirar fundo bom ou ruim. Era difícil dizer. Como devia parecer a perna para alguém que nunca a vira antes? Acho que meio aracnoide. A parte de cima era uma grade preta de aço. De dentro dela saíam dois pistões de prata, que se encaixavam em um pé de oito dedos largos. Eu estava muito orgulhoso da minha prótese, mas de repente ela me pareceu bem esquisita.

Lola deu a volta ao redor da perna três vezes. Parou perto do Grampo. Ele ainda estava lá. Ninguém aposentava máquinas daquele calibre só porque algum idiota conseguiu perder um membro ao utilizá-la.

— Você construiu isso?

— Sim.

— Como... Como você construiu isso?

— Você sabe. — Dei de ombros. — Um pouco de cada vez.

— Parece pesada.

— Tem cerca de 90 quilos. — Apontei para marcas fundas no chão. — Aquilo ali é culpa dela.

— Como você a levanta?

— Não levanto. Ela anda sozinha.

Lola olhou para mim.

— Não é o ideal. Ela precisa permanecer em contato com o chão. Mas consegue subir escadas. Aqueles dedos conseguem chegar a 25 centímetros de extensão. E não dá para ver, mas na parte de baixo existem duas rodas orbitais em um eixo multidimensional que se desloca. Ela se alterna entre dedos e rodas, dependendo do terreno.

Lola rodeou a perna.

— O que é isto? — Ela acenou para uma série de caixas de alumínio preto soldadas perto do soquete.

— A caixa do processador. Não estou muito satisfeito com esse posicionamento.

— Para que serve?

— Controle de sistemas. Armazenamento de dados, GPS, wi-fi etc.

— Sua perna tem wi-fi?

— Tem que ter. Senão ela não poderia fazer uma interface com a API on-line de localização de caminhos.

Lola ergueu as sobrancelhas.

— Não devíamos precisar dizer à nossa perna onde pisar. Devíamos dizer a ela aonde queremos ir e deixá-la descobrir como chegar lá. Isso é encapsulamento básico.

Lola voltou a olhar para a perna. Não acho que ela realmente entenda de encapsulamento. Ela se ajoelhou ao lado da prótese e passou os dedos pelo metal.

— Vou colocá-la.

Puxei uma cadeira e comecei a desamarrar a Exegesis. Ela caiu no chão com um barulho metálico, e acionei a trava que fazia a perna nova ficar em uma posição dobrada. Os pistões hidráulicos sibilaram. Posicionei meu coto contra o soquete e o deslizei para dentro. Nada de especial. Era apenas um lugar onde encaixar a coxa.

— Não há tiras de pano?

Fiz que não com a cabeça.

— Eu basicamente me apoio nela. — Eu me firmei, depois fiquei de pé sobre a perna. — Pronta?

Ela fez que sim. Apertei o botão de ligar. Os servomagnetos entraram em funcionamento quase em silêncio. Havia uma fileira de botões toscos para funções simples, e apertei um deles para um curto percurso para a frente. A perna se flexionou em três lugares e deslizou adiante. Apoiando-me na prótese, dei um passo equivalente com minha perna biológica. Essa foi a parte mais desajeitada de todo o procedimento. Eu não estava satisfeito com isso. Lola ficou calada o tempo todo.

Pigarreei.

— O que acha?

— Ah, Charlie. É linda. É simplesmente linda.

— Puxa — falei. — Puxa. Obrigado.

* * *

DEPOIS DE ESCOLTAR LOLA de volta à superfície, retornei ao Lab 4 e me sentei no chão ao lado da perna. Eu havia imaginado que Lola pudesse gostar da minha perna, mas não havia como saber. A reação dela excedeu todas as minhas expectativas.

Então fiquei deprimido. Isso era o oposto de uma reação lógica, mas o que posso fazer? Eu sempre sentia isso ao fim de um projeto. Eu ficava frenético, determinado e empolgado, e depois triste porque acabara e não havia mais nada para aprimorar. Olhei para a perna. Então me ocorreu que eu não havia contornado os meus obstáculos. Eu só os havia empurrado para trás. Eu havia feito uma perna que podia andar sozinha, o que era bom, mas agora eu via que não dava para ficar melhor do que isso. Todas as melhorias a partir dali seriam incrementos, porque o obstáculo era meu corpo.

Estava tarde. Meus assistentes de laboratório haviam ido embora. Olhei para minha perna, a boa. Quer dizer. Não exatamente “boa”. Aquela que eu tinha desde o nascimento. Levantei a calça e virei a perna para um lado e para outro. Era gorda, fraca e comum. Quanto mais eu olhava para ela, mais me incomodava.

* * *

DESMONTEI MINHA PRÓTESE. NÃO era a minha intenção, mas, depois que comecei, passei a ver mais coisas que eu podia melhorar. Quando a vi ali, em pedaços, entrei em pânico com o que havia feito, mas tudo bem. Eu podia reconstruí-la.

Comecei a caçar peças de laboratórios adjacentes. Mandei meus assistentes à procura de materiais difíceis de obter. Não falei para o que eram. Mas eles deviam saber. Ninguém se torna cientista se for capaz de resistir à necessidade de checar o que há debaixo de um lençol branco todo iluminado por spots em um laboratório. Parei de responder a e-mails e de executar tarefas contratadas. Não fazia a barba. Montei a prótese com uma nova configuração que aumentou sua mobilidade em cinquenta por cento, mas imediatamente vi uma solução melhor e tornei a desmontá-la. Um tempo se passou. Não sei ao certo quanto. Às vezes eu cochilava no laboratório e acordava em uma poça de baba fria. Quando me dirigia à máquina de lanches, pegava o máximo de biscoitos que meus braços conseguiam carregar e os empilhava no canto, para poder trabalhar pelo maior período de tempo possível. O pior era ir ao banheiro, que ficava no fim do corredor, perto dos elevadores. O melhor era chegar lá, porque aí eu tinha a perspectiva de seis a oito horas ininterruptas à frente, e, enquanto estava ali, recostava de olhos fechados e tinha ideias.

Recados de Lola se acumulavam na caixa postal do meu telefone. Nas noites em que eu conseguia chegar ao dormitório, eu os escutava antes de adormecer. Colocava o celular no viva-voz e era como se Lola estivesse ali no quarto. Nos recados, cada um mais ansioso que o outro, ela me pedia para que eu ligasse com urgência. Era bom me sentir procurado. Mas não liguei de volta, porque minhas pernas ainda não estavam prontas.

* * *

JASON ME ARRANJOU UM conjunto de molas de 76 centímetros. As peças da perna encontravam-se espalhadas na minha bancada de trabalho. Eu não escondia mais o que estava fazendo. Havíamos passado dessa fase.

Percebi que ele não ia embora, e levantei os óculos de proteção.

— Sim?

Os olhos de Jason observavam os componentes.

— O senhor me pediu duas molas.
— Sim. Obrigado.
— Parece... Parece que o senhor está construindo *duas* pernas.
Olhei para minhas peças. Era difícil negar.
— Eu não... — disse Jason. — Não entendo por que o senhor quer duas.
— Reserva.
— Ah. — Ele não parecia convencido. Continuou parado lá. — Há alguma coisa que eu possa fazer pelo senhor, Dr. Neumann? Qualquer coisa?
Considerarei a pergunta.
— Eu queria mais biscoitos.
Ele os pegou para mim.

* * *

TERMINEI MINHAS NOVAS PERNAS. Bem. Eu havia chegado a um ponto em que não sentia mais aquela necessidade urgente e desesperadora de mudar coisas. Tentei ficar calmo, mas por dentro eu tremia. Engolia em seco sem parar. Tinha medo de olhar para elas. Era uma bobagem. Mas tudo naquele momento parecia frágil.

Eu não podia usá-las, é claro. Eram um conjunto; eu não servia como usuário. Mas eu podia me sentar ao lado delas e desfrutar de sua presença. Era quieto ali, apenas eu e elas.

* * *

QUANDO EU TINHA 15 ANOS, quase fui morto por um homem sem camisa em um Dodge Viper. Eu estava atravessando uma rua, na volta da escola para casa, e ele passou rugindo pela esquina. Acho que esperava que eu saísse correndo do caminho, mas não saí, pois eu tinha 15 anos e achava mais importante parecer durão para estranhos do que permanecer vivo. O homem sem camisa claramente tinha a mesma filosofia, porque seu carro zigzagueou na minha direção. Percebi que eu iria morrer, ou pelo menos ficar bem ferido. Mas no último segundo — que seria tarde demais se fosse um carro com uma engenharia inferior — o Viper freou, os pneus soltando fumaça.

O motorista se inclinou para fora da janela e começou a me xingar. Foi aí que eu vi que ele estava sem camisa. Usava óculos espelhados e cordões e anéis imensos, que balançavam muito enquanto ele gesticulava. Fiquei tenso, porque pensei que ele fosse sair do veículo e me dar uma surra, mas ele só ficou apontando na minha direção, pontuando insultos que eu não conseguia ouvir acima da torrente de música em alta definição que saía de seu som.

Finalmente ele ligou o carro e saiu cantando pneus. Fiquei vendo o carro virar a esquina voando, já a uns 70 ou 80 quilômetros por hora. Continuei meu caminho. Senti-me ligeiramente ofendido por uma pessoa tão má ter um carro tão bom. Porque o carro era o auge de mil e tantos anos de progresso científico. Mas o sujeito era um babaca. Fiquei me perguntando quando isso havia acontecido; quando tínhamos começado a fazer máquinas melhores que pessoas.

* * *

MEUS ASSISTENTES CHEGARAM À Sala de Vidro carregando copos de café e falando sobre algo que pareciam achar engraçado. Quando me viram, ficaram paralisados.

— Dr. Neumann? — falou Katherine. Inferi isso a partir dos movimentos labiais dela. Eu estava do outro lado do vidro de polímero, e ela não havia acionado o interfone. Esperei que ela se desse conta disso. — Dr. Neumann... o que tem nessa seringa?

— Morfina. — Minha voz saiu abafada, porque eu estava segurando a manga da minha camisa com os dentes. Mas acho que ela entendeu. Terminei de aplicar a injeção e soltei a manga. — Para dor.

Katherine e Jason olharam um para o outro. Jason se inclinou na direção do microfone.

— Que dor seria essa, Dr. Neumann?

Fiquei decepcionado. Aqueles garotos deviam ser as mentes mais brilhantes de sua geração. E ali estava eu no Grampo com uma seringa de morfina, e eles não compreendiam.

— Acho que vai ficar óbvio.

Em uma das paredes da Sala de Vidro ficava o Grande Botão Vermelho. Se você abrisse o painel de plástico transparente e apertasse esse botão, a energia era

toda cortada. Uma placa dizia SOMENTE PARA EMERGÊNCIAS. Algum tempo atrás, alguém havia colado um aviso ao lado: NÃO APERTE!!!, porque assistentes de laboratório são curiosos. Jason olhou de relance para o botão.

— Por favor, chame o Departamento Médico — pedi.

Devo reconhecer que Jason tentou: foi até o telefone, inclinou-se na direção do aparelho e chegou a pegar o fone. Então pulou para alcançar o Grande Botão Vermelho.

Mas o meu botão encontrava-se mais perto. Na minha mão. O Grampo estava ligado, zumbindo em modo de espera. Suas placas de aço posicionadas a cerca de... bem, a cerca de um pé de distância. Eu tinha me sentado em uma das bordas. Minha perna esquerda, a biológica, estava pendurada.

Foi bom eu ter cuidado disso com antecedência, porque a morfina já se infiltrava em meus neurônios, nublando minhas sinapses. Se eu não tivesse me preparado, Jason teria alcançado o Grande Botão Vermelho antes que eu pudesse ativar o Grampo e esmagar minha perna. Mas eu estava preparado, e ele não alcançou, e eu consegui.

4

ACORDEI, MAS NÃO NO hospital. Levei um tempo para descobrir isso porque não conseguia focar meus olhos e porque eu realmente, realmente deveria estar no hospital.

— ...a caminho — disse alguém. Parecia a voz daquele cara. Meu chefe. D. Peters. — Dois minutos, mais ou menos isso.

— O andar foi todo evacuado? — Esta era uma mulher, familiar, mas difícil de identificar.

— Tirando o pessoal do Departamento Médico, sim.

Eu sentia algumas coisas. Mãos no meu corpo: firmes e profissionais. Não pertenciam às vozes. As vozes estavam mais longe. Observavam enquanto as mãos trabalhavam. A mulher suspirou.

— Isso é nojento.

— Você não precisa ficar aqui.

— É uma sujeira. Eu limpo sujeiras. Estou aqui.

D. Peters pigarreou.

— Não foi um acidente desta vez, suponho.

— Não.

— Bem... isso é bom. Não?

— Excelente. Temos um funcionário suicida.

— Eu quis dizer...

— Sabe qual era nosso índice de acidentes de trabalho *antes* de contratarmos pessoas que deliberadamente se atiram dentro do equipamento?

— Eu só...

— Talvez você devesse dizer isso aos investigadores, Dick. Ver como você se sai. Porque haverá investigadores.

— Cassandra, não estou tentando...

— Quando é um acidente, você mostra aos investigadores quem fez a merda, como aconteceu, e as iniciativas que você está tomando para assegurar que isso

nunca mais aconteça. Iniciativas resolvem o problema. Todo mundo gosta de iniciativas — disse Cassandra, a gerente de crises. — Qual é a nossa iniciativa para isso? Quem fez merda?

— Acho que foi ele.

— Essa resposta nos leva a um tribunal. Será que o pressionamos a voltar ao trabalho cedo demais? Providenciamos terapia suficiente? Qual foi o nosso processo de monitoramento de seu estado mental? Será que ele sentiu que lhe oferecemos um local de trabalho receptivo?

— Entendo.

— Sinceramente, seria mais fácil se ele morresse.

As mãos hesitaram. Tentei levantar a cabeça, mas só consegui abrir um pouco um olho. Um sol pendia sobre meu rosto, zangado e luminoso. Parecia familiar. Uma luz de laboratório.

— Ele se mexeu — disse D. Peters. — Viu isso?

Outro suspiro.

— Detesto sujeira. Detesto.

— Mas você é tão boa nisso.

— Eu sei — disse ela.

* * *

EU ACORDAVA E DESMAIAVA. Não sei ao certo por quanto tempo. Eu me sentia contente. Aquecido. Estava doido para coçar a perna, mas dava para ignorar. Em algum momento abri os olhos e vi o teto familiar do meu velho quarto de hospital, e então voltei a dormir. Tudo parecia correr bem.

* * *

UMA ENFERMEIRA APARECEU E mexeu em alguma coisa ao lado da minha cama. Ela era grande e bonita. Lembrei-me dela como Katie. Oi, tentei falar. Estava feliz em vê-la novamente e queria que ela soubesse. Minha mão bateu no vestido dela. Ela se virou para mim e cruzou os braços.

— Sim?

Seus olhos me percorreram sem nenhuma emoção. Por fim ela se voltou para minha mesinha de cabeceira e fechou a gaveta com um *tum* agressivo. Eu não sabia o que eu tinha feito para a enfermeira Katie, mas pelo visto tinha sido algo muito ruim.

* * *

QUANDO EU ESTAVA MENOS dopado, puxei os lençóis para o lado a fim de inspecionar o estrago. Pensei que não seria tão terrível da segunda vez, mas era. Antes eu podia ver o espaço onde minha perna deveria estar. Eu era um homem sem uma perna. Agora eu era uma criatura que terminava nas coxas. Uma forma de vida diferente. Fechei os olhos e chorei porque subitamente era óbvio que eu havia sido muito idiota.

* * *

MAS DEPOIS LEMBREI QUE eu não estava sem pernas. Eu tinha pernas. Só não as estava usando. Elas eram de última geração, e eu mesmo as tinha construído. Já eram mais funcionais do que minhas pernas biológicas e em pouco tempo ficariam ainda melhores. Era mais fácil ter isso em mente se eu evitasse olhar para os meus cotos. Tudo ficaria bem assim que eu pegasse minhas novas pernas, disse a mim mesmo. Aquilo não era perda. Era transição.

* * *

A ENFERMEIRA KATIE VOLTOU. Estava escuro lá fora. O hospital estava quieto, a não ser pelo ruído dos sapatos das enfermeiras. Eu estava bem grogue, mas não tanto que não percebesse que meu celular tinha sumido. Da última vez eles haviam trazido meus pertences comigo. Mas agora nada. Eu estava louco para acessar a internet. Ansiava por alguma coisa com um processador.

A enfermeira Katie verificou as soluções intravenosas sem dizer uma palavra, embora eu estivesse deitado ali, olhando para ela.

— Oi — falei.

— Olá.

— Você viu meu celular?

Katie colocou os punhos na cintura.

— Seu celular?

— Estava no bolso da minha camisa. Não estou vendo nenhuma das minhas roupas aqui.

— Você não tem acesso às suas roupas.

Hesitei, porque isso não era resposta.

— Você sabe onde elas estão?

— Sei, e você não tem acesso a elas.

Tentei mais uma vez.

— Eu não preciso das minhas roupas. Preciso do meu celular. Pode ver se meu celular está no bolso?

— Não.

Katie deu a volta na cama e levantou meu lençol. Eu não podia ver o que ela estava fazendo, mas só podia estar conferindo meus catéteres. Eu tinha dois: um urinário e um intestinal. Ninguém tinha me explicado isso. Eu havia descoberto sozinho quando a pressão para me aliviar se tornara grande demais. Foi um alívio em todos os sentidos. É de se imaginar que um catéter intestinal seja nojento, mas tinha grandes vantagens funcionais se comparadas a uma ida ao banheiro. Tudo era fechado e higiênico. Pensando bem, era o sistema regular que era sujo.

— Você pode me dizer por que não pode me dar meu celular?

Katie deixou meu lençol cair.

— Por que você está em observação por suicídio.

Fiquei surpreso demais para responder. Ela se virou e saiu corredor afora, os sapatos rangendo.

* * *

ENTÃO ISSO EXPLICAVA POR que minha cueca tinha sumido. Mas não me dizia por que todo mundo estava zangado. Não era só Katie. Quando o enfermeiro Mike me dava banho, ele fazia isso sério e em silêncio, e não contava piadas. A enfermeira Veronica deixava a bandeja com o meu jantar cair de qualquer maneira na minha mesinha. Eu me sentia intimidado demais para exigir meu celular. Em

vez disso, fiquei deitado na cama vendo TV com o som baixo, para não irritar ninguém.

* * *

MINHA CIRURGIÃ VEIO ME visitar: a Dra. Angelica Austin, do cabelo desgrenhado e dos modos impacientes.

— Então você está de volta. — Ela puxou meu lençol para o lado sem pedir. Apertou com os dedos. Eu não conseguia senti-los. Ela podia estar amaciando bifês. — Curando bem. — Ela parecia lamentar isso.

Olhei para baixo. A diferença entre os meus cotos era meio que incrível. Eu não havia pensado que o direito estivesse melhorando muito, mas, comparado com o novo, ele estava rosado e saudável. O outro estava inchado, reluzente e cheio de tubos. Levaria muito tempo até que eu conseguisse colocar aquilo em uma prótese sem gritar. Ou sem um monte de remédios.

— Suponho que eu não precise discutir com você o processo de recuperação — disse a Dra. Angelica Austin. — Deve estar bem fresco na sua memória.

— Eu não sou suicida.

A Dra. Angelica Austin ignorou isso.

— E a dor?

— Muito forte. — Não era inteiramente verdade. Mas as enfermeiras estavam sendo descuidadas com a minha medicação, forçando-me a compensar exigindo-a mais cedo e em maiores quantidades. — Eu não sou suicida.

— Discuta isso com a psiquiatria. — Ela olhava para meu coto. Sua expressão me lembrou de uma época no ensino médio em que, do nada, uma garota que eu mal conhecia falou: “Você tem olhos lindos.” E em seguida: “Que desperdício.” — Não é a minha área.

— Quando vou me consultar com um psiquiatra?

— Em breve.

— Em breve quando? — Não obtive resposta. Mudei a tática: — Podem me dar meu celular? Não vejo como isso poderia ser perigoso. — A Dra. Angelica pegou uma caneta e escreveu na minha prancheta. — Lola Shanks vem me ver?

— Talvez mais tarde.

— Por que está todo mundo zangado comigo?

A Dra. Angelica Austin baixou a prancheta.

— Ninguém está zangado com você.

Ela parecia zangada. Então foi embora.

Naquela noite desenvolvi uma sensação de coceira terrível nas duas pernas. Eu deveria ser dopado à meia-noite, mas já era 0h17 e ainda nada de remédios. Eu suava e tremia e acabei apertando o botão de chamada por um bom tempo. Nove minutos depois, a enfermeira Veronica chegou. Ela olhou para mim como se eu fosse uma mancha de sujeira.

— Ah, desculpe — disse ela. — Eu estava ocupada com os pacientes que querem melhorar.

* * *

OS DIAS SE PASSAVAM e ninguém me visitava. Nesse aspecto a coisa era muito parecida com a outra vez. A diferença agora era que eu queria as pessoas. Bem. Não *as pessoas*. Uma pessoa. Eu queria Lola Shanks entrando no quarto, os braços cheios de pernas.

Eu não podia correr o risco de perguntar por ela. Como as enfermeiras haviam ficado hostis, deixar que elas soubessem que eu queria alguma coisa seria um erro de estratégia. Minhas refeições eram a prova disso. Mas eu também não podia esperar. No quinto dia formulei um plano para me arrastar pelo chão até o telefone que havia no corredor. Então, como um milagre, ela apareceu. Não trazia nenhuma prótese. Era apenas ela, vestindo uma grande camisa de hospital e uma calça de moletom. Ela parou à porta e me encarou por trás de seus óculos.

Eu me levantei na cama.

— Oi! Oi.

Ela parou perto da minha cama.

— Você esmagou sua outra perna.

— É.

— De propósito.

— Sim.

— Por quê? — As palavras escorregaram de sua boca como se fossem de chumbo. Caíram no chão e ficaram lá.

— Porque... — Eu não conseguia pensar em como explicar isso. Parecia óbvio. Ela vira meu protótipo.

— Você quer morrer?

— Não!

— Você se odeia?

— Não. Quer dizer. — Parei para pensar. Havia partes minhas das quais eu não me orgulhava. Mas também não as odiava. Só achava que podiam ser melhores. — Não.

— Você gosta de sentir dor?

— O quê? É claro que não.

— Então não faz o menor sentido.

— Quando alguém faz cirurgia a laser para corrigir a visão, ninguém acha que a pessoa está tentando se machucar. Ela está apenas tolerando uma dor de curto prazo para aprimorar seu corpo. Você faz fisioterapia. Você faz pessoas suarem e se esforçarem e fazerem exercícios dolorosos. Você tem... Você tem *orelhas furadas*. Você perfurou seus lóbulos porque se odeia? Está tentando se matar? — Lola respirou fundo, mas eu havia encontrado um argumento e queria ir até o fim com ele. — A dor não é o meu *objetivo*. Minha dor é um efeito colateral pelo fato de o corpo humano ser tão falho que a única maneira de implementar melhorias significativas é retirar o que existe e começar de novo. Eu só quero me aprimorar. Isso não é estranho. As pessoas frequentam academias para isso. A única diferença é que eu tenho acesso a uma tecnologia melhor.

Percebi que eu havia ido longe demais. Lola começou a andar.

— Espere — falei. — Vou formular isso melhor.

Mas ela se aproximava. Antes que eu percebesse o que estava acontecendo, ela me beijou.

* * *

UMA VEZ, EM UMA festa do MIT, conversei sobre universos alternativos com uma garota em um sofá de couro rasgado. Ela se inclinou como se fosse acrescentar um argumento e caiu em cima de mim com os lábios abertos. Não sei dizer direito como aquilo aconteceu. As pupilas dela estavam dilatadas. Acho que foi por isso. Foi um choque, e eu não soube o que fazer. Durante todo o tempo que durou o

beijo, fiquei apavorado de estragar tudo e ela parar. Sua cabeça então ficou pesada, e ela começou a me beijar de forma menos intensa e então pegou no sono. Não percebi de imediato. Precisei deduzir. Envolvi-a em meus braços e fiquei ali abraçando-a e foi muito bom.

Conto isso porque, até Lola Shanks me beijar, aquela havia sido a experiência mais intensa da minha vida, e tinha acontecido 12 anos antes, e isso é muito tempo.

* * *

— LOLA — DISSE ALGUÉM DA porta.

Os lábios de Lola se descolaram rapidamente dos meus. Foi uma perda terrível. Vi minha cirurgiã, a Dra. Angelica Austin, irradiando fúria.

— Eu só...

Lola deixou os ombros caírem. A Dra. Angelica Austin fez um gesto chamando-a. Lola me lançou um olhar cheio de culpa e promessa. Ela se virou. Sua mão foi escorregando do meu ombro. A Dra. Angelica moveu-se para o lado, e Lola passou por ela, curvada. Eu queria dizer *Espere* ou *Volte* ou até mesmo *Obrigado*, mas os olhos da Dra. Angelica me dissuadiram. *Você nunca mais vai ver minha filha novamente*. Foi algo assim. Ela pôs a mão na maçaneta como se fosse bater a porta, mas depois desistiu, porque eu estava em observação por tentativa de suicídio.

* * *

LOLA NÃO VOLTOU. QUANDO Katie trouxe meu jantar. Perguntei se eu podia ver Lola, e Katie disse que iria verificar, de uma maneira que significava que ela já sabia a resposta, e era não. Eu não podia ligar para Lola porque não tinha telefone. Não podia sair da cama porque não tinha pernas. Ainda que eu pudesse pôr as mãos em uma cadeira de rodas, eu estava preso a uma rede de tubos e sacos. Não tinha jeito.

* * *

PELA MANHÃ RECEBI A visita de Cassandra Cautery, a gerente de crises da Futuro Melhor. Ela usava um paletó cinza justo sobre uma camisa listrada de colarinho grande e uma saia curta. Seu visual era uma mistura de estudante colegial com empresária de Wall Street. Suas maçãs do rosto estavam cheias de compaixão.

— Ah, Charlie. — Ela levou a mão ao peito. — Ah, Charlie. — Ela puxou uma cadeira até a beira da minha cama e me olhou com os olhos marejados. — Mal posso lhe dizer o quanto estou chateada. Com isso. Comigo. Com toda essa situação.

Lembrei-me de Cassandra Cautery e D. Peters discutindo a minha situação enquanto eu jazia sangrando no chão do Lab 4. A memória era vaga, e eu não conseguia lembrar o que eles haviam dito. Mas eu tinha a sensação de que devia estar zangado.

— Eu sinceramente achei que estávamos lhe dando o apoio de que você precisava. Mas não. Agora é óbvio que não estávamos. Lamento muito. Eu preciso saber. O que mais poderíamos ter feito?

— A respeito do quê?

— A respeito... — Ela pôs a mão no meu braço. Seus dedos eram surpreendentemente quentes. Por algum motivo pensei que seriam frios. — Para fazer você se sentir necessário.

Levei um tempo para destrinchar isso. Não sou bom com indiretas. Entendo as pessoas de forma literal e só depois percebo o que elas estavam querendo dizer.

— Ah, eu não tentei me matar. Estou tendo que repetir isso o tempo todo. Eu não quero me matar. Só quero substituir as minhas pernas.

Cassandra Cautery abriu a boca como se fosse dizer alguma coisa, depois tornou a fechá-la. Inclinou a cabeça de lado e me olhou com mais intensidade.

— Ter uma perna só é incômodo — falei. — Ou você usa um substituto artificial que tenta imitar a perna real, o que é praticamente impossível e limita você às capacidades da prótese, ou você constrói uma prótese realmente boa, mas então está preso a uma perna biológica que não consegue manter o mesmo ritmo. É como um carro que usa a perna do motorista como uma das rodas. Em algum momento, a biologia simplesmente fica ridícula.

Cassandra Cautery disse:

— Não sei se estou entendendo.

— Posso mostrar a você. Minhas pernas estão na empresa.

— Suas... — Ela levou a mão à boca. — Charlie, suas pernas se foram. Elas foram esmagadas.

— Não *aquelas* pernas. As novas. As que eu fiz.

Ela se recostou na cadeira.

— Não é complicado. Primeiro construí uma prótese. Depois percebi que ela funcionaria melhor como um par. Então removi minha perna biológica.

— Para... que você pudesse... pudesse...

— Para que eu pudesse usar o par artificial.

— O par artificial... de pernas.

— Isso.

— Porque... Porque...

— Porque as artificiais são melhores.

Cassandra Cautery parecia paralisada. Sua mão estava pousada no meu braço como uma coisa morta. Eu me mexi, desconfortável. Não sabia como explicar aquilo de modo mais claro. Segundos se passaram. Eu tossi. Cassandra Cautery se levantou da cadeira em um salto. Seu rosto ainda não havia mudado. Quando ela falou, só os lábios se moveram.

— Bem... você me deu... muito o que pensar. Será que posso... eu volto a falar com você... sobre isso.

Ela se virou e saiu andando como se fosse uma marionete.

— Espere — falei. — Você pode me trazer a especialista em próteses? Lola Shanks?

Cassandra Cautery se virou. Alguns momentos se passaram. Seus olhos estavam fixos em mim, mas o cérebro estava longe. Sua cabeça assentiu em um espasmo. Mas acho que não foi uma resposta pensada, e, pela ausência de Lola Shanks que se seguiu, não tinha sido mesmo.

* * *

UM HOMEM SURTIU EM minha porta. Seu pescoço brotava do colarinho como uma árvore. As mãos eram pás pretas. Usava uma camisa cinza e apertada por cima de músculos que eu nem possuía. Era um segurança.

— Oi. — Ele carregava um livro. Um romance, eu acho. Será que era para mim? Talvez Cassandra Cautery tivesse percebido que eu não tinha o que fazer.

— Meu nome é Carl. Sou da Futuro Melhor.

Segundos se passaram. Normalmente gosto de interagir com pessoas que não falam até que seja necessário, mas fiquei intimidado pelo físico de Carl. Não que eu me sentisse inferior; era mais incompatível. Carl existia em um plano onde o sucesso era medido por realizações físicas. Ele tinha um cérebro porque seu corpo precisava de um, e não o contrário. Eu não entendia pessoas assim. Não sabia o que elas queriam ou o que podiam fazer.

Carl fez que sim com a cabeça, como se tivéssemos concordado em alguma coisa. Ele saiu. Ouvei o barulho de uma cadeira sendo arrastada no corredor. O tempo passou a ser pontuado pelo som dele virando páginas.

* * *

QUANDO UMA ENFERMEIRA ENTRAVA no meu quarto, para me dar comida ou medicação ou ver se eu não estava vazando, Carl vinha atrás. Ele cruzava as mãos em forma de pás na frente do corpo, de olho em cada movimento da enfermeira. Eu não sabia o que ele estava fazendo, mas comecei a gostar, porque ele deixava a enfermeira nervosa. Uma vez apertei o botão de chamada, e depois de dois minutos sem resposta, ouvi a cadeira de Carl se arrastar. Ouvei seus sapatos pretos batendo no corredor. Quando voltou, ele trazia o enfermeiro Mike a tiracolo.

— Quero meu celular — falei para Mike. — E quero ver Lola Shanks.

Não era por isso que eu havia apertado o botão. Eu ia pedir um guia da programação de TV. Mas agora que ele estava ali, eu queria fazer um teste.

O enfermeiro Mike olhou de relance para Carl.

— Desculpe, Dr. Neumann. Não posso ajudá-lo nisso.

Carl não falou nada. Os ombros de Mike relaxaram. Então não era uma vitória. Mas, mesmo assim, minha posição havia claramente melhorado.

* * *

CARL PAROU DE VIRAR páginas. Ele estava ali. Eu podia ouvir sua cadeira ranger. Mas ele não estava lendo. Decidi falar com ele. Eu podia ser sociável quando tinha tempo para pensar nisso com antecedência.

— Carl?

Sua figura apareceu na porta.

— Sim, senhor?

— Por que está aqui?

— Perdão?

— Por que você está aqui?

— Não sei, senhor. Vou para onde eles me mandam.

— Você está aqui para impedir que eu fuja?

— Não acho que o senhor esteja em condições de fugir, senhor. Com todo o respeito.

— Então por quê?

Ele deu de ombros, era como se levantasse montanhas.

— Acho que a empresa quer que o senhor seja vigiado.

Achei a resposta insuficiente. Mas não conseguia pensar em outra forma de sondagem.

— Você terminou seu livro?

Ele levantou as sobrancelhas.

— Sim.

— Sobre o que era?

— Nada demais. É só para passar o tempo. — Aguardei. Ele pigarreou. — É sobre um homem que volta ao passado. Para resgatar a noiva.

— Do quê?

— De um incêndio.

— Ele consegue?

— Consegue. Mas cria uma fenda temporal e precisa voltar de novo e assassiná-la.

— Ah.

— Pois é — disse Carl. — É meio triste.

— Será que eu poderia lê-lo?

— Não sei se o senhor ia gostar. Não é um livro inteligente.

— Não tenho mais nada para fazer.

Ele foi até o hall e voltou com o romance. O título era *Ondulações por toda parte*. A figura de um homem estava recortada contra um prédio em chamas. As páginas haviam sido dobradas e estavam amareladas.

— Parece que você gosta bastante desse livro.

— É. Minha noiva morreu.
— Ah.
— Mas não em um incêndio. Acidente de carro.
— Ah. — Eu me esforcei para arranjar o que dizer. Não havia planejado isso.
— Lamento.
— Obrigado. Foi há oito anos.
— Eu nunca tive uma noiva.
— Ah — disse Carl.
— Eu gostaria de ter uma.
— É, eu posso, há... dizer que é bom. — Silêncio. — Elas entendem você. A gente não sabe realmente como é ser compreendido até ter isso e... e depois não ter mais.

Fiz que sim com a cabeça. Era mais ou menos o que eu imaginava. Virei o livro.

— Essa capa me irrita — disse Carl. — No livro, ele nunca aparece parado em frente a uma casa assim. É um apartamento. E ele não consegue abrir a porta. É por isso que a noiva dele morre. Ela está lá dentro, e ele não consegue arrombar a porta. Ele não é muito forte. Por que fariam a capa errada assim?

Balancei a cabeça. Eu não sabia.

— É importante. É a parte mais importante do livro. Minha Lily, eu não consegui puxá-la para fora da caminhonete. Eu também não fui forte o bastante. — Ele estalou os dedos. — Naquela época eu não malhava. Não consegui abrir a porta do caminhão.

— Isso é muito ruim.

— É — disse ele. — Foi muito ruim mesmo.

Acenamos com a cabeça um para o outro. Era um silêncio confortável. Depois ficou menos.

— De qualquer maneira... — disse Carl. — Estou sempre de olhos abertos para qualquer fenda temporal.

— Viagens para o passado são quase sempre impedidas pela conjectura de proteção cronológica — falei. Carl não disse nada. — Quer dizer... parece extraordinariamente improvável.

— Eu sei.

Tentei pensar em como voltar atrás. Mas era tarde demais, e o silêncio foi ficando maior.

— Espero que o senhor goste do livro — disse Carl.

— Obrigado — falei.

* * *

DOIS DIAS SE PASSARAM. Carl foi rendido por um sujeito branco que batucava com o pé e cantarolava temas de programas de TV. Ele entrou e perguntou se eu havia visto o jogo dos Knicks, e eu não sabia que esporte era, então o assunto parou por aí. Fiquei concentrado no livro de Carl. O personagem ficava tentando consertar sua vida, mas as leis da física viviam negando isso a ele. Ou melhor, não as leis reais da física, mas como elas se aplicavam no livro. O que eu gostava era que ele não desistia de tentar. Ele destruiu o mundo de diversas maneiras diferentes, mas continuava voltando e fazendo a coisa de outro modo. Eu gostava dessa teimosia. A ideia de que, se você queria alguma coisa impossível, você conseguia desde que não desistisse.

* * *

EU SONHAVA COM ESPAÇOS minúsculos que encolhiam e acordava suado e ofegante, minhas pernas formigando como se tivessem agulhas enfiadas nelas. Meu corpo resistia. Ele me dizia que não queria perder mais partes. Fiquei irritado, porque eu achava que já havia passado dessa fase. Meu corpo realmente precisava perceber que eu não recebia ordens de órgãos internos. Eu era uma consciência atendida e apoiada por um hospedeiro biológico, não o contrário. Era melhor que aqueles pedaços de carne e sinapses com interesses próprios colaborassem com o plano, porque se tivesse que chegar ao ponto de escolher entre mim e eles, a escolha seria eu.

* * *

ACORDEI COM A VOZ de Lola. Era dia, e meu cérebro estava enevoado. Fui nadando em direção à superfície da minha consciência como um afogado.

— ...um minuto? — perguntava ela.
— Sinto muito, senhora. — Era o novo segurança.
— Lola — grasnei.
— Charlie?
— Sinto muito. A senhora não pode entrar.
— *Um minuto.*
— Não, senhora.
— Eu quero vê-la! — gritei. — Deixe-a entrar.
— Sinto muito, senhora — disse o segurança, como se eu não existisse. —
Sinto muito.

* * *

NO QUINTO DIA REMOVERAM meus tubos. O que incluía meus catéteres. Não percebi o que a enfermeira Katie estava fazendo até ser tarde demais. Fiquei olhando desanimado para o plástico.

— Não pode deixar esses aí?

— Não. Há risco de infecção.

Carl estava de pé atrás dela como uma sombra. Eu não queria discutir isso na frente dele, mas eu realmente gostava daqueles catéteres.

— Não existe alguma opção permanente? Como vocês fazem com gente que fica imobilizada?

— Você não está imobilizado. — Katie jogou os tubos em uma sacola plástica marcada com a etiqueta PERIGO: LIXO BIOLÓGICO. — Pode usar um banheiro como uma pessoa comum.

Fiquei quieto. Era verdade. Eu podia. Mas por que usaria? Tínhamos a tecnologia para um sistema de remoção de dejetos superior, mas não o usávamos porque preferíamos jogar fezes em uma tigela com água e esfregar o resíduo das nossas bundas com polpa de árvore. Mas eu sabia que seria inútil discutir isso com Katie. Antes que ela os levasse embora, dei uma boa olhada naqueles catéteres, então eu me lembraria de como eles funcionavam.

* * *

COMECEI A ME EXERCITAR. Levantava as coxas para o alto, uma de cada vez, depois repetia o movimento de bruços. Eu fazia três séries de dez reps. Reps eram repetições. Era uma terminologia que eu havia descoberto. Eu também fazia flexões. Isso era menos impressionante do que parece, porque eu me apoiava nas coxas. No ensino médio, chamávamos isso de flexão de menina. Eu me sentia bem fazendo meu corpo se movimentar novamente, mas só porque meu cérebro liberava endorfinas como incentivo. Era como ser pago para lavar um carro. Mas eu fazia isso porque sabia que se Lola estivesse ali era o que ela me diria para fazer.

* * *

QUATRO PSQUIATRAS VIERAM ME ver, todos juntos, como uma conferência. Dois homens e duas mulheres, e um dos homens era negro. Eles pareciam fazer parte de um anúncio de investimento em propriedades ou de remédio para calvície, ruga e acne, daqueles que têm como público-alvo a classe média alta. O sujeito negro se recostou na parede, tranquilo. Era calmo e estava à vontade; sorriu para mim como se já nos conhecêssemos.

Apresentações foram feitas. Eles me perguntaram se eu estava gostando do hospital. Uma das mulheres, que era loura e tinha orelhas pontudas, empolgara-se com a vista. Parecia que ela nunca tinha estado na superfície antes. Eles mudaram o tema da conversa para trabalho. Foi fácil para eles, porque eu não falava muita coisa além de oi, sim e não.

— Fui informado de que você tem um quê de inventor — disse o homem branco. Ele se recostou na cadeira, mas ainda não estava tão tranquilo e à vontade quanto o cara negro. — Você constrói coisas.

— Pernas — disse a mulher de orelha pontuda. E sorriu, tipo: *Construir pernas, que inteligente!*

— Sim — falei.

— Fale um pouco sobre isso.

Pela primeira vez ninguém disse nada.

— Bem — comecei —, são pernas, não sei o que posso dizer a vocês. — Olhei para o cara negro, talvez porque ele pudesse entrar na conversa e tornar aquilo tranquilo e confortável, mas ele não fez isso. Suspirei. — Escutem, sério, não gosto de sentir dor. Não quero me ferir. Não sou...

— Ah, sim. Nós entendemos isso. — O homem riu. — Você não precisa nos convencer de sua saúde mental, Dr. Neumann.

Olhei de um rosto para o outro.

— Então o que vocês querem saber?

— Essas pernas que o senhor construiu — disse a mulher. — Reconhecemos que elas são superiores a qualquer outro tipo de prótese disponível atualmente.

— Sim. Até onde sei.

— Na verdade, elas são tão avançadas que você... você decidiu esmagar sua outra perna. A fim de poder... de poder usá-las.

— Isso mesmo.

— Elas são fortes? — perguntou o cara negro encostado na parede. — Devem ser.

— Funcionam bem.

— Só isso?

— Tenho mais algumas coisas a desenvolver.

— Ah, sim. — Ele olhou de modo significativo para os outros. — Que tipo de coisa?

— Ele tem ideias. — Isso foi a mulher de orelhas pontudas quem disse. — É claro que tem.

— Será que você poderia compartilhar algumas dessas ideias conosco? — sugeriu o homem sentado na cadeira. — É possível?

Perguntei:

— Vocês disseram que são psiquiatras?

— Acho que não. — Ele olhou para os outros. — Alguém aqui disse isso?

— Bem, eu trabalho em recursos humanos — disse a mulher de orelhas pontudas. — É preciso ser praticamente psiquiatra para estar nessa área.

— O que acho que dissemos foi que queríamos falar sobre como você está se sentindo.

Chequei minha memória. Podia ser verdade.

— Essas pernas, você as construiu durante o horário de trabalho na empresa, estou certo?

— Hum... sim.

— Não fique alarmado — disse o homem sentado. — Isso não é problema. Foi o que pensamos.

— Definitivamente não é um problema, não mesmo — disse o homem encostado.

— Somos da Futuro Melhor, é claro — disse a mulher que não havia falado até esse momento. Ela era pequena e usava cores vivas, como um passarinho. — E, Dr. Neumann, permita-me dizer que estamos todos extremamente satisfeitos, animados e positivos quanto ao potencial desse seu projeto. — Ela uniu e apertou as mãos.

* * *

A DRA. ANGELICA AUSTIN não queria me deixar sair do hospital. Era um pouco engraçado, porque as enfermeiras mal podiam esperar para se livrar de mim. Elas discutiam como se eu fosse inanimado, uma de cada lado da cama.

— Não me interessa o que a empresa dele diz — disse a Dra. Angelica. — Eu sou a médica dele e digo que ele não está pronto para receber alta.

A enfermeira Katie não parou de fazer a minha mala. Atrás dela, Carl supervisionava tudo sem dizer uma palavra. Mais duas enfermeiras estavam paradas à porta, assistindo: Veronica e Chelsea. Katie disse:

— Bom, o gerente não pensa assim.

E Veronica concordou:

— Hum-hum.

A Dra. Angelica Austin virava as folhas da minha prancheta como se estivesse zangada com o papel.

— Não há registro de consulta psiquiátrica aqui. — Ela ergueu os olhos para Katie. — Como é possível que não tenha havido consulta psiquiátrica?

— A empresa dele disse...

— *Eu* ordenei uma consulta psiquiátrica — disse a Dra. Angelica. — Eu os mandei vir a este quarto. Para onde eles foram?

Carl falou. Todos se assustaram, até eu, porque estávamos acostumados a vê-lo ali de pé feito uma pedra.

— Não posso permitir a entrada deles aqui.

— Você? — A Dra. Angelica se empertigou toda. Ela não era muito alta, mas ainda assim impressionava. Tinha postura. Talvez ensinassem na faculdade de medicina. Ou talvez você simplesmente absorvesse isso dos estudantes de

medicina ao seu redor, que tinham esquis e usavam roupas formais e sabiam para que servia cada tipo de talher. Em engenharia, andávamos curvados. — *Você não pode permitir?*

— Isso mesmo.

— E por quê?

— Porque a mente dele é um ativo intelectual comercial e confidencial da Futuro Melhor.

A Dra. Angelica ergueu as sobrancelhas. Katie fechou o zíper da minha bolsa. Pareceu um gesto cheio de autoridade. Ela cruzou os braços, firmou-se nos calcanhares e ficou olhando para a Dra. Angelica.

— Vou mantê-lo aqui por mais um dia.

À porta, Veronica e Chelsea bufaram juntas. Katie disse:

— A senhora não pode fazer isso.

A Dra. Angelica a ignorou, rabiscando na minha prancheta.

— Ele está fisicamente bem. Não há proibição psiquiátrica. Ele quer ter alta. A empresa dele quer que ele receba alta. O gerente está nos mandando dar alta.

A Dra. Angelica balançou a cabeça ligeiramente, como se passasse o dia inteiro sendo atacada por burocratas e isso a decepcionasse, mas não a surpreendesse.

— A médica dele discorda.

— A senhora sabe o que vai acontecer — disse Katie, baixinho.

A caneta da Dra. Angelica parou. Isso foi tão dramático que eu quase ri, porque, afinal, o que aconteceria? Ela seria demitida? Carl quebraria o pescoço dela? Eu achava que a Futuro Melhor simplesmente arranjaría outro médico para mim. Mas foi o suficiente para derrotar a Dra. Angelica. Sua pose desabou. Depois disso, imaginei, ela iria para casa, tomaria um vinho tinto e ficaria olhando para a parede. Iria se perguntar por que estava fazendo aquilo, lutando contra interesses comerciais em um hospital corporativo quando tudo o que ela queria fazer era ajudar pessoas, e de manhã, quando saísse de sua linda casa e abrisse a porta de seu carro conversível, ela se lembraria do porquê.

— Eles estão esperando — disse Katie. — O que eu digo?

A Dra. Angelica jogou a prancheta em cima da minha bandeja, como se fosse um objeto inútil agora.

— Diga a eles — falou ela — que recomendo fortemente que ele seja mantido longe de equipamento industrial de corte e solda.

EU NÃO CONSEGUIA FICAR parado na limusine. Batucava nas coxas com mãos que pareciam passarinhos nervosos. Ajustei o cinto de segurança, fiquei olhando pelo vidro fumê e desejei que pudéssemos ir mais rápido. A que distância estávamos da Futuro Melhor mesmo? Eu não me lembrava de todos aqueles conjuntos habitacionais. Inclinei-me para perguntar ao motorista se ele estava no caminho certo e me forcei a recostar no banco, porque é claro que ele estava. Eu só queria ver as minhas pernas.

— Não falta muito — disse Carl.

Dei um pulo. Eu praticamente tinha esquecido que ele estava ali, ocupando o banco em frente ao meu. Ele era grande, porém silencioso.

Minhas mãos se abriam e fechavam. Eu precisava segurar alguma coisa. Lembrei-me do celular. A bolsa que o hospital havia preparado para mim com meus pertences estava no banco ao meu lado: abri o zíper e mexi nas minhas roupas antigas, que eu não via fazia semanas. Meu celular não estava lá. Recostei-me e bufei. Aqueles babacas.

— Problema?

— Meu celular.

— Sumiu?

— Sim. Sim, sumiu. — Eu não queria ser grosseiro. Estava direcionando minha frustração para o foco errado.

— Quer voltar lá para pegá-lo?

Abri a boca para dizer que sim.

— Não tem problema — disse Carl.

— Você poderia... fazer com que eles o enviem para mim?

— Claro.

— Por mensageiro ou coisa do gênero.

— Sim.

— Ok — falei. — Ok, vamos fazer assim.

Olhei pela janela e fiquei batucando nas minhas coxas. Os edifícios passavam.

* * *

A LIMUSINE PAROU. CARL saiu do carro como uma rolha de champanhe estourada. Puxei a maçaneta da minha porta, mas só consegui empurrar uma frestinha antes que ele a abrisse totalmente. Apertei os olhos. Carl se abaixou e me colocou em uma cadeira de rodas que estava à minha espera. Houve aplausos. Aquilo não fazia o menor sentido. Então Carl saiu da frente e vi o caminho de concreto que dava para o saguão cheio de funcionários enfileirados. Quando eles me viram, começaram a festejar. Eu ainda estava confuso. Em pé à minha frente encontrava-se Cassandra Cautery, suas mãos unidas como se estivesse rezando. Ela se aproximou de mim de braços abertos. Abaixou-se e me beijou no rosto.

— Bem-vindo ao lar — sussurrou ela.

Eu passara sete anos sem ganhar um beijo e agora tinham sido dois em apenas uma semana. Era o tipo de evento informacional que indicava uma séria contaminação de condições laboratoriais. Cassandra Cautery pousou a mão no meu ombro, e Carl me conduziu até o saguão. As pessoas levantavam as mãos para eu bater. Passei por uma mulher da Vertex Processing que nas reuniões sempre escolhia a cadeira mais distante da minha, sempre, e ela sussurrou:

— Você é uma inspiração.

Eu não entendia o que estava acontecendo.

Lá dentro, o ar era frio e regulado.

— Tomei a liberdade de expandir a sua equipe — disse Cassandra Cautery.

— O que você acha daquele Jason Huang? Mantive o rapaz, mas os níveis de desempenho dele são medianos.

— Eu gosto de Jason.

Carl parou de empurrar a cadeira de rodas. Cassandra Cautery deu a volta e olhou nos meus olhos. Ela era muito bonita. Parecia inalterável, ocupando um lugar natural no mundo. Era difícil imaginá-la diferente, tipo aborrecida ou cansada. Essa era uma propriedade da beleza, concluí: permanência.

— Não seria nenhum problema nos livrarmos dele.

— Jason é bom.

— Só quero que você tenha o melhor.

— Por quê?

Cassandra Cautery assentiu, pensativa, como se essa fosse uma pergunta de peso e ela quisesse dar a resposta certa.

— O que você disse no hospital, de que o artificial é melhor. Bem, isso despertou certo interesse aqui. Um interesse que alcançou até os altos escalões. Discussões ao nível do Gerente. — Ela perscrutou meus olhos. Eu não sabia quem era o Gerente. — O que você diria de ter sua própria linha de produtos?

— Minha própria linha de produtos de quê?

— De dispositivos protéticos. — Ela se corrigiu: — De aprimoramentos artificiais. De bioampliações de qualidade. Ainda não decidimos um nome. Mas queremos que você projete essa linha. Vamos lhe dar total financiamento para explorar toda e qualquer possibilidade que ocorra à sua mente tão brilhante.

— Vocês querem que eu construa próteses?

— Sim.

— Por que querem que eu construa próteses?

— Você não quer?

— Sim. Mas... Eu não entendo de negócios, mas...

Cassandra Cautery riu.

— Certo. Você não entende de negócios. Deixe isso com a gente.

— Mas...

— Eu sou uma gerente de nível médio — disse ela. — Alguns acham que isso é pejorativo, mas eu penso assim. Há pessoas acima de mim que tomam decisões de negócios e pessoas abaixo de mim que as executam, e essas pessoas vivem em realidades diferentes. Muito diferentes. E meu trabalho é reuni-las. Combinar suas realidades. Às vezes essas realidades não são totalmente compatíveis, e às vezes eu nem sequer entendo direito como alguém consegue viver da maneira que vive, mas a questão é que eu as combino. Sou uma espécie de tradutora. Só que coloco mais a mão na massa. E é isso o que faz a empresa funcionar. Gerentes de nível médio, como eu, combinando. Então deixe-me combinar um pouquinho a sua realidade, Charlie. Você tem ideia de como a área médica é rentável? É muito. E a cada ano fica mais rentável, porque você inventa um coração melhor e não importa o quanto ele custe, as pessoas o querem. Porque você está lhes vendendo vida.

Ela fez uma pausa de efeito e continuou:

— Você está vendendo vida a eles. — Ela apalpou os bolsos do paletó. — Preciso de uma caneta. Mas qual é o problema da área médica? O mercado é limitado a pessoas doentes. Imagine: você investe 30 milhões no desenvolvimento da maior válvula arterial do mundo e aí chega alguém e cura doenças cardíacas. Seria um desastre. Não para as... não para as pessoas, obviamente. Quero dizer para a empresa. Financeiramente. Sabe, esse é o tipo de risco comercial que deixa o pessoal lá de cima nervoso na hora de fazer grandes investimentos de capital. Mas o que você está falando, o que você disse no hospital... é uma área de produtos médicos para gente saudável. É isso que está empolgando o pessoal lá de cima. Eles estão imaginando um dispositivo. Um baço, digamos. Eles não sabem. Eu não sei. Isso é com você. Mas digamos que você invente um baço que funcione melhor do que os baços naturais. Mais confiável, mais seguro, com, hum, monitoramento da pressão sanguínea embutido. Tenho certeza de que você pode ter ideias melhores. Mas poderíamos vender esse dispositivo para qualquer um. O mercado para isso é qualquer pessoa no mundo que queira que seu baço funcione melhor. E cada cliente é um cliente para a vida toda. Literalmente. Você mencionou upgrades no hospital. Bem, imagine-se comprando um Baço Melhor. E, alguns anos depois, espere um minuto, aqui está o Baço Melhor Dois. É igual, só que você pode usá-lo para acessar seu e-mail. — Ela riu. — Estou dizendo bobagens. Mas você enxerga o modelo de negócios. Há uma fidelização de clientes em jogo. Eu estava em uma reunião, Charlie, e nela um homem disse que as pessoas compram um celular novo a cada 13 meses. Treze meses. Elas jogam fora o telefone antigo, que adoravam, porque existe um mais novo. Mais bonito. Essa é a outra coisa. Eles viram as suas pernas. Acham que há certa... certa estética nelas. Você não tentou imitar pernas de verdade. Essa é a diferença. Você criou outra coisa. Uma coisa sem comparação, que se sustenta sozinha. Ah. Eu não quis dizer isso. Quero dizer que é um pouco como arte. É uma mudança de paradigma. Porque as próteses comuns, e espero que isso não seja ofensivo, parecem um pouco assustadoras. Um pouco mortas. Então a ideia é... e isso é tudo uma questão de longo prazo, mas é o pensamento corrente... E se Partes Melhores puderem ser acessórios de moda? Isso é impossível? Talvez alguém comprasse um dente artificial apenas por parecer melhor. Ou uma orelha artificial. Se patrocinássemos alguns atletas, alguns daqueles... paraolímpicos, essas partes poderiam se tornar objetos de desejo. Elas são adequadas, são funcionais, elas

existem. São o futuro. O marketing ressaltou que as pessoas já perfuram os próprios corpos em nome da moda. Inserem metal fisicamente em seus lóbulos e lábios, e no queixo, e quem sabe onde mais. Você já viu esses jovens. Essa é a área que eles estão visando. Acessórios usáveis. Cibercorpos supersexy, com um funcionamento superior. O que você ajudou a empresa a perceber, Charlie, é que existe um mercado bem debaixo do nosso nariz. Literalmente. Literalmente embaixo e dentro do nosso nariz. E nós, como empresa, estamos em uma posição única para sermos os primeiros nesse mercado. É por isso que estamos lhe oferecendo os recursos. Está entendendo melhor agora?

Pensei um momento.

— Um pouco.

Ela sorriu.

— Seja bem-vindo.

* * *

CASSANDRA CAUTERY CAMINHAVA AO meu lado enquanto Carl conduzia minha cadeira de rodas até os laboratórios. Pensei que fossem me levar para a Sala de Vidro, mas viraram à esquerda, em direção ao Lab 4. Vários jovens que eu supus serem meus novos assistentes estavam em fila no corredor. Enquanto Carl abria caminho entre eles, descobri que eles estavam fora do Lab 4 porque não havia espaço lá dentro. Eram jalecos de uma parede à outra. A não ser no centro, onde estavam minhas pernas, sob holofotes. Elas haviam sido polidas. Estavam lindas. Cassandra Cautery tinha razão nesse aspecto. Fiquei um pouco surpreso por mais alguém enxergar isso, porque elas só eram bonitas no sentido funcional: bonitas por funcionarem. Feixes de cabos envoltos em plástico da grossura do meu punho serpenteavam entre estacas de aço nuas e ao redor de pistões de mola bem-lubrificadas. A caixa do computador estava presa ao quadril por fita isolante preta. As panturrilhas se curvavam para trás, como as de uma gazela. Os pés eram motores rotativos encapsulados em globos com um único dedo longo apontando para a frente e dois para trás.

As pessoas aplaudiam.

— O senhor é meu ídolo — disse Jason. Eu nem o havia notado ali.

— O quê? — falei. Achei que tinha ouvido errado.

— O senhor e Isaac Newton. E Barry Marshall. E os Curie. Pessoas dispostas a se arriscar pela ciência. A se tornar suas próprias cobaias. Meus parabéns.

Carl me levou até as pernas.

— Comparado ao senhor, Kevin Warwick é uma bichinha! — disse Jason. — Ele devia ter vergonha de si mesmo!

Carl me levantou como se eu fosse uma criança. E então me carregou até as pernas como se estivesse me resgatando de um prédio em chamas.

— Aqui está bom? — perguntou ele.

— Sim — respondi.

Então ele me desceu até os soquetes. Fiz uma careta quando minha perna esquerda, que ainda cicatrizava, roçou no plástico. Então minha bunda tocou o assento e tudo ficou bem. Eu não precisava ficar de pé naquelas pernas; fiquei sentado. Relaxei. Minhas mãos desceram até os quadris. Havia controles ali. Meus polegares encontraram os botões de ignição e os apertaram. Os motores eram extremamente silenciosos para sua produção de energia. Mas as coisas não ficaram assim tão quietas. Minhas pernas se levantaram sobre seus dedos, e então se flexionaram e se acomodaram.

A plateia aplaudiu e gritou em delírio. Os olhos de Cassandra Cautery brilharam. Eu sorri. Os aplausos não paravam. Era tudo ao mesmo tempo maravilhoso e assustador. Eu queria que eles fossem embora para poder brincar com minhas pernas sozinho, mas também queria que eles ficassem ali para sempre.

* * *

APERTEI O BOTÃO PARA a perna esquerda avançar. Ela se levantou, se estendeu e pisou com força. O chão fez *crack*. Torci para que fosse o piso. De qualquer forma, podia ser um problema. Apertei o botão da direita e dei outro passo. O movimento fez meu corpo balançar para trás e depois para a frente e por um segundo pensei que fosse cair. Soltei os controles e me segurei no assento. Estava tudo bem. Eu podia me adaptar àquilo. Era como montar a cavalo. Ou como eu imaginava que seria montar a cavalo. Eu nunca havia feito isso. Recuperei o equilíbrio e dei mais um passo. E outro. *Crack. Crack*. Pessoas saíram do meu caminho. Duas delas filmavam. Eu precisava esvaziar aquela sala. Não podia

trabalhar com eles ali. Agora que eu pensava a respeito, eu não tinha ideia de como lidar com vinte assistentes. Já era difícil com três. Talvez eu pudesse pedir a Cassandra que os levasse embora novamente. Procurei-a no meio daquela gente toda e percebi que ela estava na Sala de Vidro, uma versão verde e aguada de si mesma. Ela assistia a tudo de uma distância segura. Ali éramos apenas eu e o oceano de assistentes. Parei de andar. Ninguém falava. Pés se ajeitavam. Havia muitos pares de óculos naquela sala.

— Bem — falei. — O que acham?

Um sujeito incrivelmente magro com uma pele tenebrosa pigarreou.

— A interface ainda está crua. Acho que o ideal seria fazer alguma coisa com impulsos nervosos.

— Krankman está trabalhando com nervos — disse uma garota. — Eu estava no projeto dele antes disso. Splicing.

Eles se aproximaram. Alguns examinavam as pernas de perto. Eu quase podia sentir os dedos deles.

— Esse metal é muito pesado.

— Dava para reduzir isso tornando essas colunas ocas.

— Que tal titânio?

— E quanto à absorção de impacto? Estou pensando o que será que acontece quando ele desce de alguma coisa.

— Humm — disse o garoto magro.

E eu relaxei, porque a coisa iria funcionar.

* * *

É CLARO QUE OS Curie morreram. Eles identificaram a radiação ionizante enquanto estavam sendo banhados por ela. Havia riscos em serem suas próprias cobaias. Mas uma longa tradição de cientistas fazia justamente isso: pagar pela expansão do conhecimento humano com suas vidas. Eu não merecia ser colocado na mesma categoria que eles, porque, sinceramente, eu não estava interessado no bem maior. Eu só queria fazer pernas melhores para mim. Não me incomodava se outras pessoas se beneficiassem indiretamente a longo prazo, mas não era isso o que me motivava. Eu me senti culpado por isso durante um tempo. Toda vez que um assistente olhava para mim fascinado, eu sentia como se devesse confessar:

Olhe, não estou sendo um herói. Só estou interessado em ver o que posso fazer. Então me ocorreu que talvez todos os outros se sentissem da mesma forma. Todos os grandes cientistas que se arriscaram a trazer luz para as trevas, talvez eles também não estivessem sendo muito altruístas. Talvez fossem como eu: só queriam ver o que eram capazes de fazer.

* * *

TENTEI LIGAR PARA LOLA. Eu estava sem meu celular, então fui na cadeira de rodas até minha mesa na Sala de Vidro. Precisei pedir o número à recepcionista da empresa, e levou muito tempo para começar a tocar, e foi só isso. Achei estranho o hospital não atender ao telefone, então voltei a consultar a recepcionista e pedi que verificasse o número.

— Esse foi o número que o senhor pediu — disse ela.

Então tentei mais uma vez, mas novamente o telefone tocou e tocou e ninguém atendeu.

* * *

DIVIDI MEUS ASSISTENTES EM equipes: Alfa, Beta e Gama. Era a única maneira de administrá-los. Eles trabalhavam em clima de competição: eu andava entre eles em minha cadeira de rodas, e qualquer coisa que eu apreciasse gerava sorrisos afetados e um processo furioso de desenvolvimento. A Beta surgiu com um novo design de perna baseado em rodas, quase uma carruagem, e gostei tanto que peguei para mim. Então a Alfa e a Gama também entraram na onda das rodas, e a Beta as acusou de plágio intelectual. Foi terrível. Lágrimas rolaram. Mandei a Gama construir dedos ou algo parecido. Eles gostaram da ideia. Acabaram construindo uma quantidade de dedos suficiente para quatro mãos, e os usaram para fazer gestos obscenos para o pessoal da Beta. Era como estar de novo na faculdade, só que eu era respeitado. Às vezes eu passava por corpos nos corredores: assistentes que haviam literalmente caído e dormido porque estavam cansados demais para ir para casa. Havia refrigerante por toda parte.

* * *

TODO MUNDO ACHAVA QUE a Beta seria a primeira a chegar à fase de testes de um novo protótipo, mas as rodas foram um beco sem saída. Não conseguiram uma boa tração em terreno irregular, nem mesmo em conjuntos rotativos sobre suspensão independente com travas que detectassem o tipo de terreno. Danificamos boa parte das escadas até descobriremos isso. Deixamos buracos nas paredes, degraus quebrados e uma seção de corrimão que cedeu para dentro. Mas o fracasso era apenas um método de aprender o que funcionava.

Então a Alfa declarou que tinha um trunfo. Eles trabalhavam no Lab 2, onde os ratos de Katherine viviam antes de serem transferidos para outro laboratório. Katherine tinha ido junto. Imaginei que haviam lhe oferecido a opção de ficar comigo ou ir com os ratos. Eu ainda achava que podia sentir o cheiro deles toda vez que entrava lá — dos ratos, quero dizer —, embora fosse impossível, porque sugávamos todo o ar das salas para limpá-las.

As pernas da Alfa eram semelhantes ao meu protótipo anterior, só que mais altas, mais finas e feitas de titânio. Havia menos fita isolante e mais moldes de polímero de carbono customizados. Inspecionei-as por todos os ângulos em minha cadeira de todas. Eu não ia fazer nada de especial naquele dia, só conferir ajuste e equilíbrio. Havia muitas conexões de cabos para analisar. Nenhuma interface com nervos ainda. Mas mesmo assim, quando os assistentes me ajudaram a sair da cadeira e me colocaram nos soquetes, meu coração acelerou. Apertei os cintos.

— Pronto.

Jason segurava o controle. Apertou o botão de ligar. Nada aconteceu. As pernas começaram a fumer. Pessoas gritaram. Mãos me agarraram e me tiraram dali. Apanharam os extintores e encheram as pernas de espuma. Quando a confusão acabou, começamos tudo de novo.

* * *

LIGUEI PARA A RECEPÇÃO e pedi um serviço externo de consulta a números de telefone.

— Se o senhor estiver procurando algum número, posso ajudá-lo — informou a recepcionista.

Recusei. Quando ela me conectou ao serviço, pedi ao robô que me atendeu o número do hospital. Ele se ofereceu para ligar direto, e eu aceitei. O telefone tocou. O hospital atendeu. Abri a boca para pedir para falar com Lola Shanks, do Departamento de Próteses, e a linha fez *clic*.

Baixei o fone e olhei para ele. Depois coloquei-o de volta no gancho. Obviamente era inútil ligar mais uma vez para a recepção. Mas pelo menos eu compreendia o problema agora. Eu podia me dedicar a uma solução.

* * *

PASSEI MUITO TEMPO SENDO espetado por agulhas. Seringas não. Minúsculas lancetas de aço com eletrodos embutidos. A ideia era inseri-las nas minhas coxas truncadas para que pudessem ler sinais do meu cérebro e traduzi-los em movimento motorizado. Criamos uma quarta equipe para isso, com gente que havia sido transferida de outros projetos. Inicialmente esse quarto grupo foi batizado de Delta, mas isso confundia as coisas sempre que alguém dizia *delta* como sinônimo de “mudança”, o que ocorria com frequência, então eles se rebatizaram como Ômega. Convertemos um laboratório em consultório médico e fiquei deitado em cima da mesa enquanto Mirka, uma assistente de laboratório alta com maçãs do rosto proeminentes, me espetava. A primeira sessão foi excruciante, mas melhorou depois que percebemos que o equipamento podia ler meus sinais igualmente bem mesmo que eu estivesse dopado até o pescoço. Então injetei analgésicos em mim mesmo e deixei minha consciência vagar enquanto Mirka manobrava agulhas de metal pelo meu corpo, procurando a melhor recepção para a linguagem elétrica do meu cérebro.

Minhas pernas doíam o tempo todo. Qualquer um imaginaria que era um efeito colateral daquele monte de agulhas que eram enfiadas nelas todo dia, mas a dor havia começado antes disso. Era semelhante à dor fantasma. Eu resistia a essa ideia porque era muito idiota. Eu podia aceitar dor fisiológica. Até mesmo algo neurológico. Neurologia era a ciência dos nervos. Eram reações químicas que podiam ser apontadas. Mas psicologia era ciência de contos de fada. Era como explicar vulcões com histórias de deuses furiosos e filhos bastardos expulsos, vingança e traição. Eu não acreditava em dor psicológica.

Mas eu precisava dormir. Então uma noite levei um par de pernas para a cama. Eram modelos antigos e leves, apenas varetas, na verdade, que havíamos usado para prototipagem e depois descartado. Coloquei-as ao lado da cama e apaguei a luz. Mais tarde, quando acordei com meus músculos inexistentes gritando, coloquei as pernas em cima da cama, enfiei as coxas nos soquetes, agarrei os pés e flexionei manualmente aqueles toscos blocos de plástico para cima e para baixo. Tive essa ideia depois de ler um artigo sobre tratamento de dor fantasma usando espelhos para formar ilusões de ótica, que convenciam o cérebro do paciente de que o membro ainda estava lá. Por aí dá para entender por que eu era cético com relação à área inteira. Enquanto eu flexionava as pernas, sentia músculos inexistentes destravarem e um pseudossangue começar a fluir. Massageei o plástico. Que bom que ninguém presenciou aquilo.

— Ahhh — fiz.

* * *

FINALMENTE AS PERNAS DA equipe Alfa pararam de pegar fogo. Eu me encaixei nelas e arrisquei um passo. Elas se moveram suavemente, o gemido dos servomagnetos quase inaudível. O chão não quebrou. Nada estalou ou fumegou. Fui até a parede. Não foi um percurso tranquilo, mas eu não estava familiarizado com o equipamento. Então me virei e caminhei de volta até o centro. Levantei uma perna. Não me desequilibrei. Não caí. Flexionei o pé. Era fendido. Parecia mais um casco que um pé. Abaixei-o e levantei a outra perna. Ainda estava de pé. Olhei ao redor e vi muitos rostos felizes. Também sorri, porque aquilo era um progresso.

* * *

EM SEGUIDA, VEIO A interface com nervos. Gastei mais tempo nisso do que em qualquer outra coisa. Quando eu tinha uma ideia para alguma coisa mecânica, geralmente podia mandar que alguém a colocasse em prática. Mas ler nervos era pessoal. Era como tentar peneirar gotas de chuva de uma tempestade que apenas eu podia ver. Passei dias no Lab 1 com 38 fios conectados às minhas coxas, tentando ler meus pensamentos. Era uma maneira engraçada de me conhecer. Por

exemplo, quando eu pensava em mexer o dedão, minhas ondas atingiam um pico de 42.912 giga-hertz, mas se eu pensasse em música country o resultado era o mesmo. Eu nunca imaginaria que as duas coisas fossem semelhantes. Mas aí pensei no ato de tamborilar com os dedos, então talvez houvesse algo em comum. De qualquer maneira, era importante entender esse tipo de coisa antes que eu usasse as pernas lá fora e alguém botasse Kenny Rogers para tocar.

Assim que conseguimos uma paisagem neurológica básica, comecei a praticar movimentos com softwares. Carregamos wireframes de perna no computador, e eu tentava controlá-las com a mente. No começo elas não respondiam. Então começaram a repuxar e tremer e tentar andar em três direções ao mesmo tempo. Erro atrás de erro, fui engatinhando na direção de algo prático. Ao final de cada sessão de seis horas, eu me sentia zozinho e sem saber onde estava. Eu andava em minha cadeira de rodas pelo corredor e via o mundo inteiro como linhas e vértices. Sonhava que era um wireframe, feito de luz verde.

* * *

MEUS ASSISTENTES COMEÇARAM A usar óculos de aro grosso. Ficaram todos ridículos. As lentes eram leitosas, como o oposto de óculos de sol. Ao final da semana, metade da equipe Gama usava esse modelo. Não prestei muita atenção porque imaginei que fosse alguma moda entre os jovens, mas, quando cheguei ao Lab 1 para uma sessão com Mirka e suas agulhas, ela também colocou um par, e tive que perguntar.

— São óculos-Z — explicou Mirka. Ela parecia surpresa por eu não conhecê-los, embora, com aqueles óculos, fosse difícil afirmar. — Você ainda não experimentou?

Balancei a cabeça negativamente. Mirka tirou os óculos. Havia um componente no qual eu não havia reparado antes: dois fios que terminavam em contatos de metal achatados. Mirka os desgrudou das têmporas. Eu estava meio desconfiado, mas segui suas instruções e coleí-os no meu próprio crânio e coloquei os óculos. Tudo parecia achatado. Então o rosto de Mirka desabrochou. Eu nunca havia percebido que meus olhos tinham uma resolução tão baixa.

— O realce visual é bacana — disse Mirka. — Mas a verdadeira vantagem é o zoom. Levante as sobrancelhas. Assim.

Imitei o movimento dela. Seu rosto aproximou-se rapidamente de mim. Comecei a bater os braços. Mirka riu.

— E para diminuir o zoom é o contrário. — Ela me ajudou a ficar reto. — Está vendo?

Escolhi um canto do laboratório e o fiz se aproximar de repente. Havia um clipe de papel ali, tão grande que era como se eu estivesse ajoelhado em frente a ele. Usei o zoom, escolhendo objetos minúsculos na sala e os aumentando. Eu virava a cabeça sem diminuir o zoom e ficava enjoado. Essa não era uma boa ideia. Diminuir o zoom, virar a cabeça, dar o zoom.

— Eles vão fazer um para o senhor, é claro — disse Mirka. — Se o senhor pedir. A equipe Gama.

— É a Gama que está fazendo isso? — Tirei os óculos. O mundo ficou sem graça.

Ela fez que sim.

— A Gama está fazendo muitos periféricos.

Deitei-me. Mirka encheu a seringa de morfina. Eu não me importava que a Gama estivesse fazendo experiências. Era o que eu os havia mandado fazer. Mas eu não sabia se que queria que eles fizessem óculos. Não sabia por quê. Enquanto Mirka enchia minhas veias de morfina, eu me perguntava se não era por não ter sido eu a projetá-los. Meu departamento não girava só em torno de mim, naturalmente. Girava em torno do desenvolvimento de produtos para um mercado geral. Cassandra Cautery havia me explicado isso e na época me parecera razoável. Mas agora eu não sabia se gostava disso.

* * *

PEGUEI O ELEVADOR E fui para o quarto andar do Prédio C, onde Cassandra Cautery trabalhava. Ela havia visitado os laboratórios diversas vezes, mas eu estava sempre drogado ou ocupado com wireframes, então ainda não havíamos conversado. Eu só sabia que ela estava escoltando executivos pela área.

Passei com a cadeira de rodas por um tapete tão espesso que fez meus braços doerem. O Prédio C era bonito. Todo o complexo da Futuro Melhor era visualmente atraente, mas de forma funcional, do ponto de vista da engenharia, em que beleza significa simplicidade. Dávamos preferência a linhas retas e curvas

parabólicas, sem fusão de elementos. Ali havia cores fluidas. Eu não era um grande fã de arte, mas acho que alguma parte de mim relaxou.

Encontrei a sala de Cassandra Cautery em uma interseção de corredores. Eu tinha um horário marcado, mas estava adiantado. Fiquei pensando se não devia fazer uma horinha.

— Charlie! — Cassandra Cautery deu a volta em sua mesa e me chamou para entrar. — Muito obrigada por arrumar um tempinho para vir. — Ela fechou a porta depois que eu passei. A sala era pequena e repleta de livros grossos. Tinha um sofá baixo, uma pintura de um círculo e um computador que parecia mais interessado em ser bonito do que em funcionar rápido. Não havia janelas. — Quer beber alguma coisa?

— Não. Obrigado.

Ela encostou o traseiro na mesa e cruzou os braços. Seu cabelo louro reluzia na luz artificial, captando os raios UV.

— Só tenho ouvido coisas boas sobre o seu trabalho. Todos estão extremamente, extremamente empolgados. É um crédito para você. Como gerente.

— Não sei bem se é assim.

— Não seja tão modesto. Sei que você não se vê desse modo. Mas o seu pessoal não precisa de um chefe sociável. Eles precisam de alguém que os inspire no âmbito intelectual. Que forje dentro deles um intenso desejo de inventar. Esse alguém é você.

Eu me mexi na cadeira de rodas.

— Escute. Progredir dentro de uma empresa requer autoavaliação. Tenho experiência com isso. Na minha primeira análise de desempenho, minha chefe falou: “Cassandra, você é diligente, esperta, motivada e esforçada, mas precisa aprender a aceitar menos que a perfeição.” Na época discordei, mas ela estava certa. Precisei me treinar para aceitar que nem todo mundo trabalha tanto quanto eu. Que o que eu considero inaceitavelmente malfeito é na verdade um bom resultado, e é contraproducente entrar em um conflito com alguém que começa a chorar e ameaça pedir demissão. E sabe do que mais? Isso me ajudou a crescer não apenas como gerente, mas também como pessoa. Porque naquela época eu era, bem, um pouco obsessiva. — Ela sorriu. — Você não contou a ninguém sobre o meu diastema, contou?

— O quê? — Lembrei-me da falha entre os dentes de trás dela. — Não.

— Obrigada, Charlie. Porque aquilo foi confidencial.

— Hum — falei. — Bom, eu queria conversar com você sobre dedos.

Ela fez que sim.

— Prossiga.

— A Gama tem desenvolvido dedos. Eles começaram por conta própria. Eu só queria que eles parassem de brigar com a Beta. Mas eles fizeram algumas coisas interessantes e agora temos uma mão. E ela funciona. Poderíamos substituir a mão biológica de alguém. A prótese não funciona tão bem em todos os aspectos, principalmente por causa da perda de sensação, mas tem suas vantagens. É mais forte. E tem várias funções. Você pode embutir um espectrógrafo em um dedo, por exemplo, e então vai poder sentir ondas eletromagnéticas. Isso seria realmente útil em nossa linha de trabalho. E tudo nela é passível de upgrade. E isso abre uma série de possibilidades para aperfeiçoamentos futuros.

— Parece exatamente o tipo de invenção em que estamos interessados.

— Foi o que pensei. E está pronta. Para teste.

— Quer que eu encontre alguém que precisa de uma prótese de mão?

Balancei a cabeça negativamente.

— Eu posso fazer isso.

— Você pode... Você quer dizer...

— Posso substituir minha mão.

Cassandra Cautery ficou em silêncio.

— Isso é muito generoso da sua parte, Charlie. Mas acho melhor encontrar alguém para isso.

— Eu não me importo.

— Bem... obrigada. Mas você não pode servir de teste para cada equipamento biônico que inventar. — Ela sorriu. — Pode?

— Bem... — falei.

— Charlie. Você está fazendo um trabalho incrível. O pessoal lá de cima não poderia estar mais feliz com o andamento do trabalho. Nem eu. Sinceramente, no começo pensei que esse projeto tinha tudo para ser um desastre. Não um desastre. Mas potencialmente poderia ser muito, muito confuso. E você provou que eu estava totalmente errada. Então vamos... vamos apenas continuar fazendo o que estamos fazendo. E eu vou encontrar alguém que precise de uma prótese de mão.

Que tal? — Eu não disse nada. — Sim — concluiu ela. — Vamos fazer desse modo.

* * *

EXECUTAMOS UM TESTE PRÁTICO da interface com nervos. O resultado foi que as pernas da Alfa não se curvaram o bastante para que eu me conectasse sem arrancar as agulhas toda vez que eu tinha um espasmo, então no último instante troquei para as da Beta. Isso deflagrou uma crise de angústia por um lado e de tripúdio por outro, porque a Beta havia ficado muito para trás desde o incidente das rodas. Mas o que importava ali era a tecnologia. As pernas da Beta tinham metade do peso e eram feitas de aço com contornos em prata: de todos os modelos, eram as que mais lembravam pernas de verdade. Exceto pelos pés, que eram cascos. Usar cascos estava funcionando para nós. Terminei de colocar as agulhas, e dois assistentes me encaixaram nas pernas Beta e me endireitaram. Até esse momento nada estava ligado. Os assistentes saíram do laboratório e começaram a lotar a Sala de Vidro, aglomerando-se atrás da janela verde. Senti uma pontada de nervoso. Não era tanto pelo fato de que eu estava prestes a ver o que acontecia quando você conectava seu cérebro diretamente a um par de pernas mecânicas com fonte de alimentação própria, mas por haver tanta gente assistindo. Encontrei o botão de ligar com o polegar e pus a outra mão na trava de desligamento de emergência. Olhei para a Sala de Vidro mais uma vez e vi Jason fazendo um sinal de positivo. Se acontecesse algum problema com o botão de ligar e com a trava de desligamento de emergência, Jason acionaria uma chave remota de desativação. Nada disso deveria ser necessário, porque estávamos alimentando as pernas com um décimo da energia normal. E havíamos feito uma bateria exaustiva de testes com software. Nada do que acontecesse nesse dia deveria nos surpreender.

Apertei o botão de ligar. Ouvei um gemido agudo, quase indetectável. Tentei ignorá-lo. Com o máximo de clareza que pude, imaginei-me levantando a perna direita e dando um único passo.

Nada aconteceu. Abri os olhos, decepcionado. Então olhei para baixo e minha perna direita estava na frente da outra. Quer dizer, a perna Beta. Ela fizera exatamente o que eu havia mandado, tão perfeitamente que nem tinha notado.

Quando olhei para a Sala de Vidro, por trás do plástico verde translúcido de 8 centímetros de espessura, meus assistentes de laboratório davam pulos, seus óculos-Z saltitando, todos comemorando em silêncio.

* * *

QUANTO MAIS EU MEXIA na mão Gama, mais gostava dela. Era engraçado; assim que você sabia que existia algo melhor, o que você tinha parecia insuportável. Todas as vezes que eu precisava procurar meu crachá, eu pensava: *Eu não precisaria fazer isso se a minha identificação estivesse embutida no meu dedo.* Quando, trabalhando em uma correia ou em uma placa de circuito, eu estendia a mão para apanhar uma ferramenta e meus dedos escorregavam ou minhas mãos tremiam, eu me sentia exasperado, como se eu me perguntasse por que ainda tinha que aturar isso. E o mesmo acontecia com os óculos: os óculos-Z eram pesados e machucavam o nariz, mas bastava eu tirá-los para sentir falta deles. A mão não era tão avançada que eu pudesse honestamente dizer que era superior à sua equivalente biológica. Mas, mesmo assim, havia algo nela que me atraía.

* * *

INSTALEI UM CLIENTE DE voz sobre IP em minha estação de trabalho e liguei para o hospital. Os pacotes de dados não iam para lugar nenhum. Não fiquei surpreso: o firewall da empresa era bem fechado. Uma das ironias de trabalhar para o laboratório de pesquisa mais avançado do mundo era que nossa conexão de internet era tipo dial-up. O filtro tinha que vasculhar tudo. Mexi nas configurações das portas, mas não ajudou. Eu teria que fazer uma gambiarra que tornasse o áudio equivalente a páginas da Wikipédia. Pensei um pouco. Parecia possível.

Outra solução seria sair da Futuro Melhor e encontrar um telefone público, mas, para ser honesto, só pensei nisso depois.

* * *

AS PERNAS DAVAM SALTOS de qualidade. Não saltos propriamente ditos. Os tetos do laboratório não eram altos. Teríamos que deixar isso para testes externos. Mas eu podia bater um casco no chão; podia pular um obstáculo na altura do joelho sem colidir com ele. Na verdade, eu podia passar por cima de um obstáculo na altura do joelho sem nem reparar, porque as pernas identificavam o terreno. Bastava eu desejar que elas me levassem a algum lugar, e enquanto elas cuidavam disso, eu podia pensar em outras coisas. Era assim que eu achava que deveria ser o ato de caminhar.

Passou-se um período de 24 horas sem nada dar errado. Usei as pernas fora do laboratório, de lá para cá pelo corredor. Nós as chamamos de Contornos, por causa de suas linhas e curvas. Eram um belo par de pernas. Eu queria mostrá-las a Lola. Mas ainda não tinha conseguido entrar em contato com ela. E isso já fazia cinco semanas.

Um dia eu estava me encaixando nas pernas Contornos, e elas começaram a se retrair. Isso não devia acontecer. Elas deviam estar desligadas. Um dos assistentes gritou de susto. Olhei para os pistões e para a fenda cada vez mais estreita entre eles e enfiei a mão como se para detê-los.

Senti um puxão violento. Um relâmpago brilhante de dor. Alguém gritou. Mãos me puxaram. Vi o rosto de Jason, contorcido de amargura. Ele dizia “Eu sinto muito” sem parar. Olhei para minha mão. Estava presa entre o joelho de uma das Contornos e o soquete retraído. Havia muito sangue. Eu me sentia zozzo.

— Eu sinto muito mesmo — repetiu Jason. Em tese, ele era o responsável pelas pernas Contornos até eu me levantar. Mas havíamos sido um pouco relapsos nesse quesito por um tempo, já que tudo corria tão bem. — Eu sinto muito, muito mesmo.

— Tudo bem. — Eu estava prestes a desmaiar, mas queria tranquilizá-lo. — Não tem problema.

* * *

— CHARLIE! — EXCLAMOU LOLA. SUA voz soava robótica, porque meu computador estava desemaranhando o áudio dela dos pacotes de IP, que para o farejador corporativo pareciam um e-mail com uma piada muito comprida. Mas

havia um prazer inequívoco na voz dela. Senti alívio. Muito tempo havia se passado, e quem sabe o que havia mudado? — Tenho ligado sempre para você!

— É mesmo?

— É! Eles sempre dizem que você está ocupado e que é melhor eu deixar um recado. E liguei para sua casa, mas a secretária eletrônica está lotada.

— Eu não tenho ido para casa.

— Desde quando?

Precisei pensar um pouco.

— Março.

— Charlie. — O tom da voz dela diminuiu drasticamente. — Acho que você devia sair daí.

— Por quê?

Fui coçar o rosto e não consegui. Olhei para minha mão. Eu não tinha acoplado o dedo indicador.

— Só acho que seria uma boa ideia.

— Ah, tá.

— Vamos nos encontrar — disse ela. — Anote um endereço.

Estendi a mão para pegar uma caneta, a mão que tinha dedos.

* * *

ALGUNS ANOS ANTES, UM sujeito da área de géis tinha apunhalado três pessoas com um balão de destilação quebrado. Precisaram usar gás lacrimogêneo para tirá-lo de lá. Ele se debatia e gritava, reclamando que ninguém levava seus relatórios a sério. Um dos sujeitos esfaqueados morreu. Após o ocorrido, as pessoas passaram dias e dias se reunindo nos corredores e perguntando umas às outras: “Simplesmente não dá para entender, não é?” Elas se aglomeravam em configurações sociais incomuns, engenheiros com marqueteiros e gerentes e pessoal da contabilidade. Todo mundo queria ter certeza de que todo o resto concordava: simplesmente não dá para entender, não é? Como se precisassem ouvir aquele *não*.

No começo eu balançava a cabeça como todo mundo. Não queria parecer desrespeitoso. Mas finalmente fiquei de saco cheio e disse: bom, obviamente ele estava frustrado. Falei isso para Elaine, a assistente de laboratório de pele ruim,

que pediu demissão por causa dos pesadelos. Elaine olhou para mim como se estivesse tentando encontrar algo. “Sim, mas tão frustrado a ponto de fazer uma coisa dessa...” Eu disse que era isso o que as pessoas faziam quando ficavam frustradas: elas manifestam um comportamento violento. Elaine disse: “Mas o *senhor* nunca faria algo assim”, e eu disse que provavelmente não, mas, se estivesse no mesmo ambiente, sofrendo o mesmo estímulo, era justo supor que eu teria uma reação semelhante. Eu não era de uma espécie diferente. Ninguém tem culpa de agir de forma violenta quando seu cérebro é inundado por vasopressina. É o que acontece, só isso. Você solta um copo, ele cai em direção ao chão. Talvez não seja esse o resultado que você queria, mas não culpe o copo. Não faça um julgamento moral porque a causa produziu um efeito. Somos máquinas biológicas. Temos necessidades movidas por substâncias químicas. Injete um determinado coquetel químico em uma freira, e ela vai começar a distribuir socos. Isso é fato.

Tudo isso parecia simples e evidente para mim, mas talvez eu não tenha me expressado direito, pois naquela tarde recebi uma ligação do RH. Eles me disseram que havia acompanhamento psicológico à disposição de qualquer um que se sentisse perturbado pelo incidente e perguntaram se eu gostaria de recorrer a isso, e eu disse que não, e eles disseram que talvez eu devesse, e fiquei falando com um homem careca na sala dele por três horas. Ao final, ele pareceu entender meu ponto de vista, ou pelo menos acreditou que eu não ia sair atirando nas pessoas do escritório. Ele disse que parte de nossa responsabilidade como seres civilizados era a de controlar nossos instintos mais primitivos. Concordei, mas fiquei pensando que situação bizarra era aquela, um mundo de homens e mulheres educados e sorridentes a uma gota de serotonina da selvageria, mas disfarçando isso. Eu tinha a impressão de que essa situação poderia ser aprimorada.

* * *

FUI ATÉ O LAB 4 e subi nas Contornos. Alguns Gamas estavam por lá; eles me olharam com curiosidade através de seus óculos-Z.

— Estamos fazendo algum teste? — perguntou um deles.

Balancei a cabeça em negativa. Liguei as Contornos e as alonguei até a altura correta para caminhar. Dei um passo e mais outro e saí do laboratório.

Quando saí do elevador, quatro seguranças me aguardavam. Um deles era Carl, a montanha humana.

— Boa tarde, senhor — disse ele. — Vai a algum lugar?

Minhas pernas já estavam se distanciando dele, de forma que levei um momento até convencê-las a parar. Elas eram um pouco geniosas. Parei meio que aos trancos. Notei que não havia mais ninguém por perto. O lugar havia sido evacuado.

— Sim. Vou sair.

— Para onde gostaria de ir? Nós levaremos o senhor.

— Só lá fora — falei. — Faz parte dos testes.

— Desculpe, Dr. Neumann, mas testes externos precisam de autorização.

Meu maxilar tensionou. Não era culpa de Carl, mas eu estava irritado por estar sendo afastado de Lola. Pensei: *Eu devia simplesmente sair andando daqui.* Porque eles não teriam como me impedir. Eu não quis expressar isso como uma instrução mental, do tipo que as Contornos pudessem captar. Mas, como eu disse, elas eram um tanto geniosas. Então elas começaram a se mover tão rápido que precisei me segurar nas laterais do assento-balde.

— Epa — eu fiz.

Carl pulou em cima de mim como um zagueiro de futebol americano. As Contornos desviaram dele e marcharam saguão afora.

— Dr. Neumann! — gritou Carl. — Pare!

A voz dele ricocheteou pelo saguão envidraçado. Ela soou um pouco ameaçadora, e possivelmente em reação a isso as Contornos começaram a correr. Os pistões pisaram fundo em direção às portas de vidro do saguão. Elas não se abriram a tempo, o que fez com que o software de detecção de colisão me parasse tão subitamente que minha testa bateu no vidro fumê. Doeu. Eu teria que consertar isso. Então o espaço entre as portas aumentou, e as Contornos saíram em disparada.

* * *

EU ESTAVA EM CIMA de uma britadeira. A cada passo meu pescoço se esticava e tentava se separar da minha cabeça. Quando um casco atingia o chão, meu queixo batia no peito com uma força de rachar os dentes. Com os olhos cheios de lágrimas, vi uma rua se aproximando e pensei: *Ah, por favor, agora elas vão parar.* Mas não pararam. Correram na direção do tráfego. Tentei apertar o botão de desligamento de emergência, mas não acertei. Acho que isso foi bom, porque, pensando melhor agora, eu não queria ficar sem energia na frente de automóveis em movimento. Um sedã passou raspando por mim, tão veloz que sua turbulência bagunçou meu cabelo. Um caminhão do tamanho de um edifício buzinou. Ouvi um grito agudo e aterrorizado e percebi que eu tinha gritado. As Contornos emitiram um estalido lá no fundo, que eu mais senti do que ouvi. Elas pararam. Eu estava na rota do caminhão. Eu ia morrer. Eu estava prestes a aprender por que não se deve realizar um teste de campo de novas tecnologias quando se está amarrado a elas. Aquele caminhão passaria por cima de mim, e, quando parasse, o motorista encontraria uma longa mancha de sangue e um reluzente par de pernas de titânio perfeitas. Seria a prova definitiva da qualidade do meu trabalho. Um testemunho à superioridade das partes artificiais e à necessidade de testes completos em busca de erros.

As pernas se flexionaram e saltaram. O tráfego e a rua foram ficando cada vez menores e mais distantes. Soltei o assento para balançar os braços em desespero. Eu tentava agarrar o ar ou voar. Minha velocidade diminuiu. Por uma fração de segundo eu estava me movendo para a frente sem esforço, a 20 metros do chão, sem subir nem cair. Foi um tanto bonito. Então o mundo foi ficando maior e mais perigoso. Meu cérebro calculou que minha velocidade final seria de quase 70 quilômetros por hora. Eu estaria a essa velocidade quando atingisse a calçada.

Lá embaixo, uma mulher e seu filho olhavam para mim boquiabertos. Eles estavam parados exatamente no ponto em que eu atingiria a calçada. Era uma terrível coincidência. Então percebi que não. Era calculado. Aquelas pessoas eram amortecedores. Objetos físicos que ajudariam a absorver o impacto. Eu havia programado as pernas para evitar colisões em um plano horizontal, mas qualquer coisa abaixo delas seria considerado chão. No laboratório, essa suposição parecera razoável.

A MÃE PUXOU O filho pelo braço. Ele não era um bebê. Eu já vira mulheres brigando com crianças dessa idade, em supermercados e estacionamentos, e normalmente as crianças não arredavam pé. Mas pelo visto um homem caindo do céu era capaz de deflagrar um grande surto de adrenalina, porque o garoto saiu dali como um raio. Atingi a calçada a 15 centímetros de distância dele. O concreto rachou sob meus cascos. Uma nuvem de poeira se ergueu. Minha coluna se dobrou de um jeito que me pareceu muito, muito errado. Perdi o fôlego e aspirei um bocado de pó de concreto. Senti as Contornos se movendo embaixo de mim, preparando-se para correr. Tentei dizer a elas que esperassem um segundo, porque eu tinha que pedir desculpas à mãe, e me certificar de que ela e o filho estavam bem, assim como eu. Mas as pernas não se importavam. O mundo delas era definido por uma localização, um destino e o caminho ideal entre os dois. Nada mais era relevante. Elas definitivamente iriam me matar.

* * *

ELAS CORRERAM POR DEZ minutos. Durante esse tempo me agarrei a elas, implorando para que parassem. Aparentemente, uma das coisas que não se conseguia simular em laboratório era que o terror mortal interferia na capacidade da interface de nervos de interpretar instruções mentais. Ou isso, ou as pernas tinham vontade própria. Eu passava quase voando pelos pedestres. Quando finalmente fechei os olhos e deixei que elas me levassem, elas pararam. Olhei ao redor e vi um cruzamento movimentado. Eu estava em algum lugar no centro da cidade. Segundos se passaram. Minhas pernas não se mexiam. Respirei. Minha gravata havia ficado pendurada em meu ombro, como se fosse uma língua. Minha camisa estava encharcada de suor. Meu paletó estava cinza de pó de concreto. Eu parecia um mendigo. Um mendigo mecânico. E eu ri, porque isso era engraçado: um mendigo mecânico, e minhas pernas haviam parado, e eu estava vivo, e aqueles tinham sido os dez minutos mais apavorantes e descontrolados da minha vida.

* * *

PENSEI EM VOLTAR PARA a Futuro Melhor. Minhas chances de encontrar o café em que estaria Lola Shanks pareciam ínfimas. Eu devia desligar as pernas e

esperar que alguém parasse o carro e perguntasse se eu estava bem, e então eu poderia pedir que ligasse para minha empresa. Pensando melhor, agora eu percebia que devia ter embutido um celular nas pernas. Esse fora um grande erro de planejamento. De qualquer maneira, estava claro que as Contornos tinham grandes problemas de funcionalidade e que eu não podia confiar nelas para me levarem a lugar algum. Então percebi que estava em frente a um café, e que lá dentro, tomando café, encontrava-se Lola.

Hesitei. O café tinha um toldo verde e mobília de ferro, e havia pessoas com roupas bonitas comendo comida de verdade. Eu não queria causar uma confusão. Mas Lola estava lá. Pensei: *Quem sabe...* E as pernas entenderam isso como um sinal verde. Elas atravessaram a rua. Abaixei ao passar pela porta, para não bater com a testa. Cabeças se viraram. Fios de macarrão ficaram pendendo de garfos. Os olhos de Lola encontraram os meus. Seu cabelo estava preso em um rabo de cavalo. Ela usava um vestido amarelo e comprido, folgado no peito, mas apertadíssimo nos braços. Ela sorriu, como se nada importasse a não ser o fato de que eu estava ali, e eu também sorri, pois sentia o mesmo.

As Contornos escolheram um caminho por entre as mesas. Estavam se comportando.

— Oi — falei.

Eu não conseguia parar de sorrir. Lola estava certa: eu realmente havia ficado tempo demais no laboratório. Tinha esquecido como era interagir com pessoas pelo simples prazer de interagir.

— Oi. — Ela olhou para baixo, depois para trás. Éramos os únicos que falavam naquele ambiente. Olhamos ao redor, e os olhos se desviaram. As pessoas pigarrearam e forçaram conversas. Estavam sendo educadas. Eu me senti um pouco ofendido, porque eu não era deficiente. — Hum. Sente-se.

As Contornos se ajustaram; pistões se retraíram. Eu ainda estava mais alto que a mesa, mas não tanto. A boca de Lola formava um O.

— Essas aí... parecem diferentes.

— Progredimos bastante.

— Onde estão os controles?

Dei uma pancadinha com o dedo na cabeça.

— Interface com os nervos.

Lola piscou.

— Charlie... isso é fantástico. — Ela olhava para minha mão. Eu tinha pensado em escondê-la. Era a mão robótica. Em algum momento eu tivera a intenção de cobri-la com plástico moldado, mas por enquanto era apenas um esqueleto de metal e fios elétricos enrolados. Enfiei-a embaixo da mesa. — Não está finalizada.

Lola olhou para mim por entre os cílios. Quando falou, sua voz saiu baixa e rouca:

— Charlie... o que você fez?

— Bem — falei —, você sabe.

— Mostre.

Olhei de esguelha ao redor. Os outros clientes haviam voltado aos seus afazeres, ou assim fingiam. Coloquei a mão em cima da mesa.

Lola ficou rígida. Parecia nem estar respirando.

— Posso tocar?

— Pode.

Seus dedos se aproximaram, hesitantes. Exploraram meu dedo indicador, depois desceram para as costas da minha mão. Foi a primeira vez que realmente senti falta de uma resposta sensorial.

— Ah, Charlie.

Um edifício do outro lado da rua refletia a luz do sol, que brincava nas faces dela. Alguns fios soltos de cabelo que haviam escapado do rabo de cavalo brilhavam em um tom alaranjado. Eu sentia como se eu estivesse saindo do meu corpo. Era assim: parecia que eu estava deixando a forma física para trás, transformando-me algo sem peso e intocável.

Então uma lasca dura de luz atravessou o rosto de Lola. Eu me virei. Já tinha ouvido o motor. Lá fora, em frente à janela do café, uma van branca subiu no meio-fio e vomitou seguranças da Futuro Melhor.

— Droga — falei.

Foi só o que consegui dizer antes de eles invadirem o café e começarem a derrubar mesas. Pratos caíram no chão. Pessoas gritaram. No meio disso tudo, Carl me avistou. Levantou a arma e gritou:

— Deite no chão! — Ele parecia nervoso. Eu não gostava de ver Carl nervoso. Não quando ele tinha uma arma apontada para mim. — DEITE no chão!

Eu não podia me deitar. Era fisicamente impossível. Será que Carl não sabia disso? Lola agarrou minha mão biológica. Vi medo em seus olhos e senti tristeza, porque um segundo antes ela estava feliz, e Carl havia arruinado isso.

— *Deite no chão!*

Que bobagem a minha, imaginar que a Futuro Melhor não iria me encontrar. Eu usava um equipamento de milhões de dólares. Os seguranças estavam parados em um raio de 10 metros, apontando suas armas. Então me ocorreu que, até onde eles sabiam, minhas pernas estavam armadas. Eu realmente poderia ter embutido algum poder de fogo nelas. Desejei ter feito isso.

— Charlie, não deixe que levem você de volta — sussurrou Lola. — Eles estiveram no hospital. Apagaram seus registros.

Ouvi um ruído e virei a cabeça. Dois seguranças tentavam se aproximar de surpresa.

— *Vão, vão!* — ordenou Carl. Ele veio na minha direção.

— *Não!*

Lola avançou e estendeu os braços. Era como se ela fosse voar para cima de Carl e arrancar a arma dele, ou invocar a ira dos deuses, ou algo assim. Não sei. Só sei que Carl girou e deu dois tiros no coração de Lola.

E ELES SOARAM COMO: *CLANG! CLANG!*

6

— BEM, É REALMENTE UMA infelicidade — disse Cassandra Cautery. — Eu me sinto péssima por isso.

Eu não podia vê-la. Meus olhos não se abriam direito. Eu não sabia onde estava ou de onde tinha vindo.

— O que precisamos fazer agora, eu acho — disse Cassandra —, é respirar fundo algumas vezes.

Minha pálpebra direita se abriu. A esquerda ainda estava grudada, mas eu podia ver uma bolha onde o rosto de Cassandra Cautery devia estar. Uma moldura de cabelos louros aguados. Mais além, havia um teto. Eu o reconheci. Estava na empresa.

— Quer um pouco d'água? Você deve estar com sede.

Eu me esforçava para colocá-la em foco. Falei:

— Argh. — Senti o cheiro de alguma coisa acre e implacável.

Cassandra Cautery desapareceu, depois voltou trazendo um copinho de plástico.

— Beba.

Tentei me sentar. Alguma coisa nadava na minha cabeça, doente e pesada.

— Acho que houve erros de comunicação de ambos os lados — disse Cassandra Cautery. — Algumas verdadeiras lições podem ser aprendidas a partir disso.

Lola, falei.

— É compreensível que você esteja triste. Eu estaria, no seu lugar. Mas, por favor, tenha em mente o seguinte: era uma situação de alta tensão. Nosso pessoal foi forçado a tomar decisões em uma fração de segundo.

— *Lola*.

Desta vez era uma palavra de verdade. Meu olho esquerdo abriu, trêmulo. Em um minuto eu conseguiria sentar. E logo depois eu poderia colocar minha mão ao redor do pescocinho de Cassandra Cautery e apertá-lo.

— É o desconhecido — disse ela. — Ele assusta pessoas. Faz todo mundo se afligir com as piores possibilidades.

Lembrei-me de Lola correndo para mim. Eu tentando alcançá-la. Mas minhas pernas não se mexiam. Estavam inertes. Eram âncoras. Eu tinha visto o choque se espalhar lentamente pelo rosto de Lola. Sua boca se abrir e fechar. Seus dedos descrevendo um arco lento pelo ar, chegando à flor vermelha que desabrochava sob seu vestido amarelo. A maneira como ela caiu.

— Mas na verdade a culpa foi sua, Charlie. Não quero começar a procurar culpados. Mas a maneira como você saiu correndo... fez todo mundo ficar imaginando o que você poderia fazer.

Homens de uniforme haviam me arrancando das minhas pernas. A interface de nervos fora cortada. Uma seringa fora injetada em meu ombro.

— Não sei se você faz ideia da pressão que sofremos. A gerência. Os estresses diários. O temor do “e se”.

Coordenei meus braços e me ergui. Eu estava em uma sala pequena e sem janelas. As paredes eram de um azul-claro nostálgico. Em uma delas havia um armário de primeiros socorros. Era um ambulatório.

— Ela está em cirurgia — disse Cassandra Cautery. — Você pode assistir se quiser.

Abri a boca. A tontura tomou conta de mim. Eu queria dizer: *Cirurgia? E: Obrigado e Salvem-na e Senão...*

— Eu gostaria de uma informação sobre uma coisa quando você se sentir melhor — disse ela. — Gostaria de saber por que sua namorada tem um coração de metal.

* * *

ELA SAIU. FICAMOS SÓ eu, uma cama e um piso de vinil com algumas manchas perturbadoras. Comparado ao resto da empresa, aquele quarto era Terceiro Mundo. Acho que isso dizia alguma coisa a respeito das nossas prioridades. Não estávamos ali para curar.

A porta estava trancada. Pelo menos supus que estivesse. Eu não tinha energia para me arrastar para fora da cama e percorrer o chão para verificar isso. Eu estava sem pernas. Eu já havia agido sem elas antes, mas agora eu sabia que nunca mais

as deixaria. Sentado ali, um meio homem, esperando para saber se Lola estava viva ou morta, jurei que nunca mais deixaria ninguém tirar de mim alguma parte do meu corpo.

* * *

APÓS UM TEMPO A porta se abriu, e lá estava Carl. A princípio nenhum de nós falou. Nas últimas vezes em que havíamos interagido, eu fugira dele com minhas pernas artificiais e, na outra, ele tinha atirado no coração de Lola. Era uma situação social incomum.

— Ela, hã, vai ficar bem — disse Carl. — Eu acho.

No corredor lá fora, vi uma cadeira de rodas. Carl veio na minha direção, os braços estendidos. Tentei empurrá-lo, porque não estava preparado para que ele me tocasse. Levaria muito tempo até conseguir aceitar isso. Mas ele tinha braços do tamanho de tanques de propano, e eu estava grogue e sem uma das mãos. Ele me levantou da cama. Contra o peitoral duro como rocha de Carl, comecei a chorar. Era uma reação pós-traumática. Eu havia passado por muita coisa.

— Vai ficar tudo bem — disse Carl.

Solucei. Carl era provavelmente um homem decente. Um homem decente com um trabalho difícil.

— Era munição não letal. Eu não teria atirado se não fosse.

Parei. Eu estava suficientemente familiarizado com a nossa linha de munições para conhecer a definição de *não letal*. Quando queríamos nos referir a armamentos que deixavam o alvo não somente vivo mas também capaz de recuperar completamente a qualidade de vida, dizíamos *não incapacitante*. Dei um soco no ombro de Carl. Ele não pareceu sentir. Tentei novamente, e ele me colocou na cadeira de rodas.

— Aquele livro era uma merda — falei. — Aquele livro imbecil de viagem no tempo.

Carl não disse nada, e, depois disso, nem eu.

* * *

CASSANDRA CAUTERY AGUARDAVA EM uma pequena e escura sala de observação acima de uma sala de cirurgia, uma silhueta minúscula de terninho. Quando Carl me levou para dentro, ela olhou de relance para mim, depois voltou a prestar atenção às figuras de verde andando ao redor da mesa cirúrgica abaixo. Carl fechou a porta. Antes que ele pudesse pôr as mãos na minha cadeira de rodas, segurei nos suportes de mão e fui sozinho até o vidro.

Lola estava na mesa. Eu podia ver um dos seus braços despontando debaixo de um oceano de pano verde. Era a única parte dela visível, mas era o bastante. Um cirurgião estava de costas para mim, os ombros se mexendo enquanto ele trabalhava. Aquilo parecia muito errado, Lola deitada ali enquanto um homem que ela não conhecia mexia dentro dela.

— Acho que a Srta. Shanks passou por algum problema também — disse Cassandra Cautery. — O coração é um SynCardia, mas muito incomum.

Eu podia vê-lo. A parte de cima, pelo menos. Estava dentro de uma tigela de aço sobre uma bandeja à direita de um dos cirurgiões, um pedaço de plástico e metal manchado de vermelho. Parecia estranho. Mas, também, ele havia sido deformado por dois impactos à queima-roupa da munição não exatamente letal de Carl.

— É muito aço. Por favor, pergunte a ela sobre isso quando ela acordar.

Eu não estava falando com Cassandra Cautery. Tinha decidido isso ali na cadeira de rodas enquanto Carl me empurrava por corredores que cheiravam a tinta fresca. Eu não ia falar com ninguém até que Lola estivesse bem.

— Felizmente, temos um substituto. Um pequeno modelo fabricado por nós. E temos também as instalações para colocá-lo. — Ela olhou para mim. — Esta sala não existia há duas semanas. Acabamos de finalizar a construção. Você acredita em sorte, Charlie?

Continuei calado.

— Eu também não. Alguém está cuidando da sua garota, eu acho. Alguém lá de cima.

No começo achei que ela estivesse falando de Deus. Depois percebi que se referia à direção.

— Construímos este lugar para você. Para o seu projeto.

— Não vou continuar com o projeto. — Isso quebrava meu voto de silêncio. Mas eu não podia permitir que ela continuasse a falar.

Cassandra Cautery demonstrou compreensão.

— Tudo bem, Charlie. Como quiser. — Ela não acreditava em mim.

Ficamos assistindo à cirurgia. Depois de um tempo, o cirurgião que estava de costas para nós se moveu para o lado. O peito de Lola era um buraco vermelho e molhado.

— Já que estamos com ela aberta — disse Cassandra Cautery —, fico me perguntando se não poderíamos fazer mais alguma coisa ali dentro.

Olhei para ela furioso, mas também envergonhado, porque eu estava pensando a mesma coisa.

* * *

EU ME ENCONTRAVA AO lado de Lola quando ela acordou. Foi uma surpresa, embora eu esperasse por isso: as pálpebras dela começaram a piscar devagar, e duas dezenas de pequeninos músculos se contraíram, e subitamente seu rosto parecia diferente. Era um pouco desconcertante. Eu nunca tinha visto isso antes, essa súbita infusão de consciência.

— Oi — falei. Lola foi levando a mão para os tubos no nariz, e guiei sua mão em outra direção. — Você acabou de ser operada. Tiveram que substituir seu coração.

Os olhos dela se arregalaram. Seus dedos desceram para o peito.

— Vol.

— Tudo bem. Tente relaxar.

— Vol.

Eu me curvei mais para perto.

— O quê?

— Vol. — Seus dedos se fecharam ao redor da minha camisa. — Vol.

— Não faça esforço. Sua pressão sanguínea não pode aumentar.

Ela puxou. Eu me aproximei, porque tive medo de que, se eu resistisse, ela arrebatasse algum ponto. Seus lábios roçaram na minha orelha.

— *Volta* — falou ela. — *Ponha... de volta.*

* * *

— POR QUE NÃO ESTÁ fazendo com que ela fale sobre o coração? — perguntou Cassandra Cautey.

Isso ocorreu depois, no corredor. Lola havia parado de reagir. Ela ficou olhando para a parede e deixou de responder a perguntas. Eu havia começado a pensar: *Eu não a conheço tão bem assim*. Tínhamos compartilhado algumas experiências intensas, mas, quando somei o tempo que havíamos passado na companhia um do outro, era algo assim na média de quatro horas. Quando uma pessoa que você acabou de conhecer muda completamente de personalidade, você começa a se perguntar qual será a personalidade verdadeira. Por que Lola parecia gostar de mim? Eu nunca havia analisado isso. Havia colocado tal fato na mesma categoria da magia.

— Ela não vai falar sobre nada. Ela está em coma.

— Você não está nem tentando. Só fica repetindo o nome dela.

Agora eu entendia por que uma das paredes da sala de recuperação em que Lola estava era um grande espelho.

— Você está vendo tudo?

— Charlie — disse Cassandra —, não quero pressioná-lo, mas o que fizemos aqui, esta pequena cirurgia dentro da empresa, não foi inteiramente legal. Sabe como gerentes se sentem em relação a isso? — Ela levou a mão ao peito. — Eu me sinto como se estivesse chutando uma pia batismal.

— O quê?

— Um negócio sustentável funciona dentro dos limites da lei. Isso... — Ela fez um gesto na direção da porta de Lola. — Vai contra tudo o que eu defendo.

— Então por que fez isso?

Cassandra me encarou.

— Achei que você ficaria feliz por podermos fornecer um tratamento médico imediato e de qualidade.

— Mas...

— Estamos limpando a sujeira. É o que estou fazendo, Charlie. Limpando a sujeira. Você está dentro ou não?

Não respondi.

— Charlie — disse ela —, estou tentando ajudar você. De verdade. Agora volte lá e pergunte sobre o coração.

Entrei no quarto de Lola com minha cadeira de rodas. Nada havia mudado: ela estava deitada de lado, olhando para a janela. Ou pelo menos foi isso o que pensei. Quando me aproximei, vi que ela olhava para a parede perto da janela.

— Lola? — Estiquei o braço e toquei o ombro dela. — Lola, está tudo bem. Tudo bem. — Fiquei acariciando o cabelo dela por um tempo. Às vezes eu repetia: — Está tudo bem.

Comecei a relaxar. Eu ia me acalmando.

A mão de Lola se fechou ao redor da minha. Nossos olhos se encontraram. Subitamente eu não sabia por que havia me perguntado quem ela era. Ela era Lola, é claro.

— Nasci com um defeito cardíaco congênito — disse ela. Sua voz saía baixa e distante. — Síndrome de hipoplasia do coração esquerdo. Só um dos lados se desenvolveu bem. Fiz três cirurgias antes dos 2 anos. Minha família faliu. E eu precisava de mais cirurgias. Era apenas uma questão de tempo. Eu era uma bomba-relógio. Nunca tiramos férias, tivemos um carro novo, nem comemos fora. Meus pais nunca tiveram outro filho. Eles economizavam tudo escrupulosamente para o dia em que eu desmaiasse e lhes custasse 300 mil dólares.

“Então decidi morrer. Havia um álbum de fotos embaixo da mesinha de centro que eu costumava ver, e eu olhava para as páginas em que meus pais eram jovens e felizes e saíam para conhecer lugares, e eu queria que eles voltassem a fazer isso. Morávamos bem ao norte, em uma cidade cheia de neve chamada Chabon, e um dia saí, tirei o casaco e o chapéu e sentei ao lado de um riacho congelado. Acho que eu estava sendo dramática. Mas era sério. Eu queria salvar a vida dos meus pais. Fiquei sentada ali até não conseguir me mexer, e então adormeci.

“Quando acordei, estava em um leito hospitalar, e minha mãe chorava. Meu peito doía. Eu tinha danificado meu coração. Ele não conseguia mais bater. O hospital havia instalado um coração artificial. Era uma medida temporária, o médico explicou, porque eu ainda estava em fase de crescimento. Em alguns anos teria que ser substituído.

“Então lá estávamos nós. Eu, com um novo coração caríssimo, e meus pais lisos. Dessa vez limpei meus avós também. Descobri depois. O dinheiro dos planos de aposentadoria foi sacado, as casas e heranças, vendidas. Tudo pelo meu coração temporário. E talvez dali a cinco anos eu precisasse de um novo.

“Algumas semanas depois eu estava vendo TV, e minha mãe recebeu uma ligação. O rosto dela ficou branco, e ela teve que se apoiar na parede. Como se alguém a empurrasse. Era da fábrica de montagem de automóveis. Onde meu pai trabalhava. Ele estava no chão da fábrica e um dos robôs tinha prendido a mão dele. Você sabe. Os robôs que constroem os carros. A mão dele foi soldada a uma porta. O supervisor, quando foi visitá-lo no hospital, ficava repetindo sem parar que não conseguia entender aquilo. Havia travas de segurança. Na verdade, elas faziam parte das responsabilidades do meu pai. Então era um pouco irônico. Quer dizer, parecia irônico. Na época.

“Amputaram a mão do meu pai na altura do pulso. Quando ele veio para casa, trazia um cheque de 50 mil dólares. A tabela de indenizações... havia uma quantia previamente estipulada para lesões no trabalho. Questões sindicais. Se você perdesse a mão esquerda, como meu pai, ganhava 50 mil. Um polegar da mão dominante, 20 mil. Os dedões dos pés, 10 mil cada. Dedinhos, 3 mil cada. Redução na audição valia 10. Cada pé, 40 mil dólares.”

Os olhos dela refletiam a janela atrás de mim, tornando curvas as linhas retas.

— Imagine como sei disso. Todas essas quantias.

* * *

— PAPAI FICOU EM CASA seis semanas — continuou Lola. — Eu fazia o café da manhã para ele. Ele caminhava comigo até a escola, e na hora da saída eu corria até o portão para encontrá-lo. Todo encasacado por causa do frio, nem dava para perceber que ele não tinha uma das mãos. Ele não tinha uma prótese. Não via sentido nisso. Ele gostava de ficar em casa. Era a primeira vez que não precisava trabalhar em anos. Nós dois ficamos muito tristes quando esse período chegou ao fim. Eu queria que ele ficasse. Mas é claro que ele precisava do dinheiro. Então ele voltou ao trabalho.

“Quatro dias depois, aconteceu de novo. Outro acidente. O mesmo braço. Ele o amputou até o cotovelo. Fomos vê-lo no hospital, e mamãe chorou e disse que éramos amaldiçoados. Mas meu pai não parecia triste. Ele ganhou dez semanas de licença para recuperação. Quando esse tempo acabou, perguntei: ‘Você vai voltar para o trabalho agora?’ E ele falou: ‘Vamos ver.’ Dois dias se passaram. Dessa vez foi na máquina de cunhagem. Alguns dedos do pé. Mamãe não conseguiu visitá-

lo. Estava ficando louca. Mas eu fui. E estava preocupada, porque meu pai parecia realmente ferido. Seus pés estavam envoltos em bandagens, e ele não tinha um braço. Subi na cama e o abracei o mais forte que consegui. Chorei e disse que ele estava morrendo. Ele disse que não, que eu estava enganada. Então me contou sobre os pagamentos. Ele tinha um livretinho. E me disse: 'Viu, Lola? A soma das partes é maior que o todo.'

"Era assim que funcionava. O seguro por morte era de 100 mil dólares. Mas se você somasse as partes do corpo individualmente, dava muito mais. Até mesmo a mão, se você a perdesse toda de uma vez era 50 mil, mas cada dedo dava entre 10 e 15, e o polegar, 20. Era possível maximizar os números.

"Ele disse que tinha feito bobagem com a mão. Perdê-la toda de uma vez só. Agora ele sabia o que fazer. Estava dando um jeito de conseguir um coração novo para mim. Ele me beijou e disse que ficaria tudo bem para sempre.

"A empresa mandou um homem lá em casa. Ele fez perguntas do tipo: meu pai estava deprimido? Havia falado em se matar? Eles não conseguiam achar que ele estava feliz. Menti para eles. Ajudei meu pai a planejar seu acidente seguinte. Tínhamos um caderninho. Fazíamos somas e calculávamos que partes perder. Quando ele me colocava na cama, seus olhos estavam cheios de alegria, e eu sabia que eu tinha o melhor pai do mundo, porque ninguém mais tinha um pai que amava tanto assim um filho.

"Mamãe encontrou o caderninho. Acordei com ela gritando. Quando desci, ela estava louca, batendo nele. No dia seguinte me fez ficar em casa e me explicou que meu pai estava doente. Da cabeça. Tinha mandado interná-lo. Fiquei tão zangada! Ela estava tentando me dizer que na verdade ele não me amava. Que ele era apenas louco. Nós gritamos. Eu quis que ela morresse. Nunca mais fomos as mesmas depois disso.

"Depois de um tempo, papai voltou para casa. Tentaram mantê-lo no hospital, mas ele foi mais esperto. E a empresa dele não conseguiu encontrar um jeito de demiti-lo, então ele voltou ao trabalho. Mandaram um sujeito segui-lo por todo lado, um homem alto de bigode. Até mesmo quando papai ia me buscar na escola. Papai disse que eles iam ao banheiro juntos. Do jeito que ele descreveu, era engraçado. Como se estivessem brincando de espíões. Nós dois folheávamos nosso caderninho e fazíamos somas e vimos que estávamos quase lá. Sabíamos de

quanto precisávamos, incluindo os juros bancários, para um coração novo. Só mais um pouquinho. Só um pé.

“Ele levou três semanas para conseguir um momento em que o homem do bigode não estivesse por perto. Mas alguma coisa deu errado. Mamãe foi até a escola e me levou ao estacionamento e disse que papai havia morrido. Ele tinha sido esmagado por um bloco de motor. Não acreditei nela. Corri para casa e desencavei o caderninho, e estava bem ali. Era para ser só o pé.

“A empresa nos deu um cheque de 100 mil dólares. A indenização pela morte. Ele teria ficado tão irritado. Cem mil pelo todo, quando as partes valiam muito mais.

“Investimos esse dinheiro. E ele cresceu. Quando fiz 18 anos, eram quase 600 mil dólares.

“Eu disse ao médico que queria algo que durasse para sempre. Alguma coisa de aço. Porque era tudo o que havia me restado do meu pai e eu queria que ele vivesse no meu coração para o resto da minha vida.”

O rosto dela se contorceu. Lola enterrou os dedos no algodão que cobria seu peito.

— E eles o tiraram.

* * *

DEPOIS QUE LOLA ADORMECEU, fui para o corredor. Cassandra Cautery saiu por uma porta a 3 metros dali.

— Ora — disse ela —, foi uma história e tanto.

— É.

— Sempre fico curiosa em saber o que motiva as pessoas a escolherem determinadas carreiras. Nunca é o que a gente pensa.

Fiquei calado.

— Ela pode ficar com o coração. Ainda não o jogamos fora. Se tem valor sentimental... bem, ela pode ficar com ele.

— Vou dizer a ela.

Silêncio.

— Quero continuar com o projeto — eu disse.

— Sim — disse Cassandra Cautery. — Achei que poderia querer.

* * *

NO DIA SEGUINTE, CARL me conduziu pelos corredores da ala de Pesquisa até os laboratórios. Não conversamos muito. Enquanto esperávamos pelo elevador, ele disse:

— Fiquei muito feliz em saber que a Srta. Shanks está se recuperando bem.
Não respondi.

Ele me levou até o que costumava ser um laboratório de outro projeto antes de tomarmos conta dele. Paramos em frente à porta.

— Estou sem meu cartão — falei.

Isso era uma acusação, porque estava comigo antes de ele atirar em Lola. Haviam pegado meu cartão enquanto eu estava sedado, assim como minha mão e minhas pernas.

Carl passou o dele. O display da trava piscou uma luz verde. Fiquei surpreso, porque, pelo que eu sabia, os seguranças não tinham acesso aos laboratórios. Aquela era uma sala grande com muitas estantes. Sobre prateleiras de aço reluzentes havia meia dúzia de pares de pernas em diversos estágios de finalização. As Contornos estavam entre elas. À minha direita havia um banquete de dedos. Ao lado deles, algumas mãos. Até aquele momento, eu não havia realmente acreditado que eles fossem me deixar ter minhas partes de volta. Eu achava que Cassandra Cautery apareceria a qualquer momento e me diria que algum imprevisto tinha ocorrido. Mas não.

— Quer que eu pegue um suéter para o senhor?

Levei um susto, porque tinha esquecido que Carl estava ali.

— O quê?

— O senhor está tremendo.

Era verdade.

— Ah, não.

Agarrei os suportes de mão e fui na direção das Contornos. Carl não me deteve; não segurou meu pulso para dizer: *Escolha outra coisa*. Passei as mãos pelo metal, checando conexões, me certificando de que estava tudo ali.

— O senhor gosta mesmo dessas coisas — disse Carl. — A força de esmagamento delas deve ser, o quê, uma tonelada?

— Por aí.

Eram 4 toneladas. O que, francamente, não era nada se comparado ao que elas fariam assim que eu implementasse algumas modificações em que vinha pensando. Mas não falei sobre isso, porque Carl estava tentando ser meu amiguinho, e eu não queria ser amiguinho de ninguém.

— A gente nunca consegue ser forte o suficiente — disse Carl. — Isso é certo. — Ele colocou um cartão na bancada de aço ao seu lado: o meu cartão. — Vou deixar o senhor sozinho.

Essa foi a última vez que o vi. Inteiro, quero dizer.

Escolhi alguns dedos de metal e os acoplei a uma mão. Ela não estava completa. Parecia mais uma luva. No acidente eu havia esmagado apenas três dedos. Parecera pior na época. A luva permitia que os dedos artificiais se encaixassem facilmente, inserindo as agulhas da interface com os nervos entre os nós dos meus dedos. Isso doía tanto quanto se possa imaginar, mas não por muito tempo. Eu havia descoberto que era possível se acostumar a qualquer coisa. A sensação era de estar conectado a alguma coisa grande, fria e distante, e minhas sinapses estalavam agradavelmente. Olhei para meus dedos de metal, e eles se mexeram.

Voltei para onde estavam as Contornos e apertei um botão para que elas se dobrassem. Quando chegaram a uma altura confortável, tirei do soquete a matriz da interface de nervos. O grande barato da mão era que os dedos não tremiam. Eles enfiavam as agulhas na minha carne com a precisão de lasers.

Quando acabei de conectar os fios ao meu corpo, me ergui para me encaixar nos soquetes. Três semanas antes eu não teria conseguido sozinho. Eu tinha percorrido um longo caminho até ali. Eu me ajeitei e fechei os olhos, e os pistões sibilaram. Os cascos das Contornos fizeram *tunc-tunc* no piso. Não vou mentir: foi uma das experiências mais sensuais da minha vida. Por mais que eu tivesse sentido falta das pernas, eu não havia imaginado que seria tão bom tê-las de volta.

Dei um passo. *Tunc*. A maneira como elas haviam me levado pela cidade, gritando descontrolado, eu só podia ter imaginado a maior parte daquilo. Aquelas pernas não iriam me trair. Eram de confiança. Eu podia perceber isso. Elas eram praticamente eu.

Meus olhos deram com a cadeira de rodas. Aquela coisa parecia uma piada. Fui até ela, levantei um casco e o posicionei em cima do assento. Desci a perna. As hastes de metal da cadeira estalaram e gemeram, e ela se partiu como lenha.

* * *

FUI ATE OS ELEVADORES. Enquanto eu esperava, mãos às costas, cantarolei um pouco. As portas do elevador se abriram e revelaram dois assistentes usando óculos-Z.

— Bom dia, Dr. Neumann! — Eles se moveram para o lado a fim de abrir espaço para mim.

— Olá. — Eu não conseguia me lembrar dos nomes deles.

— O senhor está voltando ao trabalho?

— Sim — falei. — Não. — Aquelas lentes brancas eram um pouco assustadoras. Tudo bem que eu mesmo era metade máquina. Mas ainda assim... — Em breve.

— Que bom. — O mais alto sorriu. — Temos algumas coisas para mostrar ao senhor.

As portas se abriram. Eu saí. Estava curioso para ver essas coisas. Porém, mais do que isso, eu queria ver Lola. Era engraçado, porque uma hora antes eu só conseguia pensar nas minhas partes. E Lola devia estar dormindo. Não havia nada produtivo que eu pudesse fazer lá. Mesmo assim, fui até o quarto dela e tive que me abaixar um pouco para passar pela porta. Suas pálpebras se abriram brevemente, e ela sorriu. Foi um sorriso pequeno, mas muito bonito, e pensei nisso depois: esse momento perfeito, que não poderia ser aprimorado.

UMA VEZ LI QUE a gente precisa de duas coisas para ser feliz: entre saúde, dinheiro e amor, apenas duas dessas três opções. Podemos preencher a ausência de uma com as outras duas. Eu me reconfortava com essa ideia enquanto tinha um corpo inteiro, um emprego e nenhum amor. Isso fazia com que eu sentisse que não estava perdendo muita coisa. Mas agora eu percebia que isso era uma bobagem sem tamanho, porque saúde e dinheiro não se comparavam de forma nenhuma a amor. Havia uma garota em um leito de hospital que gostava de mim, e eu não sabia no que isso ia dar, mas dava para saber que era mais importante que manter a pressão controlada. Era mais importante que um carro novo. Com Lola ali no mesmo edifício que eu, eu estava nas nuvens. Não literalmente. O que eu quero dizer é que eu estava feliz, feliz de uma forma que antes eu só sabia como era em teoria. Eu me sentia feliz por estar vivo.

* * *

QUANDO CHEGUEI À SALA de Vidro, reparei que havia um monte de assistentes usando óculos-Z. Eles sorriam. No começo achei que estivessem felizes por me ver, mas, quando cheguei à minha mesa, suspeitei de que fosse algum tipo de brincadeira.

— Olá — falei para uma jovem, e ela respondeu olá e seus lábios se arreganharam. Acomodei as Contornos e comecei a mexer no meu computador. Eles começaram a me rodear, oito ou dez deles. Quando não consegui mais aguentar, perguntei: — O que foi?

— Notou algo diferente?

Percebi que era Jason. Eu não o havia reconhecido de imediato porque os óculos-Z ocupavam metade do seu rosto. Eu não estava acostumado a identificar pessoas pela boca. Olhei de um par para outro.

— Não.

— Nada mesmo?

— Não.

— O senhor gostaria que tirássemos os óculos?

— Não, não precisa.

Alguém abafou uma risadinha.

— Tudo bem — falei. — Podem tirar.

Eles tiraram os óculos. Por baixo, eles não tinham pupilas. Era o que parecia.

— Não podemos — disse Jason. Mais risadas. — Ainda estamos usando.

Ergui-me nas Contornos. Olhando mais de perto, eu podia ver círculos prateados nadando nas pupilas deles. Minúsculos sóis flutuantes de prata.

— Miniaturizamos. Agora são lentes.

— Lentes-Z — corrigiu uma garota.

— Silício e gel sobre wafers de policarbonato flexível — disse Jason. — Não precisamos mais das sobrancelhas para controlar o zoom. Agora basta piscar.

Ele tremelicou as pálpebras. Suas pupilas prateadas ficaram enevoadas como neblina.

— Estou vendo — falei.

— Não está, não. — Mais risos. — Não sem lentes-Z. Não de verdade.

Olhei para seus rostos orgulhosos, sorridentes, sem pupilas. Eu estava demonstrando menos entusiasmo do que eles desejavam. Mas aquilo era bizarro.

— Legal — falei. — Bom trabalho.

* * *

EU TRABALHAVA NAS PARTES do corpo durante o dia e visitava Lola toda noite. Às vezes ela dormia. Cada vez mais, ela permanecia desperta. Ficava ali deitada com os cabelos espalhados no travesseiro e colocava a mão no meu braço enquanto conversávamos. Ela podia rir e contar histórias, mas se cansava rapidamente, e tudo sempre acabava muito rápido.

— Nunca gostei das minhas orelhas — disse ela. — Olhe. São altas demais.

— Altas demais para quê?

— Para... — Ela sorriu, soltou o cabelo e deu um tapa no meu braço. No sol poente, ela parecia muito quente. — Para a *boa aparência*.

— Elas parecem ótimas. — Toquei na orelha dela. Eu quase não podia acreditar que ela me permitisse fazer isso, mas eu a tocava. Eu a tocava. — Suas hélices seguem a razão áurea.

— Isso é bom?

— Posso comprovar matematicamente.

— Queria que você tivesse estudado no mesmo colégio que eu.

— Suas orelhas são excelentes — falei. — Para a biologia.

— Ah. — Ela se acomodou um pouco mais no travesseiro, o que queria dizer que era quase hora de ir. — Você poderia fazer coisa melhor, imagino.

— Bem...

— Diga.

— Não sei. Não. Eu não conseguiria.

— Mas você conseguiu.

— Eu gosto da sua biologia — falei. — Você tem uma ótima biologia.

— Mas...

— Bem, funcionalmente...

— Sim?

— Existem áreas que podem ser aprimoradas.

— Fale um pouco mais.

— Bem...

Olhei de relance para o espelho. Era difícil saber o nível de privacidade que estávamos tendo.

— Se você tivesse que mudar alguma coisa.

Hesitei. Toquei o ombro dela.

— A clavícula. Acho que isso é óbvio. Não é uma clavícula muito forte. Isso serve para quaisquer ossos em geral, em comparação com os metais modernos. Sabemos como fazer metais fortes e leves bem melhor do que ossos.

— Não quero quebrar.

Ela ficou pressionando a clavícula contra meus dedos. À luz do sol, sua mão tinha um brilho vermelho.

— Exatamente.

— Acho ótimo que você consiga enxergar além dos corpos — disse Lola, com um ar sonhador. — Você vê... algo mais.

Ela fechou os olhos. Fiquei mais um pouco, a mão dela sobre a minha, observando-a respirar.

* * *

FIZ DO LAB 3 meu espaço exclusivo, proibido para assistentes. Eu não conseguia me concentrar com eles ao meu redor. Eles sempre foram muito barulhentos e agitados, rindo por nada, se empolgando com bobagens como se fossem as primeiras pessoas do mundo a sintetizar um composto casado, mas eu achava isso mais tolerável antes de eles passarem a ter olhos prateados. Comecei a ter medo de entrar nas salas, por causa do jeito como olhavam para mim.

Eles se ofereceram para fazer um par de lentes-Z para mim. Eu disse que estava ocupado. A verdade era que eu não gostava daquelas lentes. Eu deveria. Eram maravilhosas. Eu poderia tê-las feito. Mas não tinha sido eu, e isso me incomodava. Acho que isso soa egoísta. Mas eu não gostava de tecnologias que eu não pudesse modificar. Eu não era um usuário.

No Lab 3 eu mexia com as Contornos, analisando diversos softwares, reforçando o código. Para me divertir, esbocei uns braços. Eu só estava brincando. Não planejava substituir meus braços biológicos. Não imediatamente. Mas o fato era que eu tinha dedos artificiais e havia um limite para o que se podia fazer com eles quando estavam presos a um braço biológico. Era o problema do obstáculo mais uma vez. Então eu ficava viajando. Era a melhor maneira de se trabalhar: sem um objetivo definido em mente. Isso me permitia explorar as ideias mais intrigantes, não as mais prováveis de atender às especificações.

Uma dessas ideias me ocorreu no elevador, quando eu estava voltando da minha visita a Lola. Fui até o Lab e me tranquei lá. Peguei o bloquinho em que eu anotava minhas ideias e comecei a desenhar um esboço. Era só uma ideia. Eu não entendia muito dessa área. Não sabia o que era possível. Mas mesmo assim, gostei da perspectiva de fazer aquilo. A ideia era construir um coração para Lola.

* * *

LOLA FOI TRANSFERIDA PARA uma suíte não hospitalar na seção superior do Prédio C. Isso significava que, para chegar até ela, eu tinha que sair de um

elevador e dar a volta no pátio, passando pelo saguão. Quando eu andava, com meus passos pesados, as Contornos bombeando seus pistões, os cascos fazendo *clump-clump* no carpete, cabeças se viravam. Queixos caíam. Pessoas de terno abriam caminho, e pessoas de jaleco se aproximavam. Elas queriam fazer perguntas e me contar sobre projetos relacionados e pedir para tirar fotos comigo. Eu não me incomodava com a atenção, mas estava ansioso para ver Lola, e isso me atrasava. Então encontrei uma passagem pelos fundos, evitando assim as áreas mais movimentadas. Uma parte desse outro caminho era de ladrilhos, e logo no meu primeiro passo formou-se uma teia de rachaduras em um dos ladrilhos. Hesitei. Mas depois fui em frente.

— Você devia fazer uma apresentação — disse Cassandra Cautery, encostada na parede do lado de fora da suíte de Lola. Ela esperava por mim. — Todos estão perguntando por você.

— Pode ser.

— Vou cobrar isso. — Ela riu um pouco. Fiquei irritado, porque eu não queria fazer uma apresentação. — Como vão as coisas? Está feliz?

— Estou.

— Li um relatório sobre aqueles, há, aqueles óculos.

— Lentes-Z.

— Parece algo maravilhoso. — Ela sorriu. — Nunca precisei de óculos. Sempre tive acuidade visual 20/20. Sorte pura.

— As lentes-Z são melhores que uma visão 20/20. São cerca de 20/2. — Cassandra Cautery pareceu confusa. — O padrão 20/20 não quer dizer que você tenha uma visão perfeita. É um erro conceitual. Quer dizer que você pode enxergar tão bem a uma distância de 20 pés, ou seja, 6 metros, quanto um ser humano médio.

— Eu não sabia disso.

— Se você tem uma visão boa, pode ter uns 20/18. Isto é, você pode enxergar a 20 pés de distância o que o ser humano médio consegue ver a 18. Um ser humano com ótima visão teria 20/15. Talvez 20/12. Mas você precisaria descender de uma tribo nômade. — Olhei para os cabelos louros dela. — Não acho que você seja 20/12.

— Ah.

— Vinte/dois é mais ou menos a acuidade que têm os olhos de um gavião.

— Ah — disse ela. — Puxa.

— Eu queria ver Lola — falei. — Se não for um problema.

Cassandra Cautey fez que sim com a cabeça. Ela parecia preocupada. Deixei-a no corredor e entrei.

* * *

A SUÍTE DE LOLA tinha uma mesinha. À noite uma enfermeira trazia um carrinho com pratos de massa ou fatias de algum tipo não identificado de carne. Não era uma comida muito gostosa, mas aquela era a melhor parte do meu dia. Eu cortava pedaços de comida com uma lâmina instalada nos meus dedos mecânicos, e Lola ficava me observando.

Uma noite estendi a mão para pegar o sal, mas Lola o tinha colocado em seu lado da mesa. Olhei para ela. Ela estava bebendo água.

— Sal — pedi, mas ela apenas fez que sim, indicando que tinha me ouvido, e continuou bebendo.

Ela tomou metade do copo. Quando o colocou em cima da mesa, apanhou um guardanapo e enxugou os lábios. Então pôs um pouco de sal na sua sopa e o passou para mim. Fiquei olhando para ela.

— O que foi? — perguntou Lola.

— Nada. É só que... Nada.

— O que foi?

Pousei o saleiro.

— Você bloqueou o acesso ao sal enquanto executava uma tarefa não relacionada.

Ela piscou.

— Você quer dizer bebendo?

— Sim.

— Você não pode esperar cinco segundos pelo sal?

— Posso. Mas o sal é um recurso compartilhado. Se você vai pegá-lo, deve usá-lo o mais rápido possível, depois liberá-lo. Você não pode deixá-lo bloqueado enquanto exerce uma interrupção.

— Eu estava com sede.

— Então primeiro disponibilize o sal para todos novamente.

— Para o caso de você querer o sal durante aqueles cinco segundos?

— Sim.

Ela ficou me encarando.

— É sério?

— Senão você compromete o sistema.

— Que sistema?

— O... — Balancei as mãos. — O sistema.

— Não existe nenhum sistema.

— Tudo é um sistema. Escute. — Inclinei-me para a frente. — E se eu estivesse segurando a sua água e subitamente decidisse que queria o sal? E em vez de lhe devolver a água eu simplesmente ficasse aqui sentado esperando você liberar o sal, coisa que você não fez porque estava esperando pela água? Isso é um impasse. É uma falha catastrófica do sistema. E você deve estar pensando: “Bem, eu poderia simplesmente pedir ao Charlie para me dar a água em troca do sal.” Mas isso exige que você compreenda minhas necessidades de recursos e viole o encapsulamento de processo. É uma confusão. Não estou dizendo que é um grande problema. Só estou apontando que bloquear o sal assim é incrivelmente ineficiente e sistemicamente perigoso.

Lola deu um risinho irônico.

— Você é louco.

— Eu não sou louco. É um princípio fundamental. Você é louca.

— Gente comum não traz princípios fundamentais para a mesa de jantar.

— Ah — falei.

Comemos.

— Explique de novo — disse Lola. — Esse negócio de bloquear.

* * *

LOLA JÁ CONSEGUIA CAMINHAR por ali. Ela segurava meu braço e arrastava os pés ao longo dos corredores em sua camisola hospitalar de algodão. Passamos de pequenas retas para circuitos. O andar estava quase vazio, exceto por alguns grandes vasos cinza de plantas. Havia uma área perto dos elevadores onde havia uma parede toda de vidro, e ficávamos ali vendo o sol se pôr bem além do gramado da Futuro Melhor. Eu me dei conta de que ela não recebia visitas.

Perguntei se eu não deveria ligar para alguém. Lola repousou a cabeça em meu braço e ficou quieta por algum tempo, então disse:

— Não.

* * *

AS DORES NOTURNAS PIORARAM. Eu não conseguia me livrar daquilo. Acordava sentindo câimbras devastadoras em pés inexistentes, a sensação de que meus pés se curvavam para dentro. Eu ainda colocava minhas próteses antigas, mas agora não adiantava mais. Comecei a colocá-las antes de ir deitar. Era esquisito e desconfortável, mas melhor do que ficar prendendo aquelas tiras de pano no escuro enquanto meus músculos amputados gritavam.

Decidi dormir uma noite com as Contornos para ver o que acontecia. Foi uma boa ideia, porque eu não gostava mesmo de tirá-las. Era como me tornar um aleijado novamente, toda noite. Eu não sabia como ia fazer para me deitar, mas estava me esquecendo de que, comparado a elas, meu peso era praticamente zero. Tudo o que eu precisava fazer era me segurar enquanto elas se dobravam em dois lugares e rotacionavam o assento-balde. Eu não conseguia me virar. Isso era esquisito. Mas desconforto não era dor, então já era um grande avanço. Em pouco tempo eu não conseguia mais imaginar como seria tirar minhas pernas novamente.

* * *

CHEGUEI AOS LABORATÓRIOS UM dia de manhã cedo e havia uma garota de jaleco branco cujos olhos eram azuis como a chama de um bico de Bunsen. Não me toquei de nada até passar por outra garota com olhos violeta e um sujeito com olhos esmeralda. Quando cheguei à Sala de Vidro, eu já estava preparado. Os olhos de Jason, claro, emitiam um brilho cor de mogno.

— Você fez lentes-Z coloridas.

— É só estética. — Jason se aproximou na sua cadeira de rodinhas. — Mas as pessoas gostaram. O que o senhor acha?

— Interfere na funcionalidade?

Ele balançou a cabeça.

- É só configurar o chip para filtrar uma determinada frequência.
 - Parece que isso gera uma complexidade extra. Mais um ponto passível de dar problema.
 - Está funcionando muito bem.
 - Nunca sacrifique a função pela aparência — falei. — Isso é engenharia de baixo nível.
- Mas elas ficaram realmente bonitas.

* * *

COLOQUEI A EQUIPE ALFA para trabalhar em regulagem de hormônios. A Beta, em aprimoramento sensorial. A Gama, em um monte de coisas relacionadas a braços. Meu verdadeiro objetivo era impedir que eles tivessem tempo livre, para deter o progresso das lentes-Z. Aparentemente deu certo. Então eu mesmo fiquei interessado nelas e percebi que podia fazê-las passar para o espectro não visível, a fim de poder enxergar infravermelho ou ultravioleta. Eu não sabia exatamente como isso poderia ser útil, mas sabia que era possível. Passei alguns dias montando um protótipo, em óculos em vez de lentes, porque a tecnologia era a mesma, mas sem os atrasos provocados pela miniaturização, e então os coloquei. Em infravermelho, o mundo queimava em vermelho e púrpura e as pessoas pareciam cérebros e corações brilhantes. Minhas Contornos tinham três pontos quentes ao redor da bateria e dos cascos, mas, tirando isso, estavam congeladas em preto. Em ultravioleta as coisas não eram muito diferentes, exceto os jalecos e algumas luzes e superfícies, que brilhavam. Era um pouco decepcionante. Mas assim eu me senti melhor em relação às lentes-Z, e parei de tentar impedir o desenvolvimento delas.

* * *

SAÍ DO LAB 3 e eles estavam me aguardando. Mirka, que costumava me encher de agulhas, estava meio sem graça ali na frente de todos. Ela parecia diferente. Quer dizer, além dos olhos verdes fluorescentes. Jason lhe deu uma pequena cotovelada, mas ela não falou.

— Conseguimos — disse ele.

— Conseguiram o quê?

— Encontramos um jeito de regular o baço. — Ele estendeu a mão para tocar em Mirka, mas hesitou. — Mostre a ele.

Mirka levantou a blusa. Tinha uma barriga bem torneada. Foi a primeira coisa em que reparei. Depois no remendo de metal.

— Estimulação elétrica básica — disse Jason. — O complicado é atingir os nervos certos. Mas naturalmente poderíamos compensar muito do nosso trabalho anterior nas pernas.

— Trabalho nas pernas. — Alguém deu um risinho.

— Repare na pele de Mirka. Estamos inundando-a de estrogênio e outros hormônios. Está vendo a diferença?

Eu a olhei de cima a baixo. Ela não sorriu. Mas parecia bem. A diferença que eu havia notado era *saúde*. Ela era uma versão mais atraente de si mesma.

— O cabelo dela também está engrossando.

— Vocês começaram a fazer testes em seres humanos sem pedir a minha autorização?

— Hum — disse Jason. — Sim. Desculpe. Íamos pedir. Mas o senhor disse para não perturbá-lo.

— Vocês podiam ter esperado.

— Podíamos. É. Desculpe.

Encarei Mirka.

— Fizemos mal? Porque só queríamos fazer como o senhor. Ser nossas próprias cobaias.

Mirka disse:

— Estou feliz por fazer isso.

Contra sua pele impecável, seus olhos brilhavam como os de um gato.

— É só uma maneira inofensiva de testar nossas tecnologias de gestão de órgãos — disse Jason. — Apenas para evidenciar o conceito. Tudo bem com isso, não é?

Eu não conseguia encontrar um jeito de dizer não.

— Sim.

Jason parecia aliviado. Ouvi alguns risos.

— Foi o que imaginei. — Alguém o cutucou. — Estamos bastante empolgados com o rumo que isso está tomando. — Fiz que sim, ainda distraído

por Mirka. — Está tudo acontecendo — disse Jason.

* * *

ENTÃO É CLARO QUE até o fim da semana metade dos meus assistentes de laboratório tinha pele bonita e cabelo reluzente. Eu meio que já esperava por isso, mas ainda assim era surpreendente. Na área das ciências, ter boa aparência normalmente era considerado algo negativo. Implicava que você desperdiçava tempo em atividades ao ar livre em vez de criar algo de útil. Até mesmo o uso de produtos para cabelo ou maquiagem sugeria desvio de prioridades. Como se pensar na aparência das coisas importasse, em vez de pensar no funcionamento delas. Gostávamos de olhar para pessoas bonitas. Esperávamos isso de nossos astros de cinema e personagens de programas de TV. Mas não respeitávamos a beleza. Sabíamos que a atratividade física era inversamente proporcional à inteligência — bastava olhar para nós mesmos.

Eu estava acostumado a olhar as pessoas dentro de um laboratório e ver acne, olheiras e peles da cor de um cadáver recém-tirado de um lago. Cabelos desgrenhados ou presos em rabos de cavalo. Esses eram sinais de um bom laboratório. Agora parecia um laboratório daqueles que apareciam em comerciais de TV para produtos para a pele. Ou quase. Meus assistentes ainda eram desajeitados, malvestidos, gordinhos ou morbidamente magros. Mas mesmo assim... Aquilo não parecia certo.

* * *

CASSANDRA CAUTERY ME DEIXOU um recado. Como não respondi, ela deixou mais três, e depois de um tempo um rapaz em um belo terno e de óculos de aro fino veio à Sala de Vidro e bateu. Todos olharam para ele, porque ninguém batia à Sala de Vidro. Você entrava, fazia o que tinha que fazer e saía. Ele olhou de um assistente para outro, e finalmente seus olhos pousaram em mim.

— Dr. Neumann? — Eu o encarei, porque, convenhamos, eu tinha pernas de titânio. Os executivos eram assim, faziam o maior esforço para não reparar em mim abaixo da cintura. Isso me fazia desejar a companhia dos engenheiros, que olhavam, apontavam e me paravam para fazer perguntas. Embora nessas horas eu

começasse a sentir falta dos executivos. — Cassandra Cautery gostaria de saber se o senhor teria um tempinho para falar com ela. — Olhei pelo vidro verde e vi meus assistentes fazendo alguns testes por controle remoto com um par de braços robóticos. Eu sabia que, no segundo em que eu saísse, eles iriam começar a duelar com aqueles braços. — Caso contrário, não tenho problema em esperar. — Ele olhou ao redor procurando uma cadeira.

Quando chegamos à sala de Cassandra, ele bateu à porta, sorriu uma vez e foi embora.

— Entre — disse Cassandra.

Abri a porta e entrei fazendo *tunc-tunc*. A mesa dela estava atulhada de folhetos azul-celeste.

— Charlie. — Ela deu a volta na mesa e olhou nos meus olhos. — Você está bem?

— Estou.

Ela fechou a porta. Quando me virei, ela olhava fixamente para os meus cascos. Eu havia rasgado um pedaço do carpete.

— Desculpe.

— Você só anda com essas pernas agora?

— Sim.

— Precisamos discutir isso. Não sei bem se é uma boa ideia usá-las fora dos laboratórios. Falo isso em termos de teste de produtos.

— Preciso passar mais tempo com elas para refinar a interface com os nervos. — Era uma meia verdade.

Ela fez um gesto para esquecermos o assunto.

— Não foi por isso que o trouxe aqui. — Esperei que ela dissesse por que havia mandado me buscar. Ela foi até sua mesa, mexeu em alguns papéis, virou de costas, repousou o traseiro em cima da mesa e cruzou os braços. Era uma pose muito confortável. Parecia uma foto de catálogo. — Os produtos que estão surgindo no seu departamento têm gerado muita empolgação.

— Certo.

— Principalmente em relação aos Olhos Melhores e à Pele Melhor.

— Você quer dizer as, há, lentes-Z e a regulação hormonal...

— Estou usando seus nomes comerciais. É o que... — Ela fez um gesto vago com as mãos. — Isso tudo veio lá de cima.

— Certo.

— Na verdade, eu não esperava que você fosse explorar esse ramo da cosmética, Charlie. Pensei que seria uma coisa mais, você sabe, medicina em sua essência. — A pele entre seus olhos fez um vinco. — Você está usando as lentes Olhos Melhores?

— Não.

— Ainda não experimentei. — Ela deu de ombros bem de leve. Seus olhos eram de um tom azul-claro. Bonitos. Mas não eram neon. — Alguns dos gerentes seniores experimentaram. As lentes fizeram um grande sucesso. Estou falando das coloridas. Ninguém se empolgou muito com a ideia antes disso. Achávamos que fosse um produto estritamente científico. Porque, obviamente, ninguém iria querer andar por aí com olhos brancos. Agora elas são funcionais e estéticas. Isso é... bem, é um sonho. — Silêncio. — Fui até o seu laboratório ontem. Você estava trancado na sala. Mas vi seus assistentes. Usando os, há, os Olhos e a Pele. Isso é... bem, é fantástico. Eles estão com uma aparência ótima. Não consegui acreditar. Não consegui acreditar que fossem as mesmas pessoas, de verdade. Porque já estive lá embaixo muitas vezes, Charlie, e costumava ser... sem ofensa, mas não era um pessoal muito bonito. Mas tudo bem. É assim que costumamos esperar que seja o nosso pessoal da área científica. Não no sentido de *torcer* para que seja assim. Quero dizer que geralmente é assim que as coisas são. As pessoas com habilidade técnica vão para os laboratórios, e aqueles de nós com, você sabe, habilidade sociais, digamos assim, vão para a gerência. Não estou dizendo que somos mais bonitos. Só estou dizendo que essa divisão normalmente existe. Se de repente alguém como eu, sei lá, do nada pusesse um remendo de metal na minha cabeça que me tornasse incrivelmente boa com computadores, vocês do laboratório surtariam. Não é verdade? Você pensaria: “Espere aí, quem é essa garota aí toda arrumadinha tomando o nosso lugar?” Você pensaria: “Espere aí, passei a vida inteira aprendendo como ser bom com computadores. Trabalho o dia inteiro com computadores. Então surge alguém que consegue isso com um remendo na cabeça? Não é justo.” É como uma colisão entre mundos. É mais ou menos assim. E não estou mandando você parar. Não mesmo. Isso é o que eles queriam que você fizesse, multiplicado por mil. É um sucesso, mas um sucesso tão grande que quase vira uma coisa totalmente diferente. Entende o que quero dizer? — Ela colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha. Sua mão desceu e acariciou a

linha de seu maxilar. — Você sabe quantas vezes por semana vou à academia, Charlie? Todo santo dia. — Ela riu. — Nem sei por que lhe contei isso. Não tem nada a ver com nada. Mas, então, quais são as suas perspectivas? — Ela pôs as palmas das mãos na beira da mesa. — Quero que me diga.

— Hum... bem... braços.

Os olhos dela miraram meus dedos de metal.

— Estou sabendo sobre os braços. Eles gostaram do rumo que você está tomando. Que tal dentes?

— Dentes?

— Estou só jogando umas ideias no ar. Brainstorming. Você tem em mente algum produto para os dentes?

— Não.

Ela ficou me encarando.

— Se você está se referindo a... algum tipo de solução para o seu... — Fiz um gesto apontando para o meu maxilar.

— Não. É claro que não.

— Porque, se um dentista disse que os seus dentes estavam perto demais de alguns nervos para serem movidos, ele deve ter razão.

— Não dou a mínima para o diastema, Charlie. Entendeu? Vamos deixar isso claro. Não tem nada a ver comigo. Tem a ver com você querer cortar fora os seus malditos braços. E preciso dizer a você neste instante que vamos ter uma conversa séria sobre isso, porque ainda estou zangada com a história dos dedos. Você não seguiu os procedimentos corretos. Você tomou para si mesmo a missão de esmagar sua mão, e eu só fui ficar sabendo depois. Cuidei disso. Fiz o que tinha que ser feito. Mas não gostei de ter ficado de fora do processo. Quer fazer testes autodestrutivos, fale comigo primeiro. Está claro? Posso ser razoável. — Ela abriu os braços. — Estou aqui para ajudar. Mas me mantenha informada, Charlie, me mantenha informada.

Tossi.

— Tudo bem.

— O negócio é o seguinte. Imagine que estamos construindo um corpo. — Abri a boca para dizer que eu *estava* construindo um corpo, mas ela levantou um dedo. — E é um corpo maravilhoso, que todos estão interessados em fazer direito. As ideias para sabermos como construir esse corpo vêm em grande parte de um

determinado cérebro. Esse cérebro é importante, você não concorda? Crucial. Enquanto estamos construindo este corpo, a única coisa que precisamos fazer, a prioridade absoluta, é manter o cérebro intacto. Bem, para mim, Charlie, o corpo não são essas Pernas Melhores que você está usando. Não são as partes. As próteses. É a capacidade de produzi-las. O corpo que eu deveria estar construindo, Charlie, é um departamento com a habilidade de criar produtos biologicamente superiores. Entende? — Ela assente com a cabeça. — Acho que você entendeu. E você é o cérebro. Você é a única parte que preciso manter intacta. — Ela franziu a testa. — O que está fazendo?

Olhei para baixo. Eu esfregava a base da mão contra minha coxa de titânio. Acho que eu estava tentando massageá-la, restaurar o fluxo sanguíneo a uma parte que doía.

— Nada.

— Não diga “nada”.

— É dor fantasma. Nada de mais.

— Dor fantasma...?

— É comum. Não é nada. Um bug. Um solução técnico.

Ela travou o maxilar.

— É exatamente disso que estou falando. Quando ouço coisas assim, sabe como me sinto? Esses... — Ela fez um gesto, indicando minhas pernas. — Esses fantasmas técnicos? Eles me dão vontade de arrancar o cérebro do corpo e colocá-lo em um pote. É isso o que quero fazer. Colocar o cérebro em algum lugar seguro, de forma que, seja lá o que aconteça com o corpo e que erros sejam cometidos, tudo fique bem. Você entende? A necessidade de separar o cérebro do corpo?

— Mas eu sou o corpo. Sou o cérebro e o corpo. Eles não podem ser separados.

— Imagine que pudessem — disse ela.

Silêncio.

— Estou interessado em fazer partes do corpo para mim — falei. — Não só para outras pessoas.

Ela ficou me encarando. Então sorriu.

— Bem, acho que entendemos um ao outro. Vou lhe dizer uma coisa. Continue o que está fazendo. Vou ver o que posso fazer daqui deste lado. Para combinar a sua realidade com a da empresa.

— Certo.

— Que tal um dente com um telefone embutido? — sugeriu ela. — Acho que vi isso na TV uma vez.

— Hum.

— Seria funcional. Seria muito funcional. Não que você deva cancelar a parte estética. Todo mundo adora coisas estéticas. Mas se você sentir necessidade de, sei lá, embutir telefones em dentes, acho que essa seria uma tarefa para você. Porque você é o cientista. Você é o homem das ideias. Sabe? — Ela riu.

— Sim — falei, embora eu achasse que não sabia.

— Fico feliz por termos tido esse papo. Feliz mesmo. Obrigada por ter arrumado um tempinho para vir, Charlie.

— Tudo bem — falei.

— E me mantenha informada.

— Tudo bem.

Quando cheguei à porta, olhei para trás. Havia uma saliência em sua bochecha, a língua explorando aquele pedaço.

* * *

A SUÍTE DE LOLA tinha uma varanda. O tempo estava mudando, mas, se ela se enrolasse em um cobertor, ainda podíamos nos sentar e ver a dança dos faróis dos carros e das luzes dos postes na rua. Ela se inclinou sobre a balaustrada e estremeceu.

— Se você fechar um olho, os carros parecem brinquedos — disse ela. — Como se você pudesse derrubá-los com um peteleco.

Pus o braço ao redor da cintura dela. Ou onde a cintura dela deveria estar. Era um cobertor grosso. Ela olhou para cima. Seus lábios se abriram. Então ambos nos viramos a fim de olhar para o quarto, e vimos a enfermeira se movendo ao redor da cama de Lola, coletando lenços de papel amassados da mesinha de cabeceira e jogando-os no lixo.

— Ela sempre aparece logo antes de você — disse Lola.

— É mesmo?

— Quando você não está aqui, quase nunca a vejo.

A enfermeira me viu observando-a e sorriu por trás do vidro.

— Eu queria ir embora. — Lola me abraçou e me apertou. — Queria ir para algum lugar onde não tenha ninguém vigiando.

Era uma boa ideia. Hesitei.

— Quando você tiver terminado o seu trabalho, claro.

— Sim.

— Não quero dizer que você deva interromper o seu trabalho.

— Talvez a gente esteja se aproximando de um estágio de recuperação — falei. — Em relação aos braços.

— É mesmo? — disse Lola. Ela tocou a manga da minha camisa. Cada um dos meus pelos se arrepiou. Nada como a biologia para uma resposta sensorial. Eu não tinha conseguido chegar nem perto disso. — Gosto dos seus braços. — A mão dela continuou em movimento. Ela alcançou meus dedos de metal. — Mas gosto desses dedos também. — Ela repousou a cabeça contra mim. — Os que você mesmo construiu.

* * *

NA HORA DE VOLTAR ao dormitório, decidi surrupiar um vaso de planta. O andar onde Lola estava tinha várias, e aquelas pinceladas alegres de verde realmente faziam a diferença. Eu queria colocar algumas nos laboratórios, mas não podia, por causa do risco de contaminação. Mas eu poderia alegrar meu quarto. Levei a planta até lá e a coloquei no canto.

No dia seguinte me empenhei na questão da resposta. O surpreendente era como quase não existia pesquisa a respeito. Os artigos eram especulativos, descrevendo experiências que poderiam ser úteis se outras pessoas preenchessem outros grandes vazios. Os textos começavam com afirmações do tipo: *Até a presente data tem havido pouco interesse na questão de substituir a função sensorial perdida na amputação.*

Isso me irritou. Você podia entrar em uma loja de produtos eletrônicos e por 300 dólares levar para casa um console de jogos com um controlador de resistência de duplo feedback equipado com giroscópio que balançava e avançava para emular de 18 maneiras diferentes a sensação de pilotar um tanque por um campo de batalha. Mas recuperar o tato para alguém que perdeu um braço? Isso não interessava. Essas pessoas eram obrigadas a usar uma garra projetada nos anos

1970. E pronto, problema resolvido. Possuíamos a tecnologia, mas nos lugares errados. Não era tanto a moralidade que me incomodava, era mais a ineficiência. Aquilo era uma alocação equivocada de recursos. E eu sabia que, pela lógica, as empresas estavam certas em gastar 100 milhões de dólares em um controlador de jogo e não em uma prótese que permitisse a um homem recuperar o tato. Mas toda vez que eu lia isso, *falta de interesse*, minha vontade era chutar alguém.

Fiz a equipe inteira se concentrar nisso. Alfa, Beta, Gama e Ômega: cerca de cem pessoas. Ao final do dia eles haviam se organizado em estruturas hierárquicas para delegação de tarefas e relatórios. Eu não dava a mínima para isso. Só disse a eles o que eu queria que fosse feito e deixei que descobrissem o resto. Nesse sentido, eles eram como uma sub-rotina. Como a tecnologia das minhas pernas para encontrar o caminho certo. Eu podia entender o sentido das analogias corporais que Cassandra Cautey fazia. No terceiro dia, a Ômega conectou uma garota em uma grade de nervos e fez com que ela sentisse o gosto das cores. A Alfa construiu uma liga metálica semelhante à pele que parecia promissora, até o dia em que um dos garotos recebeu uma corrente de 3 mil volts e eles tiveram que dar satisfação ao RH. Mas, apesar dos percalços, estávamos fazendo progressos. Ao final da semana, a interface com os nervos já era de mão-dupla, sendo capaz de transmitir grosseiramente algumas sensações. Eram indistintas, como se cada toque estivesse envolto em algodão, mas eu conseguia fechar os olhos e saber quando um assistente cutucava uma malha metálica. Todos estavam muito orgulhosos. Mas não devíamos nada disso ao nosso brilhantismo, e sim ao fato de ninguém mais haver tentado antes.

Voltei aos braços. Eram de titânio e servomagnéticos e podiam rotacionar 360 graus sobre três eixos independentes. Uma noite fiquei sentado ali olhando para eles e percebi que não havia mais nada a fazer. Eram as coisas mais geniais que eu já havia construído. E, sem querer me gabar, eu já havia construído algumas coisas bem geniais. Uma vez construí um micróbio que comia lixo. Você podia abrir sua lata de lixo, jogá-lo ali dentro, e uma hora depois todo o lixo tinha desaparecido. O micróbio o havia comido. Ele não passou pela fase de garantia de qualidade porque, se o micróbio escapasse, comeria tudo. Havia receio quanto à possibilidade de algo do tipo lata-de-lixo-come-homem. O que não era culpa do micróbio, na minha opinião. Eu achava que alguém devia inventar uma lixeira

segura. Mas enfim. Não havia problemas desse tipo com os braços, porque a única opinião que importava era a minha.

Voltei ao meu dormitório e retraí as Contornos. A planta que eu havia roubado na semana anterior estava caída, marrom e murcha. Eu não a havia regado. A falta de luz natural pode ter sido um problema também. Fiquei irritado. Havia algo de patético em um organismo que não conseguia nem sequer sobreviver se você o deixasse sozinho. Talvez eu tenha pegado um pouco pesado com a planta, que havia sido removida para um ambiente hostil, mas mesmo assim me lembrou do motivo pelo qual eu estava fazendo aquilo.

ESCREVI UM E-MAIL PARA Cassandra Cautery. Lá pelo terceiro rascunho se lia:

Você pediu que eu a mantivesse informada quanto a testes autodestrutivos, pois bem, estamos nesse estágio, então, estou lhe informando. CN.

Coloquei tudo em uma linha para ver se ela não notava. Cliquei em ENVIAR e esperei. Dez segundos depois a janela de notificação do e-mail se abriu, e meu coração afundou porque o título era PARE NÃO PROSSIGA COM TESTE AUTODESTRUTIVO. Cliquei e abri. Só dizia isto: *Por favor me ligue*. O telefone da minha mesa tocou. Fiquei olhando um tempo para o aparelho. Mas não havia escapatória.

— Alô?

— Onde você está? O que está acontecendo?

— Nada. Estou na Sala de Vidro.

— Fique aí. Entendeu? Não faça nada. Estou descendo. Preciso fazer uma ligação primeiro. Mas já estou chegando. Não se mexa.

— Eu não disse que seria *hoje*. Só estou mantendo você informada.

— Ótimo. Sim. Obrigada. Mas não quero você se ferindo. Está claro?

— Achei que você estivesse me ajudando. Você disse que iria ajudar. — A minha mão que segurava o telefone, a de metal, se contraiu. Normalmente não fico zangado com pessoas. Eu não era um sujeito de confrontos. Mas fiquei irritado por descobrir a verdadeira lealdade de Cassandra Cautery, porque isso deveria ter sido óbvio. — Estou fazendo essas próteses para *mim*.

— Isso não é prático, Charlie.

— É prático, sim. Não venha me dizer o que é prático. Meu trabalho se resume a ser prático. Sei mais sobre praticidade do que você jamais saberá.

— Fique calmo. Não precisamos discutir.

— Os braços são *meus*.

— Estou mandando a segurança.

Assistentes haviam se juntado na Sala de Vidro. Eles observavam com seus imensos olhos de neon. Dei as costas para eles.

— Estamos trabalhando para isso há semanas e de repente não podemos prosseguir com os testes? Você não pode trazer ninguém. Não pode simplesmente procurar um amputado qualquer. Este é um laboratório seguro. Vamos levar semanas até liberar alguém.

— Já tenho solução para isso. Não preciso... Apenas fique calmo. Fique aí sentado e não faça nada, está bem?

— Como assim você já tem solução?

— Não importa. Apenas... — Ouvi estalos de dedo. Ela estava fazendo sinais para alguém. — Fique aí sentado.

— Como você tem uma solução?

— *Vá* — sussurrou Cassandra Cautery, mas não para mim.

Desliguei. Quando me virei, fui confrontado por uma dúzia de pares de olhos de gato. Jason pigarreou.

— Está tudo bem?

Não respondi. Eu estava pensando. Os seguranças estavam a caminho. Eu não sabia ao certo o que eles iriam fazer quando chegassem ali. Talvez nada. Mas talvez eu tivesse uma janela limitada na qual pudesse agir sem restrições.

— Voltem ao trabalho — ordenei aos gatos.

Saí aos *tunc-tuncs* da Sala de Vidro e fui até o Lab 5. Era ali que os braços estavam guardados, a encarnação mais recente da tecnologia de resposta sensorial servomagnética. Estavam pendurados em suportes de fibra de plástico e iluminados. É claro que estavam. Eu não sabia por que eu havia sentido a necessidade de ir lá verificar os braços. Fui até o Lab 1. Havíamos começado a chamá-lo de Repositório, porque era lá que guardávamos as partes que nunca funcionavam direito, nunca eram finalizadas, ou que eram empolgantes até inventarmos algo melhor. Havia dedos, braços e estômagos inteiros. Encostei meu dedo de metal no painel de segurança. Ele emitiu um brilho vermelho. Fiquei olhando para o painel. Aquela trava nunca havia ficado vermelha para mim, nunca. Não havia motivo para isso. A sala era minha. Era ali que eu guardava as minhas partes de corpo.

Um grunhido saiu da minha boca. Tentei o dedo mais uma vez. Vermelho. Pensei: *Talvez haja algo de errado com o dedo.* Mas não havia. Era a trava. Cassandra Cautery havia desativado meu acesso. Nenhuma porta na Futuro Melhor abriria para mim agora. Fiquei tonto. Tentei me segurar na parede para me equilibrar, o que foi uma estupidez, porque eu estava com as Contornos, que me manteriam ereto, estivesse eu consciente ou não, ao contrário das traiçoeiras pernas de carne, e aí comecei a desmaiar, e meu crânio bateu na parede.

— Ai — falei.

As Contornos deram um passo cambaleante. Não pedi que fizessem isso. Eu estava surtando. Eu estava inundando de sensações a interface com os nervos. Isso era péssimo. Poderia ter consequências imprevistas. E eu precisava chegar até o Repositório para ver se minhas partes estavam bem.

Chutei a porta. Ela explodiu para dentro e ricocheteou nas estantes de aço na parede oposta. Levei um susto com a minha própria violência. As luzes do laboratório se acenderam, piscando. Entrei. Tentávamos manter o lugar arrumado, mas parecia que um exército de robôs havia explodido lá dentro. Vasculhei prateleiras reluzentes, percorrendo o estoque. Eu não conseguia me lembrar de tudo que deveria estar ali, mas não parecia faltar nada. Senti que estava me acalmando. Eu tinha sido tolo. Tinha me exaltado. É claro que minhas partes estavam ali. Seria complicado explicar aquela porta.

Vi um espaço vazio. Um buraco entre as próteses nas prateleiras, onde não deveria haver. Faltavam alguns braços. E não no bom sentido.

* * *

SAÍ, PAREI E VOLTEI. Eu não podia deixar aquelas partes ali. Onde elas estariam quando eu voltasse? Agarrei alguns dedos e um antebraço, mas então vi uma mão de que eu gostava mais. Tentei reorganizar as coisas, e dedos caíram e se espalharam pelo chão. Eu precisava sair dali. Precisava ir embora antes que a segurança chegasse. Eu não sabia para onde ir, mas tinha que ser algum lugar. De repente me lembrei do coração de Lola, aquele que eu estava fazendo. Joguei as partes na superfície horizontal mais próxima e corri para o Lab 3. Passei o dedo pelo painel de segurança, por via das dúvidas, mas não obtive permissão, então recuei e chutei a porta. Tentei ser mais gentil desta vez, mas ela arreventou as

dobradiças e esmagou uma luminária. Choveu vidro no chão. O barulho iria atrair assistentes como osmose. Eles não conseguiam ficar longe do som de alguma coisa quebrando. Entrei aos trancos e puxei o pano preto que cobria o coração de Lola. E olhei desconsolado. Eram trinta peças espalhadas ao longo da bancada de aço. Eu havia esquecido: estava mexendo com válvulas. Levaria horas para montar tudo. Eu não conseguia sequer reunir as peças sem arranhar contatos e dobrar placas de circuito. Ouvi o elevador. Achei que fosse o elevador. Poderia ter sido qualquer coisa. Eu precisava de ouvidos melhores. Deixei o coração desmantelado e coloquei a cabeça para fora, no corredor. Ninguém. Mas era apenas questão de tempo. Havia um elevador aberto, vazio, e eu não podia mais protelar. Corri, as Contornos golpeando o chão. Ao entrar, apertei o botão A e, claro, nada aconteceu. Passei o dedo. O painel emitiu um tom triste e disse: CONTATAR A GERÊNCIA. Saí e chutei a porta que dava para as escadas. Eu estava entrando em pânico e não controlava mais a força, e a porta quicou no corrimão da escada e voou de volta para mim. Levantei as mãos e ela ricocheteou na entrada da porta, a 15 centímetros de me decapitar, e deslizou pelas escadas de concreto abaixo.

— Uau — disse alguém atrás de mim.

Os assistentes estavam chegando. *Sobe sobe sobe*, falei para as Contornos, e elas começaram a se projetar para cima pelos degraus. Na terceira curva elas congelaram no meio de um passo. Pensei: *Ah, meu Deus, eles me desligaram*. Mas eu conseguia sentir o ar gelado das escadarias na malha metálica das minhas pernas de metal, e isso significava que eu tinha energia. Provoquei um reset leve ao imaginar meu joelho esquerdo levantando três vezes. Os cascos se levantaram e se uniram. Um bug. Algum tipo de retrocesso. Eu teria que dar uma olhada nisso. Disparei novamente e dois andares depois congelei mais uma vez. Resetei as pernas. Deviam ser os degraus. Finalmente cheguei a uma porta em que estava escrito térreo. Empurrei-a com o corpo em vez de chutá-la, e a porta grunhiu e se abriu com um estalo. Um homem de terno me olhou com espanto. Não era um segurança. Sorte a minha, porque eu estava agitado e não tomava decisões completamente lógicas. Se alguém tentasse me impedir, não sei o que aconteceria. Eu tinha que encontrar Lola. Eu não sabia o que ganharia com isso, mas eu tinha certeza de que juntos poderíamos chegar a alguma conclusão. As Contornos aceitaram essa ideia e se puseram a colocá-la em prática. Quebraram cada ladrilho no caminho de volta para o Prédio A e abriram a porta das escadas com um

empurrãozinho. Foram necessários cinco minutos e dez resets leves para subir oito andares. Terrível. Era uma maneira negligente de se testar uma unidade. Mas acabei conseguindo. Atropelei vasos de plantas e soquei a porta de Lola com meu punho de metal.

— Lola! Lola!

Não pude esperar. Abri a porta arrebatando as dobradiças. Eu já estava pegando o jeito da coisa. Entrei na suíte com os pistões a toda, mas o cômodo estava vazio. Ela não estava no banheiro. Não estava em lugar algum. Isso não parecia possível. Lola estava sempre ali. Eu não sabia para onde ir.

As Contornos começaram a se mover. Precisei fazer uma retrospectiva dos meus pensamentos para descobrir aonde elas estavam indo. A sala de recuperação: onde Lola ficara antes de levarem-na para a suíte. Eu não fazia ideia de por que ela estaria lá, mas foi o único lugar em que consegui pensar. As Contornos desceram cinco andares com facilidade, e pensei estar descobrindo sua configuração específica de terreno, quando elas erraram um degrau e acertaram o seguinte como uma marreta. Rachaduras surgiram no concreto até a parede oposta. Perdi o fôlego e agarrei as laterais do assento-balde. Minhas coxas estavam encharcadas de suor. Eu nunca havia feito um teste para saber o que aconteceria quando aquela região ficasse empoçada ao redor das agulhas da interface com os nervos. Não podia ser bom. Eu tinha que sair daquelas escadas. Concentrei-me manualmente em cada degrau para me sobrepor à localização automática de caminhos. Meus dentes doíam. Eu os estava trincando. Quando finalmente passei pela porta do andar médico, meu corpo tremia. Eu nunca havia feito nada tão extenuante fisicamente. Ao pisar no corredor, quatro seguranças da Futuro Melhor me aguardavam.

— Dr. Neumann — disse um deles. Não era Carl. — Eu gostaria muito que o senhor pudesse se acalmar um segundo.

Todos os quatro seguranças tinham a mão apoiada em um coldre. E estavam me dizendo que a situação não precisava ficar séria, mas que poderia chegar a esse ponto. Eu me perguntei se conseguiria passar por eles nas Contornos antes que conseguissem sacar as armas. Provavelmente sim. Eles estavam subestimando minha aceleração. Naturalmente, seria uma solução temporária. Mas já era alguma coisa. Decidi fazer isso. Lola emergiu de uma porta.

— Charlie! — Ela abriu caminho entre os seguranças. — Você parece péssimo. O que aconteceu?

— Eles... — falei. — O que... Por que você está aqui?

— Um homem. Ele sofreu um acidente. Perguntaram se eu poderia ajudá-lo.
— Ela tentou afastar o cabelo dos meus olhos. — Charlie, parece que você vai ter um infarto.

— Que homem?

— Por aqui. Venha. Vou lhe mostrar.

— Que acidente?

Ela me puxou pela mão. Eu a segui, e os guardas abriram passagem.

— É um segurança. Ele... Você sabe, é aquele segurança.

Que segurança?, eu queria perguntar. Mas não conseguia, porque eu já sabia.

— O nome dele é Carl. — Ela parou antes de entrar na sala de recuperação e se virou para mim. Vi uma luz terrível nos olhos dela, como amor. — Ele perdeu os braços.

* * *

E LÁ ESTAVA ELE: Carl, sentado na beira da cama, apenas de cueca, flexionando um braço. Meu braço. Era um protótipo Beta: faixas finas e ocas de delicadas varetas de liga de alumineto de titânio em articulações esféricas com eixos de rotação independentes. A principal vantagem era que esse braço podia se estender em qualquer direção, inclusive para trás, e pesava 4,5 quilos, o que era ideal para o usuário que não tivesse feito uma atualização na capacidade de sustentação de peso de sua espinha dorsal. A interface com os nervos era de primeira geração, boa somente para funções motoras. Era essencialmente um braço de treinamento. Mas isso não mudava o fato de que não deveria estar ali com Carl.

Em sua defesa, devo dizer que ele parecia ligeiramente envergonhado. Ele parou de flexionar o braço. Seus olhos se desviaram. Seus lábios se retorceram, como se ele quisesse sorrir, mas talvez pensasse que fosse me irritar. Isso era ótimo. Porque naquele momento, não havia mais nada para me impedir de dar um chute tão forte em Carl que o faria atravessar a parede.

— Ele sofreu um acidente — disse Lola. Ela viu alguma coisa na maneira como o braço estava afixado ao redor do ombro de Carl que a desagradou, e

começou a mexer nele. — Ele não tem permissão de falar a respeito, mas... bem, obviamente foi traumático. E ele tem muita sorte, porque você tem estas unidades incríveis. Eu estava justamente dizendo isso a Carl. — Os dedos dela continuavam a brincar ao redor de músculos inchados. O sujeito era um manual de anatomia. Não fazia sentido alguém que havia trabalhado tanto para construir aquele corpo querer remover parte dele. A não ser pela história da noiva queimada. *A gente nunca consegue ser forte o suficiente.* — Estou muito feliz por você estar aqui, Charlie, porque você já passou por isso e transformou a sua amputação em algo positivo, e é justamente o que Carl precisa ouvir agora. — Ela sorriu, uma das mãos pousada de leve no ombro de Carl.

Falei:

— Preciso falar com você.

Ela ergueu as sobrancelhas.

— Bem... certo. — Ela deu a volta em Carl. — Continue praticando com aqueles pesos.

— Pode deixar — disse Carl.

* * *

— ELE ATIROU EM VOCÊ — sussurrei. — No *coração*.

Lola fez uma careta. Ela fazia uma careta feia à beça. Eu nunca tinha visto antes. Suas sobrancelhas rotacionavam 30 graus.

— Você acha que não sei disso?

— Então por que...

— Porque ele está *ferido*.

— Isso... — Mais adiante no corredor, um guarda tossiu com a mão na frente da boca. Eu me forcei a falar mais baixo. — Isso aqui não foi um acidente.

As sobrancelhas de Lola se ergueram de repente.

— Por que está dizendo isso?

— Porque nada do que acontece aqui é acidente. Cassandra Cautey disse...

— A *sua* primeira transfemoral foi um acidente. Você ficou preso em um grampo.

— Aquilo foi diferente. Essa não é a questão. A questão é...

— Qual é a questão? — Ela pôs as mãos na cintura. Essas pistas emocionais me distraíam. Eu estava acostumado a discutir com cientistas, que explicavam com rostos perfeitamente neutros por que você estava errado e era um imbecil. — Vamos, me diga qual é a questão.

— A questão é que aqueles braços são meus.

Lola ficou imóvel. Quando voltou a falar, sua voz tinha um tom baixo e perigoso:

— Você não acabou de dizer o que eu ouvi.

— Eu os construí. Ele pegou sem pedir, ou *alguém* pegou. Como você se sentiria se visse outra pessoa usando partes do seu corpo?

Ela fez uma cara mais feia ainda.

— O quê?

— Ele tem um pedaço de *mim* no corpo *dele*. — Eu estava entrando em pânico. — Não estou conseguindo explicar muito bem.

— É uma prótese. Uma prótese, Charlie.

— Minha prótese.

— *Ele perdeu os dois braços!*

A voz dela ecoou pelo corredor. Olhei para trás. Os seguranças evitavam me olhar.

Engoli em seco.

— Eu posso... Vou fazer alguma coisa. Alguma coisa só para ele.

Lola me encarou.

— Estou surpresa com você.

— Vão dar a ele os braços grandes. Os que eu fiz para mim. Não vão me deixar ficar com eles. — Tentei tocar seu braço, mas ela me deu um safanão. — Vamos para a sua suíte. Você não deveria estar aqui. Você acabou de passar por uma cirurgia cardíaca.

— Isso foi há dois meses — disse ela, o que me surpreendeu, mas acho que era verdade. — Eu estou bem. *Aquele* homem... — ela apontou para a sala de recuperação — não está.

— Lola — falei. — Espere. Não entre lá.

Mas ela entrou.

— EU ENTENDO — DISSE CASSANDRA Cautery. — São partes suas. — Ela abriu os braços. — O que se há de fazer? São partes suas.

Eu assenti.

— São partes minhas.

— Eu tive uma irmã. Ela costumava pegar minhas roupas emprestadas. Eu procurava por toda parte por um determinado cinto, e ela aparecia o usando. Isso me deixava doida. — Ela apoiou um cotovelo no braço do sofá. Estava sentada em cima das pernas, como se estivesse prestes a se enroscar para tirar um cochilo. Não era um sofá muito bonito. Parecia que o haviam tirado do saguão na intenção de jogá-lo fora. — E eram apenas roupas.

— Certo.

— Eu deveria ter imaginado isso. A culpa é minha por ter me esquecido de seus sentimentos nisso tudo.

— Eu não ia cortar fora meus braços. Não hoje.

— É claro que não. Certo? É claro que não. Eu só... — A mão dela dançou no ar. — Fiquei obcecada por controle mais uma vez. Você precisa compreender que este projeto está me forçando a ir além da minha zona de conforto em vários aspectos. Como eu disse ao Gerente, Charlie, eu adoro desafios. Adoro. Mas, uau, para mim, é difícil relaxar e deixar as coisas acontecerem. Preciso me forçar a fazer isso. E o que aconteceu hoje, Charlie, foi que eu entrei em pânico e reagi por instinto. — Ela respirou fundo. — Prometo me esforçar para confiar em você, Charlie. Se eu fizer isso, você pode confiar em mim?

Hesitei. Ela parecia convincente. Mas, também, eu era extraordinariamente ruim em julgar as pessoas.

— Você quer os braços. Sei disso. Vou fazer de tudo para recuperar aqueles braços para você. O que posso fazer para você se sentir à vontade, Charlie? Vamos, me diga.

Algo me ocorreu.

— Hã...

— Qualquer coisa.

— Bem... — Pigarreei. — Quanto a Carl... — Fiz uma pausa, caso Cassandra Cautery quisesse tomar a palavra. — Ele disse que sofreu um acidente.

— Não é bem verdade. Ele se ofereceu como voluntário. Precisávamos de alguém para testar braços, e ele se ofereceu. Não me pergunte por quê. Mas ele fez

isso. — Ela levantou as palmas das mãos, como se estivesse se defendendo. — Eu não podia lhe contar. Sabia como você iria reagir. Mas havia uma questão de cronograma. O seu departamento fabrica mais produtos na fase de protótipo do que vocês conseguem testar em campo. Vocês estavam bloqueando o funil. Mas esqueça. Está resolvido. Qual é o problema com Carl?

— Não me sinto à vontade com ele.

Ela me encarou.

— Quer que eu faça algo a respeito?

— Você pode?

— O que você quiser.

Não senti orgulho de mim mesmo. Mas me lembrei dos olhos de Lola ao dizer: *Ele perdeu os braços.*

— Você pode se livrar do Carl?

— Está feito.

— Sério?

— Está feito. Nem pense mais nisso.

— Eu me sinto mal por ele, mas...

Ela fez um gesto, dispensando o assunto.

— Entendi. Ele é uma distração. Ele prejudica sua capacidade de trabalhar.

— Sim. Exatamente. Ele prejudica.

— Nem pense mais nele — disse ela.

* * *

OS ELEVADORES FUNCIONAVAM. EU tinha acesso liberado de novo. Quando saí nos laboratórios, passei por uma porta fechada imaculada que dava para as escadas. Duas horas haviam se passado, e eles já tinham apagado tudo o que eu fizera.

Eu não deveria estar ali. Fazia vinte horas que eu estava acordado, e podia sentir um pico de adrenalina chegando. Mas eu não queria ficar deitado naquele dormitório com uma planta morta no vaso. Não queria ficar olhando para o teto pensando no que havia pedido a Cassandra Cautery para fazer.

Passei o cartão para entrar no Lab 3. As luzes se acenderam como supernovas. Sobre a bancada de aço brilharam minúsculas válvulas e chaves. Fechei a porta e

fui até a bancada. Retraí as Contornos até uma altura confortável, apanhei meus óculos-Z e comecei a trabalhar no coração de Lola.

* * *

SAÍ DE LÁ TÃO cansado que mal conseguia manter a cabeça erguida. As Contornos me conduziam, sem se importar que eu quase cochilasse uma ou duas vezes. Eram boas pernas.

Lola estava encostada na parede do lado de fora do meu dormitório, mexendo na bainha de sua camisa polo. Na altura do coração estava costurado a logo da Futuro Melhor.

— Oi.

— Ah — falei. — Oi.

— Sinto muito pelo que houve hoje mais cedo. A discussão.

— Tudo bem.

Agora que ela estava ali, eu não conseguia sequer me lembrar do motivo da briga.

— Eu grito muito. Devia ter lhe avisado. É o que dá crescer brigando com a mãe. Eu estava pensando que, para você, talvez tenha soado mais raivoso do que eu pretendia. Porque você parte de uma referência diferente.

Isso fazia sentido. Assenti.

— Por isso, Charlie, estou com um pouco de medo de que você não goste mais de mim.

— Ah — falei. — Não. Isso não é verdade.

— Tem certeza?

— Tenho.

Ela estendeu os braços e nos abraçamos. Ela virou a cabeça e beijou meu pescoço.

— Você é o melhor. Não estou dizendo apenas como força de expressão. — Ela deu um passo para trás e chutou de leve as minhas Contornos. Elas formigaram, como se eu estivesse lá fora em uma tempestade de raios. — Eu devia deixar você dormir. Você parece destruído.

— Está bem.

— O que você falou sobre fazer braços novos para Carl... percebi que é uma coisa ótima. É realmente muito bonito. É tipo a melhor coisa que você poderia fazer por alguém.

— Hum.

— Vá dormir. A gente se fala quando você estiver conseguindo raciocinar direito.

— Está bem.

Entrei, fechei a porta e fiquei ali parado.

* * *

NÃO CONSEGUI DORMIR. NÃO por causa de dor fantasma. Por causa de Carl. Ele foi entrando na minha cabeça, e eu não conseguia tirá-lo de lá. Acordei ensopado de suor, sonhando que Carl me seguia. Ele estava no Grampo, olhando para mim sem braços enquanto as placas se fechavam. Seus olhos diziam: *Como pôde fazer isso? Você sabe que eu preciso de partes.*

Sentei-me. Carl era mau, não era? Ele havia atirado em Lola e roubado meus braços. Ou, se não roubado, pelo menos os utilizado. A questão era que ele era um destruidor de relacionamentos. Ele era perigoso para algo importante que eu tinha.

Mas ele não tinha braços. Sem minha ajuda, ele teria próteses hospitalares. Levaria uma vida terrível.

Acordei as Contornos, me ergui e fui até a Sala de Vidro. Eu iria ligar para Cassandra Cautery. Não sabia qual o telefone da casa dela, mas deixaria uma mensagem no seu correio de voz. Assim eu conseguiria dormir.

Mas, quando ouvi o tom de discagem, hesitei. Meu cérebro sussurrava novas possibilidades. Carl fazendo fisioterapia com Lola. Ela de pé atrás dele, envolvendo seu torso com os braços, mostrando a ele como se mover. A respiração dela fazendo cócegas no ouvido dele.

Vi uma movimentação por trás do vidro verde. Jason, trabalhando até tarde. Pensei: *Talvez haja outra maneira.*

* * *

FIQUEI DEITADO IMÓVEL ENQUANTO o aparelho de ressonância magnética se movia e zumbia ao meu redor. Era perturbador, porque eu tinha que ficar deitado de costas e com a cabeça enfiada em um buraquinho em uma máquina enorme. O negócio era que o buraco parecia uma boca. Também era difícil esquecer que aquela unidade gerava força magnética suficiente para arrancar um pino do meu corpo. Eu estava feliz por ter pensado nisso. Se as coisas progredissem do modo como eu planejava, em breve seria difícil passar por um exame de ressonância magnética que não fosse fatal. O *ump-ump-ump* era um ritmo reconfortante.

— Está ótimo — disse a voz desincorporada de Jason. — Agora arrependimento. Alguma coisa que o senhor gostaria de ter modificado.

— Um tio meu morreu de câncer do cólon. Eu tinha 12 anos. Eu me lembro de ter pensado como isso era ridículo, uma falha em uma pequena parte do corpo ser fatal. Eu não entendia por que não podiam dar a ele um cólon novo.

— Desculpe. Não estou vendo muita coisa. Pode tentar de novo? Alguma coisa mais... emocional?

— Bem... uma vez, no colégio, deixei de ir a um baile porque achei que ninguém iria querer ir comigo. Depois fiquei sabendo que uma garota de quem eu gostava teria ido.

Isabella. Ela era boa em xadrez. Mas nunca protegia bem as torres.

— Ainda não é possível um resultado definitivo.

Quase falei: *Vamos pular o arrependimento*. Porque, sério, qual é a importância disso? Era uma emoção social. A sobrevivência em grupo era maximizada se todos os membros sentissem uma obrigação social de tratar uns aos outros de forma adequada. Mas pessoalmente cada indivíduo queria poder enganar e roubar sem remorso. Não estou dizendo que isso é moralmente bom. É só uma questão de lógica.

— Caí de uma árvore quando era criança — falei. — Cortei a perna e tive que levar pontos. Fiquei com uma cicatriz. Uma linha branca e fina. Agora que ela se foi eu meio que sinto saudade dela. Era uma ligação física com o meu passado. Não uma parte importante. Mas ainda assim... Estou desconectado de uma maneira que eu não tinha imaginado. Meu corpo mapeia o espaço com relação ao tempo. Ele tem uma história embutida. — Jason estava calado. — Naturalmente, o tecido humano se regenera completamente a cada sete anos. É improvável que aquela cicatriz fosse composta pelas mesmas moléculas. Você acha que é

realmente apropriado considerar que as pessoas são as mesmas entidades que eram sete anos antes? Porque fisicamente elas não são. Estão conectadas, mas todas as partes mudaram. Como uma casa reformada. É como se depois de sete anos você não devesse ser responsabilizado por coisas que fez antes. Por que um homem deveria continuar preso por um crime cometido por uma entidade física diferente? Deveríamos esperar que um casal permanecesse casado quando eles mal compartilham uma molécula com a pessoa que disse “Eu aceito”? Acho que não. Acho que não é tão simples assim, mas é o que eu sinto.

Silêncio. Eu havia me desviado do assunto.

— Acho que isso é o mais próximo que vamos conseguir — disse Jason. — Vamos tentar a saudade.

* * *

— ALI. — JASON APONTOU PARA seu monitor. Estávamos mapeando meu cérebro havia seis horas. Na sala de observação às escuras, os olhos dele eram dois poços. — Atividade no córtex pré-frontal ventromedial. Altamente localizada.

Eu estava me conectando às Contornos, mas levantei a cabeça para olhar. Era a primeira vez que eu fazia aquilo em um bom tempo. Doeu. Mas não uma dor de todo ruim.

— Isso é culpa?

— Sim. — Jason foi descendo a tela. — De acordo com Krajbich et al., pacientes com danos no CPFVM são quantificavelmente menos sensíveis à culpa. Gente comum tem um quociente de culpa de 200. Mas pessoas com problemas de CPFVM têm uma média de 27. Isso significa que o que elas sentem de culpa é desprezível se comparado à norma.

Ativei as Contornos. Uma sensação desceu pelas minhas pernas de metal. Eu não diria que valia a pena perder as pernas só para sentir aquilo, mas era uma boa sensação.

— Interessante.

— Em todas as outras sensações mensuráveis, os dois grupos tiveram as mesmas médias. Ah. Espere. — Ele olhou para a tela. — A inveja subiu.

— Inveja?

— Na verdade, está dentro da margem de erro. Não deve ter importância.

— Então se meu CPFVM fosse suprimido, eu me sentiria menos culpado, mas de outra forma seria a mesma coisa.

— Muito menos culpado.

— Certo. Muito menos culpado.

— E/ou arrependido. Ambos os sentimentos deflagram o CPFVM.

Ponderei sobre isso.

— Existe alguma diferença entre culpa e arrependimento?

Jason ficou me olhando com cara de paisagem.

— Eu... acho... que não.

— Acho que uma diferença é... — Balancei a cabeça. — Esqueci.

— Emoções não são realmente minha... especialidade.

— Vamos supor que sejam a mesma coisa.

— Certo. — Ele olhou para a tela. — Mas não sei bem como você suprimiria o CPFVM. Quero dizer... sem literalmente... cortá-lo.

Fez-se um silêncio constrangedor. Eu havia esmagado minha perna direita na frente de Jason. Ele havia tentado me impedir. Depois eu esmagara a mão na frente dele. Ele talvez tivesse algumas questões emocionais mal resolvidas.

— Acho que isso seria meio drástico.

— Meio que irreversível.

— Embora eu não fosse lamentar. — Isso foi uma piada. Jason me encarou.

— Por causa da falta de um córtex pré-frontal ventromedial.

— Ah. Sim.

Tentei novamente:

— É isso o que as pessoas desejam, não é? Uma vida sem arrependimentos? É o que dizem.

— Mas isso quer dizer que você deveria ser ousado, não? Correr riscos. E não eliminar cirurgicamente a capacidade de arrependimento do seu cérebro.

— Humm — falei. — Suponho que sim, é.

— Uma coisa que me surpreende neste lugar — disse Jason. — Nunca se ouviu alguém dizer *não deveria*. Tipo, você não deveria fazer isso. Eles dizem que alguma coisa é impossível ou cara demais. Mas nunca *errada*. E sei que somos engenheiros, não filósofos. Li a declaração de missão. Mas às vezes eu gostaria que tivéssemos alguma documentação ética. Eu meio que gostaria que alguém muito sábio me dissesse que existem algumas coisas que não devem ser feitas ainda que

seja possível fazê-las. Isso é idiotice? Provavelmente é, porque a minha família, o senhor sabe, é chinesa, e crescer nesse ambiente é uma coisa bastante restritiva. Muito moralista. Lutei muito contra eles. Mas agora sou livre, estou flutuando, como se não tivesse mais os pés. O senhor entende o que quero dizer?

— Na verdade, não.

— Não?

— Eu não ligo para religião.

— Não é necessariamente...

— De qualquer maneira — falei, porque Jason estava se desviando muito do assunto —, que tal um *capacete*? Agulhas fixas, cada uma capaz de fornecer uma dose medida de tetrodotoxina a várias áreas do cérebro. Aperte um botão: pou!, fique sem o CPFVM. — Apontei para a tela. — Ou qualquer área que precise de supressão por algumas horas.

— Há...

— E não só tetrodotoxina. Adenosina, para ficar alerta. Qualquer substância química, pronta para entrega no ponto certo na hora certa. *Isso é interessante.*

— Eu não sei se... Quer dizer, muita coisa poderia dar errado.

Era uma boa questão. Eu precisava do meu cérebro. Era uma das poucas partes impossíveis de substituir. Eu não deveria me precipitar. Por outro lado, injetar neurodoses localizadas de tetrodotoxina para supressão da culpa era uma ideia realmente boa.

— Vamos fazer só uma.

— Uma?

— Injeção. Para teste.

— Não sei bem se eu deveria fazer isso.

— Claro que deveria. Estou mandando você fazer.

— Ah.

— Basta posicionar minha mão no local certo e me dar uma broca pequena — falei, porque meus dedos mecânicos eram mais firmes.

* * *

NUNCA TINHA ME INTERESSADO muito em abrir minha cabeça antes. Seria de se esperar que sim, mas não. Eu havia experimentado coisas: café, bebidas

energéticas, álcool, pílulas de cafeína. Mas nunca ficava entusiasmado. Enquanto eu observava uma tela que mostrava a mim mesmo enfiando uma agulha no crânio, pensei que eu entendia por quê. Engolir alguma coisa dava controle à pílula. Viciados em drogas eram chamados *usuários*, e agora eu percebia como esse termo era apropriado. Pílulas faziam de você um passageiro. Para controlar sua própria experiência, você precisava construí-la. Não há como possuir verdadeiramente alguma coisa a não ser que seja possível modificá-la. Sempre pensei assim.

Tirei a agulha. Jason colou um pequeno curativo de algodão no local da punção. Era no topo da minha cabeça; quando eu me endireitasse sobre as Contornos, o curativo deveria ficar invisível. Ele deu um passo para trás.

— Está sentindo alguma coisa?

Abri a boca para dizer não, mas então percebi que talvez sim. Porque quando pensei sobre Carl, a situação me pareceu até muito tranquila. Não ótima para Carl. No fim das contas, tinha sido péssimo para ele, graças a mim. Mas esses eram apenas fatos. Eles não traziam em si nenhuma conotação emocional. Assenti com a cabeça.

— Sim — falei. — Ótimo.

* * *

FUI VER LOLA. AMANHECIA, uma luz amarela suave se espalhava pelo corredor, e eu tinha aproximadamente quatro horas de uma quase incapacidade de sentir culpa. Quando bati, ela abriu uma fresta da porta e me fitou com olhos inchados de sono.

— Charlie?

— Sei que é cedo. Posso entrar?

— Hum. Pode.

Ela coçou a cabeça. Eu já achava que o cabelo dela estava desgrenhado antes. Durante a noite eles armavam uma rebelião em massa. Ela abriu de vez a porta, e entrei dando meus passos pesados. Ela vestia um suéter amarelo extragrande e aparentemente estava sem calça. No suéter estava escrito: VISÃO + OUSADIA = FUTURO MELHOR. Lola tinha pernas muito bonitas. Às vezes era preciso dar crédito à biologia.

— Andei trabalhando. Queria ver você.

Ela caiu no sofá.

— Que bom.

Olhei ao redor.

— Cadê aquela enfermeira?

Lola arregalou os olhos.

— Charlie. Você quebrou o padrão.

Eu não conseguia acreditar. Eu havia me forçado a parar de pensar em como me livrar da enfermeira, pois isso me consumia durante todo o tempo em que eu permanecia acordado. Agora ela havia sumido. Era um milagre.

Lola se levantou do sofá. Meu coração acelerou. A mão dela agarrou minha camisa e me puxou para perto. Uma sensação deliciosa se espalhou pelo meu corpo. Pensei: *Preciso mapear isso para o capacete.*

— Ela pode aparecer a qualquer momento — falou Lola.

Ela se inclinou para a frente. Nós nos beijamos. Já havíamos feito isso antes. Mas não assim. Não sem observação externa. Fiquei ansioso, porque uma coisa que aquela enfermeira era boa em fazer era acobertar o fato de que eu não beijava bem. Eu era entusiasmado. Era interessado. Mas não tinha técnica. Eu era atrapalhado. Minha boca ficou cheia de cabelo, e Lola pôs a mão no meu rosto e me guiou de volta para seus lábios. Ela não parecia irritada ou exasperada. Estava preparada para tolerar erros. Tinha expectativas realistas. Relaxei. Fui ficando mais confiante. Lola se encostou com mais força em mim. Eu estava fazendo aquilo. Eu era uma espécie de super-homem. Eu a beijava, e a língua dela tocava meus lábios e eu engolia em seco fazendo barulho e ela dava risinhos dentro da minha boca. Era mais sensual do que parece pela minha descrição. A mão dela encontrou minha nuca e me puxou mais para perto. Caí dentro dela. Lola era um poço gravitacional. Uma força atrativa irresistível. Ela agarrou minha mão de metal e a guiou até seu suéter da Futuro Melhor, onde ousadia subia e descia sobre um dos seus seios. Eu sentia suavidade, calor e harmônicos violeta com cerca de 5 giga-hertz.

— Não tão forte — sussurrou ela.

Abri os olhos, porque não era eu quem fazia pressão ali. Era ela. Só que ela nem sequer tocava minha mão.

Tentei tirar a mão do peito dela. Houve uma resistência, e então soltou. Lola abriu os olhos subitamente.

— Pare. Espere. — Recuei. — Você está me atraindo.

— É mútuo.

— Não nesse sentido.

Ela parecia confusa. Então seus olhos se arregalaram, e ela recuou. Quando fez isso, senti uma ligeira liberação, como se eu estivesse me segurando contra uma força sutil demais para reparar até que ela tivesse desaparecido.

— Você sentiu isso?

— O quê?

— Não sei direito.

— Charlie?

— Está tudo bem — falei, embora não tivesse tanta certeza disso. — Existe algo... talvez alguma espécie de campo magnético.

— Campo?

— Espere aqui. Preciso pegar um escâner.

— É o meu coração — sussurrou ela. — Não é?

— Não sei. Vou descobrir.

— O que puseram em mim?

— Por favor — falei. — Não chore, Lola, porque eu acho que não posso me aproximar mais sem danificar um de nós dois.

Ela fez que sim.

— Vá rápido, por favor.

* * *

SAÍ DO TÉRREO E me dirigi aos elevadores para ir até os laboratórios. No meio do caminho uma jovem começou a andar ao meu lado, no mesmo ritmo que eu. Isso não era pouca coisa, porque eu estava realmente em movimento. Olhei para baixo. Era Elaine, minha ex-assistente, que tivera pesadelos. Ela estava mais baixa do que eu me lembrava. Não, eu é que estava mais alto. Ela segurava uma prancheta de encontro ao peito. Seu jaleco branco drapejava feito uma bandeira ao redor das suas pernas. Sua pele não havia melhorado.

— Dr. Neumann, o senhor está ocupado?

— Sim.

Dobramos uma curva e passamos pelo pátio. Ali, executivos madrugadores discutiam estratégias comendo tigelas de granola.

— Venho tentando entrar em contato com o senhor. Enviei e-mails.

— Eu não leio e-mails.

— Bem... — Ela começou a correr. — Andei acompanhando o seu trabalho e, bem, na verdade no começo eu não estava, porque queria me afastar por completo. Por causa do trauma. Mas o senhor está usando tanta gente e todos estão falando sobre isso e vi projetos passando para a fase de testes restritos... É claro que não dá para participar desses testes porque todo mundo que sabia a respeito já se candidatou para as vagas e agora a lista de espera é de um mês e não há mais como entrar. Ou há?

Chegamos ao saguão dos elevadores. Apertei o botão de descer.

— Não sei do que você está falando.

Ela se colocou na minha frente.

— Quero ser cobaia para a Pele Melhor.

Tentei não olhar para as espinhas na testa dela, mas não pude evitar.

— Na verdade não sou eu quem seleciona as cobaias.

— Mas o senhor poderia. O senhor poderia me colocar no projeto.

— Hum...

— Eu seguiria o protocolo. Eu seria uma cobaia extremamente boa.

— Eu sei que seria, Elaine.

Finalmente o elevador chegou.

— Eu lavo o rosto oito vezes por dia. Uso aloe vera. Uso hidroximetano. Durmo com uma máscara facial que me faz acordar de noite, mas uso assim mesmo. Por favor.

— Vou ver o que posso fazer.

Entrei no elevador e apertei o botão do andar dos laboratórios. Elaine ficou onde estava, as mãos unidas e apertadas.

— Obrigada — disse ela. — Obrigada.

* * *

PASSEI O CARTÃO PARA acessar o Lab 5 e ao entrar interrompi um grupo de assistentes que raspavam o cabelo de Mirka. O chão estava atulhado de fios escuros. Sem cabelo, os olhos de gata de Mirka pareciam enormes, como um desenho animado japonês. Nós todos nos encaramos, e então atravessei o laboratório nos meus cascos e comecei a procurar o escâner de mão.

— Estamos, hã... — disse Jason. — O senhor deve estar se perguntando o que estamos fazendo.

— Não. — Equipamentos eletrônicos semidissecados jaziam por toda a bancada. — Cadê o escâner?

— Ali — disseram vários gatos ao mesmo tempo. Eu não conseguia ver onde até seguir na direção que seus dedos apontavam e mover um esquema de circuito do lugar. Uma parte minúscula dele devia estar se projetando para fora, pequena demais para que eu pudesse notar. Um dos gatos disse:

— Por que o senhor não está usando seus Olhos, Dr. Neumann?

Reparei que um dos assistentes segurava uma broca cirúrgica. Isso não ia prestar. Mas eu não tinha tempo.

— Não façam nenhuma besteira — falei, e saí.

* * *

PEGUEI O ELEVADOR ATÉ o térreo, dando uma olhada no escâner nesse meio-tempo. Era um modelo bem básico, com uma faixa estreita de alcance eletromagnético. Mas devia ser suficiente para indicar o que estava acontecendo dentro de Lola. Naquele momento eu não conseguia imaginar por que o coração dela começaria a emitir um campo magnético. Era um equipamento de bombear.

As portas do elevador se abriram. Por um segundo esperei ver Elaine. Posso ter a Pele? Mas a área estava vazia. Muito vazia. Percorri o corredor e passei pelo pátio, cujas mesas estavam agora vagas; os executivos comedores de granola haviam desaparecido. Quando cheguei aos elevadores que davam para o Prédio C e fui apertar o botão, ele estava apagado. Todos os painéis acima dos elevadores estavam desativados, menos um, que começou a descer a partir do 18. Esperei. Quando as portas se abriram, revelaram Cassandra Cautery lá dentro.

— Charlie. Precisamos conversar.

— Tem alguma coisa errada com Lola.

— Já cuidamos disso. Venha cá.

Hesitei, mas entrei no elevador. Cassandra passou seu cartão. As portas se fecharam.

— Temos um probleminha. — Ela juntou as palmas das mãos, como se estivesse rezando, e levou os dedos aos lábios. — Está tudo bem. Tudo correndo bem. Mas temos um problema para resolver.

— O coração dela está com defeito?

— Deixe-me simplesmente explicar uma coisa. A empresa fez um investimento significativo em Lola Shanks. Essa operação que salvou a vida dela não custou barato. — Isso não me pareceu uma avaliação muito justa, já que a operação só tinha salvado a vida de Lola porque Carl lhe dera um tiro, mas continuei quieto porque eu queria chegar à parte em que Cassandra Cautery explicava o que havia de errado com Lola. — Você pode argumentar se a decisão tomada foi correta ou não. Sei que eu tinha minhas preocupações. Mas a decisão não era minha. — Ela olhou de relance para os números dos andares que subiam rapidamente. — Sempre tentei fazer a coisa certa, Charlie. Você entende isso, não entende?

Fiquei calado.

O tom de voz dela ficou mais áspero.

— Quando você me pediu para me livrar do Carl, eu reclamei? Por acaso eu disse: “Puxa, Charlie, isso é meio desalmado, ele está conosco há dez anos e agora não tem mais os braços”? Não. Eu não fiz isso.

— Demitir.

— O quê?

— Pedi para você *demitir* Carl.

— Você disse *se livrar* dele.

— É a mesma coisa.

Ela hesitou.

— É claro que é. A questão é: tentei lhe oferecer um ambiente colaborativo. Tenho protegido você da dura realidade. — Ela enfiou um polegar na boca e ficou mordendo. Então tirou-o de volta e ficou olhando para ele como se a tivesse traído. — Ninguém dá valor ao gerente de nível médio. Lá em cima, eles se esqueceram do que é estar nessa posição. Acham que você manda os funcionários fazerem uma coisa e eles fazem. Mas isso não se chama *mandar*. Isso se chama

gerenciar. A única razão pela qual esta empresa funciona é porque pessoas como eu mantêm você e eles separados.

As portas do elevador se abriram. Não estávamos no andar de Lola. Estávamos em outro lugar.

— Mas não, não, não — disse Cassandra Cautery. — Você e Lola Shanks não podiam manter as mãos longe um do outro, e agora deu merda.

Eu me vi em um imenso espelho prateado pendurado na parede oposta. Ao lado havia uma mesinha com uma luminária e um vaso com flores brancas. Do outro lado encontrava-se uma estátua em tamanho natural de uma mulher com um braço estendido e olhos vazios. Algum tipo de deusa. Cassandra Cautery saiu do elevador.

Uma garota bonita apareceu, sorrindo como um raio de sol. Ao lado dela, a deusa parecia sem graça.

— Olá! O senhor deve ser o Dr. Neumann. E Cassandra! Como vai? Onde comprou essa camisa, aliás? Sempre quis perguntar.

— Não me lembro.

— Bem, você fica ótima nela. — A jovem pôs as mãos nos quadris.

— Ele está pronto?

A garota ficou séria.

— Daqui a dois minutos. Mas, se me acompanharem, providenciarei para que fiquem à vontade, com tudo de que precisarem. Está bem assim?

A garota seguiu rebolando pelo corredor. Cassandra Cautery foi atrás, olhando-a com desprezo. Eu me sentia fora do meu ambiente, como um peixe fora d'água. Eu não era compatível com aquele lugar. Não possuía o necessário para sobreviver nele.

— Onde está Lola?

— Estamos cuidando dela. — A voz de Cassandra era neutra. Ela não olhou para mim. — Você precisa ficar longe dela, Charlie. Nesse momento, você faria mais mal do que bem a ela. — Ela seguia a garota.

Olhei para o escâner nas minhas mãos. Então coloquei-o no carpete ao lado do elevador e fui atrás das duas.

* * *

A GAROTA NOS LEVOU a uma sala de espera. Digo isso como alguém que não tem muita certeza do que é uma sala de espera. Quero dizer que o lugar parecia ter saído de uma mansão do século XVIII: cortinas, papel de parede repleto de padronagens, cadeiras com pernas cheias de detalhes e curvas. *Torneadas*, acho que é a palavra. Endireitei minha postura. Pareceu necessário fazer isso.

— Você sabe quem vamos encontrar — disse Cassandra Cautery assim que a garota fechou a porta da sala. Isso não foi colocado como uma pergunta, embora eu não soubesse a resposta. — O Gerente.

— Que gerente?

— O Gerente.

— Quem?

— O Gerente — repetiu ela. — O Gerente. Você sabe. O Gerente.

— Esse é o cargo dele?

Cassandra Cautery me encarou.

— É claro que não. Ele é o CEO, o executivo principal da empresa. Mas todo mundo o chama de Gerente. É o que ele faz. Ele gerencia. Lembra-se de quando o Congresso quis fechar a empresa depois que os Boston VL38s provaram não ser tão não letais assim? É claro que não se lembra. Porque ele gerenciou a questão. Como você não conhece o Gerente?

Agora que ela havia tocado no assunto, *O Gerente* de fato soava familiar. Talvez ele tivesse assinado alguns e-mails gerais da empresa que eu lera muito rapidamente. Acho que o quadro de avisos do refeitório tinha algumas citações motivacionais dele. Quando as pessoas contavam histórias sobre funcionários que desapareciam, projetos que evaporavam da noite para o dia, incêndios em laboratórios que nunca foram reportados oficialmente e acidentes que nunca aconteceram, era capaz de elas terem dito: *Então O Gerente chegou.*

— O Gerente.

— Exatamente. — Ela enfiou o polegar na boca novamente. — O Gerente.

* * *

A MAÇANETA DA PORTA fez um ruído e se abriu. Fiquei decepcionado. Da maneira como Cassandra Cautery vinha agindo, eu esperava raios e trovões retumbando ao redor dos ombros do terno sob medida daquele homem. E ele estava mesmo de

terno, e acho que era sob medida, mas fora isso ele parecia normal. Se eu estivesse comprando um carro e aquele sujeito se apresentasse como vendedor, eu não teria me surpreendido.

— Dr. Neumann. — Ele veio na minha direção com a mão estendida e mostrando os dentes. Seu cabelo era extremamente arrumado. Eu achava que era impossível fazer o cabelo ficar tão certinho assim. Pelo menos com produtos químicos comuns. — Posso pedir alguma coisa para o senhor? Água? Café? Algo para comer?

— Não.

Apertei a mão dele. Isso durou um pouco, e ele sorriu o tempo inteiro.

— Agora. — Ele olhou para minhas pernas. — Qual é o protocolo aqui? Eu o convido a se sentar?

— Estou confortável.

— É claro que está. Quer saber? Vamos todos ficar de pé. — Cassandra Cautey, que havia pulado de sua cadeira quando o Gerente entrou e agora estava em pleno processo de se sentar novamente, interrompeu seu movimento. — Tudo bem por você, Cassie?

— É claro — disse ela.

Cassie. Eu nunca mais olharia para ela da mesma maneira.

O Gerente foi até a janela e puxou as cortinas. A claridade me cegou. Quase não dava para ver o rosto dele.

— Estou muito feliz por conhecer o senhor, Dr. Neumann. Sinceramente, fico decepcionado por ter levado tanto tempo para isso acontecer. — Ele não olhou para Cassandra, mas com minha visão periférica percebi que ela ficou tensa. Aquilo era alguma espécie de comunicação silenciosa entre gerentes. — Passei a ter um interesse pessoal no seu projeto. Estamos envolvidos em muitos, é claro, um grande número de projetos especulativos, mas o seu captura a minha imaginação. Grande parte do que fazemos, Dr. Neumann, trata de aprimoramento incremental. Trata-se de fazer o que já fazíamos no ano anterior, só que um pouquinho melhor. Produtos que são um pouco mais leves. Um pouco mais baratos. Um pouco mais confiáveis. Vocês, o pessoal dos laboratórios, surgem com uma onda sonora incapacitante nunca vista antes, mas o pessoal das delegacias de polícia não quer armas sonoras. Elas querem tasers. Na verdade, eles querem os tasers com os quais estão acostumados, que passaram por comissões e

receberam o selo de aprovação de acionistas relevantes, só que um pouco mais leves, mais baratos e mais confiáveis. Então pegamos essa maravilhosa inovação que vem dos laboratórios e a esmagamos até ela se tornar um aprimoramento incremental. E eu acho isso deprimente. Acho mesmo. É menos do que todos nós merecemos. Às vezes, ao vir de carro para o trabalho, Dr. Neumann, vejo os prédios vindo em minha direção e penso: *Por que não estamos fazendo mais? Por que não estamos mudando o jogo? Por que não estamos governando o mundo?* — Ele riu. — É força de expressão. Mas o senhor entendeu o que eu quis dizer. Nós temos os cérebros. Temos a capacidade de produção. Temos a rede. E no entanto somos uma mera empresa. Uma que é extremamente respeitada com uma história de avanços técnicos sem paralelos. Deveríamos todos ter orgulho disso. Mas também deveríamos estar lutando para sermos mais. Mais do que apenas uma empresa que constrói o que seus clientes querem. O que eu venho pensando é: *E se pudéssemos dizer a eles? E se pudéssemos falar: “Ei, sabe de uma coisa? Vocês vão adquirir uma puta arma sonora. Porque é uma tecnologia realmente sensacional, e vocês vão descobrir isso desde que simplesmente a aceitem. Vocês vão superar o vazamento sônico, a reverberação, os danos aos ossos e tudo isso. Simplesmente aceitem logo essa arma, porra.”* E eu acredito de verdade, Dr. Neumann, que, se fizermos isso, as pessoas vão começar a perceber: Ei, esses sujeitos da Futuro Melhor sabem do que estão falando. Ei, não temos que quebrar a cabeça para saber do que necessitamos. Não precisamos escrever especificações que digam que cada taser deve ter uma alça de exatamente 71 centímetros de comprimento, e, se tiver 72, meu Deus, tem que haver meia dúzia de reuniões e telefonemas e talvez o pedido inteiro tenha que ser cancelado. Eles podem simplesmente se sentar conosco e perguntar: “O que vocês podem nos dar?” E nós lhes diremos. Nós lhes diremos. — O Gerente pôs a mão no meu ombro. Pareceu um gesto paternal. — É isso o que me empolga no seu projeto. Ele muda a regra do jogo. Não precisamos de uma análise de demanda para os Olhos Melhores. Não precisamos sair por aí perguntando aos nossos clientes sobre a quantidade de Pele Melhor que eles poderiam considerar usar e sob quais especificações. Esses produtos se autopromovem. Eles nos colocam no controle. E a melhor parte, Dr. Neumann, a fantástica ironia é que isso aconteceu porque o *senhor* mudou o *nosso* jogo. Alguém lhe pediu para fazer isso? Não. O senhor fez por conta própria. Olho para o senhor, Dr. Neumann, e vejo um homem no controle do próprio destino.

Um homem que se recusa a deixar que os outros o definam. A natureza lhe deu uma mão, o senhor a devolveu. O senhor disse: “*Eu* decido quem sou. Eu escolho o limite das minhas capacidades. Serei definido não pelo que fizeram de mim, mas por aquilo que farei.”

Pisquei.

— Sim. É exatamente isso.

Fiquei me perguntando por que Cassandra Cautery tinha se preocupado tanto com a ideia de me deixar falar com o Gerente. Ele era fantástico. Era igual a mim.

— Eu não poderia estar mais orgulhoso de me considerar um de seus partidários. — Ele sorriu. Devolvi o sorriso. — Agora vamos falar dos supersoldados.

O Gerente se virou para a janela e olhou para o horizonte distante. Não havia nada lá a não ser céu. Tentei reorganizar a última frase que ele dissera para que ela fizesse sentido. Pensei: *Ele quis dizer supersoldador?*

— O equipamento que o soldado moderno comum carrega pesa 68 quilos. — Ele se virou e abriu as mãos. A luz que se espalhava por trás dele tornava sua imagem um tanto messiânica. — Isso é um recruta-padrão. Os especialistas carregam uma vez e meia isso. A limitação primária do soldado de hoje é que ele simplesmente não consegue carregar tudo. A guerra se tornou um exercício de carregamento de peso. Um quebra-cabeça logístico. E, claro, nunca foi diferente. Você poderá dizer que, ao longo da história, batalhas foram vencidas graças à coordenação de recursos. E vou concordar com você. Até certo ponto. Esse ponto é quando a lacuna entre o que é possível e o que é prático de se carregar se torna um desfiladeiro. E é isso o que temos hoje. Imagine que peso não fosse uma questão. Teríamos soldados correndo a 80 quilômetros por hora, saltando a 6 metros de altura, disparando metralhadoras de 50mm e ignorando os tiros inimigos como se fosse chuva. Teríamos Soldados Melhores. E permita que eu lhe diga, Dr. Neumann, que, por mais empolgado que eu esteja com os produtos voltados para o consumidor-padrão que o seu pessoal está desenvolvendo, como os Olhos Melhores, a Pele Melhor e assim por diante, eles não são nada se comparados com o que podemos alcançar na área militar. — Ele levantou um dedo. — Vou reformular isso. O que podemos alcançar nas áreas *militares*. Não vou entediá-lo com detalhes comerciais, mas existe um protocolo para se

desenvolver produtos militares. O primeiro passo é você ir ao Departamento de Defesa e dizer: “Oi, só para vocês saberem, estamos pensando em fazer um exoesqueleto de combate móvel.” E eles dizem muito obrigado e aqui está uma papelada obrigando que cada funcionário em um raio de 30 metros do nosso prédio seja revistado pela inteligência militar, e que haja um general de quatro estrelas na sala toda vez que pronunciemos o nome do projeto, e por aí vai. Dez anos depois, quando tivermos permissão para construir uma versão simplificada e aleijada do produto que projetamos originalmente, eles nos darão outra papelada dizendo quantas unidades vamos produzir, quanto nos pagarão por cada uma e quantos anos passaremos na prisão se vendermos a outra nação soberana uma única peça de tecnologia relacionada. E quer saber? Isso é um saco, Dr. Neumann. É o que nos impede de crescer. Então, desta vez quero tentar de outra maneira. Tentar algo dentro de casa. E não estou falando que vamos vender essas coisas para a Coreia do Norte. Não acredito que ninguém queira que a Coreia do Norte tenha um exército de, o senhor sabe, Soldados Melhores, impossíveis de serem exterminados. Mas não é algo ruim o fato de existir essa possibilidade. Não é algo ruim que possamos ir ao Departamento de Defesa e dizer: “Opa, *mea culpa*, parece que um pessoal nosso se antecipou e desenvolveu máquinas de guerra humanas, e elas já estão sendo utilizadas em diversos países malgovernados ao redor do mundo.” Eles vão xingar, gritar e ameaçar, é claro. Mas então faremos um acordo. Nos nossos termos. Porque nós temos a tecnologia.

Falei:

— Não quero ser um supersoldado.

Cassandra Cautery sorriu. O Gerente riu.

— É claro que não! Meu Deus, Dr. Neumann, nem pensar. O senhor é o homem que pensa.

— Você é o cérebro — disse Cassandra.

— Exatamente. Seu papel não é o de colocar as mãos na massa. — Ele olhou imediatamente para minha mão de metal. — Desculpe a expressão. O que quero dizer é que não há necessidade de o senhor se colocar como voluntário para os testes de todas as Partes Melhores. Temos gente para isso. Cassie já deve ter lhe falado sobre isso.

— A questão com Charlie — falou Cassandra Cautery —, e espero que isso não o ofenda, Charlie, mas a questão é: ele é um artista. Ele tem esse tipo de

mentalidade. Tomo extremo cuidado, extremo mesmo, para não incomodar Charlie com as implicações práticas de seu trabalho, porque para ele é um projeto pessoal. Muito pessoal. É o que o inspira.

O Gerente ficou em silêncio.

— Não sei se estou entendendo. Ele é um funcionário, não é?

— Claro, mas...

— O senhor é um funcionário, Dr. Neumann?

— Sou.

— O senhor é pago para executar trabalhos para a Futuro Melhor, correto?

Eu não acessava minha conta bancária havia muito tempo. Mas suponha que sim.

— Sim.

— Então acho que o seu papel está estabelecido. — Ele fez que sim. — Entendo que existe pelo menos meia dúzia de pessoas agora que são capazes de criar um design original de partes. O senhor deveria ter orgulho da maneira pela qual transmitiu suas habilidades, Dr. Neumann. Nenhum funcionário deve ser insubstituível.

Falei:

— Quero fazer partes do corpo para mim mesmo.

— Vou lhe dizer o que quero — disse o Gerente. — Quero que o senhor auxilie nossas cobaias. Ajude-as a se adaptar à vida com Partes Melhores. Essa é a sua especialidade agora. Não design. Olhe para você. Se eu estiver agendando alguma cirurgia extensiva a fim de me tornar um Soldado Melhor, você é o homem com quem quero falar. Você é o sujeito que quero ao lado do meu leito quando eu acordar, me dizendo que está tudo bem, que é ótimo esse outro lado. É Melhor. Não estou dizendo que o problema tem sido esse. Cassie, não estou culpando você pelos problemas que temos enfrentado com as cobaias. Estou apenas dizendo que a última coisa que precisamos é de Soldados Melhores tendo surtos psicóticos.

Perguntei:

— Que cobaias? — Olhei para Cassandra, e depois para o Gerente. — O senhor se refere a Carl?

— Dr. Neumann, não posso acreditar que o senhor não saiba disso. O senhor não é o único a fazer uso das Peças Melhores. — Ele olhou de relance para

Cassandra. — Francamente.

— Quem mais teve... teve...

— O senhor, o pessoal do seu departamento e os voluntários.

— Que voluntários? — Senti que eu tremia. — Lola Shanks tem uma Parte Melhor?

— É claro. Bem. Uma parte mais antiga. Antes de termos implementado o programa de voluntários. Tivemos que dar um salto no escuro. Sei que o senhor vai saber valorizar esse tipo de ação. Quando esmagou sua perna, o senhor sabia o que iria acontecer? O senhor ao menos tinha certeza de que iria sobreviver? Não. Mas sobreviveu. Porque grandes realizações exigem grande coragem. E era óbvio desde o começo que seria mais fácil recrutar voluntários para algumas Partes Melhores do que para outras. Os Olhos, a Pele, claro, tem gente fazendo fila. Mas quem quer uma coluna vertebral de nível militar? Quem quer um tímpano com link de satélite? Não diga que o senhor quer. Já discutimos isso. O mundo não está cheio de Carls LaRussos. Não vamos esbarrar por aí em um grupo de pessoas ansiosas para substituir órgãos vitais. Então agarramos a oportunidade que se apresentou.

— O que foi implantado em Lola? — Minha garganta queimava. Eu só conseguia pensar nela, na mesa de cirurgia, sua mão mole e indefesa. — O coração dela. O que é?

— Bem — disse ele —, é algo melhor.

Um surto de fúria explodiu por todo o meu corpo. Eu normalmente não ficava com raiva. Nunca havia me sentido assim em toda a minha vida. Ou pelo menos nunca em um momento em que eu estivesse conectado a uma interface com nervos, diligentemente ensinando às Contornos a linguagem de meus neuroimpulsos elétricos. Elas não faziam ideia do que eu estava lhes dizendo. Bem, essa é a explicação que eu encontrei para as minhas pernas terem dado um tranco e eu ter chutado o Gerente pela janela.

* * *

ATÉ ENTÃO, EU NÃO havia prestado muita atenção ao andar em que estávamos. Mas, quando fui até a janela estilhaçada e afastei as cortinas que esvoaçavam para fora, percebi: estávamos em um andar muito, muito alto.

— VOCÊ O MATOU. — Cassandra Cautery foi pisando cuidadosamente no vidro quebrado e se segurou contra o que havia sobrado da moldura da janela. — Olhe. Ele está caído lá.

Tentei dizer, *Não foi a minha intenção*. Mas meu peito parecia comprimir meus pulmões.

— Aquele cara está morto. — Havia um quê de admiração na voz dela. — Definitivamente morto.

Mesmo sabendo que não deveria, olhei para baixo. A maior parte do espaço entre a Futuro Melhor e a rua era ocupada por um gramado amplo e bem-cuidado. Mas ele era cortado ao meio por um caminho de concreto estreito, onde agora jazia o corpo do Gerente. Estou tentado a dizer que foi azar. Mas, a julgar pelo jeito como as pernas dele estavam dobradas sobre a cabeça, não fazia diferença.

As Contornos deram um passo inesperado para a frente, como se quisessem ver o que haviam feito. Quase me desequilibrei.

— Charlie... — murmurou Cassandra. Seus olhos não se desviavam do minúsculo corpo quebrado do Gerente. — Você está muito encrencado.

As Contornos ficaram tensas. Quatro seções se contraíram 5 centímetros. Eu não estava ordenando que elas fizessem isso. Devia ser uma reação de medo: meu cérebro apavorado vomitando estática. Mas não era assim que eu sentia. Eu sentia como se elas estivessem tomando as próprias decisões.

Atrás de mim, alguém sufocou um grito. A bela assistente do Gerente estava parada com uma das mãos na maçaneta, a outra voando para a boca, os olhos arregalados de choque. O que aconteceria a seguir ficou claro: o alarme, os seguranças. Minhas pernas tinham razão, percebi. Elas tinham deduzido isso antes de mim. Olhei para baixo, respirei fundo e pulei.

ENQUANTO EU CAÍA, AS Contornos se estenderam o máximo que podiam. Os cascos se abriram em três dedos, maximizando sua área de superfície. A grama da Futuro Melhor se aproximava cada vez mais rápido, e eu fechei os olhos. Minha espinha dorsal tentou empalar meu crânio. Quando consegui enxergar novamente, as Contornos estavam com 1 metro de comprimento e sem os cascos. Pensei que tivessem se quebrado. Então elas começaram a se expandir novamente, e me lembrei de que era isso o que elas faziam ao receber impacto: retrair para absorver a desaceleração. Os cascos haviam afundado na terra. Puxei uma das pernas, tirando-o do chão, depois a outra, e sacudi-as para que soltassem os torrões de terra.

O Gerente jazia a poucos metros de distância. Ele não parecia nem um pouco melhor visto mais de perto. Fiquei enjoado, depois senti raiva, porque, se o Gerente tivesse Partes Melhores, estaria bem naquele momento. Estaria andando por aí em pernas mecânicas e eu não me encontraria naquela situação. Que tipo de CEO organizava um projeto para fabricar peças artificiais e não usava nenhuma delas? Era ridículo. Fiquei olhando para a sujeira biológica dele e me senti furioso. Não era o meu melhor momento.

À minha frente, as portas do saguão se abriram. Pensei: *Talvez não sejam os seguranças*, mas eu estava errado. Então pensei: *Talvez eles não saibam que fui eu quem fez isso*, e eles sacaram as armas. E pensei: *Eles só vão atirar se eu sair correndo*, e eu estava errado mais uma vez.

* * *

O PRIMEIRO TIRO BATEU no meu bíceps esquerdo. Não senti tanto como dor física, mas como um insulto. Eu não havia percebido profundamente o quanto era ofensivo alguém ferir você deliberadamente. Gritei:

— Ei!

Minha voz saiu repleta de ultraje. Eu marcharia até aquela segurança e explicaria que eu era um ser humano, droga, com cérebro, direitos e cartão de identificação, e que não se pode sair simplesmente *atirando* em pessoas. Não se pode simplesmente *matar* pessoas. O que era um pouco hipócrita da minha parte, já que eu me encontrava ao lado do corpo todo dobrado do Gerente, mas isso não me ocorreu na hora. Eu estava indignado com a violação dos meus bíceps. Só

deixei esse plano de lado quando percebi que aquela bala não seria o último insulto do dia: que mais insultos viriam na minha direção a menos que eu fugisse dali.

Foi o que fiz. Minhas pernas dispararam. Meu pescoço foi lançado para trás. Alguma coisa passou tão rente à minha cabeça que carregou meu cabelo junto. Agarrei as laterais do assento-balde, com medo de cair, o que era mais ou menos impossível embora não fosse essa a sensação que eu tinha. A cada passo minhas pernas se esticavam à minha frente e meus cascos se enterravam na grama. Eles escorregaram em um pedaço muito liso, então, ao chegarmos à calçada, senti as pernas se firmarem. Elas gostavam de concreto. Elas e eu. Enquanto carros e árvores começavam a passar como borrões, eu me agarrei às pernas até os seguranças ficarem distantes, muito distantes, e eu me ver a salvo, então percebi que havia deixado para trás uma coisa importante.

* * *

NÃO JOGO NA LOTERIA. Não dou a mínima para o que o meu horóscopo diz. Acredito que a maioria das coisas no mundo poderia ser aprimorada se as pessoas pensassem mais no que estão fazendo. Quando alguém fica irritado com seu computador, eu tendo a ficar do lado da máquina. Acho que a arte é supervalorizada, e pontes são subvalorizadas. Na verdade, não entendo por que pontes não são consideradas arte. Tenho a impressão de que elas são penalizadas por terem uma utilidade. Se eu fizer uma ponte que termine no meio do ar, ela será uma escultura. Mas posicione-a entre duas porções de terra de forma que 200 mil carros por dia a atravessem e ela passa a ser infraestrutura. Não faz o menor sentido.

Dou esse exemplo porque o que fiz em seguida não foi completamente lógico. E sei que se eu ficasse sabendo que alguém havia feito isso, eu perderia um pouco de respeito por essa pessoa. Eu pensaria: *Ora, isso é simplesmente uma estupidez.* Mas eu estaria cometendo um erro ao não considerar a dificuldade de se avaliar uma situação de emergência estando no meio de uma. Quando alguém atira em você, seu hipotálamo envia um raio para suas células neuroendócrinas, que jogam uma tonelada de cortisol, adrenalina e norepinefrina em sua corrente sanguínea, e assim você deixa de ser uma máquina eficiente em tomada de decisões. Você passa

a ser uma máquina rápida em tomada de decisões. E não é que eu queira me defender usando como escudo minha biologia, porque em algum momento você precisa assumir o domínio da sua neuroquímica, mas quero apontar que não fui eu que decidi pela reação de estresse agudo; foi meu corpo.

* * *

REDUZI A VELOCIDADE. PAREI. Mais à frente na calçada, uma senhora latina pelejava para caminhar cheia de sacolas de compras. Ela viu meus cascos e seus olhos se arregalaram.

— *Diablo*.

Lola estava lá atrás, na empresa. Sabe lá o que havia na sua cavidade peitoral. Cassandra dissera que estavam cuidando dela, mas isso podia ser mentira. Eles haviam instalado um dispositivo em Lola sem o conhecimento dela.

— *Diablo!* — gritou a mulher.

Talvez eu devesse ir à polícia. Dizer a eles que havia uma mulher com um Coração Melhor defeituoso no peito e que ela não havia pedido. Isso tinha que ser algum tipo de crime. E os seguranças atiraram em mim e isso era errado, então a polícia deveria ficar do meu lado. Eu tinha pernas de metal, mas eles iam conseguir ignorar esse fato. Embora eu tivesse matado o Gerente. Possivelmente, do ponto de vista deles, eu era um criminoso violento. Será que a Futuro Melhor já havia me denunciado?

— *Diablo!*

— Fique quieta — falei, porque aquilo atrapalhava o meu raciocínio.

Meu bíceps ferido começou a passar de confortavelmente entorpecido a incomodamente dolorido, com traços de agonia iminente. Tentei me concentrar. Minhas pernas tremiam. Isso era estranho. Eu não sabia que elas podiam fazer isso. Eu queria que Lola estivesse ali. Ela saberia o que fazer. Era a minha fraqueza: eu não sabia prever as ações das pessoas. Lola sabia. Talvez existisse uma entrada pelos fundos. Um acesso à Futuro Melhor que não fosse protegido por seguranças com armas que eles não tinham vergonha de usar. Escaneei mentalmente a planta do andar. Não havia outra entrada.

— *Diablo!* — gritou a mulher. Ela deixou cair as sacolas de compras e levou as mãos ao rosto. — *Diablo!*

— Então por que estou voltando? — gritei.

Eu não estava zangado com ela. Só estava abalado por causa da minha provável morte iminente. As Contornos começaram a martelar a calçada, levando-me de volta para Lola.

* * *

EU NÃO ERA UM idiota. Não me aproximei pela frente. Ao lado da Futuro Melhor havia uma pequena usina industrial. Posicionei um casco na cerca, daquelas formadas por elos de corrente, e fiz força. O metal sacudiu, gritou e foi arrancado. Corri por entre tanques do tamanho de prédios e, ao sair dali, descobri não uma, mas duas cercas entre mim e a Futuro Melhor, porque nenhuma das empresas confiava na outra. A cerca da Futuro Melhor era mais alta, mais forte e mais propensa a notificar automaticamente alguém ao ser violada. Levantei um casco e arrebentei a primeira cerca, avancei 3 metros em um campo neutro e posicionei um casco contra a cerca da Futuro Melhor. Cada músculo do meu corpo se contraiu. Meus dentes quase arrancaram minha língua.

— *Farg!* — exclamei.

Recuei, meus nervos tremiam. Não sei por que eu não havia percebido que ela estaria eletrificada. Tive sorte de meus componentes eletrônicos serem isolados ou esse teria sido um fim humilhante. Olhei ao redor, à procura de algo que me ajudasse, como talvez uma árvore alta que eu pudesse usar como ponte sobre a cerca, mas só vi estacas, andaimes e outros excelentes condutores elétricos. Voltei a olhar para a cerca. Uns 6 metros de altura. Talvez eu conseguisse pular aquilo. Eu nunca havia chegado a testar a capacidade de salto vertical sob condições controladas, mas daquela única vez que elas haviam pulado, tinham alcançado 18 metros no ar. Olhei para o prédio da Futuro Melhor. Concentrei-me em um trecho de grama perfeita do outro lado da cerca. Pensei: *Levem-me até lá.*

As pernas se ajustaram. Fiquei tenso, como se houvesse algo que meus músculos pudessem fazer, e as pernas saltaram. Meu torso se comprimiu como um acordeão. Mordi a língua novamente. Enquanto eu passava por cima da cerca, soltei as mãos do assento e agitei os braços no ar, porque meu corpo ainda não tinha se acostumado ao fato de estar ligado a 2 toneladas de titânio. As Contornos bateram no solo. Oscilei para a frente no assento. Respirei fundo. Eu estava bem.

Na verdade, não havia sido tão ruim. Aquele tinha sido o salto menos aterrador e menos fisicamente danoso que eu havia executado com as Contornos até então. Pensei: *Estou pegando o jeito*. Então olhei para o prédio da Futuro Melhor e pensei: *Ah, merda*. As Contornos não eram boas em escadas. Eu não conseguiria correr de um andar para outro. Por que eu não havia consertado isso? Por que isso não havia me ocorrido antes que eu estivesse ali de pé no gramado? Vi o que julguei ser a varanda de Lola e pensei *Pule e Você está louco? São mais ou menos 15 metros*. Comecei a ir em direção ao prédio, mas sem entusiasmo. Eu não sabia se tinha capacidade de fazer aquilo. Eu não conseguia pensar em nenhuma razão lógica para justificar por que não, mas era uma altura e tanto e eu morreria se errasse. Pensei: *Não sei nem mesmo se essa é a varanda certa*. Pensei: *Será que ela está lá?* Parei. Senti alívio, depois vergonha. Pensei: *Que se foda, vou tentar*. Mas mudei de ideia novamente. O suor escorria pelas minhas costelas, fazendo cócegas. Meu bíceps latejava. Pensei: *Isso precisa de cuidados médicos. Eu deveria ter tratado esse ferimento antes de fazer qualquer coisa que possa piorar a situação*. A varanda de Lola estava lá no alto. Bem no alto mesmo.

Um Hummer da Futuro Melhor virou a esquina a toda, o motor berrando. Os pneus arrancavam pedaços de terra e os cuspiam ao longo do gramado. A traseira dançava para um lado e para o outro. Sua grade estava focalizada em mim. Fiquei paralisado. Então ergui as mãos. Eu não queria levar um tiro. O Hummer acelerou, e uma parte do meu cérebro me informou que ele estava a uma velocidade muito além da necessária para me alcançar rapidamente. Ignorei essa informação porque era óbvio que isso não podia estar certo, até que aquilo se tornou evidente e já era tarde demais para tomar uma atitude.

Há uma expressão que diz: *Para quem só tem um martelo na mão, tudo na vida é prego*. Eu tinha um martelo. Um martelo de titânio servomagnético com bateria de lítio. Então, quando o Hummer veio para cima de mim, eu o chutei. Ele ficou sobre duas rodas, inclinado para um lado. As outras duas passaram por cima da minha cabeça. Ele voou atordoado por uns 20 metros, quase a ponto de virar, como se estivesse em um circo. Enquanto ele ia torto na direção do prédio da Futuro Melhor, percebi que o motorista enfrentava dois objetivos mutuamente excludentes: fazer o carro ficar sobre as quatro rodas ou não arremeter de cara contra o saguão do térreo. Essa era realmente uma decisão entre duas alternativas em que só havia uma escolha a ser feita, mas o motorista tentou optar pelas duas

ao mesmo tempo e o Hummer atingiu o prédio a um ângulo de 30 graus. Metade dele desapareceu lá dentro. Vidro e tijolo choveram em uma explosão sobre o gramado.

Indiscutivelmente não mereço crédito nenhum por isso. Meu input limitou-se à plena certeza de que eu não queria ser atropelado. As Contornos cuidaram do resto: firmaram uma perna no chão, calcularam o momento da virada, aplicaram a quantidade correta de força. Se bem que o código era obra minha. Eu o havia escrito sem essa situação particular em mente, mas isso não mudava o fato de que as instruções eram de minha autoria. A partir dessa perspectiva, eu merecia todo o crédito, ainda mais por ser alguém cujo corpo havia sido criado para elas. Então olhei para cima. Localizei a varanda de Lola. Pulei.

À minha frente, vidraças passavam em lampejos. O vento puxava minhas roupas. Fechei bem os olhos, trinquei os dentes e tentei não morrer. Isso me pareceu possível. A força-g foi se abrandando, então abri os olhos para ver se eu estava perto de onde precisava estar para sobreviver, e vi meus cascos passarem raspando por uma balaustrada de varanda, a uma distância de 5 centímetros. Pousei com tanta suavidade que era como se eu estivesse descendo de uma escada. Eu compreendia a física, mas ainda assim... Puxei o ar com a boca. Eu estava vivo. Olhei para minhas Contornos e nunca senti tanto amor por um objeto.

A porta da varanda se abriu.

— Charlie!

Lola saiu da suíte. Eu estava na varanda certa. Habilidades de localização espacial: eu tinha. Ela se atirou em mim. Lá dentro, através do vidro, eu via gatos de jalecos por toda parte. Jason e Mirka entre eles. Vi a enfermeira. Eles começaram a sair rapidamente do quarto.

— Você sentiu isso? Acho que foi um terremoto!

— Isso fui eu.

Lola se curvou sobre a varanda.

— Como você chegou aqui? Você pulou? Você *pulou*?

— Precisamos fugir.

— Que fumaça é aquela?

— Lola. É importante que a gente saia daqui o mais rápido possível.

— Tudo bem. — Ela pegou minha mão, a biológica. — Eu sabia que você iria voltar. Eu sabia.

Dei uma olhada rápida na suíte. Estava vazia. Gatos malditos. Então percebi que eu não poderia saltar dali. Não com Lola. No instante em que minhas pernas tocassem o chão e eu começasse a desacelerar, Lola pesaria o equivalente a 900 quilos.

— Hum. Temos um problema.

— O quê? Vamos embora.

— Não posso carregar você.

— Claro que pode. — Ela estendeu os braços. — Eu sou pequena.

— Quando pousarmos, você vai pesar o mesmo que um carro. — Quando ela começou a fazer cara feia, acrescentei: — Não sou eu que estou dizendo. É a física.

Olhei para meus dedos de metal. Se eu tivesse os braços, aquilo seria possível.

— Você está sangrando?

— Ah. Estou. — Mostrei meus bíceps a ela. — Fui danificado.

— Você quer dizer ferido.

— O que eu disse?

— Você... — Ela balançou a cabeça. — O que aconteceu?

— Levei um tiro.

— Quem atirou em você?

— A empresa. Seguranças.

— Não!

— Sim.

— Por que fariam isso? Charlie?

— Eu chutei o CEO.

As sobrelhas de Lola saltaram.

— Ah, não.

— Foi um acidente.

— Que tipo de acidente?

— Eu explico depois.

— Ele está muito ferido?

— Hum...

— Eles têm médicos muito bons aqui. Talvez...

— Ele morreu.

— Ah, Charlie.

— Eu lamento.

Eu lamentava por ter chateado Lola. Com o Gerente eu ainda estava zangado.

— E agora querem matar você?

— Não sei. Eles atiraram em mim.

— Devem estar pensando que você é perigoso. É um mal-entendido.

— Será que eu devo tentar falar com eles?

Lola franziu a testa.

— O que você quis dizer antes com “Isso fui eu”? Como você provocou aquela fumaça?

— Chutei um carro. Ele tentou me atropelar. Tive que chutá-lo. Para dentro do prédio.

— Ah. Ah.

— Isso é ruim, não é?

— Acho que é muito ruim.

— Eles estão colocando partes em pessoas. Partes militares. Puseram em você um coração militar.

— Um o quê?

— Um coração mili...

— O que isso quer dizer? Que merda é essa de *coração militar*?

— Eu não... — Alguma coisa fez *plim*. — Isso foi o elevador?

— Precisamos sair daqui — disse Lola.

— Sim.

— Me pegue no colo e corra. Podemos descer pelas escadas.

— As Contornos não são boas em escadas.

— O que isso quer dizer?

— É um bug, eu acho. Não tive chance de analisar o software...

— O que isso quer dizer para *nós*?

— Quer dizer que não podemos descer de escada.

— Tudo bem. Podemos... Vamos tentar descer de fininho pelos elevadores.

— Os elevadores não vão funcionar a não ser que...

Passos. Lola apertou minha mão. Senti aquela estranha força atrativa, tentando puxar meus dedos na direção do peito dela.

— Charlie...

Era um problema de lógica, percebi, um quebra-cabeça. Como aquele exercício: você tem um saco de milho, uma galinha, uma raposa e um barco que só pode levar um objeto de cada vez para o outro lado do rio. Eu podia pular dali, mas Lola não. Ela não podia abrir as portas das escadas, supondo-se que a segurança havia trancado tudo, mas ela podia descer as escadas, coisa que eu não podia.

— Você pode arrebentar os pisos e ir descendo os andares assim?

— O quê? É concreto reforçado.

— Isso é um não?

— Óbvio que é um não!

— Não me olhe desse jeito!

— Eu só...

Consegui. Era simples. Eu iria com Lola até as escadas. Derrubaria a porta com um chute. Pularia para o térreo pela janela. Entraria novamente no prédio. Derrubaria a porta para as escadas do térreo. Pegaria Lola. Sairia correndo. Era um bom plano. Simples. Não levava muito em conta a grande probabilidade que eu tinha de ser baleado. Mas era uma solução. Peguei-a pela mão e entrei na suíte.

Um homem apareceu à porta. Um segurança. E fiquei ali parado, meu plano deixado de lado, porque o segurança era Carl.

* * *

ELE PARECIA DIFERENTE. À primeira vista não consegui descobrir por quê. Eu estava distraído com outros pensamentos, e um deles era: por que Carl estava ali? Pensei que ele tivesse ido embora. Eliminado, de um jeito ou de outro. Mas lá estava ele, bloqueando a única saída que não exigia cair 25 metros.

— Oi, Carl. — À luz do corredor, ficava difícil ver o rosto dele. — Como vai?

Ele não se mexeu. Lola deu uma espiada por trás de mim.

Nada ainda. Ele usava o uniforme de segurança, embora a roupa também parecesse diferente.

— Uma série de eventos estranhos vem acontecendo — falei. — Não sei que lado da história você ouviu, mas...

Carl entrou no quarto. Então ficou claro o que havia de diferente nele. Eu não tinha percebido antes porque Carl sempre fora grande. Mas não tanto assim. Não

tão grande a ponto de ter que virar de lado para passar por uma porta.

Seus braços estavam cobertos pelo uniforme. Mas suas mãos despontavam das mangas, e elas eram espessos blocos de metal cinza. Pareciam marretas. Eu nunca tinha visto aquelas mãos antes.

— Srta. Shanks — disse Carl. — A senhorita sempre foi gentil comigo.

Seus olhos então focaram os meus. Naquele momento ficou claro para mim que Carl sabia que eu havia pedido a Cassandra Cautery para se livrar dele.

— Em reconhecimento a isso — disse ele —, vou lhes dar a vantagem de sair na frente.

* * *

AS PERNAS DA CALÇA de Carl apresentavam saliências em lugares estranhos. Quando ele andava, era possível ver o aço reluzente entre sua calça e as botas. Ele não tinha pernas de metal. Mas havia alguma coisa a mais ali. Uma espécie de exoesqueleto, como andaimes. Fazia sentido. Não era possível soldar titânio nos ombros de um homem. Isso o esmagaria. Mas aquilo me irritava. Um exoesqueleto era uma gambiarra. Era colocar uma camada de tecnologia em cima de um sistema defeituoso. Era incapacidade de solucionar o problema principal.

Carl parou em frente a um elevador de serviço e passou seu cartão. Isso foi interessante porque um momento antes suas mãos eram blocos de pedra. Agora haviam se dividido em dedos macios o suficiente para segurar o crachá. Parecia que elas podiam se abrir e pelo menos quatro dedos, depois se unir para adquirir uma força devastadora. Não era má ideia, para as mãos de um segurança.

— Esse elevador vai dar na garagem. Então vocês estarão por conta própria. Aconselho que corram.

Lola e eu entramos, meio constrangidos. Lola disse:

— Obrigada, Carl.

— Não estou fazendo favor nenhum. Estou pagando uma dívida.

Lola olhou para mim.

— Hum — falei. — Obrigado. E me desculpe.

As portas do elevador começaram a se fechar. Carl bloqueou-as com a mão, que transformara-se em um bloco novamente.

— Como?

— Desculpe.

— Por pedir que se livrassem de mim? É a isso que o senhor se refere? Por mandar que tirassem meus braços porque o senhor não queria ter que dividir comigo suas partes? É disso que o senhor está falando? Do tempo que passei em uma cama com um botão para apertar com o pé quando eu precisava que alguém me ajudasse a ir ao banheiro? Isso?

Ele abaixou o braço. Ouvi o gemido fino dos servomagnetos. A porta do elevador começou a se fechar.

— Não precisa se desculpar — disse Carl. — Tenho minhas próprias partes agora.

* * *

LOLA FICOU EM SILÊNCIO enquanto o elevador descia. Arrisquei uma olhada rápida em sua direção: ela olhava direto para a frente, os braços rígidos. Falei:

— Você acha que este elevador vai mesmo nos levar até a garagem ou é uma armadilha?

— Você tirou os braços de Carl?

— Não acho que essa seja a melhor hora para discutir isso.

— *Você mandou que tirassem os braços dele?*

— Aqueles braços não eram *dele* — falei, mas os lábios de Lola se afinaram até formar uma linha dramática, e decidi abrir mão desse argumento. — A gente conversa mais tarde.

— Estou decepcionada, Charlie.

Eu me senti mal. O efeito da minha tetrodotoxina havia passado. Eu sabia que não era minha prioridade máxima, mas queria que Lola não ficasse decepcionada. O elevador parou com um impacto. As portas pareceram levar um bom tempo para se abrir. Estendi os braços.

— Venha cá. — As sobrancelhas dela afundaram como submarinos. — Preciso carregar você.

As portas se abriram. No começo eu não conseguia ver nada. O contraste era gritante: o elevador muito iluminado, a garagem escura, o retângulo brilhante da rampa que levava até a luz do sol. Eu deveria estar usando os Olhos. Mas os gritos eram nítidos. Ouvi frases do tipo *Lá está ele e Peguem ele*.

Lola pulou nos meus braços. Eu a segurei e acelerei rumo à escuridão. As Contornos esmurravam o concreto como tiros de rifle. Lola escorregou dos meus braços e se enganchou na lateral do meu corpo. Eu não tinha percebido o quanto havia me adaptado às Contornos: como eu me inclinava junto quando elas se moviam, como um pequeno clique perto do quadril significava que elas estavam prestes a se deslocar e que eu deveria me equilibrar. Essas coisas ficavam bem mais difíceis carregando outro ser humano nos braços. Os dedos de Lola se afundavam em mim. Eu a segurei, e então as Contornos desviaram de um segurança que eu não tinha sequer visto, e Lola deu um gritinho e escorregou para as minhas costas. As pernas dela envolveram minha cintura. Seus braços quase me estrangularam quando ela se agarrou ao meu pescoço. Meus olhos marejaram. Ouviu-se um ruído que parecia o de uma cachoeira de metal batendo em concreto, soando como uma das armas que eu tinha visto nas demos de protótipos do ano anterior, e eu tinha plena certeza de que não era um modelo da não incapacitante nem da não letal. Emergimos subitamente na luz do sol. Lola pulou para o meu peito. O topo do crânio dela bateu no meu nariz. Chegamos à rua agarrados como namorados muito zangados um com o outro. *Seguro*, pedi às Contornos. *Me levem a algum lugar seguro*.

* * *

EM DETERMINADO MOMENTO NÓS paramos. Lola desceu do meu corpo, lenta e dolorosamente. Vi uma rua arborizada de subúrbio. Parecia estranha, como se tivesse saído de uma série de TV, e percebi por quê: eu havia crescido ali. As Contornos haviam me levado de volta à minha infância.

— Tem sangue no seu queixo — disse Lola.

Usei a manga da camisa para me limpar. Era muito sangue. A maior parte parecia ser do meu bíceps. Onde eu havia levado o tiro. Onde eu havia levado o tiro. Eu já sabia disso, mas fiquei chocado por completo de novo. Estremeci. Eu sentia frio, calor e tontura.

— Acho que vou entrar em choque — falei. Eu não sabia a definição técnica de entrar em choque, mas a sensação era de que isso ia acontecer.

Lola se afastou alguns passos e sentou na grama. Parecia estar observando os próprios sapatos.

Eu me abracei e apertei. Fiquei imaginando quem morava naquela casa agora. Talvez se eu batesse à porta eles me convidassem para tomar um achocolatado e ver um pouco de TV.

— Você é egoísta — disse Lola.

Olhei para ela. Isso parecia injusto.

— Eu não pensei que o intuito era se tornar melhor do que todo mundo. Não pensei que fosse uma questão *de competitividade*.

Fiquei imaginando o que aconteceria com as Contornos se eu desmaiasse. Provavelmente apenas ficariam ali, com meu corpo tombado para a frente.

— Você quer se vingar dos atletas que foram maus com você no ensino médio? É isso que você está fazendo?

Apertei os olhos. Parecia estranho que Lola pudesse ter uma ideia tão errada a meu respeito. Parecia que ela não me compreendia tão bem quanto as Contornos.

— Nosso dever é ajudar as pessoas — falou Lola para seus sapatos.

O efeito da tetrodotoxina havia definitivamente passado. Decidi argumentar. Seria minha primeira briga com uma garota desde o ensino fundamental.

— Sou uma especialista em próteses — continuou Lola. — Eu *dou* partes do corpo às pessoas.

— Diga logo que você ama Carl.

Ela virou a cabeça na minha direção. Na penumbra, seu rosto parecia ligeiramente irreal.

— O quê?

— Você o ama. Ele e os novos braços dele.

— Eu amo Carl?

— *Claaaa* — falei. Era o começo de alguma frase, mas esqueci o que eu queria dizer.

— O quê?

— Vá lá, case com ele então.

— Você está louco?

— *Nang* — falei.

Minha cabeça pendia para o lado. Eu me sentia zozzo. Alguma coisa passou lá em cima; um pássaro ou uma espaçonave. O mundo ficava pesado. Escurecia nas bordas. Tentei calcular as reações químicas de tudo o que chacoalhava nas minhas veias, a adrenalina, os betabloqueadores e os analgésicos, mas as equações me

escapuliram e se fundiram umas nas outras. O que era gerado ao se dissolver uma equação química em outra? Era uma boa pergunta.

Charlie, disse Lola. Fiquei olhando para ela, porque seus lábios se moviam mas não faziam nenhum som. Então percebi que eles estavam, sim, fazendo som, eu é que ouvia a frequência errada na minha cabeça. Eu estava caído para trás nas Contornos, olhando para o céu. Lola tentava me manter reto.

— Charlie!

— O quê — falei.

— Você precisa ir a um hospital. — Ela olhou ao redor. — Merda. Hospital não. Eles vão nos encontrar.

— Quem.

— A... Futuro Melhor. As pessoas que querem nos matar para encobrir o caso dos testes ilegais que fizeram em seres humanos com as partes artificiais de corpo. Lembra?

— Eu... preciso... me sentar.

— Você está sentado.

Olhei para as Contornos. Lola tinha razão.

— Charlie. Fique acordado.

Em algum lugar, um cão latia. Alguns fios dos cabelos castanhos de Lola flutuavam na brisa.

— Sei de um lugar. Uma amiga do hospital. Ela mora aqui perto.

— Uma amiga?

— É. Charlie. Charlie.

— O que foi?

— Você precisa andar um pouquinho mais.

Olhei para ela. Pelo visto, nossa briga havia acabado.

— Tudo bem.

— Tudo bem?

— Tudo bem.

* * *

SUBIMOS OS DEGRAUS QUE davam para uma bela casa de subúrbio e ficamos parados na varanda às escuras. Lola levantou a mão para tocar a campainha, mas

então hesitou.

— Uma coisa. Não critique os cachorros dela.

— Por que eu criticaria os cachorros dela?

— Não estou dizendo que você faria isso. Só não faça.

A inconsistência lógica superou temporariamente minha dor e exaustão. Eu era esse tipo de cara.

— Você deve achar que eu faria algo assim. Senão, por que mencionar isso?

— Esqueça.

— Tem algo de errado com os cachorros dela?

— Não, mas ela os ama, e se você disser alguma coisa, vai ser embaraçoso.

— Tudo bem. — Dor aumentando. — Não vou mencionar os cachorros.

— Mencione *sim*. Mas diga coisas boas.

— Vou dizer que ela tem cachorros muito atraentes.

— Não diga isso! Parece coisa de maníaco.

— O que eu devo dizer? Lola! Me diga o que dizer!

Ela tocou a campainha.

— Diga que você gostou das roupas deles.

Começaram os latidos. Lola não havia mencionado quantos cães: obviamente eram muitos. E pequenos. Dava para perceber.

A luz da varanda se acendeu. Fiquei um tanto chocado com a aparência de Lola: seus olhos estavam fundos e escuros, seu suéter da Futuro Melhor tinha sido manchado de terra e sangue. Não iríamos causar uma boa primeira impressão.

A porta se abriu, e uma mulher em um vestido de cetim surgiu, emoldurada pela porta. Ela segurava o que eu pensei ser uma bolsa até que a bolsa latiu. Outros dois cãezinhos estavam atrás de cada um dos tornozelos dela, latindo. Eles trajavam pequenas túnicas vermelhas e verdes. A mulher envolveu Lola com um dos braços. Lola caiu no choro. Por sobre o ombro de Lola, a mulher observou meu rosto, meu corpo, minhas pernas. Percebi que eu a conhecia. Era a Dra. Angelica Austin.

— Podemos entrar?

A Dra. Angelica hesitou. Ela havia tentado fazer com que me classificassem como um caso psiquiátrico. Isso parecia uma piada agora que eu sabia que sua casa era cheia de minúsculos cãezinhos vestidos.

— É claro. É claro.

Ela manteve a porta aberta. Por um momento pensei que ela fosse fechá-la antes que eu pudesse entrar atrás de Lola. Ela também deve ter pensado isso. Mas seus lábios se contorceram e ela me deixou passar. Quando entrei no hall, um cão disparou por entre as minhas pernas e quase pisei nele. Precisei instruir manualmente as Contornos para pararem. O cão era muito pequeno para disparar o sensor de colisão automática. Pensei: *Isso pode ser um problema.*

A Dra. Angelica fechou a porta.

— Eu não deveria estar surpresa.

O cão nos braços dela me encarava. Eu não sabia o que ele estava pensando. Mas ele pensava alguma coisa.

— Estamos com problemas — disse Lola. — Precisamos de ajuda.

Fechei os olhos. Eu estava exausto. Vi o Gerente voar para trás de encontro à janela. Os olhos dele me encararam durante todo o tempo que ele levou para cair.

— Charlie.

Abri os olhos. Cassandra Cautery estava ali, ombro a ombro com Lola.

— Desculpe — falei, em uma voz rachada.

— Ele apaga e acorda de novo a todo instante — disse Lola.

Cassandra Cautery fez que sim. Não era Cassandra Cautery. Era a Dra. Angelica. Elas não se pareciam nem um pouco.

— Deixe-me dar uma olhada nesse braço.

— Não tire meus braços.

Os olhos castanho-escuros da Dra. Angelica eram iguais aos do cachorro dela. Eles também tinham expressões semelhantes. Agora eu sabia o que aquele cachorro estava pensando: *Esse cara é uma furada.*

* * *

EU FICAVA DESMAIADO PARA logo depois acordar. Tomei consciência de que Lola e a Dra. Angelica estavam me tirando da interface com nervos como se fossem telegramas que eu recebesse, me informando a respeito. Eram dados sem informação.

— Eu lhe avisei — disse a Dra. Angelica.

— Eu sei — disse Lola.

— É exatamente como aquele transtibial.

— Não é. Ele me ama. Você não sabe, Angelica. Ele arriscou a vida por mim.

— Você é a primeira pessoa a tratá-lo como um ser humano desde que ele perdeu um membro. É claro que ele a ama. Eles todos amam você no começo.

— Não vamos discutir isso.

Abri os olhos porque senti algo como um puxão no meu braço. A Dra. Angelica suturava minha pele com fio cirúrgico.

Lola acariciou meu cabelo.

— Está tudo bem, Charlie. — Eu estava deitado em seu colo. — Ela está dando um jeito em você.

Fechei os olhos.

— Duvido que eu possa dar um jeito no que esse cara tem de errado.

— Pare com isso.

— Ele mesmo se automutila. Eu nem queria dar alta a ele.

— Você não entende.

— Foi o que você disse da última vez. E da vez anterior. E não diga “é diferente”. Já escutei essa história antes também. E logo depois que ouvi isso, aquele prodígio sem pé tentou espancar você com uma cadeira.

— Ele tinha problemas.

— É sempre um homem com alguma coisa faltando, é sempre você tentando montá-lo de novo, e sempre termina mal. Me diga, Lola. Olhe para mim e me diga o que a atraiu neste sujeito. Foi por ele não ter uma das pernas?

— Tudo bem. Foi. Claro que foi. Mas e daí? Isso não pode evoluir para outra coisa? Uma coisa boa?

— É bizarro, Lola. Eu adoro você, mas esse negócio que você tem por amputados não lhe faz bem.

— Você gosta de caras com braços fortes. Você se sente atraída por... fibra muscular. Isso não é bizarro? Gostar de um sujeito por causa da sua estrutura óssea ou da cor dos olhos? Essas coisas não são bizarras? Eu amo Charlie. E talvez no começo tenha sido bizarro, mas *tudo* é bizarro. Todo esse processo de tentar encontrar uma pessoa que combine com você é bizarro. Por que o cheiro dele interfere no que eu sinto por ele? A voz dele? O formato do rosto? Eu não sei. Mas acho que todas as maneiras de as pessoas se apaixonarem são bizarras.

Uma dor fina penetrou a bolha do meu mundo.

— *Urc* — falei.

— Cuidado com ele.

— Foi de raspão — disse a Dra. Angelica. — A bala nem entrou no braço. —
Mas a voz dela parecia mais carinhosa. — Estou sendo gentil.

— Obrigada — disse Lola.

ACORDEI FELIZ. ESTAVA ESCURO. Eu não sabia onde me encontrava. Mas eu havia saído de um sonho maravilhoso, no qual abraçava Lola e me sentia seguro. Eu estava deitado bem quieto, sem querer que o sonho terminasse, mas a realidade foi se infiltrando, trazendo complicações, como o fato de que eu estava sendo perseguido por um segurança vingativo com marretas multifuncionais no lugar dos braços. Mesmo assim, não era tão ruim. Todos os problemas eram insignificantes se comparados com Lola dizendo “Eu o amo”. Com Lola, tudo era solucionável. Ela era minha variável independente.

No teto acima havia um pôster de um dinossauro. Virei a cabeça. Havia figuras de dinossauros por toda parte. Em um canto, caminhões de brinquedo transbordavam de uma cesta. Era um quarto de criança. Na verdade, agora que eu olhava com atenção, era uma cama pequena. Muito pequena. Levantei a cabeça. Eu estava sem as pernas.

Meus dedos dos pés sofriam espasmos. Meus pés se curvavam para dentro. Minhas panturrilhas gritavam e viravam aço, e o fato de que nada disso era real não fazia a menor diferença. Afastei as cobertas e massageei o espaço onde os músculos que gritavam deveriam estar, mas eu sabia que isso não faria bem algum sem as Contornos, e eu tinha razão. Lágrimas caíam dos meus olhos. *Quando foi a última vez que você tomou analgésicos?*, meu cérebro perguntou. *Doze horas atrás? Dezesseis? Tudo vai doer muito mais agora.*

— *Pernas!* — gritei. — *Preciso das minhas pernas!*

* * *

— TORRADA? — OFERECEU LOLA. — Tem manteiga de amendoim. Posso fazer torradas com manteiga de amendoim para você.

Na TV, uma enfermeira com um decote notável olhava por uma janela. O doutor bonitão atrás dela dizia que ela jamais escaparia.

— O que é isso? — perguntou Lola. — Sim ou não?

— Café.

— Você já tomou café demais. — Ela veio da cozinha. Eu estava de pé nas minhas Contornos no meio da sala, vendo TV. Para arranjar espaço, eu havia afastado o sofá para o lado. Ele agora estava encostado na parede, ocupado por três cachorros irritados. Um deles usava uma jaquetinha de couro falso. Tomara que aquele cachorro não seja Elvis, pensei. — Por que não toma um pouco d'água?

— Não quero água.

O médico da TV envolveu a enfermeira em um abraço apaixonado. Esse desenrolar da história eu não havia previsto.

Lola se aproximou.

— Charlie, sei que você está fraco. Mas água vai ajudar.

Fiz um gesto para o curativo no meu braço.

— Vai ajudar nisto?

— Angelica disse que é só um arranhão.

— Acho que infeccionou.

Lola ficou em silêncio.

— Bem, ela pode dar uma olhada de novo hoje à noite.

A Dra. Angelica havia saído para trabalhar. Ela supostamente traria analgésicos para casa. Nesse meio-tempo eu precisava sobreviver à base de medicamentos convencionais. Era uma grande diminuição farmacológica do meu nível regular de medicação. Cada latido agudo daqueles ratos fantasiados era uma facada no meu cérebro.

— Vou fazer torradas para você — decidiu Lola. — E trazer água.

Ela foi para a cozinha. Eu não queria estar irritado. Era meu corpo me castigando pela falta de analgésicos. *Lola pegou as suas pernas*, disse meu corpo. *Ela pegou suas pernas enquanto você dormia*. Ignorei isso. Eu não ia entrar em uma discussão com o meu corpo. Eu ia dar a ele o que ele queria. Mas um dia ele pagaria por isso. A Futuro Melhor não era o único laboratório de pesquisa do mundo. Eu daria um jeito. Não era o fim, e eu sabia que isso era verdade porque tinha que ser.

* * *

A DRA. ANGELICA CHEGOU em casa às 18h18. Todos os músculos do meu corpo eram feitos de vidro. Meus intestinos estavam em pânico, e meus nervos se assustavam facilmente. Eu quase havia pisado em cachorrinhos que corriam de um lado para outro tantas vezes que eu estava a ponto de fazer isso de propósito.

Eles ouviram antes de mim a aproximação da Dra. Angelica e entraram em um frenesi de latidos, atirando-se no corredor e arranhando a porta com as patinhas. Por um terrível momento pensei que talvez fosse Carl, mas então a Dra. Angelica se ajoelhou e apanhou nos braços o máximo de cachorros que pôde, rindo enquanto eles se espremiavam uns contra os outros e lambiam o rosto dela. Era meio nojento. Quer dizer, até compreendo que é bom ver pessoas queridas, mas tenha um pouco de dignidade. Você não precisa rolar e expor sua genitália. Não sei como alguém pode gostar dessa forma tão subserviente de devoção. Não é algo objetivo. Tenho um problema semelhante com religião.

A Dra. Angelica pousou uma sacola sobre as tábuas do piso. Essa era uma daquelas raras situações em que as regras sociais são óbvias: eu deveria dar a Angelica um minuto com seus cães antes de perguntar se havia analgésicos naquela sacola. Aguardei silenciosamente no final do corredor, sem dar a mínima para o fato de que cada órgão do meu corpo estava aos prantos. Finalmente ela levantou a cabeça.

— Quer remédios?

Meus dentes batiam.

— Sim, por favor.

* * *

— VOCÊ DEVERIA DIMINUIR A dosagem das drogas. — A Dra. Angelica retirou um líquido claro de um frasco. — Não há motivo para ainda estar em um nível tão alto. Quem é o seu médico na empresa?

— Eu mesmo.

Sorri para meu reflexo no espelho do banheiro. Eu me sentia louco de expectativa. Meu corpo e eu estávamos no carrinho da montanha-russa, começando a subida.

— Isso não é certo. Esses medicamentos viciam.

— Vício. O que é isso? Baixos níveis de dopamina no cérebro? Dá para consertar.

— O quê?

— Eu posso consertar meu cérebro. — Parei de falar, porque parecia que a Dra. Angelica não ia mais injetar o medicamento em mim. — A senhora...

Ela foi até a porta do banheiro e a fechou. Ficou ali parada. Meu cérebro começou a sugerir maneiras de pegar aquela seringa da mão dela sem quebrá-la.

— Você não acabou. Você quer substituir mais partes do seu corpo por próteses.

Hesitei.

— Não gosto da palavra *próteses*. Isso implica um substituto fraco. Estou aprimorando. A senhora sabia que posso simplesmente pensar em um destino e estas pernas me levarão até lá?

Joguei esse trunfo de repente porque a Dra. Angelica, como cirurgiã, supostamente era uma mulher da ciência. Eu não esperava que as pessoas gostassem da ideia de um corpo inteiramente artificial. Mas no que dizia respeito a pernas que acham o próprio caminho... ah, por favor.

— Ontem à noite você acordou gritando porque não conseguia dormir sem as próteses. Isso não é aprimoramento. Você está piorando.

Minhas pernas deram um passo à frente. A Dra. Angelica arregalou os olhos. E eu também, porque essa não havia sido propriamente a minha intenção. Eu só estava pensando em pegar aquela seringa.

— A minha parte biológica está tendo problemas de ajuste — falei. — Esse não é um argumento contra a tecnologia. — O braço da Dra. Angelica se moveu. Pensei: *Ai, meu Deus, ela vai quebrar a seringa.* — Espere! Aprecio sua preocupação. Mas o corpo é meu. Posso tomar minhas próprias decisões.

— Eu não dou a mínima para você. Você pode se cortar em rodela se quiser. Estou preocupada com Lola.

— Bem, Lola está ótima. Ela está a salvo agora.

— Está mesmo?

— Sim! — Eu começava a entrar em pânico. Aquela seringa estava bem ali.

— O que a senhora quer que eu diga?

— Quero que você diga que Lola é perfeita do jeito que ela é.

Hesitei. Será que existe alguém realmente perfeito? Ninguém pode ser perfeito na maior parte do tempo. Ninguém pode ser perfeito apenas em alguns momentos. Ou você é perfeito ou não é. E eu não acho que a biologia trabalhe com a noção de perfeição. Biologia é eficiência aproximada. É uma questão de ser *razoavelmente boa*. Um vácuo é perfeito. Pi é perfeito. A vida não.

Mas vi que seria difícil vender essa ideia a Angelica, que de qualquer maneira não estava realmente perguntando se eu achava que Lola era perfeita-perfeita, mas sim biológica-perfeita, isto é, *razoavelmente boa*. E a resposta a isso era clara:

— Lola é perfeita do jeito que ela é.

— Você hesitou.

— O quê?

— O que você precisa pensar? Ou você quer cortá-la ou não.

— Não. Espere. Precisei traduzir a sua definição de *perfeito*. — Medicina. Chamam-na de ciência, mas está mais para artes e ofícios, só que com nomes latinos. — Eu não quero cortar Lola.

— Não acredito em você.

— A senhora nem compreende o que eu estou fazendo. Não é uma questão de cortar. Cortar é um pré-requisito desagradável para a ampliação da funcionalidade.

— Lola sabe que você quer ampliar a funcionalidade dela?

— Eu não quero aprimorar Lola!

— Duvido.

Angelica levantou a seringa. Dessa vez eu tive certeza de que ela ia esmagá-la. Minhas pernas deram um tranco para a frente.

— Juro por Deus...

— Posso ver que você está mentindo!

— Não estou! — Minhas pernas deram outro passo, um passo grande. A Dra. Angelica recuou contra a porta. Minhas pernas iam chutá-la. iam chutá-la e fazê-la atravessar a porta. — Espere! — pedi, com um grito estrangulado. — Chega! Não tem problema! Eu juro, está tudo bem, eu juro, eu juro!

As pernas não se moveram. Fechei os olhos. Pensamentos felizes. Eu estava relaxando ali no banheiro, sozinho. Eu não queria ir a parte alguma. Eu não queria me mover, definitivamente não queria.

A Dra. Angelica fungou. Perder o controle sobre as minhas pernas doeria em mim. Eu não sabia como encarar isso de forma positiva. Mas, quando abri os olhos, a expressão dela estava mais suave.

— Bem — disse ela —, pelo menos isso foi sincero. — Ela olhou para a seringa, depois a colocou em cima da pia. — Tome um banho quando acabar. Você está fedendo.

Ela abriu a porta do banheiro e saiu.

Levei um momento para entender o que havia acontecido. A Dra. Angelica achou que eu tinha falado com ela.

* * *

— ESTÃO PERGUNTANDO SOBRE VOCÊS para todo mundo — disse a Dra. Angelica. Ela esticou o braço sobre a mesa da cozinha e espetou uma batata. — No hospital.

Lola congelou, uma garfada de alface a meio caminho da boca.

— Quem?

— A Futuro Melhor — respondeu a Dra. Angelica. — Eles estão por todo o lugar, pedindo que a gente informe qualquer contato que vocês façam.

Eu não estava prestando atenção. Eu falava com as minhas pernas. *Olá?*, chamei. *Vocês podem me ouvir?*

— O que você disse a eles?

— Nada.

Lola olhou de esguelha para mim. Eu me lembrei de que eu devia estar comendo, então peguei uma cenoura.

— O que devemos fazer?

— Eu já lhe disse. — A Dra. Angelica se abaixou e apanhou um cachorro que gania aos seus pés. Os olhos brilhantes dele encaravam por cima da toalha de mesa. — Fale com os federais. Diga que eles estão realizando testes médicos ilegais. Isso vai dar um jeito na Futuro Melhor, eu garanto.

Me deem um sinal. Um espasmo. Qualquer coisa.

A Dra. Angelica acariciou as orelhas de seu cão.

— Ele vai ter problemas, mas é inevitável. Ele matou um homem. O importante é se livrar da perseguição dessa empresa. E eles são uma ameaça. Você

não sabe do que esse pessoal é capaz. Recorra às autoridades antes que eles destruam as provas. Enquanto ainda existe alguma coisa para os federais confiscarem. — Ela me olhou de relance.

O pé da minha Contorno direita quicou e acertou o tampo da mesa por baixo. Os pratos pularam uns 2 centímetros e caíram de volta à mesa com estrépito. O cachorro saltou do colo de Angelica e se refugiou na porta, de onde ficou olhando ameaçador para mim.

— Charlie? — disse Lola.

— Desculpe — falei. — Sim. Eu estou bem.

* * *

EU ESTAVA NO BANHEIRO escovando os dentes e me olhando no espelho. Minhas pernas não estavam conscientes. Não era possível. Eu só acreditaria que elas podiam pensar por si mesmas se eu as abrisse e visse minúsculos elfos ali dentro controlando-as. Não havia como combinar uma série de materiais inertes e dessa forma gerar uma personalidade.

No entanto... Alguma coisa estava acontecendo. Um bug que eu não havia previsto.

Lola entrou, sorriu e pegou uma escova de dentes na pia. Seus quadris roçaram os meus. Ela ergueu a escovinha azul na mão, deu uma boa olhada nela e espremeu um pouco de pasta de dentes nas cerdas.

— Já ouviu falar de uma doença que faz você ter nojo da própria saliva? — Ela enfiou a escova na boca e continuou falando: — Imagine só.

— *Mrf* — falei.

— Eu fivi gui dumi do fofá ôte à nôfe. — Ela balançou a cabeça.

— Fofá?

— Fofá. — Ela ajustou a escova em outro ângulo e inclinou o queixo. Um oceano de pasta de dentes inundava sua boca. — Sofá.

Senti um puxão sutil e invisível.

Ela se curvou para a frente e cuspiu.

— Vamos tirar aquele colchão da cama do Harrison. Eu posso dormir do seu lado. — Harrison era o filho de Angelica. Ele a visitava duas vezes por mês, nos fins de semana. Lola havia me falado sobre isso, seus olhos inflamados de

indignação, antes de começar a contar uma história sobre pessoas que eu não conhecia fazendo coisas com as quais supostamente eu deveria me importar. Sempre tive problemas com esse tipo de história porque elas não contêm informações úteis. Lamentei ouvir que Rod priorizasse a própria carreira em detrimento da profissão da Dra. Angelica. Mas eu não conhecia Rod. Eu não entendia o que deveria fazer com essa informação. — Talvez a gente possa... se conhecer melhor.

Fui cuspir na pia, mas as Contornos não se moveram. Estavam rígidas. Pensei: *Deu tilt.*

Os dedos de Lola se dirigiram a uma ruga na minha camisa.

— Vamos deitar.

Um pensamento sussurrou em meu cérebro: *As pernas não gostam da Lola.* Isso era bobagem. Mas estava de acordo com as evidências disponíveis. *Elas têm ciúmes.*

— Vem. — Os dedos de Lola encontraram os meus. Ela abriu a porta e espiou o corredor. Eu a segui até o quarto do filho de Angelica. Suas costas pareciam pequenas e vulneráveis, e de repente me veio o pensamento de que as Contornos iriam lhe dar um chute. Parei. Lola se virou e me chamou com um aceno. Senti tristeza. Eu havia passado muito tempo pensando em ir para a cama com Lola. Muito tempo mesmo. Mas eu não queria matá-la. — Vem, Charlie.

Ela voltou, me puxou para o quarto e fechou a porta. Os braços dela se enroscaram na minha cintura. Seu rosto se inclinou.

— Só um minuto.

— Hummm — disse Lola.

Ela ficou na ponta dos pés, os lábios procurando os meus.

— Não sei bem...

Nossas bocas se encontraram. Eu me esqueci de tudo sobre pernas autoconscientes. Ou, pelo menos, elas pareceram menos relevantes. O importante era chegar mais perto de Lola. Então percebi que eu *estava* chegando mais perto de Lola. A força de atração aumentava, puxando meus dedos de metal na direção do coração dela. Os olhos de Lola se arregalaram de repente. Suas mãos me empurraram.

— Charlie! — Por um segundo ela não conseguiu se separar de mim. Então deu dois passos para trás, cambaleando por causa do impulso repentino. Seu peito

arfava com força. — A coisa voltou!

Eu tinha três dados agora. Um: na suíte dela, quando ficamos sozinhos pela primeira vez. O segundo, quando eu a resgatara. E agora.

— Isso acontece quando os seus batimentos cardíacos aumentam.

— O quê? — Lola apertou o peito. — O que acontece?

— Ah. Espere. Não se apavore. Só vai piorar as coisas.

— *Piorar o quê?*

— Tente pensar em outra coisa. Que tal os cachorros de Angelica? São tão fofinhos. — Nesse instante, todos eles começaram a uivar. Um conjunto de patas começou a vir pelo corredor, latindo. Aqueles sacos de pelo inúteis. — Tudo bem. Vamos pensar melhor.

— É uma bomba. Ai, meu Deus. Puseram uma bomba em mim.

— Talvez — falei. Lola ficou lívida. — Não. Isso não seria eficiente em termos de custo-benefício.

— O quê?

Precisei aumentar a voz para ser ouvido acima do barulho dos cães:

— Se quisesse explodir alguma coisa, você se daria o trabalho de realizar uma cirurgia tão complicada...?

— *Está sacudindo!* — Lola batia os dentes. Comecei a perceber um som: um ruído tão agudo que quase não penetrava meu campo de audição. Isso explicava a reação dos cachorros. — Charlie... acho... melhor... você... correr.

— Só precisamos diminuir os seus batimentos cardíacos. Concentre-se em atingir um estado de calma.

— Não consigo!

— Você consegue, Lola. Você controla o seu corpo.

— Corra, Charlie!

O ruído ficou tão alto que era difícil ouvir qualquer coisa.

— Não vou correr. O que temos aqui é um problema técnico. E podemos resolvê-lo. Juntos...

Havia muito mais nessa frase. Eu ia dizer que éramos duas pessoas racionais e que a lógica podia mover montanhas. Isso poderia tranquilizar Lola ou entediá-la; de qualquer maneira, reduziria o ritmo dos seus batimentos cardíacos. Ainda acho que essa era uma ótima ideia. Mas antes que eu conseguisse falar tudo, Lola explodiu.

* * *

ALGUMA COISA SOPROU ATRAVÉS de mim em uma rajada, como um vento feito de agulhas. Minhas pernas estremeçeram. Meus ouvidos zumbiram.

A casa ficou em silêncio. Olhei para Lola e ela me olhou, e nós dois parecíamos bem. Lola perguntou:

— Você está...? — E eu também perguntei. Ela deu um passo para a frente e não aconteceu nada de ruim. Nós sorrimos. Lola caiu nos meus braços. — Isso foi assustador. O que aconteceu?

— Alguma coisa não funcionou, eu acho.

— Achei que fôssemos morrer. — Estremeci. — Achei que eu fosse matar você.

Um instante se passou. Havia um cheiro estranho no ar: alguma coisa acre.

Lola levantou a cabeça.

— Os cachorros estão quietos.

Apuramos os ouvidos.

Lola estendeu a mão para a maçaneta. Eu fui sair do caminho, mas não saí. Tentei novamente.

— Charlie?

Aquele cheiro me era familiar. Eu o sentia quando alguém plugava um circuito em uma fonte de alimentação para a qual ele não havia sido projetado. O cheiro de transistores fundidos.

O relógio digital na mesinha de cabeceira tinha escurecido. Em cima de uma prateleira, havia um pequeno som estéreo com um botão que normalmente piscava uma luz vermelha: nada.

— Vocês estão bem? — A voz de Angelica veio em nossa direção. — Estamos sem energia!

— Não — falei. — Não, não, não.

Lola tocou meu braço.

— O que foi?

Abri a boca, depois fechei-a de novo.

— Você se machucou?

— Sim. Sim.

— Onde?

- Minhas pernas.
- Suas...
- PEM. Pulso. Eletromagnético.
- O que isso quer dizer?
- Você matou as minhas pernas.

* * *

EXISTEM CINCO ESTÁGIOS DE luto. O primeiro é a negação. Por exemplo: *Minhas pernas não podem estar mortas. Não podem.* O seguinte é a raiva: *Você matou as minhas pernas, saia daqui, tire suas mãos de mim etc.* Este estágio inclui gritos e demonstrações de raiva. Algumas acusações injustas. Lágrimas e sentimentos feridos.

Depois a barganha. É uma fase mais calma. *Que pelo menos a bateria fique bem. Por favor, que a bateria ainda esteja funcionando.* A quarta, depressão. *Elas morreram. Eu morri.* É uma espécie de autopiedade. Um fechamento em si mesmo. O último estágio é a aceitação. Não incluo exemplos porque eu ainda estava muito, muito longe da aceitação.

* * *

NO QUARTO DIA LOLA entrou no meu quarto. Até então ela havia deixado bandejas com comida do lado de fora. Eu aprendera a esperar até os passos dela desaparecem, me arrastar até a porta e puxar a comida antes que os cachorros caíssem em cima.

Mas naquele dia ela abriu a porta. Usava uma blusa verde e tinha um ar de tristeza silenciosa. Eu estava no carpete, cercado pelas minhas partes. Partes de minhas partes. Eu as havia desmontado e disposto as peças em círculos concêntricos. Parecia que eu tinha sofrido a explosão mais organizada do mundo. E tinha mesmo. O que saíra de dentro de Lola não havia matado ninguém nem perturbado nada, não havia ferido nenhum corpo a não ser o meu.

— Acho... — disse ela.

Aqueles componentes desmontados, aquilo não queria dizer que eu estivesse consertando as minhas pernas. Eu havia desmontado as Contornos porque não

conseguia pensar em mais nada para fazer. Estava tentando quebrar meu problema em partes menores até chegar a algo passível de ser consertado. É assim que se resolve qualquer coisa: dividindo-a.

Lola disse:

— Acho que não é justo você agir como se fosse culpa minha.

— Não é culpa sua.

Não olhei para ela ao dizer isso porque na verdade eu não estava sendo sincero.

— Eles puseram isso em mim. — Ela deu um passo à frente, e seu pé parou ao lado de uma seção de 90 centímetros de comprimento de titânio que antes controlava a estabilização plana. Meu problema era que muitas seções eram soldadas à máquina. Eu não conseguiria abri-las com ferramentas domésticas. — Eles puseram essa coisa no meu peito e não me *disseram*.

Eu quase não disse:

— Você podia ter se acalmado.

— Eu podia ter me acalmado.

— Sim.

— Charlie. Eu *tentei*.

Apanhei um parafuso radial. Não sabia de onde ele tinha vindo. Eu havia feito anotações no começo. Deveria ter continuado a fazê-las.

— Meu coração não parava de bater acelerado. Ele...

— As pessoas são muito seletivas em relação aos seus corpos — falei para o parafuso. — Sempre que o corpo faz algo de bom, elas tomam o crédito para si. Dizem: *Eu* fiz isso. Mas, quando algo dá errado, aí não se trata mais de *eu*. É um problema com os pés. A pele. De repente não se trata mais delas. É o corpo ao qual estão presas.

— O que você está dizendo?

— Nada. — Rolei o parafuso na minha mão. — Só estou fazendo uma observação.

Silêncio. A porta se fechou com um clique.

* * *

ENCONTREI UM SKATE EMBAIXO da cama e me apoiei em cima dele. Com uma das mãos funcionando e outra semi-inútil, eu podia andar naquilo a uma velocidade extremamente baixa. Era difícil e degradante, mas possível. Quando tive certeza de que não havia ninguém por perto, abri a porta e saí discretamente para o corredor. A meio caminho do banheiro um cachorro veio trotando e se sentou nos ladrilhos. Eu sabia que ele não poderia ter me ajudado mesmo se quisesse, mas ainda assim me pareceu uma grosseria. Fui me arrastando até o banheiro e fechei a porta. Minha respiração saía com dificuldade. Eu havia me tornado incrivelmente despreparado fisicamente. Coloquei minha meia mão no assento sanitário e minha mão completa (minha mão *boa*, agora) no banco que havia próximo, e fiz força. Os músculos do meu braço tremiam como meninhas assustadas. Debrucei-me por cima do assento sanitário, e meus lábios beijaram a porcelana, e não dei a mínima porque pelo menos já era algum progresso. Lutei para ficar mais ereto. Quando comecei a urinar, me senti orgulhoso.

Quando saí, três cachorros estavam sentados no chão do lado de fora. Eles não pareciam assustados nem curiosos. Estavam ali, só isso.

— Xô. — Fingi ir para cima deles.

Um deles se levantou, olhou para os outros dois e voltou a se sentar, como se estivesse ligeiramente envergonhado. Eles se comunicavam por telepatia. Individualmente eram burros, mas juntos formavam uma inteligência única. Uma mente-matilha. E essa mente planejava alguma coisa. Estava reunindo dados por meio de observação para uso posterior. Enquanto eu voltava em cima do skate na direção do meu quarto, sentia os muitos olhos do Cão queimando minhas costas.

* * *

EU FALAVA COM MINHAS partes enquanto trabalhava. Por exemplo, eu apanhava uma placa espelhada e dizia, “E qual é o seu problema?”. Ou quando contemplava um escudo antirradiação: “Você precisa de uma solda elétrica. É disso que você precisa.” Elas não respondiam. Eu não era louco. Era só uma maneira de me concentrar. Mas às vezes eu ouvia passos fora do quarto e percebia que isso podia não ser tão óbvio para outras pessoas.

Lamentei o que dissera a Lola. Falei para as Contornos: “Ela tentou se acalmar.” Isso foi bem tarde em uma noite, depois de algumas horas frustrantes

separando transistores. “Ela não queria que vocês morressem.” Então me abracei e chorei, porque eu estava realmente cansado.

No dia seguinte, decidi pedir desculpas. Eu ia consertar as coisas. Não queria ficar mergulhado em autopiedade ali, como uma coisa suja, fedorenta e amarga se arrastando pelos cantos. Eu não queria deixar Lola triste. Então ergui o corpo para me sentar, e partes das Contornos caíram por todos os lados. Eu havia dormido com as peças para afastar a dor fantasma. Não me pergunte por que isso funcionou. Só sei que deu certo. Pensei: *Só vou consertar uma coisa*. Se eu conseguisse fazer aquilo, dar um passo para restaurar a funcionalidade, as Contornos não estariam mortas. Estariam apenas temporariamente desabilitadas.

Então me arrastei para fora da cama e comecei a caçar uma única coisa que tivesse conserto. Mas eu não conseguia encontrar. Semanas se passaram.

* * *

TIVE UMA EPIFANIA. EU estava deitado de bruços, tentando alcançar algumas peças de titânio que de algum modo tinham ido parar embaixo da cama, e pensei: *Essas coisas são só metal*. Acho que isso não soa muito revelador. Mas foi. Fiquei olhando para aquelas peças, que um dia haviam sido o núcleo de meus dedos, e elas não pareciam parte de mim.

Sentei-me. Eu nunca conseguiria montar as Contornos novamente: agora eu sabia. Antes, isso me paralisava de medo, mas agora eu sentia basicamente um grande alívio. Parte de mim ainda queria consertá-las, tentar mais uma vez, mas era uma parte pequena, que ficava cada vez menor. Olhei para baixo e pensei: *Eu sou uma bagunça*.

Eu havia danificado Lola. Talvez ela tivesse ido embora. Alguém me trazia comida e ouvia atrás da porta, mas podia ser a Dra. Angelica. Abri a porta. O ar fresco me atingiu como um tapa. Havia um pedaço de papel no corredor: um recorte de um catálogo de materiais de construção. Era um anúncio de uma solda elétrica. Em cima dele, com a letra de Lola, estava escrito: *Para você, na garagem*.

Eu continuava lá quando ela surgiu no começo do corredor.

— Ah — falou ela. — Você... bem, ouvi você dizer que precisava de uma dessas. Levei um tempo para encontrar. — Ela ficou deslocando o peso de um pé para o outro. — Espero que seja do tipo certo.

Falei com a voz esganiçada, um som grave e patético:

— Desculpe.

— Tudo bem — disse Lola. — Está tudo bem, Charlie.

* * *

QUANDO ENTREI NA BANHEIRA, uma película de gordura se destacou da minha pele, formando um redemoinho ensebado de Mandelbrot. Eu era o centro de uma galáxia de suor e sujeira que ia se dissolvendo. Eu não havia percebido a intensidade do meu fedor. A gente pode se acostumar a qualquer coisa. Nosso cérebro só reclama quando ocorrem mudanças.

Lola começou a me lavar. Eu realmente não conseguia acreditar naquela total ausência de comportamento vingativo. Eu desconhecia isso a respeito do amor: você não precisava merecê-lo. Eu achava que existia um conjunto de critérios, como um bom senso de humor, boa aparência e riqueza. Você poderia compensar deficiências em uma área com excelência em outra, daí haver homens ricos e feios com esposas lindas. Mas havia um algoritmo envolvido. Era por isso que eu achava que não era amado: eu não marcava pontos suficientes. Eu havia feito algumas tentativas de melhorar meu placar e também dizia a mim mesmo que eu não dava a mínima, porque se isso era o que as mulheres queriam, alguma coisa artificial e temporária, eu preferia ficar sozinho. E às vezes eu simplesmente tinha preguiça e preferia ficar criando códigos. Mas ali estava eu, de molho em uma banheira cheia da minha própria sujeira com Lola esfregando meus ombros. Que algoritmo poderia explicar isso? Esse problema entrava em loop infinito.

Lola saiu e voltou com um par de próteses para as pernas, como no dia em que nos conhecemos. Ela as encostou na parede.

— Bem, estas aqui não são nada especiais... — Elas tinham varetas semelhantes a muletas e baldes plásticos. Eram próteses para veteranos de guerra abandonados pelo governo. — Foi o que Angelica conseguiu pegar sem levantar suspeitas.

— Ah — falei.

— Elas são básicas, eu sei. Não... elas são básicas mesmo. Mas já são alguma coisa.

— Obrigado.

Ela sorriu.

— Quer experimentar?

As tiras de pano estavam puídas e gastas, escurecidas em vários pontos. Muitas coxas amputadas haviam suado nelas. Os soquetes tinham ficado frouxos em alguns pontos e dolorosamente apertados em outros. Quando deslizei o plástico pelas minhas coxas, meu tecido uivou. Eu estava acostumado a nanoagulhas, não a uma pressão maciça. Era como se estivessem colocando uma luva no meu olho. Amarrei as tiras ao redor dos quadris. Joguei um braço sobre o ombro de Lola, e ela me ajudou a ficar ereto. Eu não conseguia sentar sobre os soquetes como fazia com as Contornos: precisava mover as próteses, como se elas fossem pernas de pau. Elas eram pernas de pau. Dei um passo, soltando Lola, e me arrastei pela parede, o dedão de borracha deixando uma marca preta nos azulejos.

— Tudo bem — incentivou ela. — Continue tentando.

Os soquetes estavam se enchendo de sangue, eu tinha certeza.

Lá pelo quarto passo reparei que meu corpo estava gostando. Minhas coxas não. Minhas coxas me odiavam. Mas meu cérebro me alimentava com endorfinas, feliz por estar se movendo. *Era isso que você deveria estar fazendo.* Meu cérebro não era nenhum intelectual. Ele tinha prazer em coisas simples como longas caminhadas e trabalho intenso. Talvez ele tivesse alguma razão. Era provável que fosse apenas a endorfina, mas subitamente parecia possível viver assim. Talvez Lola e eu pudéssemos levar vidas anônimas em alguma cidadezinha nevada do Canadá. Lola poderia fazer tortas. Eu poderia cultivar vegetais. Eu seria o perneta e o meio maneta que um dia fora um cientista. Os habitantes do vilarejo me achariam um tanto esquisito, mas acabariam me respeitando. Eles me chamariam de Doutor.

Lola me sentou na tampa do vaso.

— Isso foi incrível, Charlie. Foi um primeiro esforço incrivelmente bom. — Ela estendeu a mão para uma das fivelas.

— Mais uma vez.

As sobrancelhas dela se ergueram.

— Tem certeza? — Ela bateu palmas. — É assim que se fala, Charlie! É assim que se fala!

* * *

A NOITE CAIU. NÃO vou recontar toda a provação, o suor, os grunhidos. Vou apenas dizer que foi uma das experiências mais horríveis da minha vida. Falo como alguém que esmagou as pernas em um grampo industrial. O problema era que eu ia para a cama sem as partes. Éramos só eu e Lola aninhada no meu braço, e isso parecia viável com as luzes acesas, mas, assim que o silêncio caía, eu sabia que era um erro. Eu ficava ali deitado olhando para o teto. Sentia alguma coisa formigando. Não doía. Mas estava ali.

Eu tentava não prestar atenção. Pensava em outras coisas: se Carl me encontraria, e o que ele faria se isso acontecesse. O formigamento aumentava e se transformava em pontadas. Eu me contorcia, e Lola erguia a cabeça. Seus olhos reluziam na escuridão.

— Está tudo bem — dizia eu, mas queria que ela soubesse que era mentira.

— Quer colocar suas pernas?

Balancei a cabeça. Trinquei os dentes. À meia-noite acendemos a luz e amarramos as próteses de veterano de guerra em mim. O alívio foi imediato. Massageei as varetas toscas com dedos trêmulos e senti músculos invisíveis relaxando. Lola se aninhou em mim. Fechei os olhos.

Acordei gritando. Minhas pernas inflavam, se esticavam. Minhas coxas estavam em chamas. Era diferente de tudo o que eu já havia sentido antes. Lola correu para acender a luz. Agarrei as varetas, tentando fazer meu cérebro perceber que elas estavam ali. Eu soube imediatamente. Não era como se eu não tivesse pernas. O problema era que eu não tinha as Contornos. Minha base de referência havia mudado. Eu precisava das minhas *verdadeiras* pernas artificiais.

— Vou pegar o tapete de interface de nervos — disse Lola.

— Não — gemi. — Ainda não.

* * *

DE MANHÃ FOI MELHOR. Lola foi para o chuveiro sem fazer barulho, vestindo uma camiseta emprestada com as palavras DINO-ROAR! escritas na frente. Tentei caminhar sozinho nas pernas de veterano de guerra. Fui cambaleando até o corredor, dando passos enormes, como os de um bebê aprendendo a andar,

batendo a toda hora nas paredes. Não havia cães por perto. Eu deveria ter notado isso.

— Ele *conseguiu*. — Era a voz de Lola. Ela havia se desviado para a sala por algum motivo. — Você vai ver.

— Você comprou para ele uma maldita solda elétrica. Você está dando poder a ele! — A voz da Dra. Angelica, é claro. — Juro por Deus, Lola! Isso vai acabar com você.

— Ele está tentando. Você vai ver.

— Tentando chegar à garagem, apostou.

— Ele está usando aquelas... aquelas pernas *idiotas*. Ele mudou.

— Ele não mudou. Eles nunca mudam.

Formulei um ligeiro plano. Eu entraria ali na sala com as minhas pernas-vareta. A Dra. Angelica ficaria surpresa. Lola olharia para ela como se dissesse: *Viu?* E eu faria uma cara do tipo: *O que foi?*

Pus uma vareta na frente da outra. Quando cheguei ao final do corredor, obtive equilíbrio e entrei na sala caminhando, caminhando de verdade, ainda que com as costas duras e os olhos arregalados, como um zumbi. Lola e a Dra. Angelica se viraram. Foi perfeito. Então pisei em um cachorro.

— *Biggles!*

Eu nunca tinha ouvido som mais estridente, mesmo tendo trabalhado com fabricação de metais. A Dra. Angelica correu para cima de mim, os dedos em forma de garras. Olhei para baixo e vi um cão. Biggles, eu acho, preso sob o dedo de borracha da vareta. A maior parte daquilo parecia ser o colete azul de Biggles, mas ele fazia um escândalo infernal, então talvez parte dele estivesse ali embaixo também. Tentei erguer a perna, mas a vareta prendeu no casaco dele. Então perdi o equilíbrio e não consegui fazer nada além de girar. O grito agudo da Dra. Angelica atingiu um novo pico de ultraje. Devia parecer para ela que eu tentava esmagar o animal. Ela me empurrou com o ombro e caí no chão em uma confusão de varetas. Quando consegui me sentar mais ereto, a Dra. Angelica segurava Biggles no colo. Ele lambia o rosto dela, gemendo.

Percebi que eles haviam planejado isso. O Cão, a mente-matilha, havia enviado Biggles para se jogar embaixo das minhas varetas. Ele era um cão-bomba suicida. Olhei ao redor procurando as caras peludas que eu sabia que deviam estar assistindo a tudo por trás de alguma porta escura.

— Isso foi armado. — Pensando melhor, eu deveria ter guardado essa teoria para mim. — Biggles fez de propósito.

A Dra. Angelica me bateu. Era de se imaginar que um cirurgião tomasse cuidado ao usar as mãos como instrumentos de ataque. Mas ela mandou ver com força. Suas unhas arranharam minha bochecha. Por todos os lados ouviam-se latidos e gritinhos agudos. Cachorros jorraram pelas paredes. Biggles mordeu meu dedo.

— *Fora!* — gritou a Dra. Angelica. — *Fora seu imbecil seu imbecil fora daqui!*

— Pare de bater nele! — falou Lola.

Os latidos dos cães se misturaram com os gritos de fúria da Dra. Angelica e com os gritos agudos de Lola, até eu não conseguir mais distinguir um do outro. Na Futuro Melhor, em uma ocasião, eu tinha visto uma demonstração de armamento não letal baseado em sons, e o que saíra daquela arma não tinha soado tão ruim quanto isso aqui. Passei os braços ao redor da cabeça. Meu rim explodiu de dor. Olhei para cima. A Dra. Angelica havia me chutado. Ela olhou para baixo, e nesse momento me senti aliviado por ela não ter um bisturi na mão. Ela desferiu um soco em Lola, mas Lola se abaixou e as duas ficaram a menos de 1 metro de distância, chocadas uma com a outra ou consigo mesmas. A Dra. Angelica agarrou Biggles com força e saiu correndo da sala. Um trem de cachorrinhos saiu trotando atrás dela. Um deles olhou para mim antes de desaparecer, e percebi que ele se regozijava com a minha situação. A porta do quarto bateu.

— Meu Deus — disse Lola. Ela olhou para mim, depois para a porta fechada. — Meu Deus.

Comecei a me levantar devagar.

— Foi um acidente.

Lola piscou.

— É claro. — Ela se aproximou e me ajudou a sentar no sofá. — Você está arranhado. Deixe-me ver esse dedo.

— Biggles não pode estar tão machucado se ele consegue dar uma mordida dessas.

— Shh.

Eu me calei. No silêncio, ouvi a Dra. Angelica resmungando com seus cachorros.

— Ela vai nos botar para fora, não vai?

— Não sei.

A voz da Dra. Angelica ficou mais alta. Parecia estridente. Eu nunca a ouvira falar com os cachorros assim.

— Como ela pôde pensar que você pisaria deliberadamente em Biggles? — Fiquei calado. — Ninguém entende você — continuou Lola.

A Dra. Angelica disse:

— Svvn nmm hrr nww.

— Ela está no telefone?

Apuramos o ouvido. Agora havia silêncio. Mas eu sabia o que a Dra. Angelica havia feito. Eu quase podia ouvir: a van branca com a logo da Futuro Melhor na lateral.

Lutei para me pôr de pé. De varetas, quero dizer. Para me levantar. Fiquei ereto.

— Cadê as chaves do carro de Angelica?

— O quê?

— As chaves do carro dela.

Consegui dar um passo, depois outro, e consegui chegar à porta da cozinha.

— Por que quer as chaves do carro dela?

Era uma pergunta difícil de responder sem acelerar os batimentos cardíacos de Lola. E acelerar os batimentos cardíacos de Lola seria ruim. Poderia levar a um pulso eletromagnético, um carro que não funcionasse, e então perderíamos nossa chance de fugir. Eu precisava executar a fuga mais calma do mundo.

— Eu só... — Avistei as chaves em cima do balcão da cozinha e as apanhei. — Vamos até a garagem.

— Por quê?

— Estou com vontade de dirigir.

Lola me encarou.

— Você quer a solda.

— O quê? Não!

— Angelica tinha razão. — Ela levou as mãos à testa. — Sou tão burra. — Os olhos dela se arregalaram. — Você me ama? Mesmo que só um pouquinho?

— O quê?

— Você nunca disse isso.

Fiquei surpreso. Mas ela estava certa. Imaginei que fosse óbvio, eu acho.

— Ah.

— “Ah”?

— Quer dizer, eu amo você. — Sou falso, até mesmo para mim. — Você sabe.

— Como eu iria saber?

— Por observação! — Tentei abrir os braços, mas eu segurava muletas. — Quase morri tentando tirar você daquele prédio! Que outras hipóteses se encaixam melhor nas evidências? Esquizofrenia? — Mordi meu lábio, porque isso era possível.

Lola ficou me encarando.

— Vamos passar longe da solda e entrar no carro. Venha ver.

— Então por que...

— Venha logo. Por favor. Agora.

O CARRO ERA UM híbrido, assim como eu. Lola sentou-se ao volante e ajustou o retrovisor.

— Não sei se devíamos estar fazendo isso.

Minhas pernas-vareta se prenderam na porta do carona de algum modo. Elas eram tão desajeitadas. Eu tinha que fazer tudo. Frustrado, arranquei as tiras e puxei os soquetes. Elas resistiram, o plástico ficou sugando a minha pele, mas enfim saiu com um estalo e um barulho de sucção. Joguei-as no banco de trás.

— Nem sei para onde a gente vai.

— Para qualquer lugar.

Fechei a porta do carro. Pela janela, eu vi: a solda elétrica. Fiquei sem fôlego. Era uma geladeira cinza sobre rodas. Aquela coisa tinha que ter 200 amps.

— É melhor deixar um bilhete... — Ela fez menção de abrir a porta.

— Não! Pare!

— Charlie, o que há com você? Você não está fazendo o menor...

— Quieta.

— *O quê?*

— Shh.

— *O quê?*

— Cale a boca.

— Cale a boca você! Babaca!

Vasculhei entre os bancos até encontrar um controle remoto. A porta da garagem começou a subir com um chacoalhar.

— Você precisa desligar o seu cérebro.

— Você quer que eu seja uma máquina! — O rosto dela ficou vermelho. Isso não era bom. Nem um pouco bom. — Você quer me ligar e desligar de acordo com a sua vontade!

— Lola, você se lembra daquela arma de PEM no seu peito? — A porta da garagem se retraiu até o teto. À frente, havia um caminho de concreto, flanqueado

por jardineiras, e uma convidativa rua vazia. — Aquele que é ativado por batimento cardíaco acelerado?

— Eu me lembro, Charlie.

— Bem, a questão é que você precisa se manter calma. Entende? Você precisa ficar isolada de estresse.

— Está acontecendo alguma coisa?

— Não. Mas, por favor, dirija.

Lola ficou me encarando. Então ela se inclinou para a frente e apertou um botão. O carro deu a partida, de modo quase silencioso.

— Obrigado.

Comecei a relaxar. Ela engrenou a marcha. Parecia concentrada. Agia como uma máquina. Então uma van branca da Futuro Melhor subiu na calçada, o motor gritando, e entrou enviesada na passagem bem à nossa frente.

* * *

AS PORTAS DE TRÁS da van se abriram com violência. Carl estava ali dentro. Eu não o vi. Mas eu sabia. Tentaríamos passar espremidos, e o braço metálico de Carl se esticaria e agarraria nosso para-choque. Nossas pequenas rodas híbridas fumegariam, o motor gritaria, e eu me viraria para ver a vingança queimando nos olhos dele.

— Vai!

Eu me segurei, esperando a aceleração iminente. Mas nada aconteceu. Olhei para Lola. Seus olhos estavam fechados.

— Zero, um, um, dois, três. Cinco. Oito. Treze.

— O que está fazendo? Isso é a sequência de Fibonacci?

— Vinte e um. Trinta e quatro. Cinquenta e cinco. — Seguranças saíram da van, armados e de cara feia. — Oitenta e nove. Cento e trinta e quatro.

— Cento e *quarenta* e quatro.

— *Cala a boca!* — Seus olhos se abriram, viram os guardas e se fecharam novamente. — *Ai, meu Deus!*

— É só que, se você vai recitar a sequência de Fibonacci... — Obriguei-me a parar. — Tudo bem. Você recita números aleatórios.

Cinco seguranças. Mas nada de Carl ainda. Eu precisava pensar em uma forma de operar um automóvel quando um de nós dois não podia enxergar e o outro não conseguia alcançar os pedais.

— Tibialis anterior. Extensor hallucis longus. Extensor digitorum longus. Fibularis tertius.

Ela recitava os nomes dos músculos que eu não tinha. Mas isso me deu uma ideia. Eu não deveria pensar em nós como duas pessoas. Nós éramos uma coleção de partes de corpos. Tínhamos um par de olhos, dois pés, três mãos, dois cérebros; tudo de que precisávamos. Era uma questão de alocação de recursos.

Peguei o volante.

— Eu guio. Fique de olhos fechados e pise no freio e na embreagem de acordo com o que eu mandar.

— Triceps surae.

— Pressione o acelerador o máximo que puder.

Os seguranças começaram a se aproximar.

— Plantaris — disse Lola, e pisou fundo.

O carro deu um tranco para a frente. Apontei para um guarda à esquerda da van: um sujeito mais velho e de bigode. Ele saiu profissionalmente do caminho. Não parecia assustado, o que me ofendeu um pouco. Embora fosse difícil de perceber. Era um bigodão bem farto. Quando passamos, ele descarregou sua pistola nos nossos pneus. O carro emitiu sons de impactos surdos, como se estivéssemos sendo atacados por uma gangue com bastões de beisebol. Pensando melhor agora, isso teria sido um aprimoramento da realidade, então talvez eu devesse ter tentado vender essa ideia a Lola. Pegamos a rua, com o carro quicando. Segurei o volante, o que não era fácil utilizando apenas uma das mãos e estando no banco do carona.

— Menos aceleração! — falei, mas não rápido o suficiente, e batemos em uma perua estacionada. Fui jogado contra Lola. A cabeça dela bateu na janela lateral e voltou. Ela disse algo que pareceu *gag*, mas provavelmente não era. Pus a mão no volante de novo. — Mais aceleração!

Não saímos do lugar. Olhei para Lola e vi que seus olhos estavam arregalados e fixos em mim. Ela parecia pálida.

— Você está... bem.

— Estou bem. — Olhei de relance pela janela de trás. Seguranças da Futuro Melhor corriam em nossa direção. E nada de Carl ainda! Eu não conseguia imaginar onde ele poderia estar. Mas nós continuávamos no mesmo lugar, e isso era mais urgente. — Vamos.

— Talvez tenha sido um erro. Fechar os olhos.

O painel do carro estava escuro. Um cheiro ácido e quente se espalhava.

Lola se inclinou para a frente até sua testa tocar o volante.

— Você... — Eu não conseguia pensar em uma palavra para isso. — Descarregou?

— Achei que... tínhamos batido em alguma coisa. Achei que você tinha se machucado.

— *Ponham as mãos no painel! Agora!*

Seguranças da Futuro Melhor cercaram o carro, apontando armas para nós.

— *Ponham as mãos onde eu possa ver!* — gritou um, e outro continuou:

— *Agora! Já!* — Caso houvesse alguma dúvida.

Eles pareciam mais nervosos do que quando eu havia tentado passar com o carro por cima deles. Um segurança abriu minha porta com um puxão e pulou para trás, como se eu pudesse mordê-lo.

— *Ele está se mexendo!*

— Sem as pernas! — observou o mais velho de bigode. — Ele está sem as pernas!

— Confirme isso! O alvo está sem as pernas!

As armas sumiram dentro dos coldres.

— Coloque-os na van — ordenou o Bigode. — Rápido.

Mãos vieram para cima de mim.

— Me soltem — falei, e fui ignorado. Dois sujeitos me pegaram por baixo dos braços e me puxaram para fora do carro. — Pelo menos tragam as minhas pernas!

Eu me retorci e cheguei a ver rapidamente uns seguranças arrastando Lola para fora do banco do motorista. Outro espiava dentro do carro pela janela lateral.

— Aqui... não, não são as pernas! São só muletas!

— Onde estão as Contornos? — perguntou um dos seguranças que me carregava. Ele falava sem se alterar.

Um carro preto parou à nossa frente. Todas as suas portas se abriram ao mesmo tempo. Do banco de trás surgiu Cassandra Cautery. Seu olhar passou

quase direto por mim e parou no Bigode. Ela parecia assustadoramente calma, seu rosto sem a menor expressão. Isso me deixou nervoso, porque eu não fazia ideia do que ela tinha em mente.

— E as pernas?

— Ainda não...

— Encontrem!

— Sim, senhora.

— E ponham ele no carro. Temos tempo, eu acho.

— Sim, senhora.

Eles me carregaram até o automóvel. Então houve um ruído, um barulho de algo sendo esmagado em algum lugar muito distante, e todos pararam. Uma sirene uivou; um carro ou um alarme de casa.

— Merda — disse Cassandra Cautery. — Ele está chegando.

Ela olhou para os seguranças e estalou os dedos. Eles me jogaram no banco de trás do carro e bateram a porta. Reparei que não estava trancada, então voltei a abri-la. Um segurança olhou para mim e a fechou. Isso se repetiu mais duas vezes.

— Pare com isso — falou o motorista.

Minha porta se trancou com um *tunc*. Vi os olhos dele no retrovisor: condescendência, vindo de um cara que repousava um dos pés no acelerador de um veículo com 200 cavalos de força.

A porta oposta se abriu. Cassandra Cautery pousou seu traseiro de saia cinza no banco de couro.

— Vamos — ordenou ao motorista.

Quando o carro deu a partida, ela se virou para olhar pela janela de trás.

— Onde está Lola? — Não obtive resposta, então me virei para ver por mim mesmo. As portas da van branca haviam sido fechadas por seguranças, e então o veículo saiu para a rua atrás de nós. Alguns uniformes cinza que restaram ali correram para a garagem aberta de Angelica. — Quem está chegando?

Cassandra Cautery olhou para minhas coxas. Todo esse tempo, e seu rosto ainda não exibia nenhuma expressão.

— Ela torrou as Contornos, imagino.

— Sim.

— Ótimo. — Cassandra olhou pela janela de trás mais uma vez. — Você sabe como a minha vida ficou nas últimas cinco semanash?

Olhei de esguelha para ela, porque achei que tivesse ouvido *semanash*.

— Ah, você quer ver? Dê uma boa olhada. — Ela se curvou na minha direção e puxou o lábio para trás. Entre seus dentes brancos reluzentes havia uma falha. Mas não como antes. Era um abismo. Ela soltou o lábio com um *plop*. — Disseram que podiam consertar. Abriram meu dente até o fundo, e sabe o que aconteceu? Eles estavam enganados. Não consigo sentir metade do meu *roshto*. *Não consigo sentir meu roshto*. — Ela espetou a testa com o dedo. — Está igual a *pedra*. — Ela reparou que o motorista nos observava pelo retrovisor. — Está olhando o quê? — Ele voltou a se concentrar na rua. — A ciência é uma palhaçada, Charlie. Uma palhaçada. Você quer superpernas e assistentes de laboratório com faróis no lugar dos olhos, e *isso* é possível, claro, você consegue transformar uma técnica de laboratório que mais parece um *cavalo* em uma supermodelo. Mas na hora de tratar de algo perfeitamente *shimples* como um diastema você *paralisa o roshto da pessoa*. Eu sou casada. Você sabia? Ele é advogado da área de litígios. E ele espera que eu tenha *expressões*. Ele quer *reachões*. O que vai acontecer quando ele perceber isto? — Ela me encarou. — Quero jogar uma bomba no seu departamento. Não dou a mínima para projeções de lucro. Não me importo com visão *eshtratégica*. O que *eles* — ela apontou o dedo para o teto do carro — nunca se lembram é de que a sujeira se espalha. Corrói uma organização por dentro. E o seu departamento não é nada, é só *shujeira*, criando mais *shujeira*, e que Deus nos ajude, porque ele vai arruinar a empresa. Ninguém entende isso. Se você repetir uma palavra do que *eshtou* dizendo, vai se arrepender. — Isso foi direcionado ao motorista, cujos olhos se desviavam mais uma vez para o retrovisor. — Temos um novo CEO. Você devia ficar feliz com essa notícia. Não se pode matar um gerente. Eles simplesmente substituem essa parte e reiniciam a máquina. O homem até se parece com o outro. *Você* nunca vai conhecê-lo. — Ela apontou um dedo para mim. — *Você* nunca mais vai estar na mesma sala que um alto diretor corporativo. No entanto, eles querem usar você. Para alavancar o investimento. Mas, Charlie, eu estou louca para acabar com isso tudo. Estou só procurando uma desculpa. Uma mudança de percurso na direção errada, e eu fecho as portash desse empreendimento infeliz. Estamos entendidos? — Antes que eu pudesse responder, ela fez um gesto bem diante do meu rosto. — Não responda. Não me interessa o que você acha.

Ela se virou e ficou olhando para a janela. Apoiou o cotovelo ali e levou a mão à testa. Seus dedos ficaram tocando a pele. Isso me lembrou de como eu massageava as Contornos.

— Quem está chegando?

— Humm?

— Você falou...

— Carl está chegando. — Ela se virou para mim novamente. — Foi o que eu quis dizer. Eu quis apressar as coisas e correr com os testes expandidos? Não. Eu quis transformar Lola Shanksh em uma arma? Não. Mas somos uma empresa de engenharia. Se eu digo “Vamos parar um pouco e consolidar o que temos antes de sair criando novos produtos”, todo mundo se desespera e começa a reclamar dos processosh. Mas se um sujeito quer cortar fora seus braços e pernas, tudo bem. Ninguém vê problema nisso. Vocês têm essa mentalidade de que o mundo se resume a ciênciash exatash ou magia. Só números interessam. Bem, precisávamos de psicólogos. Mas não conseguimos nenhum porque estamos cheios de engenheiros, e engenheiros pensam que psicólogos são feiticeiros.

Fiquei calado. Psicólogos *são* feiticeiros.

— Então Carl entrou na faca. Demos a ele aqueles, você sabe, aqueles bracinhos para praticar. Então você descobriu e ficou maluco, me pediu para eliminar o Carl...

— Eu quis dizer *demitir*.

— Não vamos entrar nesse mérito, Charlie, porque foi uma atitude muito fria, não importa como você interprete. Eu não podia fazer aquilo com Carl. O tipo de brecha legal que isso teria aberto... então eu o escondi de você. Mas, é claro, tivemos que tirar os braços dele, e ele não gostou. Não gostou nem um pouco. Fizemos um novo par para ele o mais rápido possível... a sua equipe fez... mas, como eu disse, não tínhamos psicólogos. Não víamos as rachadurash. Agora parece óbvio. Veja as fitas. Ele fica falando sobre aqueles braços como se eles tivessem vida. Como se tivessem mente própria. Depois ele fugiu. Roubou umas coisas. Agora está tentando encontrar você. Ele quer as suas partesh. — Por trás dela, a paisagem das ruas começou a se tornar industrial: estávamos nos aproximando da Futuro Melhor. — Uma eshpécie de fantasia de vingança, eu acho.

— Ele quer as minhas partes? Quer dizer que ele quer me matar?

— Não sei o que se passa na cabeça dele. Mas vamos resolver isso, Charlie, garantindo que não existam mais Carls. Nada de grandes alterações corporais em pessoas que não conseguem lidar com esse tipo de coisa. Testes restritos a cobaias que tenham comprovada dissociação psicológica de sua forma física. — Ela me olhou de esguelha. — Ou seja, você, se ainda não adivinhou.

Eu não estava preparado para deixar de lado essa história de Carl querer me matar, mas isso chamou minha atenção.

— Vocês vão me dar partes do corpo?

— Suas pernas não começaram a falar com você, começaram?

— Hum — falei. — Não.

— Então sim. O que você quiser. Carta branca. Para você, é como um sonho que se realiza, não é? Você vai conseguir tudo o que quiser, porque estou do seu lado, limpando tudo. Estou conformada. Mas seria bacana se alguém parasse por um instante e dissesse: “Ei, Cashandra, só para você saber, não poderíamos fazer isso sem você.” Sou muito competente. Qualquer outra pessoa na minha situação ficaria louca de tanto estresse. Você sabe quantos anos eu tenho? Trinta e quatro. Apenas 34.

Passei a língua pelos lábios. Quando Cassandra Cautery falou “Eles querem lhe dar partes”, alguma coisa em mim se iluminou. Começou a enviar pulsos. *Partes. Partes.*

— Vou mesmo poder ter partes do corpo?

— Vai. — O complexo da Futuro Melhor surgiu à frente. Havia instalado holofotes no telhado que brilhavam à luz do crepúsculo. — O prédio foi reparado, caso esteja interessado em saber. Tiveram que verificar toda a ala em busca de danos estruturais. Algumas pessoas ficaram trabalhando no refeitório por semanas. Foi um pesadelo. — Ela torceu o corpo para olhar pelo vidro de trás. — Carl está nos rastreando. Quando ele chegar aqui, vamos... — Ela olhou de relance para mim. — Dar a ele os cuidados médicos de que ele precisa.

O martelar em minha cabeça era quase doloroso. *Partes. Partes.* Tentei parar de pensar nisso, porque eu precisava tirar uma dúvida.

— Tem certeza de que eu vou poder mesmo ter qualquer parte que eu queira?

— Sim.

— Para mim mesmo.

— Ninguém mais vai mexer nelas.

— Vou poder projetar e construir minhas próprias partes do corpo.

— No intervalo entre os testes dos Produtos Melhores de nível militar, com certeza. Charlie. Confie em mim. Não há nenhuma pegadinha.

Eu queria ser melhor em leitura facial. Sempre que alguém me olha nos olhos e fala com aparente sinceridade, eu acredito. Não tenho irmãos.

O carro desceu a rampa que levava à garagem subterrânea. Luzes amarelas passaram piscando pelas janelas. Senti gosto de óleo. Lembrei-me daquela fantasia que eu havia nutrido por breves momentos na casa da Dra. Angelica, de escapar para uma cidade cheia de neve e levar a vida como eremita, livre de tecnologia. Onde eu estava com a cabeça? Mas que coisa imbecil.

— Bem-vindo ao lar — disse Cassandra Cautery.

Não olhei para ela, porque eu não queria que ela visse como eu estava realmente empolgado.

* * *

SOU ÓTIMO EM MANTER o foco. Quando algo chama minha atenção, me esqueço de todo o resto: com quem estava falando, aonde estava indo etc. Durante a minha festa de aniversário de 6 anos, eu me distraí com a máquina de lavar, que era nova, e fiquei sentado na lavanderia vendo-a alternar ciclos até meu pai aparecer e perguntar o que eu estava fazendo, pois todos estavam indo embora. No ensino médio, eu estava atravessando a rua quando uma garota linda passou, e eu não percebi que me encontrava ali parado de queixo caído até ela se virar para ver por que estava todo mundo buzinando. O olhar que ela lançou para mim ainda faz minhas orelhas queimarem.

É uma qualidade útil. Não sei se eu teria progredido na ciência sem isso. Mas nem sempre se mostra muito adequada. Às vezes não me incomodo, porque aquela máquina de lavar realmente era muito mais interessante do que a festa de aniversário, mas em outras ocasiões desejei, depois que o momento havia passado, que meus olhos não tivessem se fechado para outras coisas. Eu queria ter conservado autoconsciência suficiente para perceber que eu estava parado no meio da rua como um idiota. Queria que meu cérebro tivesse deixado espaço para pensamentos que não fossem apenas *Será que vou pegar minhas partes agora e Quais recursos foram acrescentados às pernas* quando aquele carro parou perto do

elevador do estacionamento. Porque a porta se abriu e vi um segurança com uma cadeira de rodas, e em nenhum momento pensei em Lola.

* * *

CASSANDRA CAUTERY ENTROU NO elevador comigo. As portas se abriram no térreo e um segurança me empurrou na cadeira até o corredor. Três jalecos brancos estavam parados olhando a parede com as mãos perfeitamente cruzadas às costas. Quando passamos pelo átrio, percebi que todas as cadeiras encontravam-se voltadas para o outro lado. Vi as costas dos paletós. Um ou dois anos antes, eu estava no refeitório quando um segurança pediu a todos que, por favor, se virassem para a parede porque precisavam conduzir por ali um material confidencial, e eu havia obedecido e me virado para a parede.

Enquanto descíamos, Cassandra Cautery disse:

— O seu departamento se manteve ocupado na sua ausência, é claro.

As portas se abriram. Ao final do longo corredor havia um garoto de camiseta verde e calça jeans rasgada. Não o reconheci porque não empregávamos ninguém que tivesse tempo de passar três horas por dia na academia. Suas sobrelombas se ergueram de súbito. Ele deu um tapa na própria testa, como se não pudesse acreditar. No processo, alguns músculos do rapaz foram acionados, retesando-se e destacando-se.

— Dr. Neumann! — Ele se virou e fez um megafone com as mãos. — O Dr. Neumann voltou!

— Múshculosh Melhoresh — informou Cassandra Cautery. Pelo jeito como falou, ela parecia enojada. — Ao que parece creshem enquanto você dorme.

Gatos surgiram. Poucos vestiam jalecos. Em vez disso, usavam vestidos curtos, tops de alcinhas, minissaias, sapatos de salto alto, camisas com os primeiros botões abertos. Os rapazes eram enormes, e as garotas, altas e magras. Eles começaram a aplaudir. Jason saiu acotovelando todo mundo para abrir caminho e sorriu. Ele não era mais magricela. Seus dentes brilhavam como estrelas. Eu me sentia feio.

— O mais irritante — disse Cassandra Cautery — é que eles têm esse *visual*, mas *agem* feito imbecis.

— Eu ouvi isso — falou Jason. Houve risos. — Com os meus Ouvidos Melhores.

— Saia do caminho — ordenou Cassandra Cautery. Os assistentes nos deram passagem. À medida que eu me aproximava, sentia um cheiro que era uma mistura pungente de almíscar e suor, como se eu estivesse entrando em um alojamento universitário que ninguém limpava. Tossi. — Desculpe. São os Músculos Melhores — explicou Jason. Ele deu um passo para o lado, passando por outros gatos. — Eles geram uns subprodutos meio nojentos. Mas estamos trabalhando no Cheiro Melhor.

Uma garota de aparência familiar sorriu de boca fechada, depois cedeu e mostrou os dentes.

— Olá, Dr. Neumann.

Era Elaine, minha ex-assistente, com a Pele Melhor.

Cassandra Cautery se virou.

— Caiam fora. Este assunto é particular.

Eles começaram a se dispersar. Cassandra Cautery passou o cartão pela porta do laboratório, trocou de cartões em uma coreografia apressada para passar o meu, e depois o segurança passou o dele. A porta se fechou atrás de nós com um *plec*. A sala estava cheia de partes de corpo mecânicas: metal e fios quase caindo de prateleiras de aço inoxidável, amontoadas umas sobre as outras. Vi articulações. Dedos. Órgãos em forma de sacos. Eles se mantiveram ocupados na minha ausência. Muito ocupados.

Fomos nos espremendo por entre as prateleiras.

— Ali. — Ela apontou, com desagrado. Por um instante pensei que minhas Contornos haviam voltado à vida. Mas aquelas eram pretas, não prateadas. Tinham cascos maiores. Estavam de pé sobre um tapete de borracha preto, mantidas no lugar por cordas metálicas que pendiam do teto. — Estão chamando essas aí de Contornos Mark Três. Não me pergunte o que aconteceu com as Dois. Nem queira shaber. Estas são uma versão melhorada das Contornos originais, aprimoradas em termos de força, correção de bugs etc.

Avancei na cadeira de rodas e toquei as Contornos Três. A pele metálica das pernas era pintalgada, coberta por um bilhão de minúsculas protuberâncias. Eu não sabia por quê. Mas estava intrigado. Passei os dedos pelas pernas e fiquei surpreso ao ver como eram esguias.

— Cadê a bateria?

— Mudou de lugar.

— O quê?

— Elas usam mais energia. A bateria ficou grande demais. E havia preocupações com a segurança. Não é uma boa ideia armazenar uma fonte de energia massiva em um membro exposto a impactos. — Ela levantou as mãos. — Não discuta. Você não estava aqui quando fizeram as Dois.

— Então cadê a fonte de energia?

— Aqui. — Ela foi até uma prateleira sobre a qual havia um objeto de aço do tamanho de um aspirador de pó. Em uma das laterais estava estampado o símbolo internacional de radiação. — Reator de bolso.

— Mas... as pernas não são modulares? Não são autossuficientes?

— Não sei o que lhe dizer, Charlie. É a direção que a equipe tomou depois que você fugiu.

— Então para usar as pernas eu preciso do abdômen?

— Sim.

Mordi o lábio.

— E o abdômen também precisa de uma atualização de espinha dorsal.

— Um o quê?

— Ele pesa 800 quilos. Você cairia direto no chão.

Olhei o abdômen de esquelha.

— E se vamos fazer a espinha... bem, você pode parar por aí. É só que... — Ela deu de ombros. — É difícil fazer funcionar sem uma atualização no torso.

— Uma o quê?

— Achei que você entraria nessa com tudo — disse ela. — Não é o que você sempre quis?

— Sim... — falei. — Não. Não gosto de usar a tecnologia dos outros. Gosto de construir a minha.

— Ah. Bem, essa ideia vai ser um pouco difícil de vender para a gerência, Charlie, com 30 toneladas de equipamento militar esperando por você para os testes de campo. — Ela abriu a boca como se fosse dar uma gargalhada, depois a fechou de repente. — Brincadeira. Vá no seu ritmo.

Toquei as Três. Fiquei me perguntando para que servia aquela superfície irregular.

— Onde isso termina para você, Charlie? Pernas novas. Braços novos. Só por curiosidade. Quando você vai dizer: Ok, agora estou satisfeito?

Era uma pergunta estranha. Não é algo que se para de fazer, aprimorar coisas. Atingir um ponto em que tudo é o melhor possível seria terrível. Seria melhor morrer, então.

— Sabe de uma coisa? Esqueça o abdômen. Vamos arrumar uma extensão bem comprida, ligar as suas Três no gerador, e a partir daí você vê o que faz. Que tal? Você vai testando o seu caminho aos poucos.

— Tudo bem.

— Tudo bem! — Ela bateu palmas, respirou fundo. — Vamos colocar você em shirurghia.

— Cirurgia?

— Eu me esqueci de mencionar. A, hã, interface com os nervos ou sei-lá-o-quê das Três... a parte que conecta em você? É uma configuração diferente. Alguma coisa assim. — Ela sacudiu as mãos. — Não sei. Mas eles precisam tirar mais uns 4 ou 5 centímetros das suas coxas. — O celular dela tocou. Ela observou a tela. — Não podemos ficar de papo aqui o dia todo, Charlie. O que vai ser? Shirurghia?

Parte de mim queria dizer: *Espere*. Porque, afinal, será que eu queria realmente voltar para as Contornos? O resto de mim dizia: *Sim*.

— Vamos colocar você em uma maca, e alguém pode lhe explicar tudo no caminho. Que tal? Tudo bem? — disse ela. — Tudo bem?

* * *

O TETO DA FUTURO Melhor era um tabuleiro de xadrez. Os quadrados mais claros eram na verdade luzes, que brilhavam de modo uniforme, tão fortes nos cantos quanto no meio. Eu nunca havia prestado atenção nisso até me deitar em uma maca e vê-las passando sobre a minha cabeça.

— Essas luzes são interessantes.

— Podemos sedá-lo? — Essa era Cassandra Cautery, caminhando ao meu lado. Os gatos se aglomeravam, além de pessoas em macacões verdes. — Nosso tempo está acabando.

— Vou me informar.

Eu me sentia empolgado e nervoso, e sentia também que havia me esquecido de alguma coisa. O que seria? Dei um pulo.

— *Onde está Lola?*

— Está sendo tratada — respondeu Cassandra Cautery. — Eles queriam checar o estado dela, ter certeza de que ela estava bem.

— Eu quero vê-la!

— Quer que eu faça uma ligação? Posso fazer com que ela nos encontre na sala de cirurgia.

— Sim.

— Pronto. Combinado.

— Tem certeza? — Eu me sentia meio tonto, embora ainda não tivessem inserido nenhuma droga em mim. — Você não está só falando por falar?

— Gás aqui. — Uma máscara de plástico se aproximou. — Cabeça para a frente, Dr. Neumann.

— Você pode fazer a ligação agora?

Mãos seguraram a minha cabeça. Com um estalo, a máscara cobriu minha boca e meu nariz.

— Vou ligar, Charlie. Estou com o telefone bem aqui.

Ela agitou o aparelho. Mas não usou. Passamos por uma porta. O teto brilhante de tabuleiro de xadrez foi substituído por placas de gesso e focos cirúrgicos. Vi muita gente de verde e pensei: *Precisam de tanta gente assim para cortar 4 ou 5 centímetros de coxa?* Elas foram ficando borradas. Borradas e quentinhas. Minha cabeça pesava.

— Vocês... — comecei.

O resto da pergunta era: *... me deram anestesia geral?* Tentei empurrar as palavras para fora, mas não conseguia sentir minha boca. Minha cabeça pendia para o lado. Levantei-a e vi pessoas colocando um lençol verde sobre meu corpo. *Por que eu preciso de anestesia geral?*, perguntei. Meus olhos se fecharam.

— Ele apagou. Podem começar.

Ouvi um clique, depois um ruído elétrico, como se alguém estivesse fazendo um teste: *vnnnnnn... vnnnnn*. Um homem perguntou:

— Que partes vamos fazer?

— Todas — disse Cassandra Cautery.

TOMEI CONSCIÊNCIA DA FUMAÇA. O que alarmou uma região pequena e compartimentada do meu cérebro. Na minha área, fumaça significava que alguém tinha cometido um erro. Alguém se esqueceu de verificar uma tolerância. De converter sistemas elétricos. A fumaça formava nuvens ao longo do teto acima de mim. Eu não sabia de quem tinha sido o erro. Mas era lindo.

Levante-se, disse a parte preocupada com a fumaça. Outra parte disse: *Fique deitado aqui mais um pouquinho*. E essa outra foi mais convincente. Eu estava dopado. Estava relaxado. Eu nunca mais me sentiria tão em paz assim novamente, não sem ajuda química.

Alguma coisa fez um som molhado. Algo fez um som gasoso, *sssssss*, como um velho se acomodando em sua poltrona favorita. Eu me senti molhado. Mas também seguro, aquecido e protegido. Fechei os olhos.

Alguém tossiu. Abri os olhos, porque isso foi desconcertante. Esperei, torcendo para que passasse. *Glerg. Glerg*. Parecia uma tosse superficial. Como se seu dono não esperasse que aquilo o ajudasse.

Fiquei ponderando suas implicações. Ou melhor, flutuando com elas. Deixei que elas me cercassem sem penetrar. Eu podia ter continuado a fazer isso por um tempo, mas começou a cair água no meu corpo. Pensei que talvez fosse chuva, mas era provável que não, porque eu podia ver o teto. Senti meu estado de sonho se dissolver e fiquei triste. Mas isso também era bom, porque eu podia me sentir voltando. Meus pensamentos começaram a se organizar. Levantei a cabeça.

Eu estava em uma sala de operações. É claro que estava: eu tinha sido levado até ali para a cirurgia. Mas havia coisas espalhadas e reviradas: uma maca, suportes para soluções intravenosas, um equipamento que me parecia precisar ser esterilizado o tempo todo. Lâminas cirúrgicas brilhavam nos ladrilhos do chão em poças d'água que rapidamente se acumulavam como moedas em um poço dos desejos. Uma rachadura comprida subia pela parede. Pensei: *Terremoto?*

Glerg.

Vi um homem caído contra a parede. Suas roupas verdes tinham respingos escuros em toda a parte da frente. Seus lábios estavam vermelhos. Ele olhava sem expressão para as próprias pernas, que repousavam meio dobradas nos azulejos. Seus olhos se ergueram até a altura dos meus, e ele piscou uma vez, devagar.

— Socorro — falei.

Ele não reagiu. Eu me senti um pouco mal, porque obviamente aquele cara também precisava de ajuda. Plantei a mão direita na mesa e me ergui sobre o cotovelo esquerdo, ou melhor, tentei. Não funcionou. Olhei para baixo para ver qual era o problema.

Uma onda de sangue jorrava de uma ferida no meu ombro esquerdo. Quer dizer, não uma *ferida*: o oposto disso. *Ferida* implicava um corte em algo que fazia parte de um todo. Fios de pele e músculo me conectavam a um braço que, não fosse por isso, tinha sido cortado do meu corpo. Sobre os azulejos, descartada, havia algo que no começo confundi com uma broca. Mas não era. Possuía uma lâmina comprida e achatada. Fios de um líquido vermelho se enroscavam na água ao redor da ferramenta. Era uma serra elétrica. Olhei para o sujeito sentado nos azulejos.

— Foi você quem... — comecei. Porque aquele sujeito parecia um cirurgião. Achei que talvez ele tivesse começado a amputar meu braço, mas não tivesse terminado. — Você pode... — Minha voz saía feito um coaxar. Minha garganta parecia ter sido arrebetada. O homem me encarava sem expressão. A cabeça dele balançava de leve a cada batida de seu coração. — Por que...

Glerg, fez o cirurgião, e borrifou algo escuro na roupa, somando mais uma mancha às outras. Ele não ia ajudar. Ia ficar ali deitado e morrer. Ou ficar ali deitado e me ver morrer e depois morrer também. Pânico. Não era uma boa hora para entrar em pânico. Era hora de uma avaliação clínica e objetiva. Mas um oceano de sangue fluía de um desfiladeiro na minha carne, e meu cérebro balbuciava: *Isso é fatal, você vai perder a consciência*. Levantei o braço direito — eu tinha um braço direito — sem nenhum objetivo real e vi vermelho vivo. Eu estava deitado em um mar de sangue, que escorria pelas laterais da mesa e empoçava os ladrilhos abaixo. Eu era um chafariz de sangue. Havia sangue demais ali. Era para eu estar morto.

Minhas pernas pareciam esquisitas. Tipo, eu tinha pernas. Por baixo do tecido cirúrgico verde encharcado havia definitivamente uma forma de perna.

Tubos passavam entre camadas do tecido até dispositivos próximos: uma caixa preta sobre um carrinho, quatro intravenosas diferentes. Era ela que fazia os sons molhados. A cada som molhado os tubos conectados a ela se inclinavam, e o fluido escuro dentro deles se movia. Deduzi que era aquilo que me mantinha vivo. Naquele momento, a caixa parou de fazer barulho de molhado e começou a emitir um som de chupar parecido com o de uma criança entusiasmada tentando acabar com o restinho do milk-shake do copo. Pontinhos bege apareceram onde o tubo estava conectado à caixa e correram na direção do meu corpo.

Agarrei meu braço semiamputado e tentei colocá-lo de volta à força. Era como brincar com um bife. Os sons... não foi o de esguicho que mais me assustou. Nem o ruído de sugar ou o de esmagar. Foi o rangido. Quase não consegui fazer aquilo. Mas eu não queria morrer. Então eu fiz.

O sangue jorrava. Eu não conseguia fechar a carne.

— Socorro! — gritei. Antes eu até estava preparado para dar um desconto ao moribundo, mas agora eu precisava dele de verdade. — Me ajude, seu merda!

Fui meio quicando, meio me arrastando até a borda da mesa para conseguir vê-lo enquanto segurava meu braço. Seus olhos estavam vazios. Ele havia morrido. O filho da puta havia morrido. Senti ódio. Eu queria ir até ali, cortar o braço do maldito e morrer na frente dele para ver se ele gostava. Senti terror, tontura e arrependimento. Eu não queria mesmo morrer, de jeito nenhum. Senti que tinha sido enganado e que estava zangado com alguém ou alguma coisa. Virei a cabeça para todos os lados, caso houvesse algo de útil ali perto que eu não tivesse notado, como, por exemplo, quem sabe, um cirurgião que não estivesse morto. Meus olhos pousaram na serra elétrica.

Estava muito longe. Eu não sabia se conseguiria alcançá-la. E talvez fosse até melhor, afinal, será que seria assim tão ruim me deitar, fechar os olhos e não serrar meu braço? Ninguém me culparia por isso. Mas isso significaria morrer, e eu não queria morrer, eu ia tendo mais certeza disso conforme me aproximava da serra. Então fiz força, estiquei o corpo e enrolei os dedos no fio dela. Pus o fio na boca para pegar de outro jeito e voltei a puxar. Era um fio comprido. Puxei, mordi, puxei e comecei a pensar que aquele fio podia não ter fim, porque, afinal, isso seria bem divertido, não é? Algo tipo teoria das cordas. Eu podia estar envolvido em um emaranhamento quântico. A serra caiu com estrépito em cima da mesa metálica. Então me lembrei do que eu estava fazendo e tateei em busca do botão de ligar.

Uma vez, em um shopping, vi um sujeito fazendo uma demonstração de uma faca elétrica para cortar carne. Ele mostrava a um casal de idosos como a faca podia facilmente atravessar um frango assado, fatiando pedaços de carne fumegante com um som tipo *vrriiiii*.

Por algum motivo achei que o som da serra seria diferente.

* * *

COM O OUTRO BRAÇO fora do caminho, fechei a artéria com um grampo. Vou poupar os detalhes. Digamos apenas que foi uma solução temporária e que exigia meus dedos. Eu precisava ganhar tempo suficiente para descer da mesa e encontrar assistência médica. Nem me importei com o fato de que aqueles babacas tinham serrado fora meu braço. Eu os perdoaria se me ajudassem a sobreviver. Curvei-me para a frente e peguei o lençol verde com os dentes. Puxei-o para trás, depois voltei a me inclinar para outra mordida. Eu torcia para descobrir um par de Contornos Três ali embaixo, porque, caso contrário, eu estaria essencialmente preso àquela mesa. Puxei o lençol, mas ele apenas se embolou no meu rosto. Tentei empurrá-lo para o lado com o nariz. Fiquei tentado a tirar a mão da minha artéria, pois seria muito mais rápido, mas não fiz isso, porque além de rápido também seria fatal. Vi rapidamente um flash de titânio preto e pensei: *Ah, graças a Deus*. O centro de gravidade do lençol passou pela borda da mesa e o pano todo começou a deslizar para o chão por conta própria. Vi metal e mais metal, e, quando o lençol descobriu minhas coxas, pensei: *O que é isso?* Havia metal onde minhas coxas deveriam estar. E havia metal em vez de quadris e uma barriga de metal, e meu umbigo era um logotipo, um desenho circular que até mesmo de cabeça para baixo eu reconheci como sendo da Futuro Melhor, e o lençol continuou deslizando e eu era metal inteirinho até em cima, uma paisagem de titânio. Tubos saíam de uma fenda em algum ponto abaixo do meu queixo, transportando fluidos para dentro e para fora do metal, e eu estava conectado a ele por tubos e mais nada. Inspirei fundo para gritar e dois dos tubos subiram ligeiramente, me fornecendo ar, e eu o perdi todo fazendo um som parecido com o de um pneu esvaziando. Eu tinha um braço. Tinha um ombro. Tinha uma cabeça. Eu não sabia o que mais eu tinha.

Um rosto surgiu. Os cabelos dessa pessoa estavam empapados de sangue. Era o rosto de um garoto. Um de seus olhos era castanho bem escuro, e o outro era um castanho mais claro. Ele disse:

— Dr. Neumann. Ah, Dr. Neumann. — O garoto desapareceu. — Ele está vivo! — E então retornou. Caía água nos seus cabelos, escorrendo pelo seu nariz. Seus olhos de cores diferentes estavam cheios de preocupação. — Vai ficar tudo bem. Vai ficar tudo bem. — Ele tocou os meus cabelos, hesitante, depois confiante. — O senhor vai conseguir. Agente firme. Agente firme.

A sala se encheu de ruído. Alguém pegou minha cabeça por trás, e pessoas de macacões verdes entraram e começaram a mexer nos meus tubos. Ninguém olhava para o meu rosto. Algo fez um clique. Ouvi um gemido agudo e um zumbido grave. Senti uma dor aguda no pescoço, e então um calor se espalhou. Eu me virei para ver quem fazia aquilo. As mãos na minha cabeça me apertaram.

— Sangue — falou alguém, e outra pessoa respondeu:

— Sob controle.

Mãos soltaram meus dedos. Resisti, mas eram mãos firmes. Comecei a me sentir pesado. Alguém perguntou:

— Ele está vivo? — E seu tom sugeria que ela não queria realmente saber a resposta. O rosto de Cassandra Cautery surgiu acima de mim. Ela segurava contra a orelha uma toalha de mão tingida de vermelho. Seus cabelos estavam da cor de cinzas. Os músculos de seu maxilar me lembraram de insetos que podiam segurar alimentos muito mais pesados que eles próprios. Mas ela não apresentava nenhuma expressão facial. — Charlie? Você acordou no meio de um pesadelo, foi só isso. — Tentei manter as pálpebras abertas. — Volte a dormir agora. Vamos acabar com isso e tudo vai ficar bem.

Comecei a chorar um pouquinho, porque agora eu iria sobreviver.

* * *

RECUPEREI A CONSCIÊNCIA DE uma só vez, como se tivesse sido ligado. Eu estava de pé. E cercado por luzes. A sala de operações estava limpa. Não chovia. Estava cheio de gatos e gente em roupa cirúrgica verde, e todos olhavam para mim.

— Estou com ele aqui.

Jason equilibrava um laptop pequeno em uma das mãos e digitava nele com a outra. Um cabo saía do aparelho e seguia até um bolo de outros cabos que iam em todas as direções. Havia algo enrolado na minha cabeça. Algo zumbia.

Uma jovem surgiu na minha frente. Elaine, eu me lembrei. Seus olhos estavam laranja.

— Dr. Neumann, o senhor consegue me ouvir?

Fiz que sim com a cabeça. Tentei tocar meu pescoço para ver o que havia ali e alguma coisa fez *whnn-hnn, whnn-hnn*.

— Ele está tentando mexer o braço.

— A perna, agora.

— Muitas solicitações de movimento.

Olhei para baixo. Minhas pernas eram Contornos Três, titânio preto. Meus quadris eram seções anelares conjuntas. Havia metal subindo até meu peito. Eu tinha braços. Eles estavam pendurados por correntes isoladas no teto. Um era prateado e terminava em uma garra com três pontas, cada uma delas um dedo comprido e multiarticulado. O outro era preto, com um bíceps fino e tubular e um antebraço bulboso. Sem mão, pelo que eu podia ver. Engasguei. Eu não me sentia enjoado. Não fisicamente. Eu me sentia forte, alerta e com um pouco de frio. Mas meu cérebro vomitava: *Errado errado errado*.

— Dr. Neumann? — Jason se aproximou. — O senhor deve estar se sentindo estranho nesse momento, mas, quando se acalmar, vai perceber que é na verdade muito legal.

— Ativando o sistema tátil.

Uma tempestade elétrica de agulhas percorreu meu corpo. Minhas partes de metal deixaram de ser objetos e começaram a ser eu. Eu antes podia sentir, mas não dessa forma. Nunca dessa forma. Eu me lembrava da superfície irregular daquelas partes, que eu havia sentido no Lab 2. *Me ajudem, pedi*.

— Resposta sensorial ampliada. É como se fosse 1 milhão de vezes melhor, não é? Também usamos. Porque o ponto em que as Sensações Melhores podiam reproduzir todo o espectro e fidelidade das sensações biológicas já foi ultrapassado faz algum tempo.

— Registrando com o núcleo — informou Mirka.

— Estou vendo.

— Estamos falando em voz alta — comentou Jason — para que o senhor possa acompanhar.

Uma fome louca se abateu sobre mim, mais como uma ideia do que uma sensação: eu subitamente tinha certeza de que precisava de comida.

— Uau — disse uma garota de olhos amarelos.

— Amorteça isso.

— Vamos conectar o senhor à Voz Melhor em um minuto — informou Jason. — O senhor pode iniciar chats e salvar contatos em um caderno de endereço e tudo o mais.

Pensei: *Lola, Lola*. Lágrimas bateram no meu peito com um som tipo *punc, punc*.

— Você está fazendo com que ele chore — observou Mirka.

— Corrigindo.

— Ligando formas de onda.

Mirka disse:

— Ele ainda está chorando.

— Mas os níveis parecem normais.

— Talvez ele esteja realmente triste.

Jason saiu e voltou com um lenço de papel. Enxugou uma das minhas bochechas, depois a outra.

— Dr. Neumann?

Abri a boca, mas não havia ar. Inalei manualmente em uma arfada.

— Onde. Está. Meu. Corpo.

— O senhor se refere... se refere às suas antigas partes orgânicas? Bem... foram incineradas. Não há... Não há mais nada que o senhor possa fazer com elas.

— Ainda muito triste — informou Mirka.

— Correção ativa?

— Sim.

Estrelas explodiram na minha cabeça, frenéticas e brilhantes, bastante sugestivas.

Jason perguntou:

— Lembra-se de quando perguntei ao senhor sobre ética? O senhor queria suprimir sua culpa, e eu disse que talvez não devêssemos, e o senhor falou que não

existia esse negócio de *dever*. Na verdade, o senhor nem entendeu a pergunta. Bem, agora eu entendo. Entendo perfeitamente. Porque às vezes você sente uma espécie de repulsa biológica contra uma ideia, mas é só porque não está acostumado a ela, certo? É só uma questão de bases de referência.

— Aumentando. Aproximando sincronização.

— Afinal, não é como se existisse uma integridade fundamental de emoções, certo? Tudo são substâncias químicas no fim das contas.

Meus dentes batiam. Elaine disse:

— Aqui temos um pulso tipo dente de serra, podemos fazer alguma coisa a respeito?

Dois gatos machos se aproximaram com furadeiras elétricas e se posicionaram contra meu abdômen. As furadeiras fizeram *uéeéén*.

— Então, a questão é que — prosseguiu Jason —, enquanto o senhor estava fora, fizemos um monte de partes militares. Um monte mesmo, sabe? E a gerência ficou muito, muito ansiosa para testá-las. Mas chegamos à conclusão de que colocá-las em voluntários aleatórios e ver o que acontecia não era uma ideia tão boa. Então ficamos esperando. Pelo senhor. E assim que o conseguimos... acho que a gerência nunca ia esperar até o senhor estar, sabe como é, completamente confortável. Porque, conforme mencionei, há uma quantidade imensa de coisas presas em obstáculos. Coisas muito valiosas. Além disso, parece que o governo andou sondando esta região com um pouco mais de atenção do que seria conveniente. Então a gerência está superconcentrada em obter alguns resultados de laboratório o mais rápido possível. E é por isso que, hã... por isso que o senhor está um pouco mais avançado em termos de substituição de todo o corpo, talvez mais do que o senhor esperasse. — Ele engoliu em seco. — Mas temos uma boa notícia. O senhor vai sair.

— O quê — falei.

— Vou ser honesto. O que eles planejavam era muito ruim. Queriam que o senhor ficasse conectado às partes, mas sem poder controlá-las. Nós faríamos os movimentos para o senhor e leríamos a sua resposta sensorial. Eles disseram que seria a maneira mais rápida de testar. O que, o senhor sabe, acho que é mesmo. Mas enfim. Seria um pouco desumano, na nossa opinião. Estar conectado à tecnologia, mas não poder controlar o que ela faz. Isso é como ser o usuário supremo. De qualquer maneira, Carl arruinou os planos de todos. Então agora

eles nos deixaram ativar o senhor. Na verdade, é uma excelente oportunidade, porque, se o senhor mostrar a eles que é de confiança, talvez eles o deixem permanecer ativo.

— Um pouco zangado agora — avisou Mirka.

— Hã — disse Jason. — Vou lhe explicar a situação de Carl. O senhor o conhece? É claro que conhece. Esqueci, porque não tínhamos permissão de falar dele para o senhor. Mas estávamos trabalhando com Carl. Antes de ele enlouquecer. Então o que aconteceu foi que Carl voltou. Ele apareceu lá no gramado. O que foi uma surpresa para a segurança, porque, bem, eles o esperavam, mas não na porta da frente. Existem muitas entradas, e os seguranças conhecem todas. É claro que havia guardas no saguão. Puseram atiradores de elite no telhado, sujeitos em Hummers com metralhadoras no topo, protótipos de armas da Produtos Militares Especulativos. Havia uma arma sônica na garagem, o gramado dos fundos estava coalhado de minas de PEM, e os caras do saguão tinham... bem, um canhão de eletrochoque. Tipo um taser, disparando uns duzentos dardos por minuto. E o problema foi que ninguém pediu a nossa opinião. Se tivessem pedido, as coisas teriam sido diferentes. Mas o senhor sabe como são os usuários. Eles nunca dedicam o tempo necessário para compreender bem a tecnologia. Só querem aprender o essencial. O suficiente para fazer com que ela funcione. E isso simplesmente não é viável quando a tecnologia é tão poderosa. Acho que realmente chegamos ao ponto em que usuários nesse aspecto estão se tornando obsoletos. Acho que mais ninguém pode transitar da forma correta pelo mundo sem compreender a tecnologia. Enfim. Então Carl apareceu. Não sei se alguém contou ao senhor, mas, quando ele foi embora, pegou algumas coisas. Pegou um Escudo de Fibra. O senhor foi à apresentação do Escudo de Fibra? É uma bomba, mas ela lança minúsculas tiras de fibra, uma nuvem de microfibras. Elas flutuam no ar, dezenas de milhões delas, e as pontas grudam. São inofensivas, mas, quando um projétil em alta velocidade passa por entre essa nuvem, ele atinge uma fita e é desviado de seu curso. Perde o equilíbrio. Pode ir para a esquerda, para a direita, quem sabe? A questão é que é desviado. Na apresentação, montaram um alvo atrás da nuvem e fizeram uma série de disparos de teste, e nenhum acertou o alvo. Nem de longe. Foi meio que impressionante. Não é bem uma proteção garantida, sabe, algo em que eu apostaria a minha vida, porque o tipo de desvio depende de quantas tiras a bala atinge, o ângulo em cada

colisão, todas essas variáveis aleatórias. A líder do projeto, Abeline Knudsen, escreveu aquele artigo sobre ressonâncias disruptivas no fluido do ouvido interno... e ela disse: dispare balas suficientes e uma delas acabará indo reto. Ou quase reto; o suficiente. Então, pensando bem agora, talvez os caras da segurança soubessem disso. Talvez esse fosse o plano: se ele usar o Escudo de Fibra, vamos mandar bala nele.

“Então Carl apareceu no gramado. Estávamos nos laboratórios, vendo tudo pelo circuito fechado. Carl... o senhor sabe, a gente gostava dele. A gente gostava muito dele. Ficamos tristes por ele ter fugido. De qualquer maneira, Carl disparou o Escudo de Fibra e, bum!, desapareceu na nuvem. Todo mundo começou a atirar. Era tanto disparo que a gente até conseguia sentir. E o senhor sabe a que profundidade a gente estava.

“Os caras do saguão, com o canhão de eletrochoque, abriram fogo. Dispararam aqueles dardos de 1 milhão de volts, que são muito mais leves do que balas, é claro, e, quando atingiram a nuvem, desviaram *para toda parte*. Esquerda, direita, para cima, de volta na direção dos seguranças. Os dardos atingiram guardas, foram parar no telhado, encheram o saguão, gerando faíscas e iniciando incêndios por toda parte. A coisa já tinha virado um caos, e então um Hummer acertou um tiro no tanque de combustível. Tudo virou fogo e fumaça e pessoas gritando, e Carl entrou e fez o que quis.

“Por isso, agora todos estão doidos para recapturar ele”, concluiu Jason. Ele franziu a testa para alguma coisa no meu peito, deu umas pancadinhas no local e olhou para outro gato, que se aproximou. “Porque a exposição pública a essa altura não seria boa para a empresa. É claro que mandaram seguranças atrás dele, e é claro que não adiantou, porque Carl é, bem, Melhor. Então agora é a sua vez de ir. Atrás de Carl.”

As correntes ao redor dos meus braços chacoalharam até o chão. Ambos os membros se moveram suavemente até uma posição frouxa de repouso. Daquele ângulo, eu podia ver que meu braço esquerdo definitivamente não tinha mão. Havia um buraco.

— Braços on-line em dez.

Falei:

— Por. Que. Ele...

— Cinco. Quatro. Três. Dois.

— Aguarde — disse Jason. — Isso pode ser esquisito.

— Braços on-line.

Senti um formigamento distante, como se alguém me contasse uma história sobre minha infância. Meu braço direito, o dos dedos em trípode, sofreu um espasmo. Percebi que eu havia feito isso, e fui imediatamente atingido por um lampejo de dor fantasma agonizante. Dei um grito e tentei agarrar o braço, para destravar os músculos. Meu outro braço se moveu em um arco. Jason se abaixou para não ser atingido. Meus membros de metal bateram um no outro, produzindo um clangor. Tentei gritar, mas não tinha fôlego. Jason deu um berro. Assistentes atacaram laptops. O braço bulboso fez um ruído de cliques rápidos, como um menino de 9 anos descendo uma ladeira em uma bicicleta com cartas de baralho enfiadas nos aros. Vi um garoto fazer isso um dia quando eu era criança. Achei a coisa mais legal do mundo.

— Dr. Neumann! Pare com isso! O senhor vai danificar os martelos!

— Abafamento! Espectro total!

A dor diminuiu. Gemi sem fazer barulho, com medo de voltar a sentir aquilo.

— Desculpe — falou Jason. — Ainda estamos tateando por aqui. Não feche o punho esquerdo. É um comando mental para disparar.

Meus dentes batiam.

— Disparar. O. Quê.

— Arrá! O senhor possui um canhão rotativo MAC-701 nesse braço. — Ele abriu um sorriso. — Bacana, não?

Comecei a tremer.

— Tire. Isso.

— Dr. Neumann...

— Eu. Não. Quero! Isso!

O braço da arma chacoalhou, parou, chacoalhou.

— Dr. Neumann! Dr. Neumann!

Uma janela se abriu na minha cabeça. Por ela Jason se derramou, ele e seu desejo de que eu me acalmasse. Senti a compaixão dele, sua empolgação e seu fascínio, e, quando realmente me acalmei, senti a gratidão dele. Era extraordinário. Do que Jason havia chamado aquilo? Voz Melhor. Aquilo era pouco. Era como chamar sexo de Abraço Melhor.

— Obrigado — disse ele. — Obrigado.

* * *

— ESSE BRAÇO ESTÁ CHEIO de munição. Mas ela não está destravada. Foi uma das condições de Cautery. Podemos habilitá-la quando o senhor estiver fora do prédio. E, só para que o senhor fique ciente, podemos desabilitá-la remotamente. Essa foi outra condição. É um saco, eu sei, mas não vamos precisar fazer isso. Basta que o senhor tente, sabe como é, não atirar em ninguém a não ser em Carl.

— Conectando subsistemas.

Espasmos musculares percorreram minhas pernas. Antes que eu pudesse inalar, a dor havia sumido.

— Melhor — falou um garoto de camiseta branca. — Estamos pegando o jeito.

— Reações verificadas. Temos um loop de feedback constante.

— Tela verde.

Encontrei na minha cabeça a janela pela qual Jason havia entrado. Visualizei o rosto dele nela e derramei uma mensagem ali: *Não não não vou fazer isso.*

— Hã — disse Jason.

A janela se fechou. Ele se voltou para Mirka. Os dois se olharam em silêncio.

— Muito bem — falou Mirka. Ela entregou um laptop para alguém e se aproximou. — Dr. Neumann... — Ela afastou uma mecha de cabelo da minha testa. — O que Jason não contou ao senhor é que assim que Carl entrou no prédio ele veio para cá, para este quarto. Ele ficou ao seu lado. O senhor se encontrava inconsciente. Seu braço estava solto. Carl deve ter pensado que o senhor estava morto. Ou que sua morte era iminente. Ele foi embora. Localizou sua amiga. Lola. E a levou. Lamento.

— Há uma grande probabilidade de que ela ainda esteja viva — completou Jason. — Quer dizer, não achamos que ele a tenha levado para sucatear as partes do corpo dela. Achamos que é mais uma questão de afeto. Passamos um tempo com Carl durante a recuperação e ele falava muito dela. — Ele olhou para Mirka, e depois de novo para mim. — Ok! Bem... acho que é tudo. O... O senhor tem alguma pergunta?

— Alguma — repeti — pergunta.

— Sim.

Meus lábios se retraíram. Expus os dentes. Eu me sentia zozzo. As Contornos Três se dobraram. O casco avançou, encontrou o chão e disparou pinos de travamento nele: *snac-snac*. Jason e Mirka pularam para trás. Fiquei olhando para meu pé. O casco. Levantei-o e o girei. Sacudi um dedão de metal achatado, e ele fez o que eu queria. Eu não havia criado aqueles recursos, mas ainda assim era interessante. Observei o dedão se mover para a frente e para trás. Jason pigarreou. Mirka colocou a mão no braço dele. Continuei movendo o dedão. Abaixei-o; levantei o outro casco e coloquei-o no chão novamente. Olhei ao redor para os cabos e os tubos que saíam do meu corpo. Movi meu braço de garra em um arco e arranquei meia dúzia de cabos de mim. Um deles soltou faíscas, e senti um peso temporário em minhas partes, acompanhado por um calor animador que emanava do meu abdômen. Dei um passo à frente. Cordões estalavam, saindo da minha pele de metal. Assistentes deram gritinhos e saíram correndo do meu caminho.

— Desliguem! — disse alguém.

Jason falou:

— Não. Esperem.

No acabamento de aço de um armário vi o meu reflexo. Vi com os Olhos Melhores. Minha cabeça era metal. Faixas pretas cobriam a ponte do meu nariz, minha testa e meu queixo. Esses vislumbres de pele eram tudo o que eu tinha. Todo o resto era metal.

Falei:

— Estou. Enganado?

Jason se aproximou devagar.

— Não, Dr. Neumann. O senhor não está enganado. Não está.

Assenti com a cabeça. Servomecanismos no meu pescoço sussurraram. Eu me sentia assustado. Mas bem. Perguntei:

— Onde.

* * *

CAMINHEI PELOS CORREDORES DA Futuro Melhor escoltado por gatos e seguranças. Pelas expressões dos seguranças, eu era ou um milagre tecnológico fascinante ou a coisa mais horrorosa que eles já tinham visto. Eu mesmo não sabia bem o que pensar. Eles me levaram para as escadas, e eu hesitei, mas as Três

desceram os degraus com facilidade, inclinando-se para manter um equilíbrio constante. Um sistema que funciona exatamente como deveria possui a capacidade de gerar profunda satisfação. Não sei bem se todo mundo sente a mesma coisa. Pode ser coisa de engenheiro. Mas, quando chegamos ao pé das escadas, eu estava meio que apaixonado.

Eles me levaram até a garagem subterrânea. O objetivo era evitar que eu fosse visto pelos bombeiros e paramédicos que percorriam toda a área da superfície. Eu não entendia como a garagem faria alguma diferença, já que ia dar na mesma área geral, mas não era problema meu. O estacionamento possuía seu próprio gerador e luzes halógenas, que tornavam tudo absurdamente brilhante ou perdido em sombras impenetráveis. Vans da Futuro Melhor e Hummers descansavam preguiçosas na escuridão, suas partes de cromo refletindo como supernovas, os canos de descarga arrotando fumaça. Pisquei, e a cena se normalizou, meus Olhos acrescentando informações de infravermelho e ultravioleta, preenchendo campos e iluminando movimentos.

— Espere aqui um segundo — pediu Jason. Os gatos se juntaram em um enxame. Fizeram uma interface comigo. Comecei a ficar impaciente, e minhas pernas deram um solavanco à frente. — Epa. Espere um pouquinho.

Ele pensou que tivesse sido eu. Mas não foi. Lembrei-me de Cassandra Caution perguntando: *Suas pernas não começaram a falar com você, começaram?* Mas aquilo não tinha nada a ver comigo. Era um bug de software. Talvez aquelas Três usassem o mesmo software, e ele não havia sido reescrito do zero. O bug ainda podia estar ali. Poderia estar em tudo.

— Dr. Neumann — Mirka se aproximou —, enquanto fazemos as verificações finais, há uma questão que preciso levantar. Existe um problema potencial com o Coração Melhor de Lola. A função militar. O PEM descarrega uma grande quantidade de energia. Existe uma margem de segurança, é claro. Mesmo depois do PEM, a bateria tem bastante energia para manter a função cardíaca. E o PEM não vai disparar a menos que a bateria esteja carregada por completo. Só que... essa parte talvez não esteja perfeitamente funcional. Achamos que não é nada de preocupante. Mas... bom, a gerência disse que havia uma mulher na mesa de cirurgia que precisava de uma instalação, e fomos forçados a agir antes de estarmos prontos. O PEM não deveria ter disparado duas vezes. Definitivamente isso não deveria ter acontecido. Eu vi a cobaia, isto é, a Srta.

Shanks, e... talvez fosse a luz, mas a pele dela parecia acinzentada. O que para mim sugere que a bateria perdeu energia a ponto de prejudicar a função cardíaca. E, por favor, não fique com essa expressão tão preocupada, porque o Coração precisa apenas de um pouquinho de energia para bombear. Definitivamente ele não vai parar, é o que nós achamos. Mas, se o mecanismo de segurança não estiver funcionando e os batimentos cardíacos dela subirem acima do limiar de gatilho, então o PEM poderá disparar. De novo. O que seria ruim. A bateria não possui essa capacidade. Então, mais uma vez, isto é apenas uma precaução. Não quero tornar sua vida mais difícil e sei que o senhor já tem muito com que se preocupar. Mas, se encontrar Lola Shanks, seria extremamente bom tomar o cuidado de não deixá-la com medo, nem agitada, nem obrigá-la a fazer atividades físicas.

* * *

— TUDO LIMPO — DISSE JASON.

A porta de uma van se abriu, e uma mulher desceu. Eu tinha visto seu contorno em infravermelho, mas não havia percebido quem era. Um retângulo perfeito de gesso cobria sua orelha esquerda. Seus cabelos estavam grisalhos. Um riozinho fino de sangue seco fazia uma curva da linha dos cabelos até a maçã do rosto.

— Charlie. Antes de você ir... — Cassandra Cautey parou. Ela olhou para minha virilha, pois Elaine estava ajoelhada na minha frente, analisando um dispositivo conectado em uma porta de levantar. — O que é isso?

— É uma maneira simples de fazer uma interface com...

— Vocês puseram uma porta no pau?

— O barramento de transporte principal...

— Cale a boca — disse Cassandra Cautey. — Estudei em Yale. Algum de vocês sabe disso, seus esquisitões? Minha orientadora de prácticash antitruste avançadash dizia que eu tinha *um desejo incansável de organizar. Palavrash dela. Ela disse que acompanharia minha carreira com interesse.* — Sua voz tremia. — E olhem esha merda!

Ninguém se pronunciou. Elaine desconectou o dispositivo da minha virilha com um *pop*.

Cassandra balançou a cabeça. Eu me sentia esquisito, porque, a menos que algo acontecesse logo, havia um risco real de eu passar por cima dela.

— Charlie... — Ela inspirou fundo. — Eu só queria pedir que, por favor, tome cuidado.

Ela voltou para a van. Portas bateram. Os gatos foram se dispersando. Estava na hora.

* * *

SUBI A RAMPA, SEGUINDO a van preta, que subiu devagar, como se tivesse medo de me deixar para trás. Eu me senti ofendido. Será que eles não sabiam quem eu era? *Chute esse veículo*, minhas pernas sugeriram. Não em palavras. Mas eu podia sentir o desejo delas.

A janela na minha cabeça se abriu. Eu achava que podia fechá-la se quisesse. Estava desenvolvendo uma habilidade com a interface. *Dr. Neumann, estamos quase chegando à superfície. Pronto para acelerar um pouco?*

Sim, pensei.

A van disparou à frente. Nem precisei instruir as Três: elas decidiram começar a correr sozinhas. Na primeira vez que eu tinha corrido com pernas artificiais, elas haviam tentado fazer cada osso do meu corpo sair pelo topo da minha cabeça, mas aquilo ali era um cruzeiro. Aprimoramentos do modelo da passada, absorção de choque pelo torso... e, é claro, eu tinha menos ossos.

Um retângulo de luz apareceu. À medida que a rampa se alargava, Hummers subiam de ambos os lados. O ar fresco estapeou meu rosto. Eu estava do lado de fora. Os veículos pegaram a rua, e as Três foram atrás. Eu me aproximei demais de um Hummer, e meu braço-arma acabou batendo na lateral dele, produzindo um clangor. O Hummer balançou. Os pneus cantaram.

Pensei: *Isso foi de propósito?* Eu estava falando com as minhas partes. Elas não podiam me ouvir. Não eram conscientes. Mas aquele era o melhor modelo que eu tinha para avaliar esse comportamento, então eu me agarraria a ele até descobrir algo melhor. *Então tudo bem.*

Fiz uma curva fechada à esquerda. Meu braço-arma beijou a porta do Hummer. Empurrei gentilmente, mas com firmeza. O Hummer ofereceu resistência. Uma fumaça branca saía dos seus pneus. O Jason na minha cabeça

irradiava alarme, e eu mansamente fechei a janela na cara dele. Empurrei o Hummer até ele saltar da formação e sair girando em um semicírculo fumegante. Então aproveitei para acelerar e os deixei para trás. O vento soprava ferozmente, machucando meus olhos. Pela primeira vez desde que eu havia adquirido consciência, me senti feliz por estar vivo.

UMA VEZ, NA UNIVERSIDADE, coloquei uma moeda de 1 dólar em uma máquina de biscoitos, apertei os botões, e nada aconteceu. Então voltei a pressioná-los, dessa vez com mais autoridade; depois apertei em cancelar, e em seguida pressionei muitos botões ao mesmo tempo. Xinguei e bati na máquina, porque eu tinha 19 anos e havia alguém vindo pelo corredor, e eu falei: “Máquina de merda.”

Depois, vi outro sujeito olhando para a máquina. Abri a boca para avisar a ele que ela estava com defeito, mas, antes que eu pudesse fazer isso, ele bateu na lateral, no exato ponto em que eu havia batido, e falou: “Máquina de merda.”

Acho que é sempre desconfortável descobrir que você não é tão individual quanto pensava. Mas aquilo realmente me incomodou. Por um lado, eu era um animal independente, exercendo meu livre-arbítrio para obter reações previsíveis de uma máquina de vendas inerte. Mas, por outro, a máquina escolhia reter os biscoitos para extrair reações previsíveis e mecânicas de jovens rapazes. Eu não conseguia pensar em nenhuma razão objetiva para considerar um ponto de vista mais provável do que o outro.

Tentei levantar essa questão em uma festa com uma menina que estava se formando em filosofia. Ela disse: “Ah, você é um determinista.” O tom de voz dela implicava que isso era ingênuo e engraçado. Eu sabia o que aquela palavra queria dizer quando aplicada a algoritmos, mas não a pessoas.

— Você não acredita em livre-arbítrio — explicou ela. — Você acha que tudo são engrenagens e alavancas.

Ela chupava um pirulito, e naquele momento deu uma chupada. Eu não achava que não acreditava em livre-arbítrio, mas, enquanto conversávamos descobri que ela via os cérebros como terras encantadas de consciências mágicas, então talvez eu acreditasse, sim. Antes de chegarmos a qualquer conclusão, ela se afastou e começou a beijar um cara que eu não conhecia. Eu me senti sozinho e insatisfeito, então desci e me sentei no chão em frente à máquina de biscoitos. Não sei bem por quê. Só achei que tínhamos alguma coisa em comum.

* * *

A RUA FAZIA UMA curva e encontrava a avenida principal. Segui até a avenida, me movendo por entre os carros. Uma buzina soou, histérica. Havia um sedã amarelo na pista da frente, e vi os olhos do motorista irem de relance até o espelho retrovisor. Então o carro saltou para dentro do SUV ao lado dele. Vidros estouraram. Passei batido. Eu deveria ser discreto, mas essa não era minha prioridade. Minha prioridade era encontrar Lola antes que seu coração parasse.

Algo fez *clunk* no meu braço-arma. Pensei: *Opa*. Talvez aquilo significasse que estavam me desligando remotamente. Então me lembrei do que Jason dissera sobre como destravar minha munição. Senti uma vontade incontrolável de testar essa hipótese. Mas era melhor esperar. Eu não deveria começar a atirar em coisas em uma grande via pública. Mas, por outro lado, era realmente tentador. No dia em que comprei meu celular, eu tinha um grande relatório para entregar e me esforcei muito para não brincar com o aparelho. Resisti até anoitecer, mas por volta das 6 da manhã eu ainda estava acordado descobrindo novos recursos, e precisei faltar ao trabalho, alegando estar doente. Aquilo ali era igualzinho, só que os recursos estavam conectados a mim, e havia balas. *Eu deveria testá-lo agora*, pensei. Eu não poderia esperar para aprender como aquilo funcionava até Carl partir para cima de mim balançando aqueles braços de marreta. Isso seria falta de planejamento. Olhei ao redor. Aproximando-se à direita, havia um gigantesco outdoor. No anúncio, uma família bonita em roupas coloridas se agrupava ao redor de um console de game, todos rindo. Pensei: É isso.

Levantei meu braço-arma. Fechei meu punho mental. O braço rosnou como uma serra elétrica. Parecia com raiva. O outdoor explodiu. Cápsulas retiniram no asfalto ao meu lado, depois de saltarem do meu braço em meio a nuvens de gás branco. Pedacos do outdoor flutuaram até o chão. Enquanto eu corria passando por cima deles, eu pensava: *Sou uma máquina de resgatar Lola*. E alguma coisa dentro de mim respondeu: *Sou uma máquina de resgatar Lola*. Sorri, porque, se isso não era um eco, era bastante inteligente.

* * *

OCASIONALMENTE, JASON APARECIA NA janela da minha cabeça. A cada vez que isso acontecia, ele compartilhava comigo uma impressão de localização, e eu aceitava a informação e tornava a fechar a janela. Eu não precisava traçar uma rota. Minhas pernas podiam fazer isso. Elas me deixavam livre para pensar o que eu faria quando encontrasse Carl. Embora, depois do outdoor, talvez eu estivesse pensando demais na questão. Os fatos eram que eu tinha velocidade, força, inteligência e uma arma. Carl possuía braços. O que ele ia fazer? Ele me daria um soco na cabeça? Na verdade, talvez sim. Eu devia tomar cuidado com isso. Mas o perigo não passava disso, com certeza. Eu só precisava manter distância dele.

As Contornos saíram da avenida e saltaram a proteção de ferro sem o menor esforço. Eu me encolhi instintivamente, mas elas sabiam o que estavam fazendo. Meus cascos se enterraram em um canal de concreto, e ouvi os pinos de travamento dispararem. Jatos gêmeos de poeira de concreto chuviscaram no meu rosto. Eu estava causando muito estrago na infraestrutura da cidade. As Três se tensionaram e saltaram por cima de uma enorme galeria pluvial de concreto. Eu me preparei para o impacto, mas foi como pousar em um sofá. Corremos por baixo de uma ponte. Ouvi um helicóptero e me perguntei se era por minha causa. À frente havia um túnel de abrigo contra tempestades, grande o bastante para passar um carro, mas a entrada havia sido protegida com uma grade de ferro. Minhas pernas reduziram a velocidade. Hesitaram. *Ah, pensei, me desculpem.* Levantei meu braço-arma, fechei o punho, e a grade se desintegrou. As Três ganharam velocidade. Meu abdômen rotacionou em três seções anelares e passei de lado pelo que sobrara da grade, depois girei de volta para a frente.

Meus cascos chapinharam em poças d'água. Estava escuro nos túneis, mas no espectro eletromagnético as paredes tinham bordas em um tom azul fluorescente e a água faiscava branca em movimento. O túnel fazia uma curva, se bifurcava uma vez e então bifurcava de novo. Finalmente parei. Olhei ao redor. Eu não via o que tinha de tão especial naquela parte do túnel. Então reparei em uma tampa de bueiro 6 metros acima da minha cabeça. Uma escada subia pela parede. Mas eu não iria precisar dela. Levantei meu braço-arma.

Então reconsiderarei. Carl estava por perto. Era melhor não alertá-lo. Abaixei o braço-arma e analisei o outro, o que possuía a garra de três dedos. Eu ainda não o havia testado. Fiquei pensando no que ele seria capaz de fazer. Apontei para a tampa do bueiro e pensei: *Tire aquilo.*

A garra disparou do meu braço, puxando um cabo de metal atrás de si. Ela arrancou a tampa de seu encaixe, dobrou-a em dois e puxou-a para baixo, na direção do túnel. O cabo ricocheteava de volta para o meu braço, mas, antes que eu pudesse me encolher diante da visão de uma tampa de metal dobrada vindo a toda na minha direção, eu já a segurava. Fiquei olhando para aquilo por um momento. Foi um lance muito bom. Coloquei a tampa no chão e olhei para cima. O buraco não era largo. Eu não sabia se conseguiria passar por ali. Mas naturalmente não era algo que eu precisava descobrir. Pelo menos, não com meu cérebro. Eu tinha outras partes para isso.

As Três se prepararam e saltaram. Meus braços se dobraram bem apertados contra meu corpo. Passamos raspando no concreto, e uma constelação de fagulhas desabrochou perto do meu rosto. E então estávamos lá em cima. As Três se abriram, e meus cascos se fincaram no piso de concreto sólido. Os estalos dos pinos ecoavam como tiros de rifle. Foi uma vergonha.

Eu estava em um estacionamento de vários andares. Carros parados preenchiam as vagas. Pelo meu último contato com Jason, Carl estava ali em algum lugar, mas eu não sabia onde. Decidi subir. Quando dei uma volta no primeiro andar, comecei a ficar nervoso. Aquele não era um ambiente propício para avistar Carl. O concreto era um obstáculo para EM, e o infravermelho estava poluído devido à atividade recente de motores de carros. Reduzi a velocidade. Decidi abandonar meu plano-surpresa. Eu me sentia bastante invencível àquela altura. Inspirei fundo e gritei:

— *Lola!*

Minha voz ecoou de volta para mim. Nada. Tornei a inspirar.

— *Charlie!*

Corri. Dois níveis acima, um sedã marrom dava a ré na minha frente, as luzes vermelhas do freio fumegando. Empurrei-o para o lado com meu braço-arma. Eu não queria atingi-lo com força, mas as Contornos se firmaram automaticamente e o sedã quicou na parede. Virei em outra curva e parei porque lá estava Carl.

Ele era maior do que eu esperava. Mas não havia crescido. Eu é que tinha esquecido. Ele estava sem camisa, o que me permitia ver a estrutura de suporte metálica ao redor do seu torso. Seus braços eram enormes, muito maiores do que os meus. Ele fora construído para ser forte. Demorei um instante para perceber que na frente dele encontrava-se Lola, e as mãos dele repousavam nos ombros

dela. Em comparação a Carl, ela era tão pequena que eu nem a vira. Ela me encarava de boca aberta. Eu estava diferente, claro.

— Parado — disse Carl. — Não se aproxime.

Isso era bem imbecil. Era óbvio que Carl não havia pensado direito em nossas forças e fraquezas relativas. Talvez ele estivesse tentando me atrair para mais perto. Era por isso que eu iria derrotá-lo: o diferencial da inteligência. Levantei o braço. Ele nem sequer sabia que eu tinha uma arma. Aquilo ia acabar bem rápido.

Pensei: *Será que Carl é um sujeito tão mau assim?* Talvez não fosse. Talvez eu pudesse convencê-lo a soltar Lola e ele conseguisse o auxílio psiquiátrico de que precisava. Agora que eu o tinha nas mãos, eu me sentia um pouco mal. Ele só queria braços novos. Não podia culpá-lo por isso.

— Charlie — disse Lola. — Por favor, ouça Carl.

O tom de voz dela era estranho. Ela não parecia aterrorizada. E por que diria isso? Será que ela estava confusa? Percebi como as mãos de Carl repousavam sobre os ombros de Lola, não para segurá-la. Era para protegê-la.

— Carl quer ajudar — falou Lola. — Ele não me sequestrou. Ele me resgatou.

Eu disse:

— O quê?

Carl pigarreou.

— Dr. Neumann, isso pode ser difícil de ouvir.

Pensei: *Ah, atire logo nele.* Uma parte respondeu: *Sim.*

— Achei que queria ser forte. E sabia que não podia voltar. O senhor sabe. Para a minha noiva. Mas eu queria estar preparado. Caso precisasse ser forte novamente. Então eu quis os braços. O senhor entende.

Síndrome de Estocolmo? É como se definem os casos em que vítimas de sequestro simpatizam com seus sequestradores. É uma condição psicológica.

— A questão é que, depois que recebi os braços, eles começaram a falar. Eu levei um tempo para acreditar nisso. Achei que eu estava ficando maluco.

Torci para que Lola estivesse ouvindo. E estivesse tirando a conclusão lógica: Carl estava louco.

— Eles queriam destruir coisas. Esmagar. Tentei avisar as pessoas. Mas ninguém quis me ouvir. Nem a gerência, nem os cientistas, aqueles garotos. Eles só estavam preocupados com os braços. Comecei a dormir com eles, porque dóia

tirá-los, e um dia acordei e eles estavam dobrando a cama ao meio. Quando eu ficava irritado, eles agarravam coisas. Então jogaram um cara contra uma parede. Pensei que eu havia matado o homem. Foi então que percebi que eu precisava fugir. Eu tinha que achar o senhor e avisá-lo. — Ele olhou para Lola. Ela inclinou a cabeça para devolver o olhar. Não gostei disso. Não gostei do jeito de nenhum dos dois. — Desculpe por ter deixado o senhor para trás. Achei que o senhor estivesse morto.

— Lola — falei. — Venha. Aqui. Um minuto.

— Eu esperava que Lola pudesse me ajudar a descobrir o que estava acontecendo. Foi por isso que eu a salvei. Eu a resgatei em meio ao fogo. Fui forte o bastante dessa vez. E eu tinha razão. Ela ajudou muito.

— Lola — falei. — Sério. Venha. Cá.

Ela disse:

— Charlie, você fala com as suas partes?

Isso era irrelevante.

— Carl. Isto é uma arma. Este braço. Ele dispara. Então solte. Lola.

— Ah, Charlie — falou Lola. — Charlie, não.

— Está tudo bem. Apenas. À frente. Do cronograma.

— Precisamos nos livrar das suas partes mecânicas.

Eu disse:

— Perdão?

— Você me disse um dia que não precisa pensar onde pisa: que as pernas descobrem o caminho. Isso é inteligente, Charlie, é o tipo de coisa que você faz, mas isso gerou um problema. Porque cérebros são plásticos. Eles se adaptam. Quando você perde um membro, as partes do seu cérebro encarregadas dele, os neurônios, não ficam simplesmente ali paradas. Elas procuram novas funções. Havia uma mulher com uma transtibial no começo deste ano, e sei que parece estranho, mas a visão dela melhorou. Um homem ficou melhor em matemática. Tentamos colocar próteses nas pessoas rapidamente para podermos capturar esses neurônios para funções motoras antes que eles acabem em outro lugar. E o que eu acho, Charlie, é que as suas partes mecânicas são fáceis demais. Elas não dão aos seus neurônios nada para fazer. Então eles acabam ficando confusos. Você fala com as suas partes, Charlie? Elas têm mentalidade própria? Porque acho que isso é você. Seu subconsciente, deixando de ser sub. Mas tudo bem. Com o tempo,

vamos poder treinar seu cérebro. Com fisioterapia, podemos mover seus neurônios para outra parte. Podemos...

— Preciso. Interromper. Você. Aí. — Respirei fundo para conseguir dizer uma frase inteira. — Não sei se você consegue perceber que neste momento eu sou apenas uma cabeça.

— Charlie...

— Não tem. Como eu me livrar. Das partes. Eu *sou* as partes. Olhe. Já passei desse ponto. Cortei fora. Meu braço. Cortei fora. Então vamos ficar calmos. E esquecer ideias malucas assim. Não vai acontecer.

— O id deveria ficar submerso, Charlie. Não consciente.

— O id. Isso é psicologia! Uma ciência inferior!

Carl falou:

— Dr. Neumann, eu entendo...

— Cale a boca. Você não entende. Você tem partes de metal. Eu *sou* metal. Sou tecnologia. Você é um homem com auxílios. Você não é *nada* parecido comigo.

Atire nele, sugeri uma parte de mim. Era uma boa ideia.

— Eu deveria ter percebido isso antes — disse Lola. — Eu deveria ter impedido você.

— Não, não deveria. *Afastese de Carl*.

— Charlie, precisamos tirar você disso antes que enlouqueça.

— Você é a louca aqui — falei. Não era um argumento muito bom. Eu começava a entrar em pânico porque Lola deveria estar do meu lado. — O negócio é o seguinte, Lola. A pessoa que eu era. Ninguém gostava dela. Então eu fiz isso. E as pessoas se interessaram. Pessoas como você. Então como isso pode ser... tão ruim? Não é. É... são muitas partes. Ainda estou. Me acostumando a elas. Mas não vamos falar de. *Voltar*. Não há volta. Estou melhor agora. Sim, as partes falam. Mas tudo bem. É como ter companhia. E nada funciona com perfeição. Na primeira vez. Não se descarta um projeto. Não se recomeça do zero. Sempre se busca. Aprimoramento interativo. A questão é. Equilíbrio. Não estou melhor? — Eu podia ver pela expressão no rosto de Lola que esses argumentos não eram muito convincentes. — Esqueça isso. O fato é que preciso de partes mecânicas. Para viver. Não há nada que eu possa fazer. Minhas mãos estão atadas.

— É possível que...

— *Eu não quero saber!* Mesmo que eu pudesse. Sobreviver. Ligado a alguma merda de sistema de suporte à vida. Eu não quero! Você sabe. O que este corpo. Pode fazer? Eu tenho GPS! O que nós deveríamos fazer? Voltar a usar *mapas*? — Forcei-me a ficar calmo. — O que você está dizendo. É me pedir para viver em uma caverna. Como um *neandertal*.

— Quem é “nós”?

— Eu não disse *nós*. — Mas eu talvez tivesse dito sim. — As partes e...

Não terminei a frase. *Atire*, disseram as partes; já estavam dizendo isso havia um tempo e ficava cada vez mais difícil ignorá-las. Meus olhos se dirigiram para Carl. Ele era a fonte dos problemas. Desde o primeiro dia. Atirar nele resolveria tudo. Ou não. Talvez a lógica disso não estivesse exatamente ali. Mas a parte que queria atirar não dava a mínima. Só queria vê-lo destruído. Lola entenderia. Não imediatamente. Um dia. Era a única maneira, porque ela não iria preferir permanecer ao lado de uma cabeça. Eu não me importava com o que ela dissesse. Aquilo não era um relacionamento de longo prazo viável. Seria melhor para todos se eu atirasse em Carl agora mesmo.

Lola veio na minha direção. Meu coração acelerou, porque aquilo abria uma excelente oportunidade para atirar em Carl. Ela parou a pouco mais de 1 metro de distância.

— Charlie... você nunca quis ser uma arma. Quis?

— Não há nada de errado com. A arma.

Minhas pernas se ergueram nos cascos, se prepararam. As coisas iam acontecer, querendo eu ou não. Estava fora do meu controle.

— Vamos conseguir resolver isso. De algum modo vamos...

— Olhe para Carl! — gritei. — Ele tem braços! Se as partes mecânicas são tão perigosas. *Por que. Ele está usando. Os braços?*

Carl olhou para Lola, depois para mim.

— Bom... — Seu tom era como o de quem pede desculpas. Mas só um pouquinho. — Porque, se você não abrir mão dessas suas partes de metal, vou ter que tirá-las de você.

* * *

EIS O QUE DEVERIA ter me ocorrido a respeito de Carl: ele havia atacado a Futuro Melhor e sobrevivido. Eles haviam contratado guardas armados e equipamento pesado, e ele vencera até mesmo o plano inteligente e as táticas elaboradas. Isso evidenciava, ou deveria ter evidenciado, que Carl não era idiota.

* * *

ELE SE VIROU POR um instante. Então seu braço dardejou na minha direção. Alguma coisa escura, em forma de cubo, disparou na minha direção. Antes mesmo que eu visse o que era, percebi que eu havia interpretado de maneira seriamente errada a situação. Porque ser mais forte do que Carl, mais rápido e mais bem-armado, nada disso importava se ele pudesse me surpreender jogando coisas em cima de mim. O fator que eu havia me esquecido de incluir no meu modelo comportamental era que eu nunca havia lutado com ninguém em toda a minha vida. Quase bati em uma criança na escola. A menina ficou me empurrando e me derrubou no chão antes que eu conseguisse tomar alguma atitude. Essa era toda minha vasta experiência de combate corpo a corpo. Carl era treinado para vencer as pessoas. Era o trabalho dele.

O cubo era uma bateria de carro. Eu me encolhi. Ela ricocheteou no meu ombro com um *clang*. Pensei: *Espere um minuto, isso nem sequer doeu*. Então uma segunda bateria me atingiu na cabeça, e eu gritei, porque parte da minha cabeça era carne. Fiquei cambaleando em círculos. Ondas vermelhas desciam do meu ombro, não exatamente dor, mais um ultraje lógico. Meu abdômen em forma de anéis rotacionou. Apontei o braço-arma. Mas Carl já vinha para cima de mim, balançando seus braços de elefante. Seu punho se contraiu e se transformou em um bloco sólido, que socou meu estômago. Lola deu um grito. Cambaleei para trás e me sentei no capô de um carro. O para-brisa rachou. Mas o surpreendente foi a fraqueza do soco dele. Eu havia me preparado para controlar o que esperava ser uma enorme transferência de momento linear, mas supercompensei totalmente. Sentado no capô de um carro esporte vermelho, percebi que, comparados comigo, os braços de Carl não eram tão fortes. Mas é claro. Ele era em grande parte orgânico. Apesar de sua exoestrutura, ele não podia carregar por aí o meu tipo de hardware. Para isso era preciso ser inteiramente metálico. Eu não

queria deixar os punhos dele chegarem perto do meu rosto. Mas ele não era um grande problema.

As Contornos se dobraram em três pontos e me colocaram em posição ereta. Girei meu braço de garra, mirando a cabeça dele. Carl não só bloqueou o golpe como ainda teve tempo de me lançar um olhar condescendente. Ele enfiou seu outro punho embaixo do meu braço, e ondas vermelhas desabrocharam ao redor da lateral do meu peito.

— Você a quer — falei. — Não é?

Suas mãos-bloco começaram a se abrir, dividindo-se em dedos grossos. Um deles se enganchou no antebraço do meu braço-arma. O outro se fechou no bíceps mais fino. Ele fez força. As ondas vermelhas me inundaram todo. Comecei a gemer: *Pare pare ele está me rasgando.*

— Ela me entende — disse Carl.

Minha garra trípode disparou e travou no braço de Carl. Os olhos dele se arregalaram. Eu puxei. Seus dedos metálicos ganiram ao longo do meu braço de titânio, perdendo o contato. Eu mal conseguia sentir meu braço-arma. Mas ele estava lá. E funcionava. Tentei recuar, empurrando Carl para trás com a garra. Tudo o que eu queria no mundo era apontar meu braço-arma para ele e inserir muito mais metal em seu corpo do que ele já tinha.

Meus calcanhares atingiram o carro no qual eu havia me sentado antes. Eu empurrei, e o carro gritou, metal sobre concreto, dobrando-se contra a mureta de contenção atrás de mim. Levantei meu braço-arma, mas Carl o afastou para o lado com um safanão. O carro atrás de mim estalou e se arrebitou. Subitamente havia menos resistência, e cambaleei por um momento. Não entendi o que havia acontecido, mas isso criou um vácuo entre mim e Carl, e eu girei o braço-arma para cima. Ele se abaixou e socou o cano de arma para o alto. Continuei recuando, tentando encontrar a distância necessária para acabar com aquilo, e descobri por que o carro não oferecia mais resistência: eu o havia forçado completamente por cima da mureta de contenção, e ele caíra, girando no ar. Só fui descobrir isso quando subitamente o mesmo aconteceu comigo.

O céu noturno começou a rodopiar. Algo branco e brilhante passou na minha frente. Eu estava girando, cabeça, cascos, cabeça, cascos, sentindo a terrível massa do meu corpo inchar de energia cinética. Vi Carl de relance, emoldurado pelo muro de concreto quebrado do estacionamento. Quando completei mais um giro,

eu já estava pronto, e minha mão-garra disparou, puxando um rastro de cabo metálico. A garra se prendeu no exoesqueleto de Carl e o arrancou do chão. Mais uma revolução. O brilho foi eclipsado por uma forma que finalmente reconheci como o carro que eu havia chutado para trás no estacionamento. Ele atingiu aquilo que brilhava e o quebrou em um milhão de pedacinhos reluzentes, porque se tratava de uma treliça de vidraças foscas. O mundo passava escorregando. O céu se erguia. Carl caiu na minha direção. Ouvi, mas não vi o carro explodir de encontro ao piso do prédio que havia ali embaixo. Então ele se fez visível novamente, como uma cratera de vidro e metal estilhaçados. Aquelas cenas ao vivo nos mostravam exatamente o que aconteceria a seguir. Tentei contorcer meu corpo de forma a reduzir as chances de que as muitas toneladas do meu corpo caíssem em cima da minha cabeça biológica. Mas meu tronco não reagia. Gritei diante daquela traição.

Meu abdômen anelado girou. Minhas pernas se estenderam. Meus cascos se abriram, os dedos se esticaram. Atingi o carro como uma bomba. As Três se retraíram, devorando o momento linear. Os pinos de travamento dispararam. Senti meu casco esquerdo se cravar no chão, e o direito deslizar, pois eu havia caído em cima do capô do carro e o lançado no ar. Cambaleei. Eu estava de pé. O capô do carro caiu e tentou decepar minha cabeça. Minha mão-garra soltou Carl e o cabo veio como um chicote na minha direção. As Contornos deram um passo cambaleante, depois outro, e quase tínhamos recuperado o equilíbrio quando Carl pousou como um meteorito. O impacto nos empurrou, e subitamente havia um homem ali, um sujeito com um rosto branco e uma boca aterrorizada, e por muito pouco não caí em cima dele. Meu abdômen se revolveu. Andei para trás e atravessei uma vitrine alta. Choveu caco por todos os lados. Mas eu estava equilibrado. Eu estava vivo. Tive vontade de chorar. Eu amava meu corpo.

Minha mão-garra havia completado a retração para dentro do braço com um *tac*. Eu me encontrava dentro de uma loja. Era uma imensa catedral branca de vidro e ar. Duas dezenas de pessoas se encolhiam atrás de balcões e vitrines. As paredes estavam repletas de cartazes tipo bandeiras que pareciam propaganda política, e as caixas de vidro pareciam templos construídos ao redor de minúsculos celulares, computadores e tablets.

Lascas de vidro caíram de cima de mim como água. Ninguém correu. Ninguém gritou. Achei um pouco estranho, mas também eu estava em uma loja

de tecnologia. *Carl*, meu corpo disse, e foi bem-lembrado. Vasculhei os destroços. Talvez ele tivesse quicado e caído em outra parte. Ele tinha uma armadura muito boa, mas que era fraca em termos de absorção de choque, eu achava. Então olhei de novo para trás porque captei um flash de movimento, e o vi segurando um pneu e recuando um dos braços para jogá-lo em cima de mim.

Levantei o braço-arma. Dessa vez eu não seria distraído por projéteis menores. Apertei o punho e, quando o cano interno girou, pensei: *Na verdade, esse pneu vai gerar uma colisão elástica e tanto*. Ele atingiu meu braço-arma e quicou, indo parar no meu rosto. Minha cabeça foi lançada para trás com violência. Vi o coração do universo. Meu corpo cantou, e meu cérebro rastejou na escuridão, tentando se lembrar de onde ficavam os controles. Uma poeira de estrelas flutuava no ar, ou melhor, pó do revestimento de gesso. Equilibrei minha cabeça com o horizonte. Pessoas de camisetas da última moda e calças cargo se encaminhavam atabalhoadamente para as portas duplas de saída, exibindo padrões algorítmicos de busca de pares como um cardume de peixes. Um homem com braços de marreta e um exoesqueleto amarelo-cinza corria na minha direção. Ele parecia familiar. Eu o conhecia de algum lugar. Pensei. É aquele cara, não é? *Carl*. E ele socou as minhas pernas. Estremeci, mas não caí. As Três eram melhores do que isso. Um dos braços de *Carl* enlaçou meu pescoço. O outro agarrou meu braço trípode e o dobrou para trás.

— *Ag* — falei.

Ondas vermelhas de dor brotavam do meu cotovelo. Eu não conseguia ver *Carl*, mas disparei a garra da mão mesmo assim, torcendo para que aquela ferramenta metálica conseguisse encontrar sozinha um caminho para chegar à cabeça dele e arrancá-la. Em vez disso, porém, a garra arrancou um pedaço do chão e o lançou pela loja. Não era o que eu tinha em mente, mas talvez servisse para intimidar.

— Eu a peguei — disse *Carl*. Senti seu hálito quente na minha bochecha. — Voltei lá e a peguei.

Meu braço gritou. Ouvi um gemido metálico agudo. Senti uma separação. Parte de mim se apagou. Meu antebraço caiu no chão, arrastando consigo diversos fios. Não doeu, mas a perda foi a pior coisa que já senti.

Rotacionei. Fiquei balançando meu braço-arma. Mas não conseguia alcançar *Carl*. Sua mão em meu pescoço nunca mais me soltaria. Seus dedos grossos em

forma de bloco estalavam os bíceps da minha arma. Eu chorava pelo meu braço. Não queria ser feito em pedaços. Pedi às minhas partes: *Não sei como fazer isso, mas, por favor, apenas o matem, de algum jeito.*

As Contornos deram um solavanco para a frente. E seguiram adiante, passando por cima de um balcão e depois mais outro. Aceleramos na direção de uma parede. Um momento antes do impacto, meu abdômen rotacionou.

Atingimos a parede de costas. O revestimento de gesso explodiu ao meu redor. Tudo era pó. *Onde*, pensei, e minhas partes mecânicas disseram: *Não sei.* E demos quatro passos para trás e erguemos o braço-arma. Não conseguimos ver Carl no espectro visível, mas em EM ele era tão brilhante quanto um campo de estrelas. Apertamos nosso punho e lançamos nossa fúria na direção dele gritando mais alto que o som de nossa arma.

* * *

ESPERAMOS. TUDO ESTAVA REPLETO de pó e calor. O chão estava coberto de plástico, vidro estilhaçado e equipamentos eletrônicos quebrados. A poeira assentou. Um objeto lentamente se fundiu em um corpo. O braço-arma girou à guisa de sugestão. Mas nós esperamos, só para ter certeza. Ouvimos o barulho de sirenes. O corpo não se moveu. O calor diminuía no infravermelho, assim como o calor nas micro-ondas. O ar clareou. *Acho que o pegamos.*

Houve um movimento rápido atrás de nós. Viramos e vimos Lola abrindo caminho loja adentro. Seus olhos encontraram Carl. Ele havia entrado no espectro visível. Sua estrutura metálica estava dobrada e quebrada. Assim como Carl, mais abaixo. Uma parte do metal de suas partes mecânicas havia penetrado nele. Eu não queria me gabar. Mas era por isso que ninguém deveria se transformar em um híbrido.

— Ah, meu Deus. Você o matou.

Ela levou as mãos à boca. Seus olhos se encheram de água.

— Ele tentou tirar nossas partes. Arruinou o nosso braço. — Nós mostramos a ela. — Olhe.

— Isto é errado. Tão errado.

Lá fora, pneus frearam. Portas bateram.

— Temos que ir.

Lola balançou a cabeça, olhando para Carl. *Ela queria que ele tirasse nossas partes*, pensamos. Era uma vergonha terrível, porque ela era tão adorável. Ela nos era muito querida. Mas tivera uma péssima ideia, uma ideia incompatível com a nossa existência.

Alguma coisa fez *clunc* dentro do nosso braço-armado. Por um segundo horrível pensamos que ele havia morrido. Então nos lembramos desse ruído, de quando a Futuro Melhor havia ativado a arma. Olhamos dentro da nossa cabeça, e, do outro lado da janela estava Jason, assistindo a tudo.

* * *

OUVIMOS UM BIP. AS portas principais do saguão se abriram com um estrondo, revelando um segundo conjunto de portas, estas industriais e sem beleza, que se abriram de baixo para cima. Percebemos que pertenciam a um caminhão. Uma rampa desceu até o chão. Pela rampa vieram Cassandra Cautery e seguranças em uniformes cinza, que saltaram para as laterais, suas lanternas iluminando colunas reluzentes de poeira. Atrás deles, os gatos.

— Jesuist — falou Cassandra Cautery. — Olhe só para isso.

Ela fitou Carl sem expressão. Se beleza realmente era permanência, Cassandra Cautery estava mais bonita do que nunca.

— Ele queria pegar nossas partes.

— Você se saiu muito bem, Charlie. Muito mesmo. — Uma empilhadeira desceu pela rampa do caminhão, sua luz laranja girando. Ao completar uma volta, a empilhadeira bateu em Carl, suas pás iguais a uma língua bifurcada. Quem dirigia era um garoto com pele bronzeada e músculos ondulantes. — Agora podemos começar a limpeza.

— Charlie precisa de ajuda — disse Lola. — Essas partes mecânicas estão destruindo ele.

— Fique calma — rebateu Cassandra Cautery. — Você já está causando problemas demais sem se estressar. Charlie, precisamos ir. Entre no caminhão.

— Não — dissemos.

— Não — repetiu ela. Parecia decepcionada, mas não surpresa. — Por que não vai entrar no caminhão, Charlie?

— Você me queria. Passivo. Testando as partes. Sem controle.

Ela franziu os lábios.

— Jason? — Ele apareceu por trás dela, segurando um tablet. — Você disse ao Dr. Neumann que o usaríamos como um receptor biológico passivo para testes rápidos de partes eletromecânicas?

— Hum, isso... meio que saiu sem querer.

— Ah, jura? Sem querer?

— É. Desculpe. — Ele me olhou de esguelha.

Cassandra respirou fundo.

— Charlie. Não vou mentir para você. Íamos fazer testes passivos, sim. Mas você precisa se colocar no lugar da empresa. Você é um ativo. Não podemos ter ativos com sentimentos. Não podemos lidar com ativos se apaixonando nem atirando pessoas de janelas. A única maneira de conseguirmos gerenciar essa situação é por meio do controle completo sobre tudo o que você faz. Sei que não é o ideal para você. Mas a situação é essa. Agora, assim que as coisas tiverem se estabilizado, assim que tivermos um bom sistema de produção em funcionamento, isto estará aberto a questionamentos. Podemos experimentar deixar que você ande por aí sozinho por um tempo, em um ambiente controlado. Viu? Há futuro para você. Um bom futuro. Se você entrar no caminhão.

— Charlie — interveio Lola. — Escute. Você é a pessoa mais fantástica que já conheci. Mas não por causa do seu corpo. Você é mais do que isso. Você precisa, por favor, lembrar que nunca quis matar pessoas. Você nunca quis ser controlado pelo seu corpo.

Desviamos o olhar. Não achávamos ninguém muito convincente ali. Cassandra queria nos colocar em uma jaula, e Lola queria nos desmontar, e o que queríamos era fugir e encontrar um lugar para construir nossas coisas. Então olhamos de novo para Lola e nos lembramos de que ela também era meio que uma parte de nós. Não uma parte física. Mas uma essencial, no sentido de que havíamos sido uma pessoa diferente com ela. Pensamos: *Precisamos de Lola?* Tínhamos desejos conflitantes e nenhum deles era mais específico de Charlie do que outro. Pensamos: *Talvez não exista nenhum "eu" central.* Talvez fosse inteiramente maleável até o fim. Quando criança, eu vivia assustado sem motivo algum, mas cresci e isso parou, então qual deles era eu? Eles eram separados mas igualmente válidos. Eu ficava mais feliz quando tomava café, mal-humorado quando me sentia cansado, e, com uma combinação de estresse, membros ausentes

e drogas, podia matar pessoas. E provavelmente nenhuma dessas coisas dizia muito a meu respeito. Era inútil ponderar sobre quem eu era, porque o que eu era dependia de que combinações específicas de substâncias químicas percorriam meu organismo em determinado momento. Então decidi não ficar buscando um eu verdadeiro. Decidi escolher quem eu queria ser. Eu gostava do eu que amava Lola. Decidi ser esse.

— Ok — falei.

* * *

CASSANDRA CAUTERY HESITOU.

— Você quer dizer ok do tipo “ok, eu entro no caminhão”?

Balancei a cabeça em negativa. Lola se aproximou de mim, o alívio tomando conta de seu rosto.

Cassandra olhou ao redor.

— Estão todos vendo? Recusa-se a cumprir ordens. Ele está ficando fora de controle. — Ela fez um gesto para Jason. — Execute.

Ele começou a digitar no tablet. A empilhadeira começou a vir na minha direção.

Lola arfou. Eu podia pegá-la. Sair correndo. Eu daria talvez cinco passos antes que meu corpo virasse pedra. Depois, morte cerebral. Não era uma opção muito boa. Eu poderia dar um pulo e jogar Cassandra contra a parede. Mais interessante. Mas o resultado final seria o mesmo: eu morreria. Jason estava um pouco mais longe. Talvez eu conseguisse alcançá-lo e tirar o dispositivo da sua mão com um safanão. Seria uma solução temporária, porque aquele não devia ser o único jeito de me desligar. Mas como todas as alternativas anteriores levavam à morte, gostei dessa.

O polegar de Jason deslizava pelo teclado. Seus olhos encontraram os meus. Reconheci sua expressão, a mesma daquele dia em que eu havia esperado por ele no laboratório, uma perna pendurada no Grampo. Ele havia pulado para acionar o Grande Botão Vermelho, mas era tarde demais. Pelo visto, Jason havia aprendido com seu erro.

— Rápido — ordenou Cassandra. — Não temos tempo a perder.

Eu podia bater com o pé bem forte no chão. Criar uma onda de choque que faria o piso ondular e derrubar Jason. As pessoas gritariam. Jason se colocaria de quatro e engatinharia até seu computador, mas eu seria mais rápido e o esmagaria com um dos meus cascos. Os seguranças recuariam, sabendo o que eu seria capaz de fazer. Antes que eles recuperassem a coragem, eu poderia pegar Lola nos braços. Poderia saltar pelo teto quebrado e pousar no telhado. Haveria carros de polícia e ambulâncias ali, mas eu poderia correr até todos ficarem bem para trás, até que Lola e eu estivéssemos além do alcance digital da Futuro Melhor. Antes do amanhecer, em outra cidade, poderíamos invadir alguma fábrica e usar o equipamento deles para localizar o transmissor de dados que havia em mim. Eu poderia ensinar Lola a usar uma furadeira magnética, e ela poderia montar no meu peito e fazer com que nunca mais fôssemos encontrados.

Era um bom plano.

Levantei um casco. Foi o máximo que consegui fazer. Ele ficou ali pendurado. Não parecia diferente. Não parecia morto. Mas não me ouvia. Eu era uma estátua. Tentei virar a cabeça para olhar para Lola, mas só consegui virar os olhos. Lola deu um grito. Comecei a engasgar, porque agora eu ia morrer. Mas também não morri. Só fiquei ali parado.

— Parabéns — disse Cassandra. — Você sempre quis ser uma máquina.

Jason mexia nas teclas. Meu casco desceu. Minhas pernas avançaram desengonçadas. Eu não era uma estátua. Eu era uma marionete.

— Faça-o bater nela — ordenou Cassandra. — Uma pancada na cabeça ou... um soco, sei lá.

— O quê? — falou Jason.

— Faça-o bater nela. Ela não nos serve viva.

— Eu não acho que... — começou Jason, mas Cassandra se virou e olhou firme para ele. — Ok.

Ele se curvou sobre o tablet. Típico. O pessoal técnico sempre falava em confrontar a gerência, mas, quando chegava a hora, amarelava. Não somos muito adeptos do confronto.

— Lola — falei.

Meu casco bateu com força no chão. Houve uma pausa. Meu abdômen girou na direção dela. Dei um passo.

— Meu Deus, Jason — disse Cassandra. — Não dá para ir mais devagar que isso?

Ele afastou uma mecha de cabelo suada da testa.

— Corra — falei, mas provavelmente não fazia diferença, fazia? De qualquer maneira, Lola não parecia querer correr. Ela ficou imóvel até eu parar na frente dela e levantar meu braço-arma. Então ela se inclinou para a frente e abraçou meu peito metálico. — Por favor. Corra.

— Eu amo você, Charlie.

Senti os vestígios de uma força invisível. E conectei alguns dados. Na primeira vez que o coração de Lola havia começado a gerar EM, estávamos começando a ficar íntimos. Na segunda, eu havia pulado na varanda dela para resgatá-la. Na casa de Angelica, tínhamos nos beijado. Enquanto ela dirigia às cegas, tínhamos batido de lado o carro e ela dissera: “Achei que você tinha se machucado.” E agora.

Eu tendia a ser cético com tudo o que não podia ser medido, escrito e verificado de modo independente por uma série de testes duplos-cegos. Mas aqueles dados eram concretos. O coração de Lola batia mais rápido por mim.

— Lola — falei. — Me beije. — Lola pulou e envolveu meu pescoço em seus braços. — Eu fiz um coração para você — sussurrei. — Está na Futuro Melhor.

— Oh! — Seus braços me apertaram com força. — Que amor.

— Você vai precisar. Depois disso.

— Charlie — falou ela. — Charlie.

— Se você matar o caminhão. E a mim. Meu corpo.

— Não, Charlie.

— Eles não podem. Escapar. Então talvez policiais. Paramédicos. Nos salvem.

— Talvez?

— Ainda. Melhor. — Senti pequenos ajustes subindo pelo meu braço. Ele se autocorrigia para a nova posição de Lola. — Por favor — falei. — Agora.

* * *

NÓS NOS BEIJAMOS. O ruído agudo que veio bem do fundo do peito de Lola podia ter sido a voz dela cantando. O vento elétrico que soprou através de mim podia ter sido sua respiração. A escuridão que veio em seguida era como se fosse o abraço dela.

0

— AH — DISSE ALGUÉM. — Incrível. Olhe só para isso.

— Isso... O que é isso, segundo estágio?

— Não, é...

Várias pessoas respiraram fundo. Houve aplausos, um grito de alegria e risos.

— On-line. — A palavra soou forte, tal qual se costuma dizer: *Conseguimos*.

Tentei piscar. Não funcionou. Mas eu estava enxergando. Havia um vaso com três flores amarelas. Narcisos? Eu não sabia os nomes das flores. Mas o vaso estava em cima de uma superfície branca e simples, e atrás havia uma parede bege. Essa superfície branca parecia ser um tipo de mesinha de cabeceira. Tentei virar a cabeça para ver o resto do quarto, mas isso também não funcionou.

Ao lado do vaso surgiu um rosto. Uma mulher, com olhos cor de mel emoldurados por óculos de aros marrons.

— Charles Neumann?

Engoli em seco, ou pelo menos tentei. Falei: *O quê...?*

Os olhos da mulher se dirigiram para algo atrás de mim. Ela estava um pouco perto demais, me incomodava. Eu me sentia feliz por estar consciente e possivelmente a salvo, mas não me importaria se aquela mulher recuasse para longe do meu espaço pessoal. Os olhos dela voltaram a encarar os meus, brilhando. Por um segundo pensei que íamos nos beijar.

— Reação. Uma reação clara.

Onde estou? Senti pânico. Nenhuma parte do meu corpo fazia o que eu mandava.

— Você está em uma instalação de pesquisa e desenvolvimento. Você veio para cá como parte de um processo de diversificação de ativos que ocorreu após as audiências da falência da Futuro Melhor. Somos um consórcio joint-venture de interesses privados e governamentais. Você... — Ela olhou para o lado. — Devo...?

— Continue — incentivou alguém.

Os olhos dela pousaram novamente em mim.

— Os paramédicos não puderam fazer nada. Quando chegaram, você estava inconsciente. No começo... bem, eles acharam que você estava ali dentro, é claro. Dentro de uma armadura. Eles tinham ferramentas para o resgate de pessoas em desastres de automóvel e começaram a cortar para tirar você dali de dentro. Até perceberem que não havia corpo. A sua companheira, a mulher, mostrou-se ser outro desafio. O coração dela havia parado, mas ele não reagia a compressões. Àquela altura eles não sabiam o que havia dentro dela. Tudo levava a crer que vocês dois deviam ter morrido ali. Então os funcionários interferiram. Os... há... funcionários aperfeiçoados artificialmente. Durante as audiências, eles foram fortemente criticados. Acho que, pensando bem agora, as pessoas devem lamentar o tanto que os demonizaram. Foi o choque causado pelo novo. Agora, é claro... — Ela deu de ombros. Seus olhos eram lindos. Aquela cor de mel era muito intensa. — Bom, de qualquer forma, eles salvaram vocês. Eles sabiam quais partes podiam ser retiradas sem matá-lo. Matar seu cérebro. Mantiveram você vivo até que chegasse a um hospital. Você pode imaginar o seu próprio quadro. Os médicos não viam o que poderia ser salvo. Pela definição deles, você não era sequer uma pessoa. Você era partes. Mas as Pessoas Melhores os convenceram a estabilizá-lo. Eles lhe deram oxigênio, água. Então as autoridades interferiram. As Pessoas Melhores foram afastadas. Foram... bem, como eu disse, hoje é vergonhoso. Tínhamos valores diferentes. Eles viam as Pessoas Melhores como erradas. Imorais. — Ela deu um sorriso amargo. — Elas foram normalizadas. Os aperfeiçoamentos, removidos. Foi horrível. Mas, como sociedade, levou um tempo para aceitarmos. A tecnologia. Aceitar como ela havia se tornado uma parte das pessoas.

Ela tornou a olhar para o lado.

— Por diversas vezes ordenaram que você fosse desligado. Houve pressão no hospital, de dentro e de fora. Manifestantes acamparam em frente ao prédio. Um dia eles invadiram, e... — Ela fez um gesto. — Você não pôde permanecer mais. Fizeram um acordo. Você veio para cá. Àquela altura, você havia se tornado basicamente um projeto de pesquisa. O objetivo não era bem mantê-lo vivo. Era... — Ela hesitou. — Acho que é mais fácil se eu lhe mostrar.

Ela virou minha cabeça com uma das mãos, sem demonstrar nenhum esforço. A sala virou. Vi uma caixa cinza. Parecia algum equipamento médico. Tinha

botões, telas LED, cerca de uma centena de fios pretos. Um deles serpenteava na minha direção, outro seguia para um monitor. Pensei, *O que é isso?* Letras se derramaram pela tela: O QUE É ISSO

No reflexo da tela, vi narcisos. Ao lado das flores, em cima do banco branco, havia um pequeno cilindro preto sobre um bloco de plástico branco. O cilindro tinha uma lente na frente e um fio saindo por trás. Percebi que eu olhava para mim mesmo.

— Epa — disse alguém. — Ele está entrando em pico.

— Carga aumentando.

— São muitos processos evadindo. O núcleo está travando.

— Desliguem ele. Desliguem ele!

Novamente a escuridão.

* * *

UM TIPO ESTRANHO DE luz. Difuso. Eu não conseguia focalizar. Eu me sentia desorientado. Eu havia me esquecido de onde estava.

— Mantendo... assim está bom. Mantenha aí.

— Um pouco de entrecruzamento no barramento de mensagem. Nada sério.

— Ok... Deixe-o dar uma olhada. Mas devagar.

A luz aumentou. Ou melhor, uma coisa que havia sido jogada em cima de mim foi retirada. Vi um homem de camisa listrada e gravata-borboleta. A coisa era um jaleco de laboratório. Quando ela foi retirada, sua manga prendeu e me puxou em um semicírculo até eu ficar de frente para a caixa de aço cinza. O monitor. Palavras percorreram a tela: NÃO CAIXA CAIXA EU ESTOU EM UMA CAIXA NN N L N OLALOLALOLALOLALOLA-

— Merda! — O jaleco caiu em cima de mim novamente. — Desligue ele!

— Você viu aquele output?

Eu me senti encolhendo, cessando de existir aos poucos.

— Talvez ela tenha razão. Talvez... — Antes que eu pudesse ouvir o resto da frase, fui desligado.

* * *

— CHARLIE?

Abri os olhos. Não. Não abri. Eu não tinha olhos. Mas vi Lola. Seu queixo repousava em sua mão, o cotovelo em cima do banco. Parecia que seus cabelos tinham sido puxados em um rabo de cavalo bem-arrumado e em seguida Lola tinha ido passear em um lugar onde ventava muito.

— Ei. — Ela sorriu. — Aí está você.

Lola, falei. Você pode me ouvir? Não consigo falar.

— Você está falando, Charlie. Aqui... — Ela girou minha câmera até que eu pudesse ver o monitor: LOLA VOCÊ PODE ME OUVIR NÃO CONSIGO FALAR.
— Viu? Você está falando.

EU ESTOU AÍ DENTRO MEU CÉREBRO ESTÁ AÍ DENTRO

— Não. Bem... sim. Mas não seu *cérebro*. Você agora é estado sólido.

COMO EU SOU ESTADO SÓLIDO

— Não acredito nisso. — Ela enxugou os olhos. — Faz tanto tempo.

QUANTO TEMPO LOLA

— Seis anos, Charlie.

SEIS ANOS COMO ASSIM SEIS ANOS

— Parece que foram seis minutos. — Ela riu. — Ah, meu Deus, Charlie, é você mesmo.

EU SOU UM ROBÔ, escreveu a tela. EU SOU UMA CAIXA UMA CAIXA MORTA

— Não, Charlie. Você não é uma caixa. A caixa é o seu corpo. Só isso.

NÃO QUERO SER UMA CAIXA LOLA

Ela acariciou minha câmera. Eu não conseguia sentir. Mas dava certo conforto.

— Eles disseram que você havia morrido. Mas não deixei desligarem você. Precisei gritar com muita gente nos últimos seis anos, porque eles viviam querendo desistir. — Ela se endireitou e desabotoou a camisa. Havia uma cicatriz branca no seu peito, fina e quase invisível. — Veja. Consegui seu coração.

LOLA SINTO SAUDADE DE VOCÊ

Ela cobriu a boca e olhou para o lado. Quando voltou a olhar para mim, seus olhos reluziam.

— Bom, você não precisa mais sentir saudade de mim, Charlie. Porque eu vou lhe contar a respeito da caixa. A caixa é especial. Ela tem portas.

PORTAS

— Sim. Você pode conectar coisas a ela.

COISAS QUE COISAS

— Ótima pergunta. A resposta é com você. Porque ela é só uma interface, Charlie. Pode ser configurada do jeito que quisermos. Mas... enquanto eu aguardava, eu meio que me adiantei e... não é nada especial. Você pode fazer melhor. Mas eu queria lhe dar alguma coisa. Como você me deu o coração. Eu queria lhe dar algo que eu mesma construí para você. Então lhe fiz um braço.

UM BRAÇO LOLA

— Eu meio que sinto um orgulho bobo dele. Porque, sabe, é bem básico. Mas é um começo.

UM COMEÇO

— Isso. — Ela pousou a cabeça no braço, a mão livre ainda acariciando a minha câmera. — É isso o que é.

Era estranho, vê-la através de uma lente. Mas não tão estranho quanto eu teria pensado. Talvez as pessoas pudessem se adaptar a qualquer coisa. Agora que eu pensava nisso, era muito estranho que seres humanos se sentissem confortáveis andando por aí em corpos feitos basicamente de fluidos. Isso é que era realmente bizarro.

PODE ME MOSTRAR O BRAÇO, falei.

AGRADECIMENTOS

UM DIA UM SUJEITO veio tirar satisfação comigo pelo meu site por eu ficar sem fazer nada entre um livro e outro:

O QUE VOCÊ FAZ o dia inteiro? Eu leio *Crepúsculo*, ora! Estou tão entediado... Livros! ESCREVA LIVROS! Contos... qualquer coisa.

A SENSÇÃO QUE EU tinha era de que eu andava trabalhando muito. Havia escrito um monte de coisas. Inícios de romances que nunca iam a parte alguma. Roteiros de filmes que nunca eram produzidos. Manuscritos que precisavam de um ano na gaveta antes que eu conseguisse suportar olhar para eles novamente.

Decidi provar que eu não estava de papo pro ar. Que eu não estava *apenas* de papo pro ar. Eu tinha algumas páginas de uma história que não renderia nada em formato longo e me perguntei como ela poderia funcionar em várias pequenas partes. Em 18 de março de 2009, postei a primeira parte, duzentas palavras, no meu site. Era *Homem-máquina*, página 1. No dia seguinte, mais cem palavras; no outro, mais 150. Então chegou o fim de semana. Tirei uma folga. Na segunda, continuei. Nos primeiros dias, eu tinha cerca de 15 páginas na manga, mas em pouco tempo a publicação diária engolira tudo o que eu tinha pronto, e assim passei a escrever a maior parte das páginas na véspera da postagem. A cada dia eu lia comentários dos leitores e ponderava sobre o feedback deles. Em dezembro eu havia terminado, com uma história de 54 mil palavras.

Este romance é muito mais longo do que a publicação em série e se desvia dele em diversos pontos. Em parte porque essa publicação era um primeiro rascunho, e portanto era horrível, mas também porque os formatos são muito diferentes. A publicação em série era uma sucessão de ganchos; o romance, espero, é mais profundo e menos cheio de truques. Mas este livro não poderia ter existido sem a publicação em série, então estou em dívida com todos aqueles que passaram nove meses lendo-o, uma maldita página por dia. Obrigado aos que permaneceram

acreditando na história apesar de ser apenas um rascunho, o que é uma espécie de crime para um escritor, ou deveria ser. Obrigado pelos comentários, que transformaram o site em um metatrabalho (*The Annotated Machine Man* [O *Homem-Máquina comentado*]), com ideias, previsões e explicações. E aprimorado, aperfeiçoado artificialmente, graças àqueles que colaboraram com muitos, muitos comentários, entre os quais os mais prolíficos foram Pev (ainda interessantes), gStein, CrystalR, Toby O, Electrichead, David, Ben, fredzfrog, Stygian Emperor, Mapuche, coolpillows, Chemical Rascal (trocadilhos e haicais sob demanda), Alex, Ian Manka, Felix, C Leffelman, SilverKnight, Yannick, dabeljuh, Abgrund, Alan Westbrook, SexCpotatoes, regtiangha, Neville, Adam Speicher (também conhecido como meta-Adam), tim, Katie Ellert (“Onde está Lola? *Onde está Lola?*”), Ajna, Isaac, Joe M., Justin, towr, Morlok8k, Ballotonia, Sander, Ted e Robert Bissonnette. Muitas vezes, ao clicar na página do dia anterior, eu me sentia apavorado, certo de que todos tinham detestado, mas eu encontrava elogios e piadas e ideias derivadas que me levaram adiante. Antes de começar, eu havia pensado em pôr um aviso na página de comentários, algo do tipo: “Crítico este negócio enquanto ainda o estou escrevendo pode me levar a um bloqueio criativo.” Não fiz isso e não precisei. Os leitores foram muito mais gentis comigo do que eu merecia.

Usei muitas ideias de leitores. Não sabia se deveria admitir isso no livro impresso, mas meu respaldo jurídico alega que não se pode ter copyright de ideias, então valeu, otários. Espere. Você não digitou isso, digitou? Ótimo. Porque tem gente que mataria para ter o seu emprego, sabe?

Obrigado a todos que me deram ideias. Até mesmo as que não usei me ajudaram a iluminar as fronteiras do mundo da minha história. Minha favorita foi a de Meredith Course, que me instruiu sobre plasticidade cerebral e neurônios de livre movimento. O “Escudo de Fibra” de Carl deriva de uma sugestão de Kragen Sitaker. Até mesmo a capa da primeira edição foi escolhida com ajuda on-line, particularmente do Reddit: obrigado a todos que colaboraram com suas impressões.

Obrigado a Mike Taylor por me permitir sugar o coração e a alma de seu maravilhoso post de blog, “A brief, yet helpful, lesson on elementar resource-locking strategy” [Uma lição breve porém útil de estratégia elementar de bloqueio de recursos], que descreve tão perfeitamente por que programadores não

deveriam ter permissão de se misturar com seres humanos comuns que eu não poderia deixar de praticamente copiar o texto.

Michael Ian Minter é o responsável pelo comentário original citado no início desta nota. Não quero incentivar pessoas a sair por aí questionando a vida dos autores. Ainda mais quando o autor sou eu. Mas Minter essencialmente me convenceu a fazer isso, e eu o teria culpado se a coisa tivesse dado errado, então acho que agora devo lhe dar o crédito.

Obrigado a Jen por sua paciência nos dias em que me digladiiei com meu prazo diário (“Não estou satisfeito com esta página. Preciso reescrever minha *páginaaaaa*”), e por me dizer que parecia uma ótima ideia para começar. O mesmo vale para meu agente, Luke Janklow, que também garantiu que esta divertida experiência diária em ficção não me quebrasse financeiramente, encontrando fãs entusiasmados em Zachary Wagman e Tim O’Connell, da Vintage Books, Aviva Tuffield e Henry Rosenbloom, da Scribe Publications, e, com Brian Siberell, Cathy Schulman, da Mandalay Pictures.

Sobre o autor



MAX BARRY nasceu em 1973 em Melbourne, na Austrália. Autor de quatro livros, trabalhou como vendedor da Hewlett-Packard antes de se tornar escritor em tempo integral. Homem-máquina, seu quarto romance, é baseado em uma experiência interativa de divulgação da obra: Max publicou uma página por dia em seu site, e os comentários e sugestões dos leitores foram incorporados à versão final da história. Ele vive na Austrália com a mulher e as filhas.